PIERRE CARNAC
A ATLÂNTIDA DE CRISTOVÃO COLOMBO

http://groups.google.com/group/digitalsource

A Atlântida de Cristóvão Colombo
Pierre Carnac
DIFEL
Difusão Editorial S.A.

Aba do livro:

Pierre Carnac é o pseudônimo de um escritor científico de origem romena. Simultaneamente, historiador e engenheiro, universitário, enamorado de velhos manuscritos e de livros antigos, ele já publicou, em 1966 e em 1969, duas obras sobre as relações entre o Antigo e o Novo Mundo antes de Cristóvão Colombo. Hoje, fixado na França, Pierre Carnac trabalha no domínio da pesquisa científica.

Capa do livro:

"A história começa em Sumer..." Foi dito e repetido. A afirmação adquiriu o valor de um dogma. Afortunadamente, acontece serem os dogmas bombardeados por pesquisadores que se obstinam em ir sempre mais longe, em recolocar em discussão as construções universitárias, em propor perguntas. Pierre Carnac é um desses. Durante inúmeros anos, ele estudou o problema dos contactos entre o Antigo e o Novo Mundo antes de Colombo. Quando foi descoberta e explorada a região de Bimini — pequena ilha das Baamas ao largo da Flórida — com suas extraordinárias estruturas submersas, ele decidiu partir em busca dos construtores. Foi essa aventura no tempo e no espaço, em que vemos ressurgirem os mitos mais antigos — o Paraíso terrestre, a Fonte da Juventude — que ele nos conta hoje numa obra de singular riqueza... A história, terá ela começado em Bimini? É possível. Pelo menos, uma coisa é certa: ela não começou em Sumer.

Tradução de **HELOYSA DE LIMA DANTAS**
DIFEL
Título do original: *L'histoire commence à Bimini (L'Atlantide de Christophe Colomb)*
1973, Paris
1978 Direitos reservados para o Brasil:

Em homenagem às duas Helenas, minha mãe, minha filha, que jamais terei amado demasiadamente.

SUMÁRIO

PRÓLOGO
O FIM DE UM MITO
A HISTÓRIA COMEÇA EM BIMINI?
No começo era a Fonte da Juventude — ... Depois, houve o Jordão.
CABALA, COLOMBO E BIMINI
Quem deu nome às Baamas? — No mapa de Colombo — Estranhas coincidências.
QUANDO O AVIÃO VOA POR ENTRE AS ÁGUAS
Tem início a verdadeira exploração — Descobertas nas Baamas — Harrison vai à guerra.
A HABITAÇÃO INVADIDA PELAS ÁGUAS
Arrastados pelo Gulf Stream e pela corrente das Caraíbas — O homem fóssil da Flórida.
O MITO DE OSÍRIS E O "LIVRO DOS MORTOS"
Um mito que atravessa os tempos — O Paraíso do "Livro dos Mortos" — A viagem dos mestres divinos — Cronologia e Shemsu-Hor.
PLATÃO NA HORA DA VERDADE
Reler Platão — Repensar a catástrofe.
OS CRUZADOS DAS ESTACAS DE PEDRA
Sobre o mapa dos megalitos — Os homens do polvo — A procura do tempo perdido — O círculo de Monte Crow — Megalitos e Eldorado.
A ESCADA DO PARAÍSO
Esse incômodo Marcahuassi — Quando e como? — Quem e por quê?
UMA CERTA ESCRITURA

Os "clics" dos primeiros astrônomos — A prova pelos Bálcãs — Sinais antigos no Novo Mundo — Está feita a justiça.
O REFLUXO DA MARÉ
UM POVO CRIADO PELA IMAGINAÇÃO: OS PELASGOS
Gargântua, o Pelasgo — Da Caria às Antilhas.
OS FENÍCIOS EM BUSCA DO PARAÍSO
Nas pegadas de Hércules — Os cananeus põem mãos à obra.
O VERDADEIRO SEGREDO DO REI SALOMÃO
Bíblia + imaginação = América — Tipologia e História.
ACOMPANHANDO OS VESTÍGIOS DO INTERMINÁVEL RELÊ
Os cartagineses desembarcam na América — Mistérios estruscos desvendados — O segredo da frota perdida — Os celtas na terra do grande sonho — De Roma ao México.
BRENDAN, O SANTO DOS HORIZONTES PERDIDOS
A fuga do Éden — O Evangelho das brisas marítimas Monges, mitenes e *icebergs* — A Flórida, antes da Flórida — Um Ulisses irlandês.
RELÊS ANTIGOS, NOVA SÉRIE
Os drakkars atravessam a bruma — A incursão da *Griçante* — Madoc em busca da paz — Alugam-se almirantes.
Perseguindo o herenque — A expedição mista — O homem que fugiu do paraíso.
OS NEGROS DO NOVO MUNDO
Seguindo a trilha das migrações — Musa procura o Gulf Stream.
A PROVA ÀS AVESSAS
Os náufragos de Cornelius Nepos — Huronianos ocasionais e incas voluntários.
A REALIDADE VEM DO SONHO
COLOMBO, 23º. GRANDE PROFETA DE ISRAEL
O cartão de identidade de um desconhecido — As viagens — "Aquele que carrega o Cristo" entre *Jakin e Boaz* — *Shadai, Shadai, Adonai* — O Templo e o Paraíso.
CONCLUSÃO
EPÍLOGO

PRÓLOGO

O espírito sonha espontaneamente com a unidade. Aspira a ser ele próprio o artesão triunfante dessa unidade onde quer que encontre as variedades da existência, as aparentes discordâncias das coisas e, finalmente, toda a gama dos conflitos humanos. A ciência nasceu do entusiasmo intelectual desse sonho.

R. P. **DOMINIQUE DUBARLE** *Science et Synthèse*

Baseia-se este livro numa hipótese que nos foi sugerida pela descoberta de estruturas submersas com características, segundo tudo leva a crer, artificiais, nas proximidades da ilha de Bimini, nas Baamas. Partindo daí, ele propõe uma explicação. Para chegar a ela, lança mão de coincidências, estabelece ligações entre fatos aparentemente independentes uns dos outros, alimentando-se com todas as interpretações e hipóteses susceptíveis de reforçar a sua. Fique, entretanto, bem claro que só pretendemos alcançar uma verdade parcial, relativa, como acontece, na maioria das vezes, com toda verdade histórica. Este livro, afinal de contas, só se propõe a constituir um momento de interrogação quanto aos primeiros movimentos da humanidade. Nosso objetivo estaria plenamente alcançado se ele pudesse, por sua vez, se tornar objeto de análises ponderadas, e incitar a levar adiante a pesquisa no sentido aqui adotado.

1 - O FIM DE UM MITO

Nesse espelho que é a história, nós vemos para além da estreiteza do presente e discernimos a medida das coisas. Sem ela, perdemos o fôlego de nosso espírito. Se cobrirmos de véus nossa história, ela nos vem surpreender à nossa revelia...

KARL JASPERS *Initiation à la méthode philosophique*

Em todos os tempos debruçou-se o homem sobre o seu próprio passado com fervor idêntico ao da vidente que procura ler o futuro em sua bola de cristal. Durante muito tempo, antes de ser uma ciência, a história foi tradição e ainda hoje nove décimos dessa história pertencem integralmente ao domínio do mito, ficando assim explicado porque a ciência só se interessou pelo período a respeito do qual possuímos "documentos válidos". De modo que só conhecemos verdadeiramente 100.000 anos de história das técnicas, 50.000 anos de história da arte e apenas 6.000 anos de história política. Além disso, cada disciplina constitui o campo de alguns especialistas que nem têm tempo, nem cuidam realmente de voltar-se para os domínios vizinhos do conhecimento.

Antes de se transformar numa ciência susceptível de síntese, a história recebeu de início a marca do racionalismo mais restritivo, em cujo altar foram sacrificados a mitologia e todo o conjunto das tradições e das lendas. Nesse movimento, descartava-se imediatamente toda fonte que não pudesse ser desde logo autenticada. Ao mesmo tempo, elevava-se à categoria de dogmas um certo número de apriorismos, ou pelo menos de conclusões apressadas. Dentre esses dogmas, um dos mais persistentes e dos mais perniciosos é evidentemente o que está contido na célebre fórmula *Ex Oriente Lux,* e concretizado na afirmação de que a história teria começado em Sumer, o que significa que a civilização toda é produto única e exclusivamente do Oriente Médio. Outras pérolas da mesma água, os exageros da teoria da fertilidade do Crescente, em nome da qual lançou-se um interdito sobre tudo que pudesse contrariar essas construções teóricas.

Contudo, os fatos se vão acumulando, e falam. Não foi possível deixar de registrar a descoberta de escrituras pré-sumerianas, como as de Tartária na Romênia, de Karanovo na Bulgária, ou a "civilização urbana" de Lepenskivir, na Iugoslávia, que remonta a mais de 7.000 anos. Entre essas descobertas, insere-se hoje a do sítio de Bimini, que não foi a menos espantosa, segundo demonstram cabalmente as controvérsias por ela provocadas.

Quanto a nós, depois de termos estudado durante muitos anos o problema dos contatos entre o Velho Mundo e o Novo, antes de Colombo, publicado o resultado de nossos trabalhos em livro editado em Bucarest em 1966, e trocado idéias com inúmeros especialistas, acabamos por formular uma hipótese. Em nossa opinião, a descoberta do sítio de Bimini, uma vez comprovado que se trata de uma construção artificial, é de molde a derrubar definitivamente aquilo que, em síntese, designamos como o "mito de Sumer". Nós hoje o sabemos, a história não começa em Sumer. Terá ela nascido em Bimini? Eis a pergunta que propomos.

A HISTÓRIA COMEÇA EM BIMINI?

...Nassau (Baamas). — U.P. — Estranhas estruturas arqueológicas foram recentemente identificadas nas proximidades da ilha de Bimini. De acordo com as primeiras informações recebidas, tratar-se-ia de uma gigantesca muralha submersa, cujos construtores e cuja idade os especialistas consultados ainda não podem indicar. As investigações submarinas estão prosseguindo.

Dos jornais, primavera 1970.

Muitos velhos índios falavam na muito poderosa ilha de Bimini, habitada por vários povos, e nas grandes virtudes de sua fonte cuja água tinha o poder de transformar os velhos em adolescente...

JUAN DE CASTELLANOS *Elegia de varones illustres de Índia*

NO COMEÇO ERA A FONTE DA JUVENTUDE...

Bimini é uma pequena ilha do arquipélago das Baamas, situada a cerca de cento e cinqüenta quilômetros ao largo da Flórida. Pormenor importante: é a ilha desse arquipélago que fica mais próxima do continente americano.

Descoberta em 1512 por Ponce de León, ao que se supõe lugar-tenente de Colombo, no decorrer de uma das viagens deste último, ela lhe valeu o título de "administrador colonial de Bimini e da Flórida". A importância do título, a ordem em que são enumerados os dois territórios, assim como o qualificativo *prepotente* — muito poderosa — conferido à ilha pelo seu primeiro poeta, Castellanos, dão a medida do que foi o seu renome desde os seus primeiros momentos de existência oficial.

Autores consagrados, como os ingleses E. Washburn-Hopkins, E. B. Taylor, Gould ou o francês Eugène Beauvois empreenderam estudos profundos sobre a lenda relativa à fonte, e narrada por Castellanos. O interesse por ela suscitado deve-se, antes de tudo, ao fato de localizar na América, ou nas vizinhanças imediatas de seu litoral, uma das mais importantes sedes do mito antigo e medieval.

A tradição da Fonte da Juventude, sob a sua forma mais pura de "fonte de vida", era, com efeito, conhecida em toda a Europa medieval. Os especialistas de há muito se puseram de acordo para apontar sua origem semita. Tratava-se, ao que parece, de uma água que conferia imortalidade, água que só poderia jorrar de uma fonte localizada no paraíso, ou que deveria ser colhida num rio que o atravessasse.

Fontaine de Jouvence (*Fontane de Jovants*), *Jung-brunnen* entre os germanos, *água eterna* que fazia reviver os heróis dos antigos contos eslavos orientais, *aqua vitae* clássica dos Latinos, *apa vie* (água viva e vivificadora) dos contos e lendas romenos... esta água tem sua verdadeira fonte nas tradições dos povos semitas da Antigüidade remota.

Sua tradição estendeu-se depois para Leste, em direção ao Irã e à Índia, atravessando a Mesopotâmia, assim como em direção às terras povoadas pelos antepassados das futuras tribos da Arábia Pétrea que a transmitiram ao Islã. Mais tarde, durante o primeiro milênio do cristianismo, os *nestorianos* a introduziram na China, de onde passou para a Indochina, Indonésia e Malásia.

Da mesma forma, as invasões e migrações dos antigos povos da bacia oriental do Mediterrâneo dirigindo-se para Oeste, levaram-na para a Itália, para o Atlas magrebino, para as costas ibéricas e, transpondo as colunas de Hércules, até as ilhas Britânicas, Irlanda e Escandinávia.

Observemos finalmente que o mito indiano associa-se ao simbolismo egeu das primeiras eras para fazer jorrar uma ou várias fontes milagrosas no paraíso terrestre da idade de ouro, tal como o descreve Hesíodo, quando o homem, imortal, ainda não estava sujeito à enfermidade e à dor.

A presença no Oriente e a origem aparentemente asiática desse mito da Fonte da Juventude são tão facilmente demonstráveis que não pode deixar de causar espanto o espetáculo dos espanhóis desembarcando em Bimini, sob a bandeira de Juan Ponce de León, para ali descobrir uma fonte de tradição local já existente. A partir de então, houve um longo esforço visando a encontrar a chave deste duplo mistério.

Examinemos em primeiro lugar o que diz respeito à expedição espanhola. Juan Ponce de León, futuro explorador do mar das Caraíbas e do litoral norte-americano, firma com o reino da Espanha dois contratos de *descoberta.* O primeiro tratado foi assinado em Burgos no dia 23 de fevereiro de 1512; o segundo, em Valladolid, a 26 de setembro do mesmo ano. E embora em nenhum desses dois textos se faça menção a qualquer Fonte de Juventude, os historiadores estão hoje convencidos de que Bimini era na realidade um dos objetivos secretos da operação.

O historiador da época, Hernando d'Escalante Fontaneda que, vítima de um naufrágio, permaneceu durante dezessete anos prisioneiro dos indígenas da Flórida (1551-1568), narra uma coisa à primeira vista bastante estranha. Escreve ele, em 1574, que "Juan Ponce de León, fiando-se nos relatos dos índios de Cuba e em outros de São Domingos, foi procurar o *rio Jordão* na Flórida, quer para fornecer informes a esse respeito, para se fazer valer ou para ali perder a vida, como realmente aconteceu, quer para *rejuvenescer* banhando-se em suas águas, o que está de acordo com as práticas piedosas dos índios de Cuba, e de todas aquelas paragens, os quais cumpriam um dever religioso ao se encaminharem para a Flórida..."

Acrescente-se, aliás, que ao alcançar terra firme Ponce de León já estava decepcionado pelos meses de navegação infrutífera, em busca não do *rio,* que se nos afigura quase que um sucedâneo, mas sim da *fonte,* tal como narra com grande abundância de pormenores um outro cronista da conquista, Francesco Lopes de Gomara. De acordo com este último, Ponce "armou duas caravelas e partiu em busca da ilha de Boyuca, onde os índios situavam a fonte que transformava os velhos em adolescentes; vagou durante seis meses, esfomeado e perdido por entre uma infinidade de ilhas, sem encontrar o menor vestígio da tal fonte. Entrou em Bimini e descobriu a Flórida em 1512, no dia das Páscoas Floridas. Foi por isto que lhe deu esse nome".

De modo que as coisas seriam bem simples: os espanhóis tentavam localizar a fonte fabulosa baseando-se nos relatos dos indígenas que também haviam-na procurado... com idênticos resultados. Os franceses, cartesianos antes de Descartes, zombaram desses "resultados" desde o século da conquista, numa quadra que se tornou célebre:

"Uma análise ponderada permite afirmar, sem perigo de erros, que, ao procurar aquelas ilhas, Ponce de León obedecia a uma inspiração européia e que, por outro lado, a "informação" dos indígenas de Cuba, das Antilhas ou da costa de Honduras a respeito da fonte e do rio também era, por sua vez, de origem *pré-colombiana* e *não americana."*

Essa inspiração européia chegara ao navegador vinda de Colombo, ou através de Colombo. Ela reunia um conjunto de tradições e de dados históricos, e também certos pormenores geográficos precisos, entre os quais o fato de que se tratava de águas pouco profundas, muito claras, e de terras mais ou menos submersas. Prova-o o relato feito por Antonio Herrera da navegação de Ponce:

"Não se pôde saber no começo o nome da Flórida segundo o sentimento dos que faziam as descobertas; porque vendo que essa ponta de terra saía tanto ao mar, eles a tinham como Ilha, e os índios como terra firme, e diziam os nomes de cada província. Mas os Castelhanos imaginavam que eles os enganavam. Finalmente, depois de muitas contestações a este respeito, os índios disseram que ela se chamava *Cantio,* que é um nome que os índios *Lucayos* deram a essa terra porque os povos que a habitavam cobriam suas partes pudendas com folhas de palmeira tecidas como a esteira de juncos. Eles saíram no dia 25 de julho dessas ilhotas PARA IREM À BIMINI navegando entre duas ilhas que pareciam submersas, e estando como que atolados, eles não sabiam mais por onde passar

com os navios. Jean Ponce ENVIOU O BARCO PARA RECONHECER UMA ILHA QUE ELE ACREDITAVA SUBMERSA e aconteceu que era a de Baama. Quanto à tradição local, é ela tríplice. Em primeiro lugar, uma lenda corrente entre os indígenas do Haiti e de Cuba fala numa fonte milagrosa localizada na ilha de Bimini. Uma outra tradição afirma a existência no continente — portanto na Flórida — de um rio de águas rejuvenescedoras, o... *Jordão,* assim denominado *antes* da chegada dos espanhóis. São, finalmente, várias lendas obscuras a afirmarem a presença, numa ilha, de um sítio milagroso, cheio de aves maravilhosas e de fontes mágicas, um autêntico paraíso terrestre."

Antes de levarmos adiante as interrogações quanto à origem desses três aspectos da tradição, é preciso dizer que, indiscutivelmente, sua causa fundamental é a existência ali das águas termais de *Warm Mineral Springs*, na Flórida, assim como a de fontes de água doce, brotando geralmente lá mesmo, em Bimini. Isto, aparentemente, poderia bastar para reduzir o maravilhoso ao natural; examinemos, porém, os aspectos peculiares dessas tradições.

Como vimos, Ponce de León tenta chegar a Bimini e a seu *Jordão* antes que mais alguém os descobrisse. Fontaneda, Gomara e os outros cronistas são categóricos a este respeito. Mas a Fonte de Juventude, o rio de águas rejuvenescedoras e o paraíso terrestre, que aqui se confundem, constituem na realidade etapas distintas num conjunto de tradições forjadas em épocas diferentes, em conseqüência das relações geopolíticas diretas entre o Velho e o Novo Mundo. Dessas tradições, a primeira a se desenvolver foi indiscutivelmente a do paraíso terrestre.

DEPOIS HOUVE O JORDÃO

Os irlandeses, que haviam chegado ao continente norte-americano muito antes dos vikings, e ali haviam fundado a sua *Ireland it Mikla* — a Grande Irlanda além-Oceano — foram os primeiros a ali difundir o cristianismo. Como batizavam os indígenas nos rios, eles deram a estes o nome de *Jordão,* a fim de comemorar a tradição bíblica.

Aliás, logo nos primeiros tempos, fugindo aos vikings, e sempre por eles acossados, os irlandeses se dirigiram para Noroeste. Foi assim que chegaram às ilhas Orkney. Perseguidos pelos vikings, tiveram de passar para as ilhas Shetland, que foram igualmente obrigados a abandonar para se refugiar na ilha de Ou, onde sua presença pode ser identificada sem sombra de dúvida por volta do ano 725. Em 795, desembarcaram na Islândia. Eram esses irlandeses monges pertencentes à seita cristã dos Ceilé Dé que exercera uma influência acentuada, na Irlanda, muito antes da evangelização oficial de São Patrick. Os Ceilé Dé, padres seculares que viviam em comunidades, celibatários e praticando a penitência, defendiam quanto à virtude e à moral idéias que, muito estranhamente, podem ser encontradas na filosofia moral inculcada aos Toltecas de Tollan (México) por seu célebre rei-sacerdote, o deus Quetzalcoatl. Alguns especialistas chegam mesmo a ver na pessoa histórica deste último um antigo monge irlandês que chegara até lá.

A doutrina dos Ceilé Dé continha inúmeros elementos pagãos de origem céltica, que levaram o papado a condená-la. Sua destruição foi pregada em toda a Irlanda pelos missionários católicos; e foi para fugir às perseguições que os monges se puseram ao mar em busca de horizontes mais acolhedores, segundo esperavam — as terras insulares do Norte e do Noroeste.

Ora, o abade Adamman, superior do monastério irlandês de Saint-Jonas de 679 até 704, relata que um certo Cormac (521-597) já fizera *mais de três vezes* a viagem entre a Irlanda e a Islândia. Em suas descrições do mar do Norte, o monge irlandês Dicuil conta que

religiosos irlandeses já haviam permanecido durante mais de seis meses na "grande terra de Thulé", no longínquo Norte. Os vikings ali chegaram em 874. Depois de uma inútil tentativa de resistência, os monges fugiram para Oeste e atingiram a Groenlândia. Ali os iriam encontrar, cento e oito anos mais tarde, os drakkars noruegueses.

Novamente expulsos pelos vikings, os irlandeses seguem ao longo da costa vizinha do continente americano, em direção Sul, antes de se voltarem para Sudoeste, deixando-se levar pelas correntes costeiras. O *Libellus Islandorum,* redigido por Ari, o Sábio (1067-1148), relata que: "Os fundadores dos estabelecimentos escandinavos na Groenlândia encontraram naquela região habitações humanas tanto a Leste como a Oeste, assim como utensílios de pedra quebrados, e restos de embarcações, o que demonstra ter ali vivido um povo qualquer..." Como naquela época os esquimós ainda não haviam atingido o Sul da Groenlândia, e a presença de utensílios e de casas em ruínas não coaduna nem com os costumes nem com o nível de vida esquimós, é realmente dos irlandeses que se trata.

Tendo seguido ao longo das costas da Terra Nova, os irlandeses se fixaram na região que é hoje a Nova Inglaterra, onde estabeleceram sua colônia da Grande Irlanda, cuja localização exata os historiadores e geógrafos ainda não conseguiram determinar. Em seguida, avançaram ainda muito mais para o Sul.

Entre os vestígios indiscutíveis de sua passagem, contam-se particularmente as grutas de North Salem (New Hampshire), cujos subterrâneos apresentam um plano análogo ao das primeiras construções religiosas irlandesas da Idade Média. Foram igualmente identificados vestígios de sítios irlandeses nas proximidades das localidades de Kingston e Raymond, no New-Hampshire, perto do rio Thames, assim como em Lowell, Watterford, Leominster, Harward, North Andover, Worcester, Hopkinton, Upton, Millis, Medway, Mendon, Hopedale, Webster, Martha's Wineyard etc. Perto de South Windham (Maine), foram descobertas escadarias sem começo nem fim, talhadas na rocha. A maioria dos especialistas atribuiu esses vestígios aos irlandeses, assim como o de South Berwick (Maine), West Shawshenn (Massachusetts) e Woodstock (Connecticut). Em Upton, encontrou-se até mesmo uma construção típica, feita de pedra de abelhas, tendo à entrada um átrio lajeado, que lembra a Irlanda.

Em 1960, as águas do oceano, revolucionadas pelo furacão Donna, atiraram a uma praia de New Jersey os restos de uma antiqüíssima embarcação de madeira. Os métodos radiativos de datação calcularam em mil anos a idade desse barco, de tipo irlandês arcaico. Talvez tenha pertencido aos monges irlandeses da região de North Salem. Passado o furacão, tendo Albert e Salvatore Marasinti, de Marascuan (New Jersey) içado o barco para o alto da falésia, os especialistas que para ali afluíram verificaram que ele apresentava vestígios de cobre no revestimento do costado, cuja espessura era de vinte centímetros. O revestimento de cobre, constituído de finas lâminas fixadas por meio de pregos, representava uma proteção contra os parasitas marinhos. Teoricamente, pelo menos, a embarcação poderia muito bem enfrentar o mar.

Todavia, quando se trata de determinar a localização da Grande Irlanda num mapa da América, confrontando os vestígios com os dados das tradições irlandesas e americanas pré-colombianas, os especialistas ainda hesitam entre os territórios das Carolinas e da Geórgia, e o da Flórida atual. Em 1819, o geógrafo americano J. Johnstons relatava uma lenda por ele ouvida entre os indígenas da Flórida e da Carolina do Sul. Afirmavam estes — por volta de meados do século XVIII — que séculos antes seu país fora habitado por brancos que usavam armas e utensílios de ferro.

Seja como for, a explicação irlandesa para o personagem histórico que se encontra

nas raízes da lenda de Quetzalcoatl, parece comprovada pelos fatos. A tradição e as fontes autenticadas da história dos Toltecas afirmam que o "Estrela da Manhã", também chamado "Serpente de plumas", foi realmente seu chefe no século X. Era um homem de pele clara, formalmente descrito como *branco* e *barbado.* Reinou em Tula entre 967 e 987, mas também encontramos as datas 997-999 e 1010.

Vindo do Leste, o "deus" desembarcara em companhia de seus *nonoalcas* — homens "mudos e surdos", pois não falavam nem compreendiam a língua dos indígenas. Ele "organizou" os Toltecas, impondo-lhes suas próprias concepções religiosas, as quais comportam inúmeras tradições de colorido nitidamente cristão, incluídas desde então nas tradições ameríndias. Ao deixar Tula, o deus feito homem empreendeu a conquista do império maia e se estabeleceu em Chichen-Itza, que recebeu assim um acentuado cunho tolteca. Os maias, por sua vez, o divinizaram sob o nome de Kukulkan. Após vinte anos de reinado pacífico, os homens "brancos e barbados" tornaram a partir. As tradições ameríndias fazem-nos então viajar através do istmo de Darien-Panamá, até as costas do Peru...

A maioria das fontes indica que o "chefe-deus" pregara a existência de um deus *único* e *universal,* constituindo de fato uma trindade. Quetzalcoatl se referia também a um lugar de lazer, onde os justos são recompensados após sua morte — um paraíso celestial — e a um lugar de expiação transitória — um purgatório apresentado à maneira católica que, neste ponto, não diferia da dos Ceilé Dé.

Os sacerdotes de Quetzalcoatl ensinavam além disso que o homem perdera a graça divina em conseqüência do pecado de uma mulher-serpente. Quetzalcoatl recomendava a piedade e as oferendas gratuitas. Chegava a afirmar, coisa estranha para um tolteca, que se pode pecar por simples intenção. Assim é que, para o homem-deus de Tula, olhar insistentemente para uma mulher já era com ela fornicar, idéia tipicamente católica dos séculos VI a X.

A *paz,* o *amor ao próximo* também faziam parte dos ensinamentos de Kukulkan, que pregava além disso um mistério religioso bastante próximo do da Encarnação no Novo Testamento, e praticava a comunhão destinada a reconciliar o homem com Deus, graças a pedaços de pão abençoado. Entre as outras tradições deixadas por Quetzalcoatl, encontra-se a do dilúvio segundo a variante de tipo cristão, colocando em ação um Noé local denominado Cox-Cox. Finalmente, a idéia da ressurreição do ser divino e a lenda da virgem-mãe estão presentes em toda parte.

O mais significativo, entretanto, sem falar na utilização da cruz como objeto de culto — aqui designada como "árvore da vida" sobre a qual teria morrido um homem "mais adorável que o sol" — ainda é o fato de ter Quetzalcoatl instituído em Tula, e depois em Chichen-Itza, a cerimônia do *batismo.* Assemelha-se esta, sem tirar nem pôr, ao batismo cristão. O oficiante a encerra com as seguintes palavras: "Recebe esta água abençoada, pois sobre a terra que habitarás, onde nascerás e desabrocharás, é ela que oferece os princípios necessários à vida. Recebe portanto esta água". E, pronunciando-as, o sacerdote asperge com a água benta a cabeça da criança. O mesmo acontecia por ocasião das cerimônias coletivas quando os batizados entravam num riacho.

Nessas circunstâncias, não nos deve causar espanto a cruz de mármore coroada de flores e venerada pelos indígenas de *Vera Cruz,* que deu nome ao lugar por ocasião da conquista espanhola. Assim como não nos deve espantar a existência, na costa leste da América, de um *Jordão pré-colombiano,* designado, de fato, com esse nome.

W. Krikeberg, o célebre historiador alemão do mundo pré-colombiano, escreve num

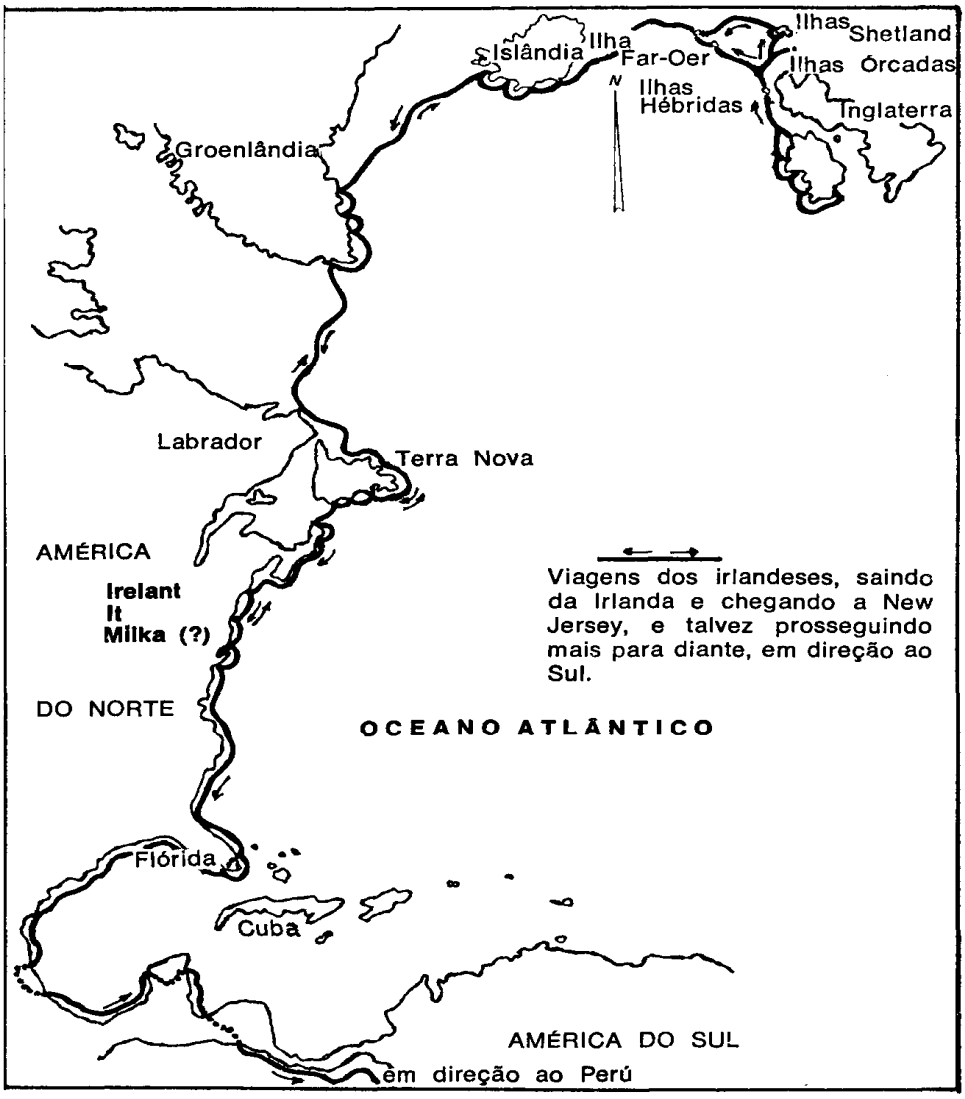
estudo dedicado aos contos e lendas dos astecas, incas, maias e muiskas: "Acontece com freqüência que o zelo religioso ou falsas interpretações tentam descobrir vestígios da doutrina cristã na história antiga dos índios, e que se procura atribuir arbitrariamente às tradições indígenas significados cristãos. Contudo, não se deve rejeitar inteiramente essa idéia, dando como invenções espanholas — por se apresentarem sob roupagens cristãs — lendas que associam os heróis das velhas civilizações índias, como Quetzalcoatl, Bochica ou Viracocha, a certos aspectos dos apóstolos cristãos...

"Os impressionantes paralelismos existentes entre as tradições primitivas americanas e o cristianismo antigo, correspondem em grande proporção às coincidências existentes em outros campos entre as civilizações do Velho Mundo e do Novo, e que futuras pesquisas talvez venham um dia a explicar."

Aí está, portanto, o que temos com relação à água de imortalidade e ao rio sagrado, conhecidos dos índios das ilhas e por eles procurados no solo da Flórida. Da mesma forma, decepcionados por não haverem encontrado nenhuma fonte, Ponce de León e os outros continuaram a procurar o Jordão... Seu erro, entretanto, se explica, quando se reflete que a nascente — ou fonte — se confundia com o rio. E deve-se esta confusão ao fato de terem as duas lendas um fundo comum, referindo-se uma à regeneração do corpo (a nascente) e a outra à regeneração da alma (batismo no rio).

Embora o mito da renovação corporal já fosse conhecido na remota antigüidade babilônia, egípcia e grega, a tradição cristã da água que purifica não passou de um complemento que contribuiu para que se criasse a tradição comum. Prende-se esta, ao mesmo tempo, à lenda dos *frutos de ouro e dos plátanos de Lethé,* que poderiam ser encontrados na fabulosa Merópida transatlântica dos Fenícios, e à dos *pomos do jardim das Hespérides,* assim como às lendas celto-irlandesas das planícies de delícias, o *Mag Mell,* dos antigos gaélicos.

Os especialistas em história pré-colombiana e etnografia moderna ainda discutem as inúmeras tradições entrelaçadas às lendas indígenas que, todas elas, localizam a fonte milagrosa na ilha de Bimini. O que não impede que a *Fonte de Juventude* continue a representar o ponto de partida para uma pesquisa que, muito provavelmente, há de colocá-la um dia na origem daquilo a que habitualmente se dá o nome de *história.*



CABALA, COLOMBO E BIMINI

Esses nomes que designam as ditas ilhas e litorais, deu-os Colombo para que sejam conhecidos sob esses nomes...

PIRI-REIS PAXÁ, 1513.

QUEM DEU NOME ÀS BAAMAS?

No decorrer de suas quatro viagens, aconteceu com freqüência dar Colombo um nome aos lugares que ia descobrindo. Por esse motivo, consideram muitos autores que foi ele quem deu nome às Baamas, que se chamaram de início Lucaias, segundo sua designação indígena. Isto é indiscutivelmente verdadeiro quanto à ilha de Guanahani, rebatizada San Salvador, mais inadmissível no caso de Bimini, da qual o almirante nem sequer se aproximou.

O primeiro mapa que representa as Baamas, embora de maneira muito vaga, foi traçado por Juan de La Cosa. Nele aparecem, ao norte de Cuba e do Haiti, algumas terras que trazem os nomes conferidos por Colombo. Trata-se das ilhas Habacoa (Abaco), Yumey (Exuma), Guanahani (San Salvador), Manana (Rum-kay), Samana (Long Island), Someto (Crooked Island) e Yucayo (Caicos). Nenhum vestígio de Bimini. Em compensação, ali se vêem ilhas "batizadas" por Colombo e que ele jamais abordou. O mapa acrescentado em 1511 (antes, portanto, da descoberta de Bimini por Ponce de León) ao trabalho de Pierre

Martyr, *De Orbe Novo,* já não atribui nomes específicos a essas ilhas. Em contraposição, uma ilha grande como Cuba e designada sob o nome de *Islã de Buemeini* substitui ali a Flórida atual.

Tal como no caso do "Jordão" pré-espanhol, aqui estamos, portanto, em presença da existência do nome Bimini antes da descoberta propriamente dita daquela ilha. Se levarmos em conta o fato de que Ponce — que se jactava da amizade de Colombo — havia acompanhado o almirante por ocasião da segunda viagem, tendo desembarcado no Haiti, pode-se admitir que ele já ouvira pronunciar o nome da ilha da Fonte de Juventude em suas conversas com Colombo ou com os que o cercavam. O que, indiretamente, tenderia a provar que foi, afinal de contas, Colombo quem deu àquela ilha o nome destinado a tão prodigiosa carreira.

Além disso, a existência das Antilhas já era tida como provável na Idade Média. Embora geograficamente mal localizadas, elas aparecem com efeito em numerosos portulanos a partir do século XIII, designadas indiferentemente com os nomes de *Antilha*, *Antilla*, *Antillas* ou *Anticha*. Designavam-nas também com o de *Islã de Siete Ciudades* — ilha das Sete Cidades — na qual, segundo se dizia, sete bispos portugueses se haviam refugiado em 711 para fugir à invasão árabe comandada por Taril el Mocsa.

Admitindo-se que este último episódio não passe de uma lenda, e que *Antilla* derive de *Anti-ilha*, e portanto da necessidade lógica de contrapor às da região leste do oceano uma terra situada a oeste, o pressentimento da existência dessas ilhas não fica por isto invalidado.

NO MAPA DE COLOMBO

O sábio russo D. Tzukernik demonstrou recentemente a existência de um mapa redigido antes de 1492 e que dera a Colombo a possibilidade de controlar seu itinerário. Sabe-se que imediatamente após a sua partida das Canárias, Colombo ordenara aos irmãos Pinzon, seus subordinados diretos, que navegassem dia e *noite* 700 léguas em direção oeste. O que significa que a navegação noturna deveria ser interrompida uma vez percorridas aquelas 700 léguas. Para prever desta maneira a presença de uma terra àquela distância, o almirante *devia* possuir um mapa.

Quando, nos dias 23 e 24 de setembro de 1492, aterrorizadas pela imensidão do oceano, as tripulações quase que chegaram a se amotinar, o almirante acalmou os espíritos mostrando aos comandantes dos dois outros barcos não somente as suas próprias anotações e seus cálculos como também um mapa. Este fato é relatado por Don Ferdinando Colombo, filho e biógrafo do almirante, e confirmado pelo historiador Bartholomé de Las Casas, o qual chega a acrescentar que naquela ocasião o almirante teria dado a Pinzon um *mapa no qual se viam ilhas.*

Naquele momento, uma discussão contrapõe Martin Alonzo Pinzon a Colombo. Quando se reconciliam, os dois homens se entendem de modo a calcular e determinar de comum acordo a posição real dos navios. Verificam então que se haviam afastado da rota das ilhas representadas no mapa. No fim de setembro, Colombo ordena que as caravelas se desviem para sudoeste, isto é, em direção às ilhas. Era a direção certa. E levava a ilhas que realmente existiam e que os historiadores modernos da geografia negam que pudessem ter sido conhecidas *a priori* por Colombo. De modo que este devia conhecer de antemão o seu itinerário e o ter traçado num mapa fidedigno.

Por outro lado, no trigésimo terceiro dia após a partida da ilha de Gomere, nas Canárias, calculou-se que a terra — no caso, uma das Baamas — estaria, ou deveria estar,

suficientemente próxima para tornar perigosa a navegação à noite. Esta observação foi feita por Pedro Nino, timoneiro da *Santa Maria,* valendo-se do *mapa* que o almirante lhe havia confiado. O timoneiro pediu então a Colombo autorização para não mais navegar à noite. Esta lhe foi concedida, pedindo-lhe o almirante que ela fosse transmitida ao pessoal da *Pinta,* embarcação que estava mais próxima da nau almirante. E isto, apenas algumas horas antes que o tripulante Rodrigo de Triana finalmente avistasse a terra do alto do mastro da *Capitânea*...

Todos os cronistas dos séculos XVI e XVII que escreveram sobre a descoberta da América se referem à fábula do "piloto anônimo". De acordo com esta lenda, Colombo teria acolhido em sua casa, em Porto Santo, um piloto que, impelido por uma tempestade, teria realizado uma viagem involuntária até as Antilhas, de onde teria voltado exausto, para morrer nos braços de seu anfitrião. Ele é quem teria legado o mapa, ou itinerário, a Colombo. Falava-se mesmo em dois marinheiros de Palos, que teriam estado acidentalmente nas Antilhas e delas teriam falado com o almirante. Teriam abordado aquela terra que figurava de maneira bastante vaga no mapa de Toscanelli, entregue pelo rei Afonso V de Portugal a Fernão Teles de Meneses em 1475.

A isto tudo, acrescente-se ainda um pormenor, o mais curioso de todos. Na viagem de volta, enquanto todos se preocupavam com a ausência de ventos nas zonas equatoriais, o almirante comportou-se como se conhecesse igualmente de antemão esse novo itinerário. Essa volta se processa como uma corrida louca, de dia e de noite, a fim de percorrer o trajeto dentro do prazo mais curto e valendo-se dos ventos oeste, que os impeliriam para a Europa. Outra façanha impossível sem um bom mapa.

De resto, isto tudo serve apenas para reforçar a tese clássica, apresentada por M. Beuchat, segundo a qual o almirante dispunha, *já em 1483,* de um plano sistemático para a exploração da parte ocidental do oceano Atlântico. Ora, se Colombo estava de posse de um mapa e se, nesse mapa, as ilhas apareciam em seu lugar exato, era perfeitamente possível que ele conhecesse os seus nomes antes de as abordar, e nada o impediria de "batizá-las" por sua vez.

Que esse mapa existiu, forneceu-nos uma prova cabal a descoberta feita na biblioteca do palácio Topkapu, em Constantinopla, em 1929. Trata-se do famoso *Mapa do Mundo* — na verdade, de sua metade esquerda — redigido em 1513, em Gelibolu (Galipoli) pelo Capitão-Paxá — Piri Reis, almirante e cartógrafo turco de nomeada, para o sultão Selim. Nas notas às margens desse mapa, que é indiscutivelmente a melhor representação da América na primeira metade do século XVI, encontra-se uma inscrição árabe, referente a Colombo e às ilhas por ele descobertas. Observemos desde logo que o almirante turco declara sem rebuços haver utilizado um mapa de Colombo para redigir o seu. Mas aqui está a nota V do mapa de Piri Reis:

"O presente mapa descreve essas costas, assim como as ilhas que nelas se encontram. Essas costas se chamam o litoral das *Antillya.* Foram descobertas no ano de 890 da era árabe. Conta-se porém que um infiel de Gênova, de nome Colombo, descobriu essas paragens. Caiu assim nas mãos de Colombo um livro onde ele aprendeu que nos confins do mar Ocidental, isto é, a oeste, existiam costas e ilhas, minas de toda espécie e também pedras preciosas. Tendo lido do princípio ao fim o dito trabalho, ele enumerou esses fatos, um após outro, aos Grandes de Gênova e lhes disse: "Dai-me dois navios para que eu vá em busca desses lugares..." Eles responderam: "ó tolo, o mar Ocidental tem um limite ou um fim? Ele está envolto em vapores das trevas." O dito Colombo viu que nada poderia esperar dos genoveses e foi contar a coisa ao rei da Espanha. Também ele deu resposta

igual à dos genoveses. Mas Colombo mostrou-se tão insistente que o rei da Espanha lhe deu dois navios, cuidou para que fossem bem aparelhados e armados e disse: "ó Colombo, sendo como dizes, faço-te capitão desses sítios" ... e enviou-o para o mar Ocidental.*

* O historiador e geógrafo americano G. F. Nun comenta nos seguintes termos a façanha do almirante: "Na realidade, Colombo não fez uma descoberta e sim três. A descoberta das duas rotas oceânicas passou despercebida por ter sido eclipsada pela descoberta da terra." Seja como for e como faz notar o seu grande biógrafo moderno Salvador de Madariaga, Colombo "inventou num estalar de dedos o que os marinheiros espanhóis do Pacífico levaram quarenta anos para descobrir desde 1520-1521, data da expedição de Magalhães, até 1565, quando Urdanea descobriu o caminho de oeste para leste" (Salvador de Madariaga: *Christophe Colomb,* Paris, Calmann-Lévy, 1952, p. 296).

O falecido Gasi Kemal possuía um escravo espanhol, o tal escravo costumava contar a Kemal Reis que estivera três vezes naquele país com Colombo, e dizia: "Nós chegamos primeiro ao estreito de Ceuta, depois tendo percorrido quatro mil milhas seguindo justamente pelo meio..."

Agora, esses países estão abertos a todos e conhecidos. *Os nomes que designam as ditas ilhas e litorais, deu-os Colombo para que eles sejam conhecidos com esses nomes.* Colombo era também um grande astrônomo. Os litorais e ilhas que aparecem neste mapa foram tirados do mapa de Colombo.

Todavia, desdenhando o mapa e a nota, outros historiadores da geografia sustentaram que, mesmo que Colombo tivesse dado realmente nome às ilhas que acabara de descobrir, sua inspiração devia ser puramente local.

Os indígenas de então eram Arawacs e Tainos. Destes últimos já não existe nenhum remanescente. Felizmente, seus costumes e sua língua foram estudados antes que a felicidade trazida pelos espanhóis a seus súditos das ilhas os houvesse a todos exterminado. Os tainos ocupavam, sobretudo, a parte central da ilha de Haiti. O padre Raymond Breton, missionário nas Antilhas, redigiu em 1656 um dicionário corrente da língua dos caraíbas do Haiti, o qual na realidade é apenas um dicionário taino-francês bastante razoável. Um outro francês, o padre de Charlevoix, autor de uma bela *História da Ilha de São Domingos,* chega mesmo a considerar a língua dos tainos como *língua sagrada* que só teria sido falada permanentemente pelos habitantes do centro da ilha, e apenas nas grandes ocasiões utilizada pelos demais. Para Onífroy de Thoron, autor do século XIX, ela teria sido transmitida pelas mulheres.

Seja como for, os nomes das diversas ilhas das Baamas apresentam indiscutivelmente relações com a língua dos tainos, e cada um deles tem um sentido em taino. Assim: *Habacoa,* a ilha Abaco. Em taino, *Haba-cani* significa *aldeia* e *Habacoa, lugar elevado.* Habacoa seria por conseguinte a *ilha da aldeia elevada, protegida.* Ainda em taino, *Buemen Buemiv* = coroa, pico. Mas também *Bina, Binah,* = muro velho, ruína; *Bim* = intervalo entre as pedras de um muro, e *Bein, Beine, Ebein* = pedra de construção, marco. Bem traduzida, *Bimini* seria, portanto, a ilha (*coroa*) do velho muro ou a *Ilha da Coroa.*

ESTRANHAS COINCIDÊNCIAS

Se tivermos presente em nosso espírito que Colombo não era apenas um navegador profissional, mas também, um excelente conhecedor das Escrituras, um cabalista de mão cheia e estudioso do hebraico por vocação, não podemos deixar de nos impressionar com a espécie de ressonância hebraica de todos esses nomes. Ele próprio a deve ter sentido no

momento em que os consagrava perante a história. Vamos deixar bem claro. Trata-se evidentemente do velho hebreu dos textos bíblicos, o qual não fica assim tão distante de duas línguas irmãs, mortas há muito tempo: em primeiro lugar, o cananeu, mais próximo, e depois o fenício. Todas três provinham, aliás, de uma mesma cepa semítica.

Colombo deve ter-se lembrado dos textos antigos. Por exemplo, que em cananeu e em hebreu arcaico pode-se encontrar: para *Habacoa: habak* = lugar cercado; *kani* — moradia, habitat; *oba* = pedra, mesa, mesa de pedra, laje; *abakani* = habitat. Da mesma forma para *Bimini:* B'Mn' — lugar elevado, altar; *Boum Hein* = lugar (ou objeto) precioso; *Banâ, Bina* = construção, edifício dominante. Ou seja, mais uma vez, a *aldeia cercada* para Habacoa, e a *construção que domina* — ou altar — para Bimini.

Inútil continuarmos a nos estender sobre as aproximações possíveis. Sua verdadeira explicação é infinitamente mais simples que as que poderiam ser imaginadas. Talvez seja até mesmo preciso encarar *duas* explicações, uma das quais seria evidentemente a coincidência pura e simples; a não ser que se admita uma presença semita muito remota, ou mesmo fenício-cananéia, em algumas das orlas americanas.

Admitindo-se porém, que Colombo poderia ter conhecido os nomes das ilhas *antes* de descobri-las, a surpresa que lhe teriam causado esses nomes não poderia deixar de nele reforçar o propósito de "descobrir" essas terras estranhas. Especialista nas Escrituras, e mais ainda na Cabala, da qual ele foi com toda a certeza um grande conhecedor, sem dúvida considerava-se ele destinado a ser o primeiro a tirar partido de todas essas informações, assim como, das lendas sobre a água de Juventude.

Entre os livros que pertenceram a Colombo e que revelam suas preocupações, está o célebre *Ymago Mundi* do cardeal d'Ailly. A certa altura, d'Ailly escreve sobre o Eufrates: "Rio da Mesopotâmia, cuja nascente está no paraíso; muito rico em pedras preciosas". À margem, Colombo anotou simplesmente: "Eufrates". Em contraposição, nas páginas consagradas às ilhas Afortunadas (as Canárias), ele observa: "O Paraíso terrestre é certamente o lugar a que os autores dão o nome de ilhas Afortunadas". Confessa seu erro em outra nota. Mais adiante, numa página do capítulo IV onde d'Ailly se refere aos quatro rios do Paraíso bíblico, escrevendo que existe no Paraíso "uma fonte que banha o jardim das delícias", Colombo comenta: *"Uma fonte no Paraíso."*

Talvez fosse esse o início de um capítulo de sua vida que ele não chegou a viver. Capítulo que teria podido intitular-se Cabala, Colombo e Bimini...

QUANDO O AVIÃO VOA POR ENTRE AS ÁGUAS

...É preciso considerar que há cerca de 10.000 anos, as Baamas formavam um imenso platô acima das águas, podendo perfeitamente abrigar milhões de homens... Os inúmeros vestígios descobertos tornam evidente esta hipótese... Acontece porém que não sabemos absolutamente nada sobre essa civilização. O problema é portanto arqueológico e não mais geológico. É preciso levar adiante os trabalhos e as escavações para descobrir finalmente as chaves desse formidável enigma.

Em 1970, quatrocentos e cinqüenta e oito anos após o seu ingresso na história dos homens, Bimini irrompe pela segunda vez na atualidade. Propriedade da poderosa companhia financeira *Rockwell* e desfraldando a bandeira inglesa, a ilha extraiu benefícios da celebridade de dois indivíduos fora do comum. Um profeta e um poeta, um titã da visão e um gigante da criação literária elegeram-na, cada um por sua vez. O primeiro foi o estranho Edgar Cayce; o segundo, Ernest Hemingway.

Cayce, o visionário mimado pelos milionários americanos à cata de sensações, associou o seu nome ao da ilha quando predisse a ressurreição da Atlântida do seio das águas límpidas das Baamas. Ele também afirmava que, ao largo de Bimini, devia haver um templo atlante, construído no cume de um dos grandes montes da Atlântida, submerso sob as ondas... Ao que parece, mesmo quando se é profeta, um pouco de geologia não pode fazer mal algum. Com efeito, Cayce deveria saber que o platô das Baamas, uma simples plataforma, não comporta montanhas submersas, nem vulcões que deixam de funcionar debaixo de alguns metros de água. Mas Cayce foi ainda mais longe, tendo chegado a garantir que, nesses templos, os sacerdotes atlantes procediam a fabulosas experiências utilizando a energia dos raios de luz, geradores de imprevisto. Uma espécie de *laser* atlante, antes do verdadeiro. Mais realista, Hemingway nos deixou *O Velho e o Mar,* algumas páginas do qual foram escritas num café da ilha.

Mas Bimini aspirava a uma glória muito diferente, a que sobre ela haviam lançado as lendas dos tainos, os sonhos de Colombo e as ambições secretas de Juan Ponce de León. Uma glória de final de ciclo, capaz de se emparelhar, até certo ponto, com as "histórias" de 1492 e de 1512.

TEM INÍCIO A VERDADEIRA EXPLORAÇÃO

O que a navegação a vela iniciou no tempo de Isabel, a Sábia, e de Joana, a Louca, deveria ser completado pela exploração submarina na época em que são novamente discutidas certas "verdades" estabelecidas. Robert Marx, Dimitri Rebikoff e Manson Valentine acrescentaram seus nomes à lista dos que estão associados à ilha de Bimini. Manson Valentine do Museu de Ciências de Miami, na Flórida, ex-professor da Universidade de Yale e especialista em civilizações pré-colombianas, é na realidade o verdadeiro "descobridor" do sítio de Bimini. Dimitri Rebikoff, explorador, engenheiro especializado no campo da fotografia submarina e inventor do "flash" eletrônico, fundou um instituto de tecnologia submarina que funciona em Cannes e Nova Iorque. Robert Marx — célebre mergulhador submarino, apaixonado por pesquisas em torno das navegações antigas e da arqueologia submarina — é o explorador dos sítios da ilha de Andros.

As descobertas de Bimini foram possibilitadas, a partir do mês de setembro de 1968, graças ao engenho *Remorra M-114-E*, construído por Rebikoff, verdadeiro *avião submarino* provido de câmeras automáticas que permitem tomadas com ângulo muito grande (em diagonal, sob a água). Uma vez equipados, os pesquisadores concentraram seus esforços numa estrutura submersa, cuja existência havia sido assinalada nas proximidades da costa setentrional da ilha, precisamente a noroeste de North Bimini.

Cada um por sua vez, o doutor Robert Thompson, da Universidade York de Toronto (Canadá); os professores John Gifford e Cesare Emiliani, da Universidade de Miami; o doutor F. G. Walton Smith, também de Miami; e Tim Tealey, diretor do Instituto tecnológico *P. I. T. do Hidrospaço de Cocoa Beach;* Sir Robert Marx, diretor do departamento de pesquisas da *Real Eight Co.*; e o aviador baamiano Paul Aranha, tomaram parte nas pesquisas. Ao cabo do primeiro ano, eles deram com uma estrutura de 70 metros de comprimento e 10 de largura, construída aparentemente com grandes blocos de pedras regulares, ligadas por uma espécie de cimento. Medindo os blocos com o auxílio de um meio-decâmetro de agrimensor e de um estéreo-comparador geralmente utilizado para traçar mapas aéreos em curvas de nível, Rebikoff sentiu-se bem depressa capacitado a especificar que alguns deles chegavam a ter mais de 5 metros de lado, e que sua espessura

oscilava entre os 50 e os 150 centímetros. Seu peso chegava, portanto, a atingir por vezes cinco toneladas, para uma densidade média do material rochoso superior a 2.

Concluídas em abril de 1971, as trincheiras de exploração escavadas na face leste do muro oriental revelaram a existência de pelo menos uma segunda camada de pedras similares, por baixo da primeira. Todas aquelas pedras são ajuntadas por uma mesma camada de cimento de 5 a 6 centímetros de espessura. Verificou-se, além disso, que a face externa do muro se alteia, reta e bem alinhada. Os cantos inferiores, protegidos contra a erosão das ondas, podem ser verificados a esquadro em todos os seus três eixos. Aqui e ali, julgou-se identificar na face interior dos blocos, marcas que poderiam ter sido feitas por instrumentos.

Pesquisas ulteriores poderão determinar se aquilo constitui um muro único ou um simples elemento de uma construção infinitamente mais vasta. Já alguns fatos novos, sobrevindos em maio de 1971, parecem indicar que se trata de um antiqüíssimo porto submerso, comportando cais e um quebra-mar duplo que se alarga em alguns pontos simétricos.

Observe-se ainda que a horizontal da parte de cima do muro está perfeitamente "nivelada" com a linha de superfície da água e em toda a sua extensão a uma profundidade uniforme de cerca de 6 metros. O aspecto geral revela uma construção perfeitamente assentada num embasamento preparado de acordo com regras técnicas devidamente respeitadas.

Finalmente, todas essas estruturas artificiais permanecem virgens de vida marinha fixa; esponjas, briozoários, corais madrepóricos, e até as algas estão inteiramente ausentes. Esta situação talvez se explique pela circunstância de ter o edifício permanecido oculto na areia durante milênios. Foram, com efeito, os violentos furacões destes últimos anos que revelaram os contornos das estruturas por entre as águas límpidas e azuladas das Baamas. Diga-se de passagem que, por ter resistido a tufões e furacões tropicais capazes de altear ondas de 11 metros e de fazer soprar ventos de 210 nós, fica comprovada a solidez da construção.

Ainda faltava um pronunciamento a respeito da idade das estruturas. A possível data da construção, correspondente ao estágio de imersão propriamente dita, de um certo nível do terreno não é de maneira alguma idêntica em toda parte e varia em função dos métodos utilizados para determiná-la. Assim, o método de determinação da curva geral da subida das águas acusa cerca de 6.000 anos de antigüidade. Procedendo-se à mesma medida com o auxílio do radiocarbono 14 aplicado aos vestígios de turfeiras submersas nas vizinhanças, dá-se a estas últimas uma idade de 4.700 anos (+ 10%) para uma profundidade de 3 metros, e de 6.000 anos para 4 metros. A estimativa, calculada por extrapolação, dá 10.000 anos para uma profundidade de 6 metros. Este valor corresponde ao nível atual das partes superiores do muro, mas não ao de suas bases. Pode-se razoavelmente admitir uma antigüidade variando entre os 8.000 e os 10.000 anos para as construções cuja base se encontra atualmente entre 8 e 10 metros de profundidade.

Em todo caso, é preciso considerar que em época bastante recuada, a superfície do platô das Baamas era suficientemente vasta para proporcionar uma região interior indispensável ao desenvolvimento de uma civilização e ao desabrochar de uma vida social fundamentada na pesca, na caça, possuindo até mesmo alguns rudimentos de agricultura e permitindo o progresso de uma sociedade humana capaz de edificar construções megalíticas. Aliás, a estrutura de Bimini não é a única do arquipélago das Baamas.

DESCOBERTAS NAS BAAMAS

Apaixonado pela arqueologia, o professor Manson Valentine foi também, com Ernest Williamson, um dos pioneiros da fotografia submarina, com a qual esteve lidando desde 1926. A partir de então, ele esteve sempre à procura de estruturas submersas por toda parte no vasto platô das Baamas, concentrando suas tentativas sobretudo entre Nassau e Bimini. Seu primeiro colaborador foi o piloto comercial Robert Brush, que sobrevoava diariamente a região que se estende entre Bimini e a ilha de Andros. Foi naquelas paragens que Brush descobriu e fotografou em 1968, ao norte da ilha de Andros, uma estrutura aparentemente retangular. Comunicou-o imediatamente ao professor Manson Valentine e foram ambos visitar aquele sítio, em companhia de Rebikoff; foram obrigados a fazê-lo num hidroavião em virtude da pouca profundidade das águas. Tratava-se de um muro com mais de 30 centímetros de espessura, inteiramente recoberto pela areia.

Esse muro, que dava a impressão de ser a base de um edifício retangular de cerca de 30 metros por 20, era feito de pedras cuidadosamente alinhadas a cordel. Somente a sua parte inferior, revelada por uma pequena trincheira cavada à faca, havia sido preservada. Estava assentada sobre um substrato horizontal de rocha calitrótica baamiana. A construção ainda não foi explorada. Sabe-se, entretanto, que ela apresenta algumas divisões e até mesmo duas câmaras de canto, o que a aproxima, do ponto de vista do plano, da célebre casa das tartarugas de Uxmal, entre os maias.

Nas cercanias de Bimini, encontra-se ainda um outro recinto de forma retangular, uma estrutura poligonal — mais ou menos pentagonal — e finalmente uma outra, com várias dezenas de metros de comprimento e denominada, devido ao seu contorno geral, *sabre de abordagem.* A lista, provavelmente, ainda não está completa.

Recentemente, durante uma breve exploração de uma gruta submersa nas proximidades da ilha de Andros, Robert Marx descobriu outros vestígios. Tratava-se de uma escavação bastante profunda, cujo interior continha resto de cerâmicas. Uma dessas peças — feitas a mão — representava um rosto humano.

Os objetos revelavam um *aspecto geral extra-americano.* Os peritos que tiveram oportunidade de examinar as fotografias, batidas naquele lugar pelo pesquisador, atribuíram às peças nelas representadas uma origem nitidamente não ameríndia e as associaram ao *tipo mediterrâneo.* Quanto à idade de sua fabricação, consideraram-na anterior à época colombiana. Não muito longe desse mesmo local, o doutor J. Manson Valentine deu, por sua vez, com algumas pedras discoidais, com um orifício no centro e diâmetro de cinco a seis pés. Essas pedras, também identificadas por Robert Marx no decorrer de uma de suas explorações, apresentam uma semelhança bastante estranha com alguns objetos descobertos nas ilhas Yap, no Pacífico.

Assinalou-se igualmente, nas proximidades do sítio de Bimini, a existência de pedaços de antigas colunas recobertas pela areia.

De início, as descobertas de Valentine e seu grupo não despertaram nenhum entusiasmo. A explicação talvez esteja na própria celebridade de Bimini, assim como nas previsões desse "Nostradamus adormecido"* que foi, aos olhos dos jornalistas, Edgar Cayce, o qual havia anunciado para 1968-1969, a ressurreição da Atlântida em Bimini. De modo que o professor Sears, do departamento de Arqueologia das Baamas, grande pesquisador dos magros sítios dos antigos Arawacs, desprovidos de construções de pedra, qualificou o "templo" situado ao norte da ilha de Andros de "viveiro de tartarugas". Entretanto, um estudo mais aprofundado dos contornos dessa construção deveria levar

finalmente a salientar a semelhança entre o seu plano e o de muitas construções religiosas da Antigüidade mediterrânea oriental.

*[Nascido no dia 18 de março de 1877, Edgar Cayce adquiriu grande fama na América graças à extravagância e à ousadia de suas predições, pronunciadas em estado de sono hipnótico. Profeta em sua própria terra, ele previu as duas guerras mundiais. Bimini não escapou à sua incessante atividade. Em junho de 1940, Cayce teve uma visão segundo a qual uma das ilhas da Atlântida de Platão iria voltar à tona. Tratava-se da *ilha de Poseidon,* lugar sagrado dos antigos atlantes, situado na vizinhança imediata da ilha de Bimini, que emergirá em virtude de um movimento muito lento e progressivo. Talvez se trate do *Caiful* de exegetas imaginosos de uma Atlântida por demais prodigiosa para ser levada a sério até mesmo por atlantólogos convictos. De resto, sempre de acordo com Cayce informações extraordinárias sobre essa *Atlântida atlântica* poderiam ser encontradas num templo secreto situado no Egito, soterrado pela areia, em baixo de uma das patas da Esfinge...]

Antes de concluir esta sucinta descrição das estruturas já conhecidas, devemos acrescentar ainda um pormenor quanto à natureza petrográfica das enormes pedras que constituem o quebra-mar do porto de Bimini. De acordo com os especialistas, e segundo proclama o relatório dos geólogos da Universidade de Miami do dia 25 de fevereiro de 1971, o "muro" é constituído de blocos de micrite que não apresentam a menor semelhança com as formações rochosas naturais por eles recobertas. Estas formações, constituídas de calcarenitos (grão de material calcário, cimentado por cristais aciculares de aragonita) são características das costas do norte de Bimini. Esses blocos, com pronunciado conteúdo de micrita, têm baixa porosidade (30 a 50%) e sua massa contém inúmeras conchas e moluscos fossilizados, aproximando-se assim das formações do facies lagunar da costa de South Bimini.

De modo que o relatório é formal. Os blocos que constituem a estrutura artificial próxima às costas setentrionais da ilha de North Bimini *não têm o menor laço natural* com as formações naturais sobre as quais se encontram. Ainda mais: eles pertencem, do ponto de vista geológico, a camadas encontradas apenas a uma distância de pelo menos 22 milhas, do outro lado de uma outra ilha. E o relatório chega à conclusão de que se está diante de um "enigma geológico". Mas para que uma "estrutura", emersa ou submersa, seca ou úmida, num lugar qualquer do mundo, tenha o direito de ser incluída no imenso catálogo do artificial, é preciso que se possa determinar a sua origem. Ora, o grande defeito das construções de Bimini é que elas nada nos dizem a respeito de seus construtores. Nada daquilo que sabemos da história do homem americano ou da pré-história européia de há 10.000 ou 12.000 anos nos autoriza a fazer qualquer atribuição. Quanto aos manuais consagrados, a história propriamente dita das civilizações ameríndias pré-colombianas, susceptíveis de realizar edifícios daquela natureza, remonta quando muito a 2.000 anos antes de Cristo, com a cultura olmeca de San Lorenzo, do período antigo do pré-clássico da América Central. Quanto à Europa, muito embora o período transcorrido a 12.000 ou 15.000 anos já tivesse presenciado o nascimento da arte de Lascaux e de Altamira, admite-se que os aborígenes teriam sido incapazes de construir um muro ou um monumento qualquer.

Teria sido, entretanto, possível proceder a certas aproximações, como as apresentadas no quadro a seguir.

Chegou-se mesmo a perguntar, de início, se os espanhóis não haviam construído fortificações e cais em Bimini, Andros e outras ilhas das Baamas. Ou, na pior das hipóteses, os indígenas pré-hispânicos. Porém, no que diz respeito aos espanhóis, a história o teria

registrado. Quanto aos indígenas — Arawacs e Tainos imigrados — essas construções lhes teriam sido inteiramente inúteis e eles só fabricavam cabanas de madeira.

De modo que os construtores de Bimini teriam de ser forçosamente desconhecidos, fora de todos os esquemas históricos admitidos. Desconhecidos que seria melhor sufocar ainda dentro da casca do ovo. Foi assim que teve início, em março de 1971, uma das últimas guerrinhas da arqueologia: a guerra das estruturas rochosas das Baamas.

Localização	Características	Construtores	Observações sobre a idade das estruturas
Ilhas Baamas (Sobretudo North Bimini)	Muros ciclópicos. Construções a seco sobre um platô depois invadido pelas águas oceânicas em maré crescente. Marcas presumíveis de instrumentos no interior das estruturas. Muros livres de vida marinha. Construções utilizando pedras de ângulos retos e juntas de cimento.	Desconhecidos	O platô foi invadido pelas águas há pelo menos 5.000 a 8.000 anos. Idade da construção, isto é, das estruturas construídas "à seco": 8.000 a 12.000 anos.
Cuilcuilco (México).	Pirâmide de Pedregal recoberta de lava de uma erupção vulcânica. Idade da pirâmide: 3 000 a 4 000 anos, "no máximo". Idade da erupção: de 8.000 a 12.000 anos, pelo menos...	Desconhecidos. Antepassados dos Nahuas (pouco provável) ou dos pré-olmecas* (possível).	Idade discutível mas a lógica exige aproximadamente 7.000-8.000 anos.
Pedras (Rio Utama).	Curiosas inscrições parietais.	Desconhecidos.	10.000-12.000 anos.
Pedra Pintada (Guiana brasileira).	Inscrições, dólmen, corredores, infra-estruturas de pedra.	Desconhecidos. Homens parecendo do tipo "Cro-Magnon"	6 000-12 000 anos.
Malta (Halsafieni).	Construção do hipogeu.	Desconhecidos. Homens de tipo mediterrâneo.	6.000 anos ou mais.

*[Recentemente, graças a uma datação feita por meio do rádiocarbono, P. R. Romero chegou à conclusão de que esses vestígios, que ele considera olmecas, tinham 10.000 anos de idade.]

HARRISSON VAI À GUERRA

Foi uma verdadeira "decepção para os amantes do maravilhoso" o artigo publicado a 9 de abril de 1971 por um jornal francês, reputado pela sua seriedade, e que afirmava: "Os muros submarinos das Baamas são obra da natureza". Ficava ali demonstrado, com referência à não menos séria revista inglesa *Nature* e a um "estudo" de um certo senhor Harrisson, que os exames feitos *in loco* e as análises de laboratório estabeleciam de maneira irrefutável o caráter realmente natural daquelas formações. Citemos: "Os blocos são todos constituídos de calcário grosseiro, assentados sobre uma camada de calcário mais denso e mais fino... De uma para outra, em todo caso, tudo combina: a disposição dos estratos e a morfologia superficial..." Explicam-nos até "como se formaram aqueles blocos". O cascalho proveniente da trituração grosseira das conchas de moluscos é que se teria depositado nas águas então muito baixas. Mais tarde, por ocasião do pleistoceno, o recuo do mar teria deixado aquelas formações entregues às águas doces do solo, e o material grosseiro teria sido apanhado "num cimento" submetido a consecutivas fissuras (*diaclases*) perpendiculares... Rebaixamento lento das costas, ressaca marinha, vagas impetuosas e animais marinhos perfuradores aumentando as fraturas (*sic*)... e lá estão os blocos que parecem realmente modelados e ali depositados pela mão do homem!

Como derradeira descarga desta barragem de artilharia pesada, um sinal de comiseração para com os partidários da artificialidade. "Quanto ao engano, escreve Harrisson, tanto mais compreensível por serem submarinas as formações, fica ele explicado pelo fato de terem sido feitas as primeiras observações por indivíduos indiscutivelmente de boa fé, mas que não são geólogos." Infelizmente para ele, ao pretender defender a cronologia histórica que não poderia localizar Bimini em parte alguma sem se trair, Harrisson se descuidou de maneira por demais manifesta da cronologia da descoberta. Examinemos portanto as datas, em seu lugar.

Concebido durante o verão de 1970, "Atlantis Undiscovered — Bimini, Baamas" o artigo de W. Harrisson, do *Environmental Research Associates Inc.,* de Ashley Drive (Virgínia), chegou à redação da revista *Nature* a 22 de outubro de 1970. De modo que Harrisson, ele próprio especialista em questões do ambiente, enuncia julgamentos definitivos seis meses *antes* da publicação do estudo de geólogos, perfeitamente qualificados, que vêem na estrutura de Bimini um "enigma geológico"...

Longe de representar o *Waterloo* do muro das Baamas, o artigo de *Nature* contribuiu para um início de esclarecimento das coisas, impondo novas investigações. Foi então que se comprovou que o muro inicial de 1970 fazia parte de uma gigantesca estrutura retangular, uma espécie de construção portuária cujo molhe, recurvado e enfrentando o *Gulf Stream*, tinha mais de 600 metros de comprimento. Ainda mais: o exame desse molhe confirmou não somente os pormenores de localização dos blocos, das pedras angulares dispostas em esquadria e seu alinhamento perfeito, como também o fato de que a disposição das fileiras de blocos simples inclui-se num modo de construção que a natureza de maneira alguma pode imitar, a *construção sobre pilastras.*

As explorações empreendidas em maio de 1971 e levadas adiante a partir de então, mostraram a posição exata das lajes gigantescas sustentadas pelas pilastras, e cuja superfície

inferior é rigorosamente paralela à superfície superior... Esse modo de construção sobre pilastras lembra até certo ponto o dos molhes dos antigos portos mediterrâneos, construídos pelos fenícios.

Acrescentemos também, sem nenhuma intenção de tocar num ponto sensível, que se examinarmos a bibliografia do artigo de W. Harrisson, verificaremos que, além das duas citações de artigos a respeito da geologia e da paleontologia datados de quatorze e quinze anos atrás, e de duas referências aos autores da descoberta (Valentine e Rebikoff), ela nos remete a obras sobre a *Atlântida de Ferro*, Berlitz, etc.

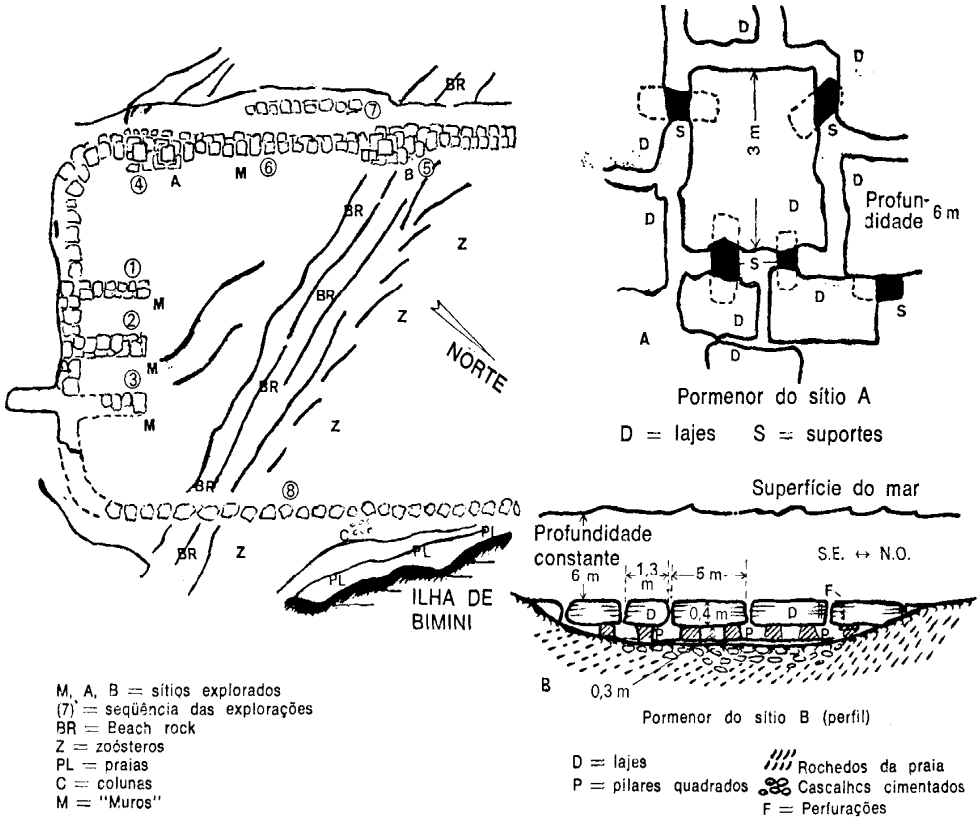
O espaço vazio entre as pilastras servia de quebra-mar. O molhe do porto de Biblos é desse tipo.

O exame cuidadoso da disposição geral da estrutura de Bimini — onde é possível que a passagem coberta chegue até o muro propriamente dito, espécie de molhe, e ao terraço construído à maneira megalítica — permite identificar a diferença muito marcada entre o natural e o artificial. O ridículo daqueles que atribuem a forma de certos pormenores à atividade incessante dos animais marinhos torna-se, com isto, ainda mais manifesto.

Em dezembro de 1971, Pierre de Latil escreveu após uma viagem àqueles locais: "Nós ali compreendemos o que víramos claramente no filme apresentado em Paris, isto é, que os blocos não assentam diretamente no fundo e sim sobre quatro pedras formando pilares... E é isto, com efeito, o mais importante: o fundo arenoso continua por baixo dos blocos, inclusive com suas *ripple marks*. Sob o teto de rocha plana, vê-se a luz do outro lado. Os "pilares" por vezes se apresentam recobertos de uma crosta, mas são sempre quatro..."

Essa crosta, cuja espessura é de dois a três centímetros, é devida a um depósito de esponjas calcárias, dissimula, indiscutivelmente, até certo ponto, a forma puramente geométrica dos blocos, que sem ela surgiria de maneira muito mais evidente. E conclui Pierre Latil: "Afinal de contas, quando se esteve *in loco,* torna-se difícil dar crédito aos argumentos do geólogo Harrisson, de acordo com o qual se veriam, dos lados dos blocos, camadas sedimentares que se reproduziriam em todos os blocos. Essas estratificações, se existissem, estariam totalmente recobertas."

Da mesma forma, John Gifford, ex-aluno da *School of Marine and Atmospheric Sciences da Universidade de Miami*, e que dedicou sua tese às formações de Bimini, observou nos materiais colhidos nos blocos vizinhos uma nítida diferenciação entre as camadas, que não correspondiam umas às outras de um bloco para outro.



As estruturas de Bimini (segundo D. Rebikoff)

O caráter artificial das estruturas é, portanto, por demais manifesto para ser contestado e, embora seja ainda muito cedo para se reconstituir o porquê e o como das coisas, é sempre possível tentar, mediante um jogo de espírito, sair em busca dos construtores. Para isto, convém em primeiro lugar interrogar-se a respeito da maneira segundo a qual essas terras puderam se ver submersas. Nesse ponto, somente a geologia nos pode ajudar.

A HABITAÇÃO INVADIDA PELAS ÁGUAS

Apparent rari nantes in gurgite vasto.
VIRGÍLIO, *Eneida,* I, 118.

A região de Bimini pertence ao platô pré-continental das Baarnas. Esta plataforma antiqüíssima fazia outrora parte de um estreito *no man's land,* cuja largura era de apenas algumas centenas de quilômetros, separando a terra americana que se tornará a Flórida, do corpo propriamente dito da África. Isto, muito antes que o lento balé dos continentes conferisse ao globo a sua fisionomia atual. Desde então, transcorreram longas épocas geológicas, calculáveis em centenas de milhões de anos. Há 25 000 ou 30 000 anos, num mundo que não diferia acentuadamente daquele que hoje conhecemos, as Baamas se encontravam encravadas num grande platô continental de várias centenas de quilômetros. De Bimini, podia-se ir então sem molhar os pés até *Exuma Island*, e o litoral oriental da ilha de Andros cercava um vasto golfo interior que se abria para o Norte, verdadeiro paraíso de águas cálidas onde imperava a mais fantástica vegetação tropical. Os gelos polares, ao se derreterem, modificaram progressivamente o aspecto desse platô submerso milímetro por milímetro. As curvas de nível, a vegetação soterrada, as formações geológicas das águas doces tornam possível reconstituir o que foi cada uma das etapas dessa lenta imersão. Sabemos assim que o nível atual de - 20 metros estava ao nível da água há 9.000 a 15.000

anos; que o de - 8 a - 15 metros correspondia ao da água há 6.000 ou 7.000 anos, e o de - 5 a - 8 metros, há 5.000 anos.

É preciso admitir que o platô tenha sido habitado 10.000 a 15.000 anos antes de Cristo. O povoamento da vizinha América, data de pelo menos 80.000 anos atrás, como ficou indiretamente demonstrado pelas descobertas feitas na Califórnia por Leakey em 1970 e 1971. Aquele último cálculo torna perfeitamente aceitável o primeiro. Por conseguinte, o afundamento das Baamas teria sido testemunhado, pelo menos no início, pelos homens que viviam naquela terra fértil, onde abundavam as plantas úteis e os animais, e em cujas águas pululavam os peixes.

Seja como for, há pelo menos 8.000 anos, a submersão das terras deve ter sido claramente percebida pelos seus habitantes. A eles se deve ter então proposto o problema da evacuação — também ela progressiva — das "terras baixas", mais diretamente ameaçadas. A retirada deve ter-se efetuado a princípio em direção às terras interiores, mais altas, intervindo mais tarde a evacuação definitiva. De acordo com essa hipótese, é possível imaginar que há cerca de 3.000 ou 5.000 anos ainda podiam ser vistas naqueles lugares ruínas em processo de submersão.

No período final — o que vai do ano 1.000 até nossos dias — encontram-se entre as terras que foram poupadas, zonas de águas baixas, não navegáveis, que valeram ao arquipélago o seu nome espanhol de *Baha Mar,* transformado em Baamas. É a esta situação que se devem igualmente certas tradições locais sobre ruínas submersas.

É preciso entretanto propor duas perguntas. A primeira refere-se a quem foram os construtores dessas estranhas estruturas, contemporâneas das pinturas de Lascaux e de Altamira, na Europa? Ou seja, de uma época em que a América ainda não havia sido inteiramente povoada pelos asiáticos que para lá foram atravessando o estreito de Behring e pelos polinésios levados pelas correntes do Pacífico. A segunda pergunta diz respeito ao destino que eles tomaram depois de abandonar seus lugares de origem? Parece-nos que um simples exame crítico do mapa do oceano Atlântico será suficiente para nos fornecer respostas corretas.

ARRASTADOS PELO GULP STREAM E PELA CORRENTE DAS CARAÍBAS

Logicamente falando, os construtores de Bimini e das outras estruturas arquitetônicas espalhadas nos recôncavos das Baamas não podem deixar de pertencer a um antiqüíssimo povo de marinheiros que viviam do mar e possuíam uma cultura pré-megalítica. Justifica-se a idéia de que esses homens, ao abandonarem suas "habitações" que eram efetivamente "paradisíacas", devem ter-se deixado levar pelas águas tépidas do Gulf Stream a fim de atravessar o Atlântico de oeste para leste. Pode-se imaginar que eles depois se estabeleceram onde terminava o *percurso da corrente,* isto é, nas ilhas atlânticas situadas a Leste do oceano, as Canárias e os Açores, nas costas da Irlanda, da Inglaterra, da Bretanha, assim como, a Noroeste da Península Ibérica. Mas também nas orçadas, nas ilhas Shetland, nas costas orientais do mar do Norte depois de atravessar a Mancha, naquele tempo muito mais estreita, ou descendo entre a Escócia e a Noruega.

Do outro lado das Baamas, em direção ao Sul e a Oeste, esperavam-nos as costas da Flórida, as grandes ilhas das Antilhas, as costas do Yucatan e de Honduras, as do istmo do Panamá e do Norte da América do Sul, até a foz do Amazonas... Chegando, em pequenos grupos, a paragens desconhecidas, esses homens para lá levaram necessariamente a sua concepção do mundo, suas idéias mestras, seus conhecimentos e suas técnicas.

O HOMEM FÓSSIL DA FLÓRIDA

Nesta altura, somos obrigados a nos desviar e lembrar que, de acordo com os últimos dados das pesquisas antropológicas, a Flórida e suas costas já eram habitadas naquela época. Dispomos atualmente de informações seguras e, sob muitos aspectos, sensacionais, a respeito do homem que lá vivia. Foram encontrados não apenas os seus ossos, seu crânio (vários exemplares) ligeiramente alongado e acusando um prognatismo bastante pronunciado, de índice cefálico superior a 74, mas também o seu *cérebro intacto.*

Esse homem da Flórida viveu provavelmente há cerca de 10.000 anos, nas paragens de *Warm Mineral Springs*. Um afortunado processo de conservação, devido às mineralizações das camadas de sedimentos que o protegiam, permitiu que se descobrisse o cérebro no interior de sua caixa craniana. A seu lado, havia utensílios de pedra. Quanto a ele, o que estaria procurando em companhia de alguns de seus semelhantes no ponto em que foi encontrado? Os benefícios das águas milagrosas da Flórida?

Acrescentemos que além das habituais facas de sílex e das agulhas de osso semelhantes aos artefatos descobertos em 1959 por Lewis e Kenberg em Eva (Tennessee), o homem de *Warm Mineral Springs* também possuía utensílios cortantes feitos de dentes de tubarão fósseis. Este último fato é um argumento bastante poderoso em favor de suas atividades de pescador e marinheiro. Observe-se ainda que a descoberta da Flórida não foi a primeira desta natureza. Em 1857, 1902 e 1911, Rivero no Peru, e Smith no Egito descobriram múmias em cujos crânios ainda existiam fragmentos de cérebro. Idêntica descoberta, de um cérebro romano, deve-se ao americano Oakley, em 1960.

A presença daquele marinheiro-pescador na Flórida, os restos dos homens que habitaram as grutas de pedra calcária da região demonstram pelo menos que na época em que foram construídas as estruturas hoje encontradas, aquelas paragens eram de há muito habitadas. Quanto à natureza dos homens que povoavam o platô das Baamas, é lícito perguntar se entre eles não se contavam alguns agrupamentos de *Homo Sapiens,* do tipo do homem de Cro-Magnon. Neste caso, esse platô depois submerso pelas águas é que teria presenciado sua infância, os seus primeiros desenvolvimentos. A partir dali é que se teriam irradiado esses antepassados, implantando em toda parte, pelo mundo afora, a cultura dos megalitos, sendo mais que provável a sua ligação com os cromagnonóides.

Examinemos, entretanto, mais de perto os argumentos susceptíveis de fortalecer nossa hipótese.

a) Para admitir que o Gulf Stream pôde servir de veículo entre a América e o Velho Mundo, é mister que nas costas americanas estejam as construções mais antigas e que os seus habitantes tenham sabido navegar. Antes de terem sido encontradas essas construções, não teria sido possível deixar nada disso estabelecido. Ora, nós sabemos que, desde o décimo milênio antes de nossa era, as condições climáticas e a situação geográfica (nível mais baixo dos mares) eram suficientes para tornar possível uma navegação desta natureza. Quanto aos meios de transporte, eles já eram bem conhecidos. O *Homo Sapiens* do aurinhacense e do solutreano (— 40.000 a — 18.000 e — 18.000 a — 15.000) já se valia habitualmente da *jangada.* O do magdaleniano (— 15.000 a — 10.000) conhecia a *piroga monóxila,* escavada num tronco de árvore.

Vamos ouvir portanto o historiador alemão Paul Hermann: "...Os indícios que permitem concluir pela existência de relações antigas entre os dois mundos constituem um conjunto compacto de caracteres muito variados. Até mesmo essa diversidade, o fato de serem inteiramente independentes uns dos outros, e de se prenderem a regiões e atividades

humanas muito diferentes, tornam verossímil que exista neles um fundo de verdade. Foi este o ponto de vista adotado, em conjunto, pelos sábios especializados. Com algumas poucas exceções,- estão eles convencidos de terem existido essas relações, e de que elas são inteiramente prováveis." Aliás, a própria história nos fornece um ensinamento do mais alto valor sobre a época extremamente recuada das primeiras navegações que enfrentaram mar alto com o auxílio das estrelas, das correntes e dos ventos de estações. Trata-se da espantosa aventura do Cauri, concha utilizada como moeda até recentemente na Índia e no Senegal. Conheceram-no inúmeras civilizações antigas, visto ser ele encontrado na China, na África negra e berbere, na América, em quase toda a Oceania e até na França, onde foi descoberto ao lado de restos humanos com cerca de 30.000 anos de idade, na gruta de Grimaldi. Utilizavam-no de diversas maneiras. Importante peça de adorno das estátuas, máscaras e trajes, é também símbolo da feminilidade em mosaicos e bronzes hindus e chineses, assim como na Oceania e na África. Até aí, tudo normal, poderão dizer. Acontece porém que o Cauri é originário de uma região perfeitamente determinada do oceano Índico *e apenas dessa região:* as ilhas Maldivas.

b) A existência é, ainda mais, a dispersão pelo mundo dos homens que foram obrigados a abandonar o platô das Baamas que estavam submergindo, podem ser relacionadas com o destino final do homem de Cro-Magnon e com seu relacionamento com os primeiros construtores de megalitos. Representante na Europa, ao lado do grimaldiano negróide de porte mediano e do chanceladiano semelhante a um esquimó, do homem de tipo *Homo Sapiens* que apareceu no decorrer da última glaciação, o homem de Cro-Magnon, idealizado por alguns exegetas sob os traços de um grande ancião branco (de 1,80 m a 1,94 m), inteligente e forte, também conserva alguns de seus enigmas, entre os quais, o menos importante não é o de seu lugar de origem. "Clarim a tocar a ária da Arte com A maiúsculo", como o designa num momento qualquer Jacques Brosse, esse ancião do início dos tempos do homem, grão-mestre do ritual da tinta vermelha com a qual besuntava seu corpo, nos deixou indícios de uma área de difusão susceptível de ser identificada graças a vestígios típicos, mas deixou também as marcas de seu foco central, original.

Os seus vestígios podem ser encontrados na Europa Central e do Sudoeste até os Açores e as Canárias (constituindo estas últimas uma etapa importante nas migrações daqueles homens), e daí, passando pelo norte da África, até os túmulos egípcios pré-dinásticos e Oriente Médio. A seu respeito, especifica Raymond Lantier: "Remanescentes dos Cro-Magnon na Espanha, no Sul da França, na África do Norte, nas Canárias, comprovam a importância desses grupos no povoamento dessas regiões, até os nossos dias." Encontram-se assim restos de homens de tipo idêntico ao do *Homo Sapiens* desde a ilha de Heligoland até Hoggar, da Grande Canária ao Nilo e mesmo em alguns lugares da América Central e da América do Sul. Por volta de 1950, o explorador Homet descobriu ao norte do Amazonas, sepulturas com urnas duplas contendo esqueletos banhados em ocre vermelho entre os quais crânios revelando uma acentuada dolicocefalia, um índice cefálico superior a 75-76 e estatura correspondente a um porte de 1,85 a 1,95 m. Aponta-se ainda à presença desses homens no antigo jazigo humano de Lagoa Santa, no Brasil. Próximos do homem de Eyzies, espécime extremamente arcaico enterrado numa massa de ocre vermelho, eles pertencem a uma raça *que não veio à luz* em solo europeu.

As teorias referentes à origem do homem de Cro-Magnon são inferiores, em número e em qualidade, às que tratam de seu aspecto em particular. Há alguns anos, Madeleine Rousseau resumiu estas últimas nos seguintes termos: "Diante de tantas contradições e

incertezas, o leigo tem o direito de propor aos especialistas uma pergunta. O Cro-Magnon, apresentado por vezes como primeiro espécime da magnífica raça branca com grande capacidade craniana, seria branco, negro, como admitia Negri em 1895, ou apenas um negro claro de tipo Hotentote-bochimano? Terá ele sido o autor das estatuetas da deusa mãe, ou foram estas a primeira manifestação do aurignaciano que viveu cerca de 25.000 anos antes?" *(Le Musée vivant,* 1953, pp. 135-136). Mas por que esse homem seria negróide ou — quantas proposições estranhas somos por vezes levados a elaborar para defender nossas idéias! — um "branco com pele negra"? Admitindo-se, com efeito, que era branco, continua-se sem saber de onde fazê-lo vir sem correr o risco de cometer erros. É por isto que por vezes o dão como vindo da Ásia onde teria embranquecido num meio favorável (frio gelos, etc.)...

As pesquisas dos sábios, particularmente as do professor R. Verneau, chamam a atenção para a presença maciça de homens do tipo Cro-Magnon puríssimo na ilha da Grande Canária, do arquipélago das Afortunadas. Seria preciso situar o seu primeiro berço num lugar qualquer, nas proximidades dessas ilhas. Aliás, o seu aparente isolamento fornece um início de explicação dirigida para a Europa. Esses homens que foram necessariamente os primeiros ocupantes dessas terras — e por conseguinte os primeiros ancestrais dos Guanches das Canárias — talvez sejam originários da Dordogne. Os da Dordogne ter-se-iam então desenvolvido a partir de agrupamentos humanos vindos das regiões dos gelos setentrionais. Eles mesmos... Pode-se continuar.

Mas, como estabelecer essa migração da Dordogne para a África passando pela Espanha e de lá para as ilhas Afortunadas? Ausência de vestígios nas terras "atravessadas", povoamento cromagnonóide dos Açores — região excêntrica relativamente à suposta rota — simples lógica enfim, tudo acaba invalidando essa teoria que não nos fornece, aliás, nenhum esclarecimento quanto ao primeiro berço desses gigantes da pré-história.

Talvez esse ponto de partida possa situar-se espontaneamente desde que se pense no papel de placa giratória desempenhado pelo platô das Baamas quando era ainda suficientemente grande para alimentar e fazer com que uma raça desabrochasse.

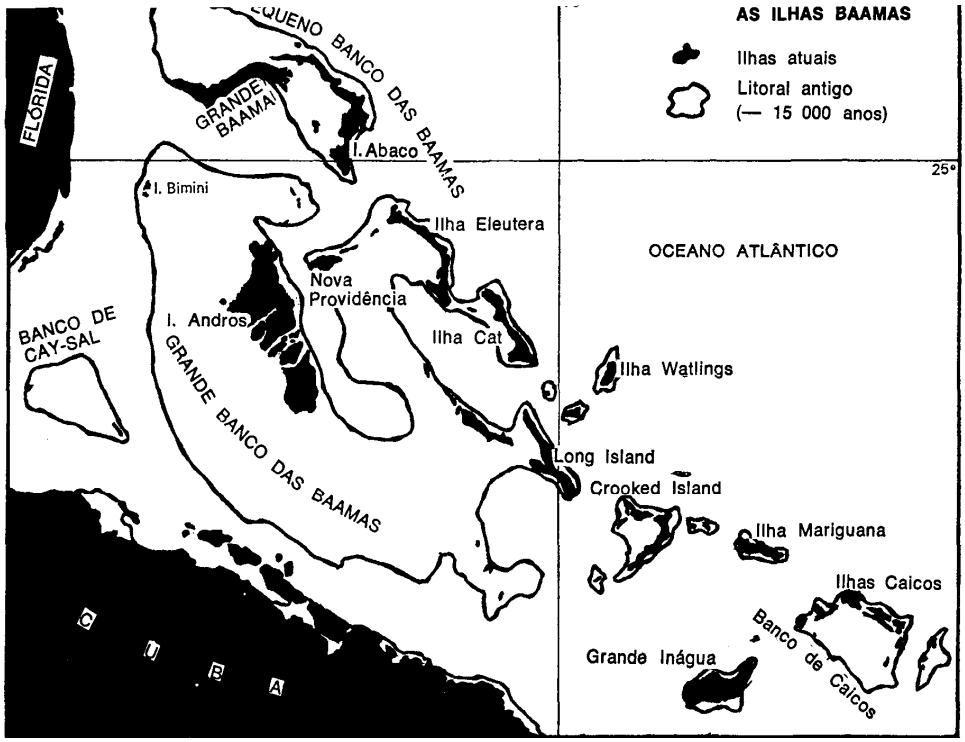
c) A origem daquilo a que mais tarde se deu o nome de "civilização dos megalitos" também continua obscura. Não se lhe conhece nem ponto de irradiação, nem origem definida. Em parte alguma da Europa Ocidental ou Setentrional, nem nas regiões mediterrâneas onde existem megalitos, foi possível descobrir o seu centro inicial ou sua "capital". Não obstante, a especificidade do sistema de construção empregado impede que se atribua aos *dólmens, cromlechs e menires* disseminados numa área geográfica muito importante, origens puramente locais, fruto da invenção regional ou simples jogo de coincidências históricas.

Além disso, esta civilização parece ter-se desenvolvido em toda parte a partir do mar em direção ao interior das terras, conservando-se não obstante marítima e até mesmo estritamente litorânea. Fica com isto confirmada a origem *exterior* da concepção megalítica a irradiar-se a partir de um centro ainda desconhecido. Desconhecido, salvo se se admitir a existência de uma população nas Baamas na época *pré-megalítica.*

d) Argumento final, a existência no local — nas Antilhas e na América — de lendas *pré-colombianas* relacionadas com o paraíso terrestre ou, mais freqüentemente, com uma Fonte de Juventude.

Essas lendas foram amplamente comunicadas pelos indígenas aos primeiros navegadores espanhóis. Ora, a região a que dizem respeito essas tradições abrange precisamente a Flórida e as Baamas. Finalmente, as regiões em que no Velho Mundo essas

lendas são encontradas sob suas formas mais puras são igualmente notáveis pela abundância de megalitos. É o que acontece particularmente com o Oriente mediterrâneo — sobretudo Canaan — o Iêmen, o litoral ocidental da Índia, Ceilão, o Senegal, o monte Atlas, etc. Além disso, quase todos os povos que surgiram após a construção dos megalitos e viveram naquelas paragens, incluíram entre as suas tradições lendas que afirmavam a existência de ilhas ou de uma ilha dos bem-aventurados, ou da felicidade, situada *a Oeste do grande oceano.*



Finalmente, uma das maiores lendas da mitologia — o mito de Osíris — se refere da maneira mais explícita possível, se não a este enxamear de essência civilizadora, pelo menos àquela primeira pátria abandonada da qual se lembravam como de um verdadeiro *paraíso terrestre.*

O MITO DE OSÍRIS E O "LIVRO DOS MORTOS"

Salve, ó estrelas da Anca
Vós que brilhais no céu boreal
Em meio ao grande lago...

Livro dos Mortos (cap. XCVIII).

UM MITO QUE ATRAVESSA OS TEMPOS

É a Plutarco que devemos o conhecimento do único grande mito da antiga cultura do vale do Nilo que chegou a íntegra até nós. Na ocasião em que foi transcrito por Plutarco, esse mito já havia atravessado com êxito várias daquelas revoluções religiosas peculiares à história do Egito antigo. Foi provavelmente o espírito democrático desse dogma, que "garantia" a todos os fiéis a sua imortalidade futura independentemente de sua categoria social, que tornou possível a sua sobrevivência.

Vê-se geralmente no mito de Osíris ou, melhor dizendo, na aventura terrestre e celeste da família do deus — sua mulher, Ísis, e seu filho, Hórus — uma tradição relacionada com dados religiosos. Os exegetas e comentadores sempre ali encontraram tudo que quiseram, desde a noção do deus iniciador até a luta das forças da natureza, do culto

dos mortos ao da fecundidade, e da concepção do crime a clamar por vingança do mais generoso dos perdões. Embora a religião egípcia tenha sido menos a expressão de um dogma que um conjunto de práticas rituais, o conteúdo filosófico do mito de Osíris presta-se melhor à análise que a série de acontecimentos de ordem humana que acompanham a sua trajetória.

Lembremos, entretanto, rapidamente, o que está em pauta. Conta o mito o conflito que contrapõe Osíris — filho de Geb (a Terra), rei do universo e esposo de sua própria irmã, Ísis — a seu irmão, Set, que os invejava. Sem de nada desconfiar, Osíris aceita participar de um banquete oferecido por Set e seguido de um estranho concurso que não passará de uma armadilha. Set oferece àquele dentre os seus convivas que conseguir preenchê-lo, nele se introduzindo, um cofre magnífico. Chega a vez de Osíris. Assim que o deus se introduz no cofre, seu irmão lança mão dele, fecha-lhe a tampa e atira tudo na água. Ísis, em prantos, encontra o cofre na Fenícia. Ela o traz de volta para o Egito e o oculta num pântano. Mas Set torna a encontrá-lo e para acabar com Osíris de uma vez por todas, retira o cadáver e o corta em pedaços. Com a ajuda do deus Chacal, Ísis reconstitui o *puzzle* macabro e mumifica o seu esposo. No segundo ato, Hórus vinga seu pai atacando Set, ferindo-o e aprisionando-o, e depois levando-o à presença de sua mãe. Ísis perdoa e Osíris chega ao reino dos mortos para oferecer a coroa a seu filho.

Mas nesta história não existe apenas amor e inveja, vingança e perdão: há também geografia. Os autores modernos só vêem na Fenícia onde se encontrava o cofre, e no pântano egípcio onde o oculta Ísis, dois sítios anódinos, indispensáveis à economia espacial e temporal da narrativa. Quanto a nós, vamos dar ênfase à posição geográfica do reino dos mortos.

Para os antigos egípcios, habitantes do vale do Nilo, esse reino dos mortos localizava-se num ponto qualquer *a Oeste.* Imaginário ou não, para todos os povos da Antigüidade clássica, o Oeste é a terra mais distante.

O PARAÍSO DO "LIVRO DOS MORTOS"

Esse Oeste lendário está sempre ligado à idéia de um perdido paraíso terrestre que se procura recuperar no além. As alegrias prometidas por esse além são as que deviam ser oferecidas por aquela terra abandonada. Essa idéia reflete ao mesmo tempo a convicção dos egípcios de terem uma origem alheia ao seu próprio país.

É assim que no capítulo XXXII do *Livro dos Mortos,* Osíris se exprime nos seguintes termos: O *antigo Deus, o grande.../ Colocou em meu poder o país dos Mortos, / A bela Amenti /*

Mais adiante (cap. LXII), na invocação que todo candidato ao paraíso deve pronunciar, Osíris torna a especificar:

Pois meu nome é o que penetra vitorioso;
Que o domínio das águas me seja confiado
Pois eu já possuo o dos membros de Set!
Eis que atravesso o céu,
Sou o deus com cabeça de leão e sou Rá;
Sou o deus Smam; dentro de mim
Resplandece a constelação de Khpesh
Agora percorrendo os lados e caminhos
Dos campos dos bem-aventurados
Tomo posse de minha herança celeste!

No céu ou na terra — distinção difícil de ser estabelecida em virtude do importante papel do sobrenatural na interpretação do cotidiano e dos indecisos limites entre o real e o fantástico no pensamento dos antigos egípcios — a "bela Amenti" era uma região situada a oeste, cheia de lagos e veredas, correspondendo não somente aos *Campos dos bem-aventurados* como também a outras divisões bastante particulares, e que a tradição transmitia como uma herança às gerações futuras. Domínio do além, a Amenti compreende com efeito duas regiões: *Sekht-Hotep* — os Campos da paz divina — e *Sekht-Ianru* — os Campos de juncos. Posteriormente, elas foram também denominadas *Campos da paz* e *Campos dos bem-aventurados.* À Amenti conta, além disso, com uma capital, a cidade de *Sekhem,* onde se encontra um santuário — o altar divino de Osíris.

No mito, Osíris aparece sob o aspecto do homem cósmico decaído, paralisado, aprisionado, cujo corpo material é entregue às forças do mal. Corresponde assim, estranhamente, ao primeiro homem dos gnósticos, confundindo-se aproximadamente com o Adão Kadmon da Cabala, considerado como protagonista da tragédia cósmica inicial. Prefiguração de Cristo, sua aventura, semidivina e semi-humana, é como que um mito cristão às avessas, visto ser aqui o pai quem se sacrifica e o filho quem "restabelece" as coisas em sua condição primitiva.

Sempre de acordo com a lenda, a cidade de Sekhem teve um destino trágico. Após ter servido de palco para as lutas travadas por Hórus para vingar seu pai, ela foi destruída ... "durante a terrível noite das tempestades e das inundações *(Livro dos Mortos,* cap. LVIII).

Consideremos porém essas duas regiões — os Campos da paz e os Campos dos bem-aventurados — vistas do Egito. O mundo do "além" é portanto assolado por uma tempestade e por inundações. A tempestade — que de acordo com alguns textos também pode ter sido de fogo — fere sobretudo os Campos da paz, enquanto os Campos dos bem-aventurados são, por sua vez, vítimas de inundações, operação mais lenta. A Amenti é antes de tudo a "morada" de Osíris ("Em verdade, eu sou Osíris e moro na Amenti" cap. VIII), mas é também *a região dos canais e das correntes* pois o próprio deus é "o senhor das águas, do ar, dos canais, dos rios" (cap. LXVIII). É lá finalmente que o sol se põe. Quanto aos Campos dos bem-aventurados, sua descrição é ainda mais rica de pormenores naturais. Os textos se referem aos *caminhos* que ali se encontram, mas também à abundância de vias aquáticas e de circulação:

Ó vós que navegais entre os Campos dos bem-aventurados
Sabei que as oferendas que me são destinadas
Me devem ser trazidas ao longo deste canal...

(Cap. CVI.)

Uma invocação chega até a pedir:

Que sua morada seja no meio dos Campos dos bem-aventurados
Que ela possa usufruir das águas correntes dos Campos da paz

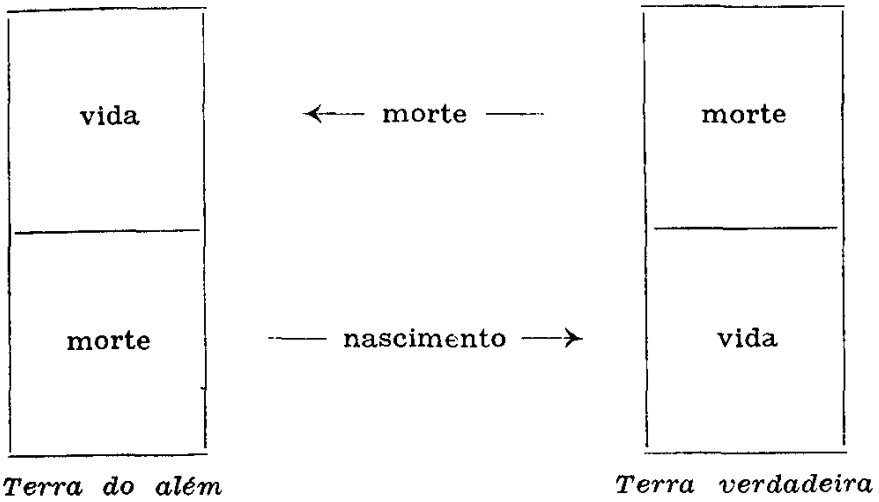
(Cap. CLXXXVIII.)

Por outro lado, o texto reconhece na Amenti o "portal do céu setentrional", chegando até a iniciar uma descrição puramente geográfica:

Eu te conheço,
Tua parte meridional se encontra na terra de Kharu,
Tua parte setentrional é formada pelo canal Ersa
Na verdade, eu os conheço, os Campos dos bem-aventurados
Esse patrimônio de Rá...

(Cap. CIX.)

Aí está portanto um Éden ocidental, que... Não, nada disso. Tudo não passa de teatro, de que dá conta o seguinte esquema:



Ao nascer sobre a terra, o homem morre para a terra do além.

Assim, todas essas tradições, esses nomes, esses pormenores não corresponderiam a coisa alguma na realidade. Entre os egípcios faraônicos, cada localidade tinha o seu equivalente no além, na Amenti, e a famosa Sekhem não passa ela própria de um duplo de Letópolis, cidade egípcia histórica. Admitir-se-á então que, para inventar isto tudo, de cabo a rabo, com tamanho luxo de precisões sem nenhum fundamento, era preciso ter um espírito dos mais estranhos. Esse espírito dos antigos egípcios, o grande mestre da egiptologia alemã Adolf Erman o qualificava por volta de 1900, de *Wahnsinn, Unsinn und Aberwitz,* isto é, de *loucura, absurdo e desatino.* Felizmente, porém, a história se incumbiu de refutar o mestre alemão e seus pronunciamentos.

Mesmo que a *terra do além* do *Livro dos Mortos* — que é também um tratado prático do ritual — seja uma terra das almas, ela teve um modelo qualquer, e esse modelo foi — deve ter sido — perfeitamente real. Porta ocidental do além ou reunião dos Campos da Paz e dos Campos dos bem-aventurados, a Amenti é alcançada depois de uma viagem que decorre sob a orientação, ou mesmo proteção, de uma determinada constelação, é esta, pura e simplesmente, a Grande Ursa, pertencente ao firmamento atlântico boreal, partindo do Egito para Oeste (cap. LXXI e LXXIV). Esta ligação espiritual e material com o Ocidente estava tão fortemente arraigada na tradição que, por ocasião dos funerais, os amigos do morto acompanhavam o cortejo clamando: "Para Oeste! Para Oeste!"

Finalmente, em toda parte se trata do *reino duplo* de Osíris que é não somente senhor do céu e da terra como também das *duas terras:*

Osíris, príncipe de Amenti...
Com o poder benfazejo do belo timão
Que resplandece no setentrião do céu;
Com o poder benfazejo do céu ocidental
Que completa os seus circuites e serve de guia para as duas terras...
Aos deuses da anca do céu...

(Cap. CXLI — CXLII.)

Ora, a "anca do céu" é a Grande Ursa, também denominada Khpesh (cap. LXII). Aliás, uma outra passagem do texto é suficientemente explícita:

Salve, ó estrelas da Anca
Vós que brilhais no céu boreal
Em meio ao grande lago...

(Cap. XCVIII).

As duas terras são igualmente mencionadas como terra *aquém e além do oceano* no capítulo CXLVIII:

Ó tu cumpridor dos circuitos e
Condutor das duas terras
Timão do Oeste...

Outra descrição, verdadeira "reportagem" sobre um sítio real visto por olhos humanos, a invocação dirigida ao segundo Iat de Amenti:

Eis, a perder de vista se estendem minhas possessões
De Sekht-Ianru ó Campos de juncos!
Vossas muralhas são de ferro
O trigo ali chega a cinco cavados
Dois para a espiga, três para a haste;
A cevada mede ali sete cavados,
Três para a espiga e quatro para a haste
Na verdade eu conheço uma porta em meio a esses campos
Por ela sai Rá para o Oeste do céu
Ao sul se encontra um lago
Freqüentado pelas aves Kharu;
Ao norte situa-se um canal
Por onde andam as aves Rá...

(Cap. CXLIX.)

Mesmo deixando de lado essas descrições, evidentemente calcadas em modelos outrora conhecidos, encontram-se igualmente minudências perturbadoras relacionadas com a localização da cidade sagrada e a sua existência real. Quanto à sua destruição, é preciso dizer que jamais, em religião alguma, se pode encontrar uma Sodoma ou uma Gomorra... celestes. Por que destruir, e portanto castigar, uma cidade que se encontra no céu? Osíris recomenda:

Constrói tua casa sobre a terra
Os fundamentos estão em Heliópolis
Os limites alcançarão Ku-aha
Seu santuário será em Sekhem
Oferendas: gado, cevada, trigo,
Levados de todos os cantos da terra!

(Cap. CLII.)

E acrescenta, mais adiante:

Minhas oferendas celestes, eu as encontro nos campos de Rá,
E minhas oferendas terrestres eu as encontro nos Campos dos bem-aventurados.

(Cap. CLXXX.)

Estou ao lado de Hórus
Quando na cidade de Sekhem
Ele arrebata aos inimigos
O braço esquerdo de Osíris, é
o que se lê no início do texto.

Aqui, nós nos encontramos evidentemente na alegoria; mas qual? O braço esquerdo de Osíris representava com efeito... o Oriente. Um Oriente em direção ao qual embarcamos abandonando uma primeira pátria, segundo indicam todos os textos egípcios antigos, e cuja situação é infinitamente melhor descrita que a de todos os sítios a oeste do Egito. Ouçamos mais uma vez Osíris:

Eu, entretanto, me tornei mais forte que os fortes
Mais vigoroso que os vigorosos.
Se, entretanto, embarcado, contra minha vontade fosse levado para o Oriente,
Pela terrível passagem dos dois cornos
Que não me agarrem os demônios
Nem me arrastem para o Oriente...

(Cap. XCII.)

Essa "terrível passagem dos dois cornos" situada no caminho que leva das ilhas do poente do oceano para o Egito, não seriam simplesmente as futuras Colunas de Hércules? O lugar devia ser então muito mais estreito e perigoso para os navegadores antigos.

Limitemo-nos, para concluir, a citar algumas passagens do capítulo CX, onde são fornecidas as instruções indispensáveis para se chegar aos Campos dos bem-aventurados e aos Campos da paz, e deles tomar posse a fim de aí morar e trabalhar realizando *todos os atos da vida terrena:*

Salve, ó senhor das oferendas ...
Set capturou Hórus
Enquanto ele fiscalizava a construção das muralhas
Nos Campos da paz.
Dessa região, conheço as águas, as províncias, os lagos,
Nos Campos da paz.
... E enquanto vivo na paz, e avanço em paz
Meu amigo atrás de mim caminha.
Em meus dois braços trago o néctar dos deuses...
Ó soberano das duas terras.

O néctar em questão, evidentemente, é a própria encarnação do deus Huo Haoma dos antigos iranianos e o Soma dos hindus — mas é também a água imortal, a fonte da imortalidade dos deuses, sua *fonte de juventude.* E ela se encontra no Campo dos bem-aventurados ...

Acrescentemos finalmente que o herói do texto, que sempre viaja de barco — celestial ou não — sente-se feliz ao se ver ... *em meio aos domínios Do deus da paz, senhor das Duas Terras,* antes de mergulhar, no fim de tudo, nas águas do lago sagrado.

A existência indiscutível de um modelo real desta terra de Amenti também se reflete num dos aspectos peculiares ao mito de Osíris. Trata-se da luta encarniçada que contrapõe Hórus e Set, e que podemos encontrar quase que em toda parte nas tradições mais antigas, sob a forma egípcia da luta em que se defrontam o pássaro e a serpente... Hórus, sob forma de um falcão representado por um disco alado, ataca o deus Set com forma de serpente. No fim da luta, Set se transforma num ser subterrâneo, símbolo das águas do dilúvio que correram para as entranhas da terra.

A VIAGEM DOS MESTRES DIVINOS

Falta ainda examinar a "migração" que levou os egípcios para o Egito. Para tanto, deixemos um momento de lado as constantes referências feitas pelos textos antigos a esse fabuloso *primeiro país,* e voltemo-nos para a chegada ao rico vale do Nilo desses "mestres divinos do horizonte do Oeste" que dali partiram após a noite trágica que presenciou a destruição de Sekhem.

Quem eram, então, esses "desaparecidos"? Como observou Marcelle Weissen-Szumianska referindo-se ao capítulo XIX do *Livro dos Mortos,* é mais uma vez este que nos vai esclarecer. Fala-se ali, com efeito, da "chegada ao primeiro país, em pequenos grupos sucessivos, dos primeiros servidores de Hórus, *vindos do Ocidente,* na outra extremidade da Líbia". O que nos permite determinar melhor as coisas, visto como o *primeiro país* depois da pátria abandonada eram as Canárias, etapa necessária.

Esses servidores de Hórus, denominados Shemshou-Hor, pertenciam, segundo diz a tradição, a um país submerso, situado a Oeste, do outro lado da Líbia, onde o sol se põe. Eram homens de tipo e origem cromagnonóide, raça cujo berço só abrange regiões atlânticas. Justifica-se a idéia de que tenham sido realmente eles que assinalaram o início da cultura egípcia, e cujos remanescentes ainda hoje são desenterrados nos altos platôs algerinos e tunisianos.

As migrações dos servidores de Hórus, cujos vestígios materiais podem ser encontrados do cabo Juby até a Núbia, em direção ao Egito, trouxeram para esse país o saber e a técnica que lhe iriam conferir poder e glória durante um período extremamente longo. Entre os Shemsou-Hor encontravam-se com efeito alguns dos primeiros metalurgistas da história, os Mesentiou, cuja lembrança ficou preservada nos textos e inscrições do vale do Nilo.

Pode-se perguntar quais teriam sido as contribuições específicas desses primeiros colonizadores que, misturando-se aos autóctones, lhes inculcaram necessariamente algumas de suas tradições e conhecimentos. Independentemente dos mitos de ordem religiosa — entre os quais o de Osíris — que desenvolvem à sua maneira uma "teoria" sobre suas próprias origens, e das técnicas associadas à metalurgia ou ao trabalho da pedra, pode-se admitir que eles tenham contribuído acentuadamente para fundar a cosmografia, a geografia, a corografia e a ciência das medidas.

Apolônio de Rodes escreve em suas *Argonáuticas*:

"Conta-se que um homem saído do Egito (Sesós-tris) percorreu a Europa à frente de um forte e corajoso exército. Conquistou uma infinidade de cidades, algumas ainda hoje habitadas, outras despovoadas; pois decorreu desde então um número muito grande de anos. Os descendentes desses homens conservam de seus ancestrais tabuinhas gravadas onde estão traçados os limites da terra e do mar, as estradas e caminhos, de modo a servirem de guia para todos os viajantes."

Foram recentemente (1971) descobertas no Ural inscrições egípcias que confirmam essas viagens.

Por outro lado, E. Jomard em sua *Dissertação sobre o sistema métrico dos antigos egípcios*, faz notar que ainda restam outros testemunhos da antiga topografia do Egito: "São, escreve ele, as distâncias, itinerários, tão conformes às últimas observações e esses números de estágios tão exatos, transmitidos pelos egípcios a Heródoto, a Diodoro da Sicília e a Estrabão, sempre que esses viajantes os interrogavam a respeito da distância a que ficavam os lugares; é a precisão de várias medidas de Plínio, colhidas no Egito; finalmente, a dos antigos

itinerários adotados pelos romanos e sem dúvida por eles traduzidos e que hoje conhecemos de maneira segura. Perguntarei como poderiam estar tão certas essas medidas, que encontramos assinaladas em Diodoro da Sicília e em Heródoto se os egípcios não dispusessem, segundo conta São Clemente de Alexandria, de uma corografia pormenorizada e se não existissem mapas em que todas as distâncias estivessem exatamente marcadas. As distâncias encontradas nos autores não são itinerários; mas estão em linha reta: devem ter sido portanto medidas em linha reta. Como as teriam conhecido os egípcios sem o auxílio de mapas, ou de observações trigonométricas? Aliás, o ponto de vista que estou aqui adiantando a respeito da existência de cartas geográficas entre os egípcios foi admitido por diversos sábios..."

"Pode-se perguntar qual teria sido o processo usado pelos egípcios para traçar e desenhar suas cartas topográficas. Se não existisse nenhum monumento que nos pudesse colocar na pista, uma pergunta desta natureza seria pelo menos ociosa: felizmente, porém, nós possuímos um monumento criado pelos próprios egípcios; refiro-me aos *quadrados de redução* (pantógrafo) que permitiam desenhar figuras de todos os tipos e em todas as escalas, e transportá-las em seguida para o lugar que lhes era destinado. Seu tamanho era aumentado ou diminuído seguindo-se o mesmo processo que, entre os modernos, é de uso corrente. Esse processo se baseia no exame das relações entre as linhas, fundamento da geometria. Os artistas egípcios traçavam quadriláteros desse tipo sobre todas as superfícies que deviam pintar ou esculpir; e os lados eram adequadamente proporcionais aos do plano que servia de modelo. Riscavam-se as linhas em vermelho; e no momento da execução, elas desapareciam."

E mais adiante: "Nas pedreiras exploradas pelos egípcios, encontrei também quadriláteros de redução utilizados para os desenhos dos construtores. Os mais notáveis são os de Gebel-Abufedah. Não é de duvidar que esses quadriláteros e esses traços tenham sido transportados de um plano em tamanho menor para aquelas paredes erguidas de antemão e na medida solicitada, para em seguida retirar os blocos e concluí-los fora da pedreira."

Se insistimos tanto sobre o quadrilátero de redução, é porque ele se encontra estranhamente representado — e este fato ainda não foi suficientemente observado — no Peru, por baixo do queixo de uma cabeça colossal esculpida *in situ* em Marcahuassi, cabeça essa de tipo negróide. É igualmente encontrado nas representações rupestres do Brasil, das *Canárias,* da Numídia, no itinerário saariano dos Shemshu-Hor; assim como nas chamadas figuras "mágicas" das grutas pintadas da Europa ocidental, em Lascaux, por exemplo.

Entre os ensinamentos de grande valor atribuídos pela tradição aos servidores de Hórus, o mais insignificante não é o princípio da verdade única, da *unidade* indivisível — essa mesma verdade única que foi para os egípcios o Verbo e a evolução do mesmo em sua consciência — a que é preciso acrescentar uma outra idéia-força: a de que a forma é sempre e apenas o símbolo de uma função. Se acrescentarmos também que a importância atribuída aos números considerados como esteios da *ciência unicamente,* chega-se a uma outra concepção, de ordem iniciática, também atribuída pela tradição aos servidores de Hórus — a idéia do homem antropocósmico contida em Luksor, este templo do Homem.

Escutemos o Mestre-de-obras falando com seu discípulo: "Para conhecer os Números, fica sabendo que a Unidade é de natureza tríplice, como o Verbo de Deus. O Número todo se baseia nesta trindade do ponto e no triângulo de superfície: mas o volume ternário é construído sobre as quatro colunas dos elementos ou Qualidades essenciais das coisas. Só quem pode ir do ponto para o volume é o Criador que, do nada faz o Todo."

"Mas tu, criatura, deves buscar o ponto a partir do volume: pois todas as coisas

perceptíveis são volume, espaço ou Espírito encerrado".

"A lógica do teu cérebro não tem nenhum poder sobre o Número. Este é o Verbo de Deus e comanda a Inteligência. Deixa os algarismos que enumeram as coisas para a inteligência da cabeça, e procura o Número Na Inteligência do teu coração."

"A primeira superfície é o triângulo, e sua raiz é a Unidade incompreensível. Quando essa Unidade-superfície — o triângulo — se desdobra há o macho e a fêmea, o par procriador pelos quatro Elementos: é o quadrado cortado pela diagonal."

"Os quatro Elementos são o quadrado do céu. Fica sabendo que o lado de um quadrado é a base de todo triângulo retângulo. Traça no quadrado as diagonais: elas formam quatro triângulos que são iguais entre si fazendo assim aparecer a lei essencial que rege os triângulos retângulos, lei de toda ciência aplicada dos Números. Agora, conheces apenas a sua função. Procura saber qual é a sua natureza e sobre essa base traça o Esboço da Arquitetura do Mundo."

"O primeiro Número é Três, o segundo é Quatro, o terceiro é Cinco; são os valores primeiros dos lados do triângulo retângulo sagrado, cuja aplicação tem inúmeras conseqüências."

"Toda superfície é curva, porque o mundo é um Devir e um Retorno; nele, tudo é cíclico. Calcula como se essa superfície fosse plana, *mas com os Números que retificam esse plano em curva:* caso contrário, hás de ser agrimensor e não geômetra do Templo. Não traces a curva a não ser para o céu e para o que diz respeito a Osiris: o Devir e o Retorno. *Nossos Números são universais, e nossas medidas estabelecidas para retificar a reta em curva, os planos em volumes, o comprimento em Tempo, o céu no homem, a gênese em vida.* Deus é o modelo porque é o Senhor de tudo em Tudo."

"O homem é feito à imagem do céu, olha as imperfeições do corpo para conheceres os erros que ele ainda terá de pagar, mas fica sabendo que ele é o Universo; eis porque o tomaras como modelo na medida em que ele é reflexo do Deus criador. Toda a obra de criação está no homem; põe o homem em seu lugar no Templo. Ele nasceu e há de morrer: entre esses dois extremos, ele vive."

"Sua face é a palavra de sua vida: a boca exprime seu pensamento, os olhos revelam sua consciência. Sua voz pode reproduzir todos os sons da Natureza, todas as palavras pronunciadas. Cada gesto do homem fala. É ele a encarnação completa do intangível e do inaudível. Verbo que, através desta forma, se faz conhecer. Torna viva a estátua fazendo-a exprimir a verdade do Neter."

"Quando representares um corpo humano sobre a muralha, mostra apenas um dos lados se o outro for idêntico; mostra-o de frente se houver desigualdade entre as duas partes, pois o homem é uma dualidade em sua natureza decaída, mas a Unidade em sua origem."

"O lado oriental recebe, o lado ocidental dá (no homem). O Mal está no seu cérebro que sempre separa: o Bem está em seu coração — *ib hati* — que sempre une."

"Farás assim falar a imagem do homem".

Se tomamos a liberdade de reproduzir quase que na íntegra este longo trecho referente à arquitetura do templo faraônico, publicado no livro de Schwaller de Lubicz, foi menos por sua beleza excepcional que em virtude de uma de suas frases: *"O lado oriental recebe, o lado ocidental dá."* Não será esta a assinatura dos Shemshu-Hor?

E como se não bastasse admirar o templo dos antigos egípcios, sendo porém preciso *lê-lo,* decifrá-lo. O mesmo se pode, aliás, dizer dos monumentos erigidos pelos homens dos megalitos na Europa ocidental. Tanto num caso como no outro, é preciso não desconhecer o papel primordial e a força motora do símbolo. Tudo que nele fica dito já de há muito

havia sido formulado.

Assim, Marcelle Weissen-Szumlanska pôde escrever que se "do horizonte ocidental veio, já evoluída, a assim chamada civilização egípcia, somente essa origem e o tempo de que lhe fora dado dispor podem explicar o grau de perfeição e os conhecimentos aplicados contidos nas obras e ensinamentos dos servidores de Hórus, e com eles implantados diretamente, *desde o início, sem transição,* nas margens do Nilo."

A isto — e muito embora as origens *ocidentais* da cultura egípcia e dos próprios servidores de Hórus tenham ficado comprovadas por textos deles mesmos — a resposta habitual busca desviar a questão procurando demonstrar que o Egito faraônico teve origens exclusivamente africanas. Provavelmente porque o Egito atual pertence à África e esta, em busca de sua própria história, reivindica as tradições antigas.

Muitos autores estão plenamente convencidos das origens *meridionais* — isto é, negras e etiópicas — da cultura dos faraós. Baseiam-se eles, para confirmar essa sua convicção, no mito de Osíris que identifica o deus ao Nilo salvador, enquanto Pífia, seria o vale fértil. Pífia redução do mito dos "agricultores" com objetivos nacionalistas. Não basta porém, isto. O país de onde vieram os antepassados civilizadores, trazendo o saber, a filosofia, a técnica, passa a ser, de acordo com essa interpretação, o Kênia! Seguindo essa mesma ordem de idéias, Osíris simboliza o princípio fértil, eliminado por Set, o deserto, etc.

Por certo, é inegável que por ocasião da chegada dos servidores de Hórus existia no Egito propriamente dito um caminho que se dirigia de Sul para Norte. Entretanto, a explicação para esse fato deve ser buscada na circunstância de terem os emigrantes seguido a princípio para Leste, tendo sido apenas depois de se deterem na altura da Etiópia que se encaminharam para o Norte. Nem todos, entretanto, outros foram encontrar o Nilo em Ábidos.

É até possível que a confusão dos itinerários que hoje leva certos especialistas a se manifestarem a favor de um país de origem centro-africano se deva às *etapas etiópicas* da longa viagem continental dos Shemsu-Hor. Se escrevemos a palavra *etiópicas* no plural é porque havia naquele tempo *duas* Etiópias. Uma delas — a Etiópia meridional — coincidia com a que hoje conhecemos, ao sul da Núbia e do Sudão egípcio. A outra — a Etiópia ocidental — situava-se precisamente em frente das Canárias, na costa ocidental da África. Aliás, o texto da *Odisséia* é formal quanto a este ponto. Lê-se ali, com efeito: "Tinha ido o deus em visita aos etíopes em seus distantes países, os etiópios que, situados nos confins do mundo, se dividem em dois povos, olhando um para o poente, o outro para ocidente."

Até mesmo um exame antropológico das múmias dos grandes reis e altos dignitários egípcios se revela contrário a uma origem puramente africana e negra. Quanto aos parentescos etíopes, ficam eles perfeitamente explicados quando se leva em conta, por um lado, a distância e a tão prolongada duração do trajeto entre o cabo Juby e o sul do Egito, e por outro lado a presença naquela época de elementos cromagnonóides originais entre a população do oeste da África.

Foram feitas tentativas de reconstituição das vias de comunicação graças às quais os servidores de Hórus puderam percorrer os milhares de quilômetros que medeiam entre o Atlântico e o vale do Nilo. Apareceram várias: o caminho ao longo da costa norte-africana, o que seguindo ao longo dos platôs da Numídia e da Mauritânia transpondo o monte Atlas, ia dar nas Colunas de Hércules; o caminho que acompanhava o litoral até o lago Tritoniano. Se considerarmos apenas as condições geográficas da época, diremos que com toda a certeza o mais freqüentemente usado era o que passa pelos oásis de Dakhel, Kargueh, Kufra e Merzug. Indo dos sítios dos amonianos até os dos atalantas, e seguindo

daí até o cabo Soloeis, esse caminho alcançava o oceano bem em frente das ilhas Afortunadas, ficando isto tudo indicado nos dados geográficos que nos foram transmitidos por Heródoto. Falta ainda examinar a data dessa migração. Abrindo um livro de história lemos: "Superpondo-se às civilizações pré-históricas de Badari, Marimdé e Negada, erguem-se por volta do ano 3.000 a.C. dois reinos, o do Alto e o do Baixo Egito. Esses dois reinos foram reunidos sob Narmer e Aha..." Fechemos o livro e voltemos aos servidores de Hórus.

CRONOLOGIA E SHEMSU-HOR

De acordo com os velhos textos egípcios, o período anterior à instauração da realeza às margens do Nilo como instituição duradoura e relatada, abrange cerca de 23.200 anos. Foi a duração atribuída aos deuses e às sete "dinastias" que teriam vindo depois de Hórus.

No entanto, até mesmo Heródoto que, em geral, só refuta com a mais extrema prudência os dados fornecidos pelos egípcios, hesita em confirmar essa duração e a reduz a 18.000 anos. Depois disto é que reinaram os servidores de Hórus propriamente ditos, e durante 13.420 anos, tendo precedido os unificadores Menes e Aha.

23.200 + 13.420 = 36.620 anos
18.000 + 13.420 = 31.420 anos

São algarismos realmente assustadores e justificadamente contestados pelos historiadores e egiptólogos modernos. Marcelle Weissen Szumlanska, que estudou pormenorizadamente a viagem dos servidores de Hórus através da África, calcula que ela se tenha "efetuado pelo menos quatro ou cinco milênios antes da história, isto é, antes das mais antigas fontes escritas". É esta também a opinião de E. Drioton que estudou durante muito tempo o *Livro dos Mortos*.

3.000 + 5.000 = 8.000 anos

Fiquemos com este ponto de vista.

Oito mil anos antes de Cristo, um grupo de Shemsu-Hor avançava penosamente pelo continente africano em direção à terra que o pai da história — Heródoto — deverá um dia qualificar de "dom do Nilo", para transformar uma região efetivamente propícia num verdadeiro dom do *grande rio*.

Foi realmente erguida uma ponta do véu que ocultava a fundação do mundo egípcio; persistem porém, ainda, algumas obscuridades. Entre elas, tudo que diz respeito aos períodos anteriores e imediatamente subseqüentes à separação da *primeira pátria* e à diversificação das direções adotadas por esses grupos de emigrantes. Tudo leva a crer, no entanto, que eles tenham carregado bagagens diferentes quanto às tradições e às técnicas em função do lugar e da ocasião de sua partida. Pode-se também pensar que depois de se terem os Shemsu-Hor encaminhado para as Canárias, e de lá para o Egito, seguindo os grandes caminhos naturais, "outros" navegaram em direção às grandes terras insulares a Leste do oceano, impelidos pelo grande dragão líqüido: o Gulf Stream. Chegaram assim à Irlanda, Inglaterra e Bretanha, assim que o clima o permitiu, tendo mesmo transposto as Colunas de Hércules, a antiga Canaã. Quem sabe, talvez alguns, tendo partido na direção oposta, chegaram às grandes ilhas do mar das Caraíbas, às costas do Yucatã, da Colômbia e do

Brasil até a foz do Amazonas. Durante esse tempo, as águas iam subindo, para lentamente submergir Buêmen — a Coroa...

Há algum tempo, foi editado em Paris um livro cujo autor propunha a seguinte pergunta: "Será mister situar no ventre, ou *Van,* das Américas, ou seja, na cavidade entre as duas partes que as compõem, o lugar para os homens entre todos sagrado por ter sido o berço da raça?" Intitulava-se esse livro *La Couronne est au fond les eaux* (*A Coroa está no fundo das águas*). O próprio Osíris era designado como "o senhor da Coroa". A coincidência é, pelo menos, sugestiva.

PLATÃO NA HORA DA VERDADE

São anfiguris como estes que explicam por que motivo os historiadores e sábios se irritam com tanta freqüência à simples menção da Atlântida... De fato, os argumentos dos atlantistas foram propalados durante tanto tempo e com tamanha convicção que muita gente inteligente já não consegue separar os fatos da ficção.

RELER PLATÃO

Mais de quatorze mil escritos — manuscritos, livros, artigos — publicados depois que os homens da Renascença releram Platão, com os olhos do sonho bem abertos, representam uma produção de que se pode gabar a atlantologia. Entre essas obras — muito mais destinadas a reacender o fervor dos crentes que a convencer os céticos — são entretanto bem poucas as que apresentam o texto do filósofo grego ao lado de documentos egípcios de modo a permitir um confronto. Assim, quando se procuraram vestígios dos pretensos atlantas na história escrita da terra dos faraós, só se cuidou dos "povos do mar", de seus saques e invasões, o que só contribuiu para emaranhar ainda mais uma situação que bem poderia ter passado sem isto.

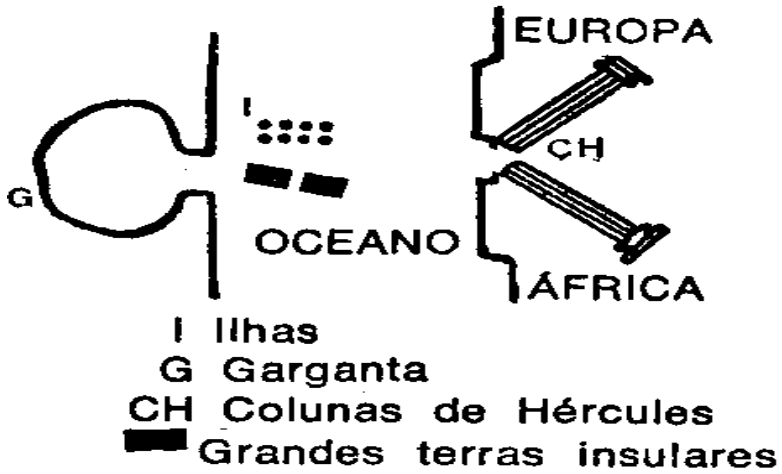
Se nos voltamos, por nosso turno, para a Atlântida, não é com o intuito de associá-la de uma maneira qualquer ao platô submerso das Baamas. Pelo contrário: assinalando as diferenças, nós nos propomos a mostrar que localizar uma velha civilização — talvez uma das civilizações que geraram as demais — ao largo da Flórida não significa identificá-la com aquilo a que se dá habitualmente o nome de Atlântida.

Deixando de lado a Atlântida de Platão, que desde então vem sendo colocada aqui e ali, pelo mundo afora, transportada da Suécia para Creta, e do Saara para o Irã, nós nos limitaremos a rever, em busca de certos, pormenores, os textos de Platão. E antes de mais nada, o *Timeu,* que descreve ao mesmo tempo os sítios e a catástrofe: "... Naquele tempo, podia-se atravessar aquele mar. Havia uma ilha, em frente à passagem a que dais o nome de Colunas de Hércules. Essa ilha era maior que a Líbia e a Ásia reunidas. E os viajantes daquele tempo podiam passar dessa ilha para as outras, e dessas outras podiam alcançar todo o continente, na margem oposta desse mar que merecia verdadeiramente o seu nome..."

Quanto à catástrofe: "Mas no tempo que veio em seguida, houve tremores de terra assustadores e cataclismas. No decorrer de um único dia e de uma noite terrível, *todo o vosso exército* afundou de uma só vez debaixo da terra e também a ilha Atlântida mergulhou no mar e desapareceu. Eis porque, ainda hoje, o *oceano é ali difícil e inexplorável, em virtude do obstáculo dos fundos lodosos e muito baixos que a ilha, ao se afundar, depositou."*

Se procurarmos realizar essa descrição de acordo com o método policial do retrato-

falado, verificaremos que estamos diante de elementos profundamente diferentes uns dos outros. Geograficamente falando, indo do nascente para o poente, nós temos em primeiro lugar as Colunas de Hércules; diante delas, no oceano, uma ilha, depois várias outras terras insulares de menor extensão, e finalmente um continente. O que nos dá: Platão se interessa muito particularmente pelo estreito que separa as ilhas do continente, já que acrescenta: "De um lado, no interior desse *estreito* a que nos referimos, parece que existe apenas uma enseada com gargalo invertido; de outro, do lado de fora, há esse mar verdadeiro e a terra que o cerca e a que se pode chamar verdadeiramente, no sentido próprio da palavra, um continente." A enseada em questão não seria o golfo do México? Nesse caso, as ilhas do texto passam a ser exatamente as que orlam as costas da América, da Flórida à Venezuela. O estreito é o que separa a Flórida das Baamas e o "gargalo apertado" a distância entre Cuba e a extremidade do Yucatã...



a) *Imagem do sítio segundo a hipótese atlantidiana clássica.*

b) *Retrato-falado do sítio segundo a hipótese de uma presença humana no platô das Baamas.*

Isto, evidentemente, não passa de uma hipótese, mas que começa a se tornar interessante — ao que nos parece — quando a Platão acrescentamos alguma coisa de Plínio. Escreve este, com efeito, no sexto livro de sua *História Natural:* "No lado oposto ao do golfo Pérsico e frente à costa da Etiópia, situa-se a ilha Cerne. Não se conhecem ao certo nem seu tamanho, nem sua distância.

Políbio situa esta ilha Cerne na extremidade da Mauritânia, frente ao monte Atlas, a oito estádios do continente. Cornelius Nepos fala numa Cerne, à qual não atribui mais de duas milhas de perímetro. Frente ao monte Atlas fica, *segundo se diz, a* ilha Atlântida, depois da qual, a cinco dias de navegação, a terra firme só oferece desertos até a região dos *etíopes das Hespérides* e o promontório a que demos o nome de pico de Hespéria, onde a costa

começa a arredondar-se, desviando-se tanto para o ocidente quanto para o mar Atlântico. Diante desse promontório também se situam as ilhas Górgonas... Falam-nos ainda em duas ilhas Hespéridas que avançam em pleno mar para além das Górgonas; é preciso, entretanto, não se fiar excessivamente nessas relações e sobretudo na de Statius Sebosus que, levando os navegadores a costear o monte Atlas para seguir das ilhas Górgonas até as Hespéridas, indica para esse trajeto quarenta dias de navegação, sendo que leva apenas um para ir dali até a terra firme do continente oposto."

Aí temos, portanto, uma *Atlântida* de proporções bem modestas. Assinale-se, aliás — e nosso intuito é reler o texto de Platão tendo presentes ao nosso espírito as linhas de Plínio — que nem o próprio filósofo grego considera a Atlântida como um continente, visto como para que uma terra faça jus a esse nome, "no sentido próprio do termo", é mister que ela seja muito maior. Ele deixa bem claro que sua ilha era do tamanho da Líbia e da Ásia reunidas: trata-se porém da Líbia e da Ásia de seu tempo, isto é, aproximadamente o norte da África até o Egito e o litoral grego da Ásia Menor — a Ásia dos gregos. Além disso, para os antigos, a Líbia, a Ásia, assim como a minúscula Europa que prolonga a Trácia em direção ao Bósforo, representavam antes direções que referências a uma superfície determinada. Podemos, portanto, reduzir ainda mais as distâncias e proporções, explicadas também pelo exagero inerente a toda comparação entre termos mal conhecidos. De modo que se confundem as duas Atlântidas, a de Platão e a de Plínio.

É preciso mencionar igualmente a afirmação de Sebosus relatada por Plínio. Muito embora o enciclopedista romano ponha em dúvida as distâncias (e levando em conta o fato de que, para os antigos, as Górgonas ou Górgadas, eram as ilhas do Cabo Verde, e as Hespéridas as fabulosas ilhas dos *pomos de ouro* do oeste edênico para além do oceano), os quarenta dias determinam com exatidão o tempo que levam os navegadores para ir das ilhas do Cabo Verde às Antilhas setentrionais e centrais. Essas mesmas Antilhas só estão à distância de um dia de navegação firme do continente no qual se deve localizar o pico de Hespéria, a não ser que o situemos no pico do monte Pele, na Martinica.

Examinemos essas distâncias considerando as atuais rotas de navegação. Das ilhas do Cabo Verde até as Grandes Antilhas, temos cerca de 6.500 quilômetros. O continente fica a 200 quilômetros de Cuba e a 100-150 quilômetros das Baamas mais próximas. Esta última distância é aproximadamente quarenta vezes menor que a que medeia entre o Cabo Verde e as Grandes Antilhas. Seja qual for a opinião de Plínio, fica comprovada a equação de Statius Sebosus!

REPENSAR A CATÁSTROFE

O texto de Platão tem sido freqüentemente estudado quanto ao seu espírito, mas não quanto à letra. Todavia, é isto que se deve fazer quando se deseja ficar sabendo algo mais sobre a catástrofe que provocou a emigração.

Fala-se antes de tudo em diversos tremores de terra e cataclismas ocorridos durante um dia e uma noite; *trata-se porém apenas da submersão de um exército que atacava a Atlântida.* Ora, nas imediações das Antilhas, apontam-se inúmeras catástrofes naturais que, mesmo em nossos dias, têm matado um número maior de pessoas que as que comportaria qualquer exército da Antigüidade clássica. Citaremos apenas a erupção vulcânica do monte Pele, em 1902. Mais uma vez, portanto, é preciso não perder de vista as proporções.

"E, da mesma forma, a ilha afundou no mar e desapareceu", acrescenta de um só fôlego Platão, depois de ter contado a submersão do exército. Quem for capaz de ler nessas

palavras algo mais que um acidente natural deve ser dotado de uma poderosa imaginação. A ilha afundou... pronto. Lentamente ou não, não fica explicado. O que fica explicado, em contraposição, é que depois de decorridos milênios ("agora", escreve Platão, que situa esses acontecimentos 8.000 anos antes de Sólon), o fundo era lodoso e baixo, o que dificultava a navegação naquelas regiões do oceano. Ora, há apenas uma região no Atlântico que corresponde a essa descrição — a do platô das Baamas, em processo de submersão lenta e permanente.

O *Critias* de Platão, embora forneça da ilha uma imagem bastante minuciosa, não contradiz de maneira alguma as conclusões extraídas do estudo do *Timeu.* Por outro lado, como escrevia o jornalista científico Demetri Ioakimidis "há ali uma abundância de informações, mal justificada numa alegoria filosófica, sobretudo quando nela se vê apenas um produto da imaginação. Não teria Platão colhido a seu redor alguns dados reais que teria a seguir incorporado ao seu mito, conferindo-lhe assim um relevo suplementar"? O que nos interessa é que, além de falar numa ilha que talvez tenha sido afetada por uma erupção vulcânica, o texto do filósofo se refere a terras submersas que, decorridos milhares de anos (8.000) são responsáveis por baixios, por regiões marítimas não navegáveis, inexploráveis... Involuntariamente, o que Platão descreve é realmente o lento engolfar de terras submersas pela incansável cheia das marés. Aliás, todos esses aspectos confirmam outros, já conhecidos. L. Sprague de Camp descreve em seu livro, *Les Enigmes de Varchéologie,* que excetuando-se a narrativa de Platão e os comentários por ele inspirados, não existe em toda a literatura antiga, uma só palavra referente a Atlântida que tenha chegado até nós. Não nos parece isto exato. *O Livro dos Mortos* dos antigos egípcios, refere-se, como vimos, à mesma coisa. Em nessa opinião, seria um erro deixar de fazer uma aproximação entre certos aspectos dos acontecimentos descritos no *Timeu* e seus correspondentes no *Livro dos Mortos.* Eis por que, em última análise, o mito platônico da Atlântida, cuja super estrutura complica a análise do fundamento real, não obscurece a aventura das terras submersas das Baamas nos espelhos movediços da história. Aventura que difere do destino duvidoso da Atlântida dos sonhos...

OS CRUZADOS DAS ESTACAS DE PEDRA

Somos muitos assim, diferentes dos outros, com uma enorme quimera às costas, mais pesada que um saco de farinha ou de carvão; se nos perguntam para onde vamos, não sabemos responder, pois nada sabemos, nem tu, nem eu, nem os outros ... Mas vamos evidentemente para um lugar qualquer já que nos impele uma invencível necessidade de caminhar.

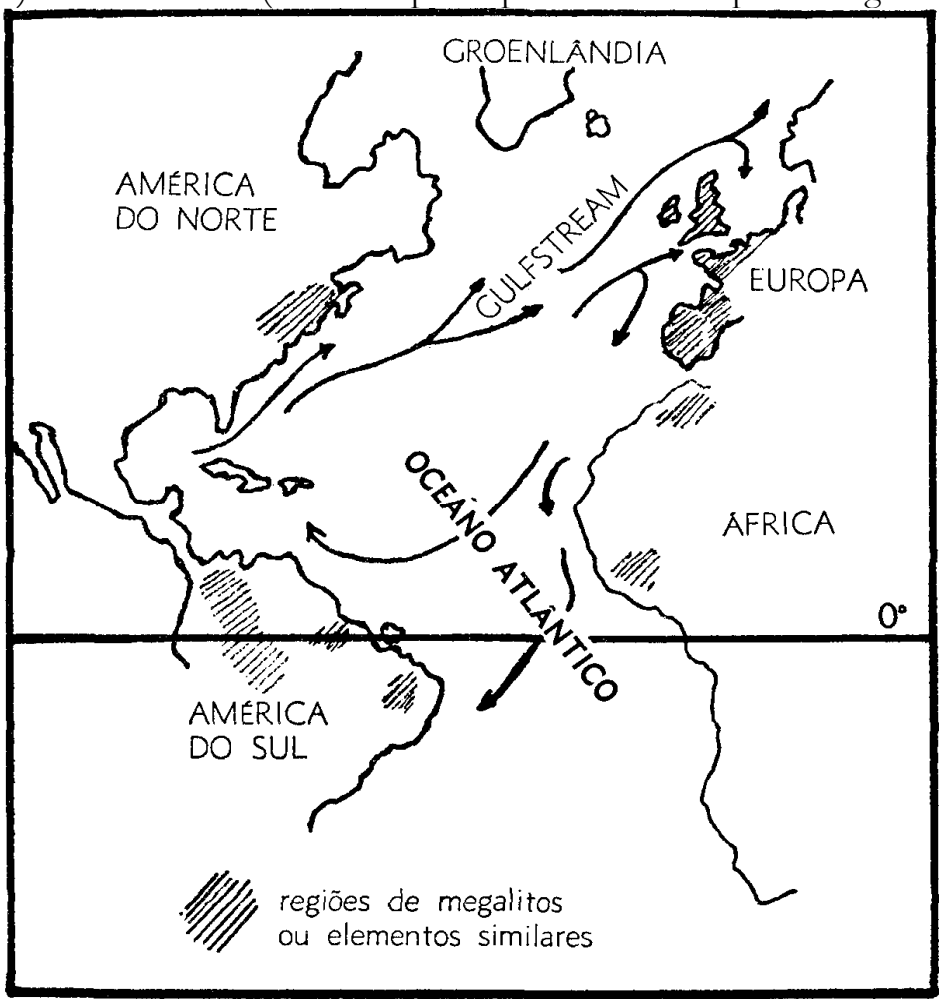
BEATRIZ DE CHAVAGNAC - *Poème à celui, qu'on rencontre*

SOBRE O MAPA DOS MEGALITOS

Vinte séculos transcorreram desde que Scymnos de Quio, que foi mais viajor que filósofo, escreveu: "Na extremidade mais longínqua da terra dos celtas, encontra-se uma coluna do setentrião, frente ao oceano de ondas revoltas. Os últimos celtas e os vênetos habitam as proximidades." Essa "coluna do setentrião" é nada mais nada menos que o grande menir de Locmariaquer.

Os megalitos... Imensas estacas de pedra, enterradas no chão, conjuntos de várias pedras gigantescas, conjuntos geométricos de marcos de pedra. Encontram-se mais ou menos por toda parte no mundo, mas freqüentemente sob forma de menires (pedras

erguidas isoladas), de cromlechs (recintos habitualmente ovais ou circulares de pedras fixadas ao solo) ou de dólmens (mesas de pedra pousadas sobre pedras erguidas).



Megalitos no mundo atlântico

É tão grande o número desses monumentos que seu estudo estatístico e comparativo — ao tempo em que revela semelhanças indiscutíveis e sublinha suas diferenças — não poderia deixar, afinal de contas, de aumentar consideravelmente o seu mistério. Jamais se organizou uma estatística descritiva dos megalitos esparsos pelos seis continentes clássicos com o intuito de submetê-la, por exemplo, a um computador. Mesmo na sua falta, entretanto, impõem-se algumas conclusões gerais.

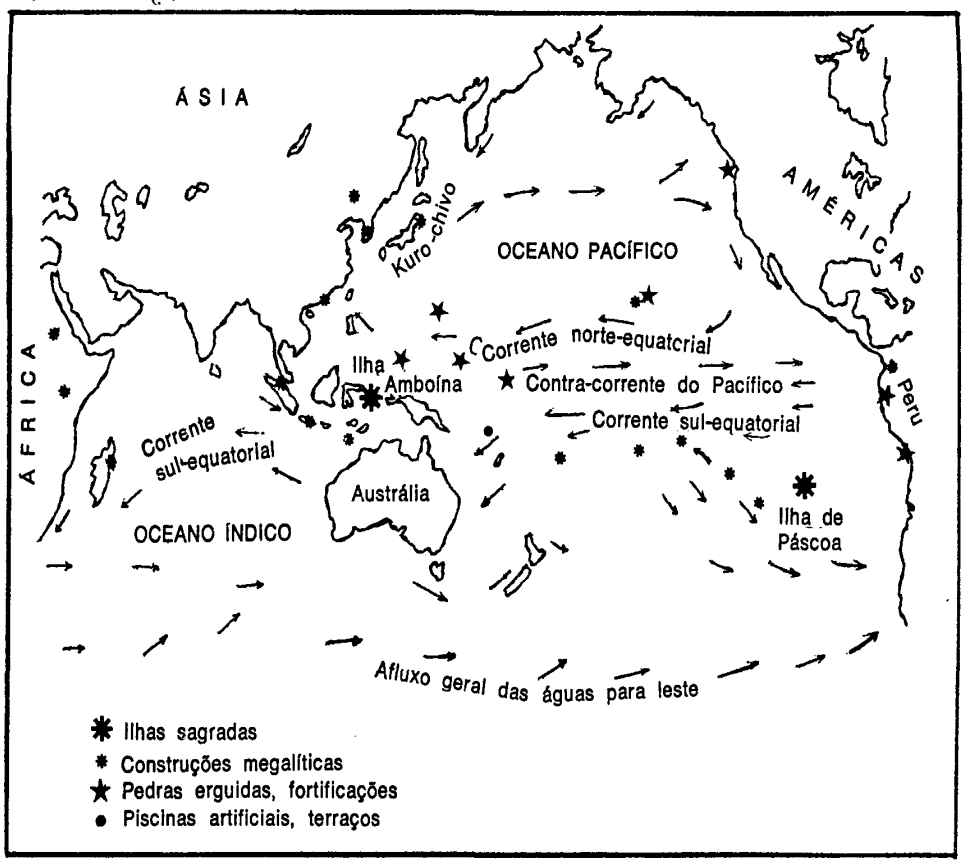
Primeira — o número encontrado é muito maior do que se esperava. Na Europa, eles podem ser encontrados desde a Escandinávia até a Andaluzia, da Escócia à Grécia, geralmente em regiões costeiras ligadas às antigas rotas marítimas. Na África, ao sul do Egito, na Etiópia, assim como nas costas da Somália, do Senegal, da Gâmbia, do Magreb. Na América, eles são encontrados onde deve ter sido outrora a *Grande Irlanda* das lendas célticas, no litoral noroeste dos Estados Unidos, no Haiti, e finalmente na *América Central, na Colômbia e no Brasil.* Também nos Açores e nas Canárias existem vestígios deles. O oceano Índico, a Índia (costa do Decão, de Ceilão) também os conhecem, assim como a Arábia, o Paquistão, a Indonésia e Madagascar. Na Oceania, nas ilhas Salomão, Nova Guiné e Nova Caledônia, na Melanesia, nas Filipinas e até na Polinésia, pedras erguidas, círculos de pedras são testemunhos da presença megalítica.

Por outro lado, se considerarmos um mapa da região dos megalitos, impõe-se imediatamente uma constatação. Todos esses monumentos se encontram *em regiões costeiras, insulares ou próximas do litoral.* Mais ainda: estão sempre em pontos que vão dar correntes

marítimas ou oceânicas, como se o traçado dessas correntes lhes houvesse proporcionado vias de difusão nas grandes bacias oceânicas do mundo. A mesma observação é válida quanto à difusão dos megalitos em bacias marítimas fechadas — Mediterrâneo etc. — e em golfos profundos.

Não menos ostensivo é o laço entre a presença megalítica e as ilhas sagradas. O astrônomo Bailly perguntou um dia a Voltaire: "Não vos impressiona verificar que tudo que há de interessante na Antigüidade ocorre em ilhas?" O fato é que a tradição sempre atribuiu a maior importância às ilhas, muitas das quais foram tidas como sagradas.

É o que acontece, no Báltico, com as ilhas Gotland e Seeland, Heligoland em frente da foz do Elba, a ilha de Man no mar de Irlanda, Malta, as ilhas Afortunadas no Atlântico oriental, Haiti, a ilha de Marafion no estuário do Amazonas, as ilhas Maldivas, a ilha Amboina na Indonésia, a ilha de Páscoa, Vancouver, a célebre ilha Branca das Serpentes — denominada outrora Aquiléia — no mar Negro, algumas ilhas do arquipélago grego, e também ilhas situadas em rios ou lagos, como a antiga ilha de Ada Kaleh perto das Portas de Perro do Danúbio, ou as ilhas do lago Titicaca, entre a Bolívia e o Peru. Todas elas têm — ou tiveram — um nome que indica o seu caráter sagrado. *Gotland* é a *ilha dos Godcs* mas também a do deus *(Got); Seeland, terra do mar,* mas também *seeleland, terra das almas*; *Heligoland: Heilliges, land, Holy land = terra santa; Marafion: Mar o = terra em quíchua, on* = sufixo elogioso indicando a *força, a atividade, a nobreza,* etc.



Megalitos no Pacífico

A ilha de Man, colocada sob a proteção do gênio Hon-Gadarn, expressão da força demiúrgica, da natureza, é celebrada nos seguintes termos por Leconte de L'Isle:

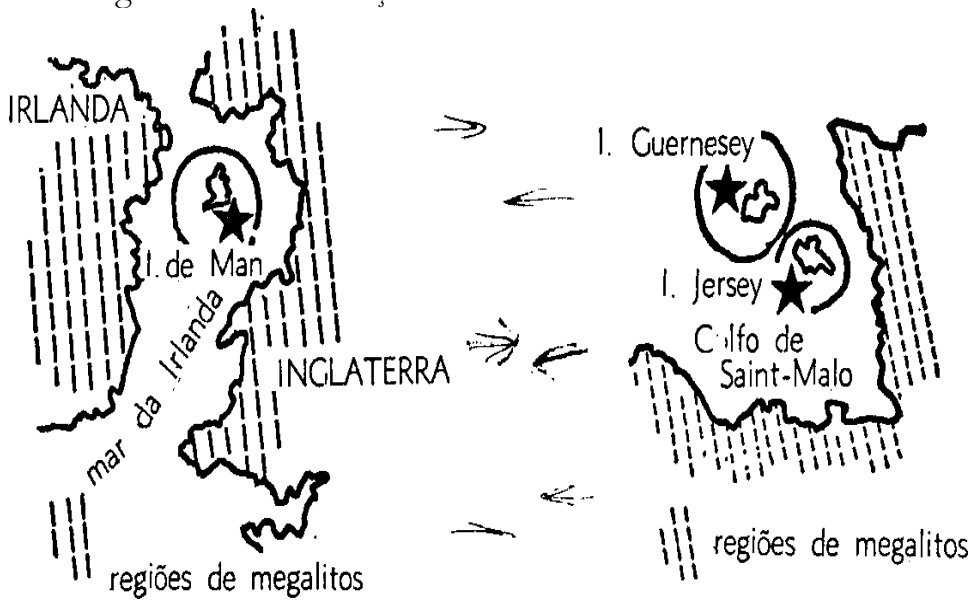
Or Mona *du milieu de La mer rude et haute*
Dressait rigiãement les granits de sa cote...
Tels que les tourbillons presses, toujours accrus
Les ãieux Kymris, du fond de La nuit accourus

Abordaient File sainte, *immuable sur l'onde,*
Mona la vénérée, autel central du monde.

[*Ora* Mona *de entre o mar rude e alto / Erguia rigidamente os granitos de sua costa... / ... / Como turbilhões apressados, sempre acrescidos / Os deuses Kymris do fundo da noite acorrendo / abordavam a* ilha santa *imutável sobre a onda / Mona a venerada, altar central do mundo./*]

Seu primeiro nome foi Mona, que se deve aproximar do grego *monos* — *único,* do celta — *men* — *menhir* — e até mesmo de grego — *menos, força vital.* Sem deixar de lado *Menes, Minos, Manu, Mani, Mane* etc, que foram iniciadores lendários, para alguns povos.

Perpetuando para os celtas o antigo Manala, sítio importante das tradições sententrionais aparecendo também na mitologia finlandesa, a ilha de Man desempenhava um papel de primeira grandeza nas crenças célticas.



Os vestígios nela encontrados fazem de Malta (a antiga Myllita, um dos nomes da deusa Deméter-Ceres) um dos pólos indiscutíveis do mundo megalítico mediterrâneo. A ilha das Serpentes, no mar Negro, próxima da embocadura do Danúbio abrigou, segundo consta, o mausoléu de Aquiles. Quanto à ilha de Ada Kaleh, no Danúbio, situada nas proximidades das Portas de Ferro que separam os Bálcãs dos Carpatos, e hoje recoberta pelas águas de um imenso lago artificial, foi ela o lugar sagrado de passagem dos bois de Gerião tangidos por Hércules até a Sicília. Esses exemplos deixam bem claro que todas as terras insulares onde existiam megalitos desempenharam em seguida um papel importante nas crenças mitológicas dos povos que nelas viveram.

A ilha de megalitos não é uma ilha qualquer. Deve ser isolada, dar a impressão de *centro surgido das águas;* nunca, entretanto, demasiadamente afastada de terra firme, de modo a poder emitir radiações sobre as costas. É o que acontece com a ilha de Man, situada entre o litoral da Irlanda e o da Inglaterra, ambos ricos em pedras antigas e lendas. É também a situação das ilhas de Jersey e de Guernesey, na abertura do golfo de Saint-Maio, das ilhas Faroer, das orçadas, das Hébridas e das Shetland perto das costas da Escócia e no mar da Noruega. A ilha de Ibiza, aprisionada entre Majorca e o litoral de Valença, apresenta uma posição semelhante, assim como a ilha Gotland, ao largo da costa sueca, a ilha de Kang-Hoa no golfo de Seul e ilha das Serpentes no mar Negro. Observe-se finalmente a posição comparável das ilhas de Malta, no meio do Mediterrâneo, e Amboina no mar de Banda, na Indonésia. De resto, essa posição de anteporto insular do continente é também a das ilhas Afortunadas, as Canárias, Açores, Cuba, Haiti, ilha de Maranon, Vancouver etc.

O que acabamos de dizer com referência às ilhas, aplica-se igualmente às penínsulas

que avançam para o mar à semelhança de mãos metidas nas ondas, como a Bretanha, a Coréia, a Calcídica, algumas das pequeninas penínsulas lançadas pela Ásia Menor em direção ao mar Egeu, a Itália entre o canal de Oranto e o Golfo de Tarento, a África em direção ao cabo Bon, etc.

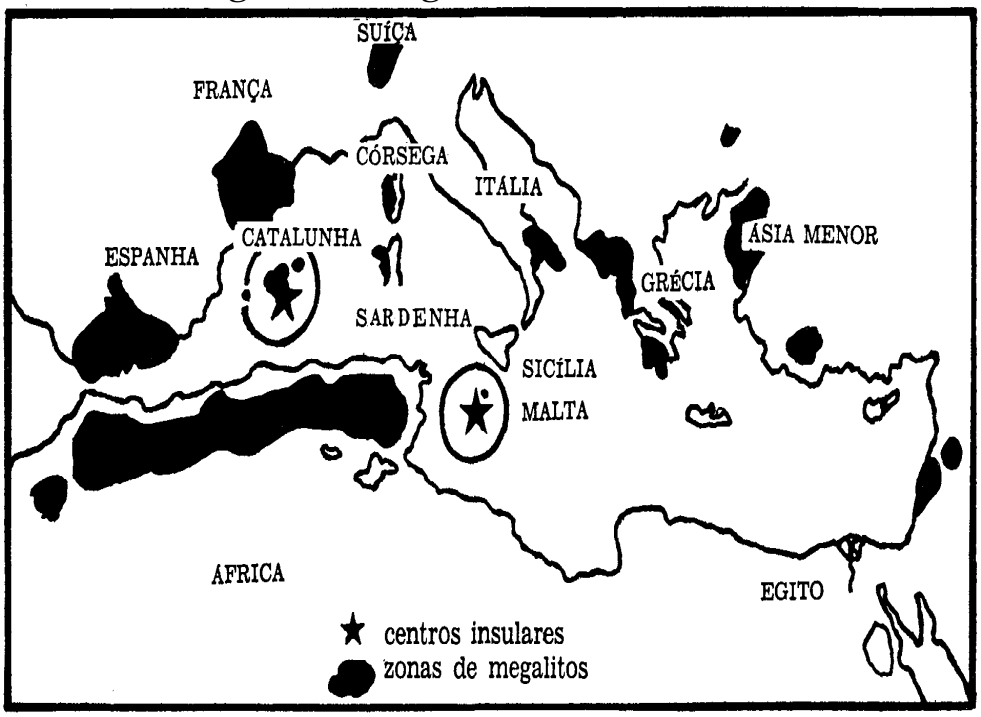
O estudo comparativo da posição geográfica das ilhas de megalitos põe em destaque um fato essencial referente a uma relação dimensional. *Nenhuma delas se encontra a mais de 150 quilômetros da terra mais próximas, da qual se afasta, as mais das vezes, apenas 10 ou 11 quilômetros.*

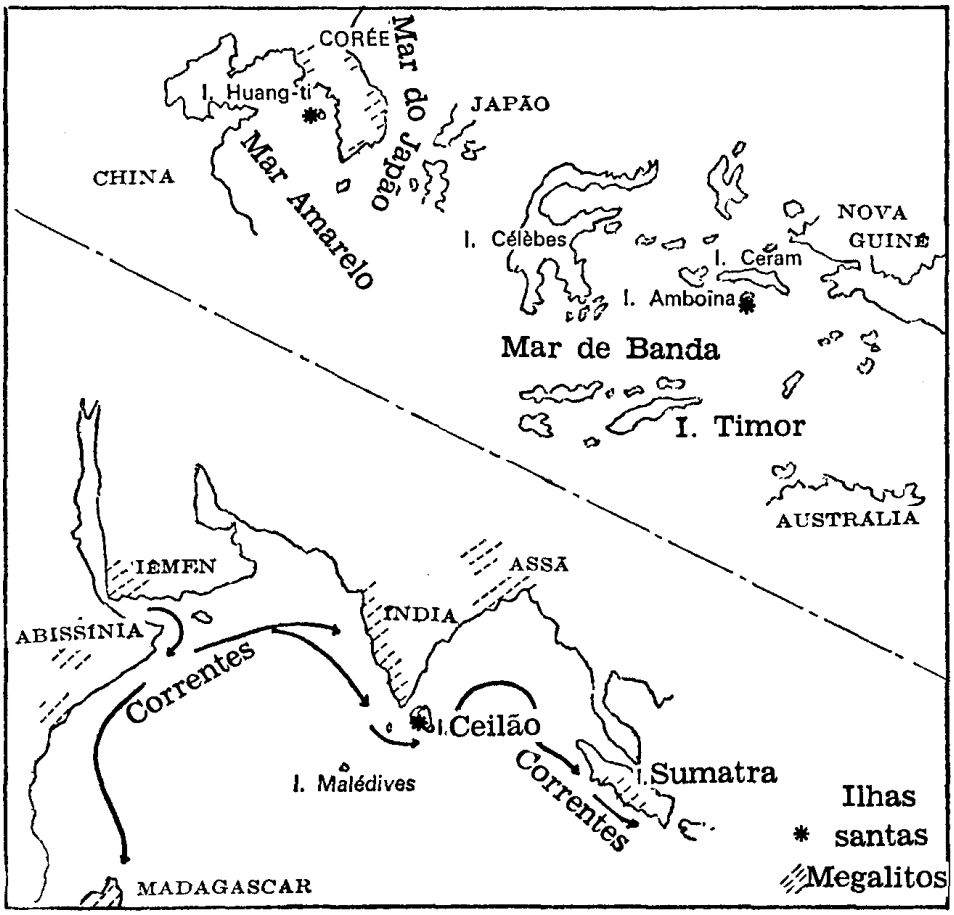
As posições recíprocas de Bimini e da Flórida servem de excelente exemplo.

Quanto ao aspecto geográfico do enigma dos megalitos, o que há de mais curioso, entretanto, *é a não uniformidade de suas localizações.*

Para nos fazermos melhor compreendidos, citaremos Fernand Niel, especialista em megalitos, com o qual tivemos demoradas conversas a esse respeito: "É preciso reconhecer, escreve ele, que são extremamente caprichosas as manifestações dos dólmens; que se saiba, sua difusão não obedece a nenhuma condição "física". Podem ser vistos em todos os terrenos graníticos ou calcáreos, em plena montanha, nas florestas ou nas charnecas, às margens de rios ou de lagos, no fundo dos vales ou nos cumes. Nessa dispersão, nada parece obedecer a leis hidrográficas, geológicas ou ortográficas. E quando a natureza dos terrenos não permite encontrar *in loco* os materiais necessários, as pedras de que se precisa são trazidas de onde quer que se encontrem, seja qual for a distância."- Exemplo clássico é o das pedras "azuis" de Stonehenge, na Inglaterra, provenientes de uma pedreira situada nas Prisely Mountains, no País de Gales, cerca de 280 quilômetros por terra. Evidentemente, trata-se de uma distância tão grande que os blocos, pesando de vinte a vinte e cinco toneladas não poderiam ser transportados sobre rolos de madeira. É preciso, portanto, que o transporte tenha sido *feito por via marítima,* por indivíduos que lhe conheciam o segredo.

Megalitos na região do Mediterrâneo





Outro enigma dos megalitos: a sua autêntica despreocupação diante da teoria histórico-materialista do móvel puramente econômico do progresso e dos movimentos históricos. Com efeito, nós nos damos conta bem depressa de que existe uma mesma densidade de dólmens nas regiões áridas e nas regiões férteis. Aos magníficos alinhamentos de Carnac, na Bretanha, região de pastoreio, rica em produtos do mar e de forte densidade demográfica, correspondem os não menos espetaculares de Mosna, no Iêmen, região de extrema pobreza, escassamente povoada.

Em última análise, é esse caráter infinitamente *particular* dos megalitos que lhes confere uma "atmosfera" comum a que nos obriga a recorrer, para compreendê-los, à idéia de uma *fonte de inspiração exterior* às regiões onde eles são encontrados. É preciso, portanto, admitir que *essa inspiração sempre transitou por via marítima.*

Mas, para que uma idéia transite pelo mundo afora, não lhe bastam os cruzados; é preciso que ela tenha também um conteúdo capaz de lhe garantir uma sobrevivência suficiente para cobrir toda a sua área de difusão. O que nos leva a perguntar quem foram os indivíduos que difundiram os megalitos e por que o fizeram.

OS HOMENS DO POLVO

Tomemos, para começar, os menires. Quem é que não conhece essas autênticas vigas quadrangulares de pedras enterradas no solo e com aspecto de losangos? Seja em virtude da natureza particular do rochedo, seja em virtude de uma geometrização voluntária (é o caso do menir de Malves, no Aude, que parece modelado por mãos humanas em forma de paralelepípedo regular), eles apresentam com freqüência as formas mais inesperadas. Seja como for, o que parece ter presidido à sua ereção é menos a idéia ou função de marcos que a de *pontos de referência no tempo* (concepção muito mais sutil). Monumentos comemorativos

que se transformaram, por isso mesmo, em monumentos culturais e necessariamente detentores das chaves do homem que os construiu, os menires ainda têm muitos segredos para revelar.

Quanto aos cromlechs, a sua diversidade de formas também se impõe à observação. A forma clássica, e a mais difundida, é o círculo. Em quase todas as regiões de megalitos, deparamo-nos com esses contornos circulares, feitos de pedras plantadas no chão, sendo os mais célebres os de Stonehenge na Inglaterra, o "Túmulo do Rei", perto do rio Senegal, os de Do-Ring no Tibete, de Orkhon na Mongólia e de Sillustanni no Peru. Observe-se que Stonehenge já representa um tipo completo de monumento megalítico.

Em princípio, os alinhamentos de pedras erguidas formam longas fileiras, por vezes de mais de um quilômetro. Os mais representativos são, indiscutivelmente, os de Menec, Kerlescan e Kermario, na Bretanha. Os dólmens, primeiros monumentos compostos correspondendo a um plano "articulado" (mesas e suportes), e os dólmens reunidos em passagens cobertas são categorias conhecidas cujas peças mestras constituem as variantes de uma série inesgotável de formas semelhantes! Na realidade, o que serve de fundamento para a sua unidade são as condições em que os encontramos.

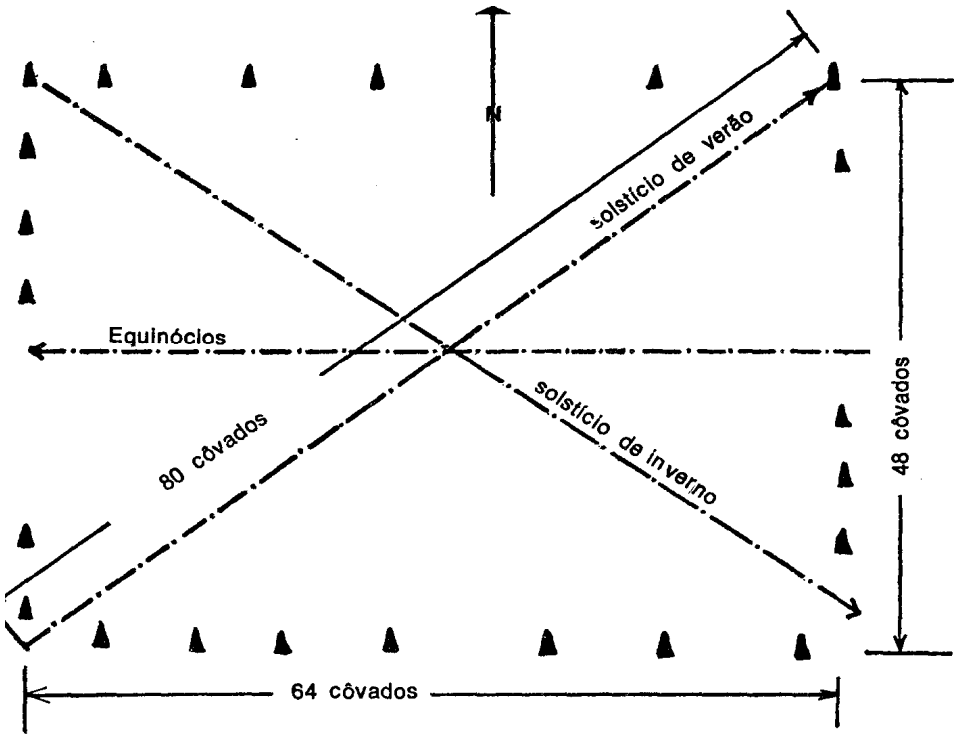
Para explicar os monumentos simples, sempre se recorreu a motivos para a localização, sem descobrir nada além de alguns princípios de orientação associados às divisões solares do ano (posição do sol nos equinócios, nos solstícios, etc). Nos monumentos complexos entra em jogo um outro elemento — *a linguagem até agora raramente decifrada, do próprio plano do monumento.* Consideremos por exemplo, o caso do cromlech — excepcionalmente retangular — de Crucuno, no Morbihan: O exame de suas dimensões — além de seu aspecto geométrico evidente e da orientação de suas diagonais em direção às posições do sol nos solstícios de verão e de inverno (seus dois lados se orientam rigorosamente em obediência ao eixo norte-sul) — revela, como faz notar Fernand Niep, que existe entre os lados do monumento e uma de suas diagonais a mesma reciprocidade que entre os números 3, 4 e 5.

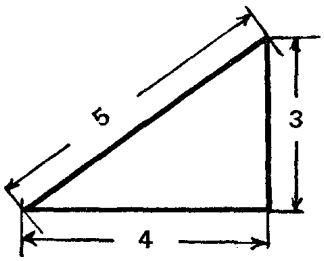
Ora, se no simbolismo dos números, que os misteriosos construtores deviam conhecer, a julgar pelo número de pedras erguidas em cada quartel do conjunto, os números 3, 4 e 5 têm significações particulares, o valor simbólico profundo da série 3, 4, 5 é ainda mais determinante.

Os egípcios conheciam perfeitamente o triângulo retângulo de Pitágoras, cujos símbolos e figurações podem ser encontrados proporcionalmente em seus edifícios, começando pela Grande Pirâmide. É aliás de importância fundamental para se traçar no solo um ângulo reto, sem o qual seria impossível orientar um templo, nem mesmo o complexo megalítico de Crucuno. Dispondo-se, com efeito de uma corda com nós de doze unidades, pode-se obter um ângulo reto por meio de três balizas correspondentes aos comprimentos 3, 4 e 5. Observe-se de passagem que ao meio-dia, a sombra mais curta dessas balizas indicava exatamente a direção do eixo Norte-Sul. Na Mesopotâmia, no Irã, as cúpulas elíticas dos templos eram sempre realizadas com o auxílio do triângulo 3-4-5.

Contando o número de pedras no sentido dos ponteiros de um relógio, da esquerda para a direita, e retrocedendo, temos com efeito 7, 3, 6 e 6 pedras (ou dois setores verticais de 7 + 6 = 13, e 3 + 6 = 9 pedras, e dois setores horizontais de 7 + 3 = 10, e 6 + 6 = 12 pedras). Na simbólica dos números, 6 representa a vida e a beleza, 3 dá a noção de família, trindade perfeição. 7 é, finalmente, o grande número dos astros móveis do céu dos antigos, elemento fundamental da cronologia e número sagrado (assim, as sete estrelas das duas ursas assinalam o setentrião), 9 é o alfa e o êmega do simbolismo dos números, a invenção

criadora. *Nove é um,* são as palavras que Goethe atribui a Fausto.





Triângulo de Pitágoras

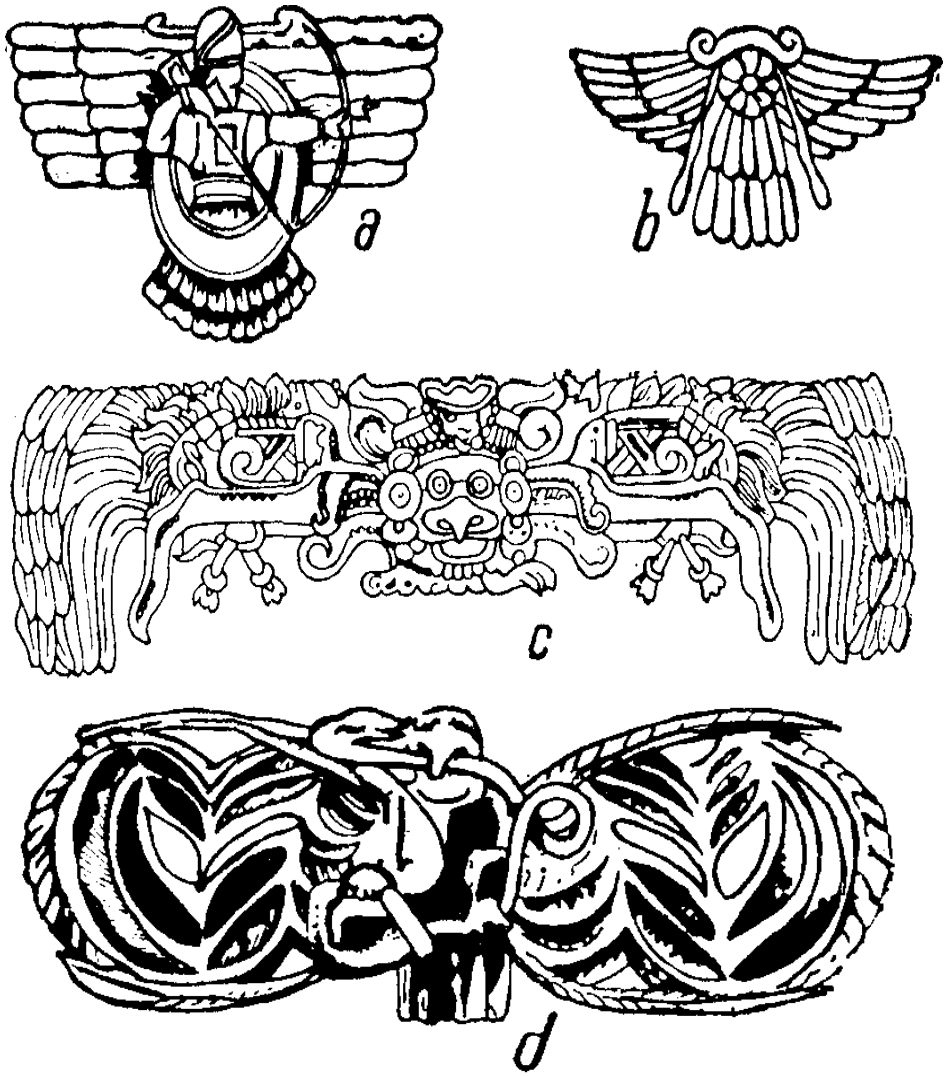
Conjunto de Crocuno (Morbihan)

Foram encontrados indícios do conhecimento e da utilização das virtudes do triângulo 3-4-5 no túmulo da rainha Chubat de Ur, na Mesopotâmia (início do 3º. milênio antes de Cristo), assim como nos princípios que presidiram à construção da Grande Pirâmide. Por outro lado, Matyla Ghika faz referências à escavações arqueológicas que confirmam o emprego desse triângulo, tido como sagrado, desde a Idade do Bronze na Europa Central. Era mister conhecer tudo isto para edificar o monumento de Crucuno. Imaginemos o seu arquiteto manejando não somente o fio a prumo, a alavanca e o plano inclinado, como também os *números* cuja lei, de acordo com a tradição antiga, preside aos sentimentos e imagens e graças aos quais o exterior, na realidade, é o interior.

Muito se tem escrito sobre o mistério de Stonehenge. Em seu livro *Stonehenge Decoded,* publicado em Londres em 1966, o americano Gerald S. Hawkins procurou demonstrar que se tratava, na realidade, de uma espécie de "computador" (...) capaz de prever as luminações, assim como os eclipses do sol, e indicando conhecimento que os gregos só adquiririam graças aos esforços de Meton. Isto é ao mesmo tempo exagerado e mal expresso. Assim como Crucuno, Stonehenge é obra de um espírito que construiu visando menos à ação que à reflexão. Os megalitos complexos são veículos de uma idéia, de um saber que, uma vez decifrado, contribui mais para o conhecimento que para os empreendimentos.

Sob este aspecto, os círculos e o número de pedras do complexo inglês de Avebury são igualmente interessantes. Examinando-se com atenção o plano do sítio, demarcado no século XVIII (quando o estado de conservação dos vestígios permitia uma reconstituição muito mais fácil), verifica-se que se trata de uma prefiguração gigantesca — praticamente análoga aos *effigy-mounds* americanos — do disco alado, símbolo antiqüíssimo do deus Sol.

Em geral, vê-se erroneamente nessa figura uma antecipação (ou uma evocação) do deus egípcio Hórus e, assim sendo, associa-se indiretamente o disco alado ao mito de Osíris. Na verdade, ele é muito mais antigo do que se imagina e se o encontramos em toda parte não é por estar associado ao Egito faraônico e sim a misteriosos "difusores" vindos da antiga *Amenti.*



O disco alado através do mundo
a. Assírio, b. Babilônio, c. Maia. d. Polinésio

Com efeito, se admitirmos que os habitantes do vale do Nilo cederam a seus vizinhos mais ou menos próximos — hititas, assírios e babilônios — um símbolo que lhes era familiar, impõe-se então que os façamos também viajar até alcançar os polinésios ou os maias, entre os quais pode ser encontrado o mesmo símbolo...

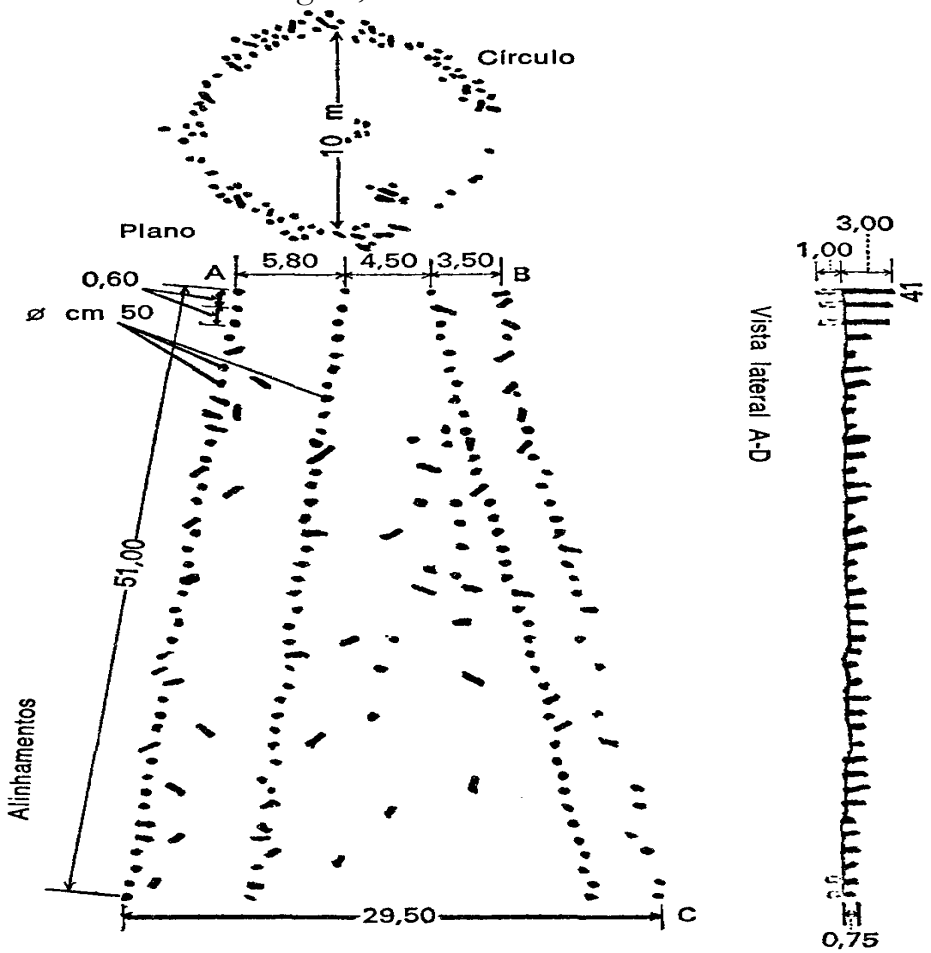
Ao reproduzirem esse disco no solo de Avebury, os construtores tiveram o cuidado de guarnecê-lo de algarismos — número de pedras erguidas — relacionados com o calendário (mês lunar de 28 dias, ano de 52 semanas e de 12 meses, etc.) Basta contar as pedras dos círculos e das alas para comprová-lo. O todo, finalmente, é dominado pelo símbolo do algarismo 9, sendo o círculo maior constituído de 81 pedras fixadas no chão.

Outro conjunto importante: o de Carnac. Seu significado real não é conhecido. Os alinhamentos comportam 2.934 menires distribuídos ao longo de mais de quatro quilômetros, sendo possível que eles representem apenas metade do conjunto original.

Todavia, nossa atenção será dirigida sobretudo para os de Menec, Kermario e Kerlestan, cujas estruturas retilíneas têm a precedê-las cromlechs semicirculares (Menec e Kerlestan) ou um dólmen (Kermario). Em Menec, existem onze fileiras de menires; em Kermario, dez; em Kerlestan, treze. E o que neles desperta nosso interesse é o fato de terem correspondentes a milhares de quilômetros das costas da Bretanha, no rochoso e árido lêmen, em Mosna. Aqui, o conjunto é menos impressionante porém mais regular: quatro fileiras de menires, três das quais intactas. Desta vez, é o trapézio que domina a geometria de um plano nitidamente traçado no solo, e a figura assim composta dá a impressão de ser a do sol cujos raios fecundam a terra...

Se em Carnac ou Kerlestan, assim como no Assa, na Índia, dir-se-ia que o construtor traçou as "linhas" de sua obra com o auxílio de uma régua gigantesca, noutros lugares tem-se a impressão de ter sido o compasso o instrumento de seus sonhos pontilhados de altas pedras. É o que acontece particularmente com os círculos ingleses de Boscowen, que nos oferecem uma excelente lição de geometria.

Apontemos finalmente os conjuntos da Suécia (Braavalla), da Argélia, da Rússia, da Livônia, (Aschenrade). Milhares de quilômetros separam esses sítios que se notabilizam pelas mais estranhas combinações de círculos e de figuras quadrangulares, falando, todas elas, uma linguagem comum: a do símbolo geométrico. Esse símbolo, por sua vez, não pode deixar de conter uma mensagem, ainda não decifrada.



Alinhamentos megalíticos de Mosna (Iêmen)

Tamanha diversidade de formas e de localizações (sendo que não nos detivemos nos

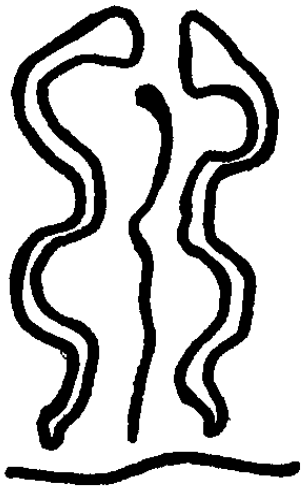
megalitos que "evoluíram" para esculturas, gravuras, orifícios ou desenvolvimentos secundários) nos leva necessariamente a investigar os objetivos que, segundo se supõe, essas construções deviam preencher. Altares ou monumentos funerários, objetos rituais, instrumentos de magia simples ou médica, de certa forma o seu mistério se iguala ao que paira sobre as pirâmides egípcias. Não se trata aqui de utilidade material, nem de explicar de uma mesma maneira a sua presença nos diferentes pontos em que são encontrados. Na mesma medida em que o princípio e *a idéia* por eles expressos lhes são evidentemente comuns, também na realização material chega-se a distinguir "escolas regionais". Cada uma dessas escolas afeta um território restrito, levando a uma espécie de "regionalização" dessas construções. No seio dessas escolas, foram até identificadas "correntes", por vezes justificadamente.

Foi este aspecto, utilizado de maneira indevida, que permitiu fazer dos megalitos americanos uma obra das tribos que jamais construíram com pedras (*Arawacs*), e transformar os da França, da Inglaterra e da Irlanda em jóias de uma mesma civilização ... céltica.

O que nem sempre se compreendeu foi que admitir a existência de escolas diferentes eqüivale a defender a idéia do desenvolvimento variado e independente da concepção megalítica entre povos diversos, ao longo de todo um período histórico, e a existência de uma *inspiração comum.* Eqüivale a afirmar, por assim dizer, que os megalitos, essa expressão da cultura, são como que uma vestimenta feita de tecidos e de cores diversificadas, tecida por sábios costureiros mais ou menos em todas as partes do mundo, com material fornecido pelo cliente e em casa dele. O "construtor" de megalitos passa então a ser um indígena que executa esse trabalho depois que um ou vários estrangeiros, vindos de outros lugares, o persuadem a fazê-lo e lhe ensinam a maneira de executar a tarefa. E esses missionários alienígenas vinham sempre do mar, segundo prova a difusão de seus edifícios.

Aqui e ali, entretanto, esses peregrinos nos deixaram algo mais que a perturbadora geometria de seus monumentos; de certa forma, eles os *assinaram.* Nem sempre, evidentemente, mas com uma freqüência que nos permite tentar uma identificação a partir dos signos gravados nas paredes dos dólmens ou esculpidos na pedra.

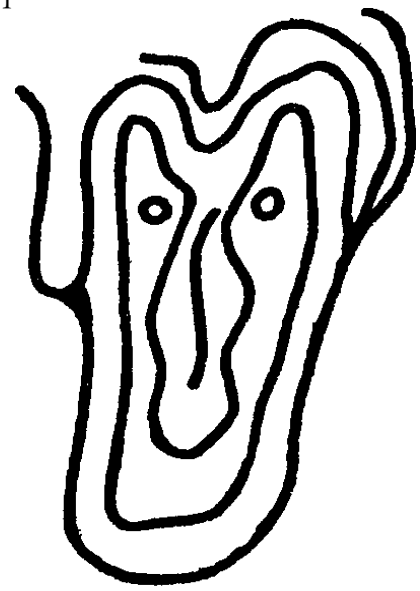
Em Luffang, Le Rocher, Pierres-Plates, e noutros lugares, bem protegido nas paredes interiores de monumentos complexos, observa-se um desenho estranho, em cujas linhas se descobre a imagem familiar da siba ou polvo. Ora, não nos esqueçamos de que o polvo há de aparecer mais tarde nas cerâmicas da América Central e de Creta, nas ilhas do Pacífico, assim como, em alguns rochedos do oceano Índico. Esse motivo, assim como os serpentiformes, são os encontrados com maior freqüência nos remanescentes das mais antigas civilizações marítimas. Por vezes, é até mesmo associado a serpentes entrelaçadas, como acontece em Pornic. Estaríamos diante de um animal totem? Tudo leva a crê-lo.



As serpentes de Gravinis

Ao lado do polvo, encontra-se por vezes uma figura estilizada ao extremo, na qual muitos especialistas pretendem ver uma espécie de brasão ou escudo, e que revela o apego daqueles homens ao símbolo, caracterizado entre eles por uma passagem do concreto para o abstrato. Machados, arcos, todo tipo de atributos guerreiros e de desenhos ainda mais obscuros completam esse inventário.

Os homens que difundiram pelo mundo afora relações matemáticas como as dos números 3-4-5 não se limitaram a nos deixar essas lições de geometria aplicada, isto é, os seus monumentos complexos. Dominavam e utilizavam, além disso, o*s principais arquétipos clássicos da história das religiões,* vale dizer: o sol — que representavam cercado de raios; a lua, as pedras sagradas que plantavam no solo por onde quer que passassem; e a mulher. O círculo do cromlech — imagem do sol e de seu ciclo aparente — era um espaço sagrado, prefiguração do templo, que Stonehenge já realiza, à sua maneira. A espiral, às vezes contida em alguma outra figura, como acontece com o polvo de Luffang, é por sua vez o símbolo da fecundidade aquática e lunar.



O polvo de Luffang

Analisando-se esses símbolos e sua associação a representações derivadas e a tradições comuns a todas as regiões onde existem megalitos, tem-se a impressão de que a iniciação necessariamente inerente à idéia megalítica (a não ser que se esvazie a mesma de

todo conteúdo) devia ter como objeto algumas tradições, certas concepções de ordem religiosa às quais somavam-se importantes conhecimentos científicos — referentes sobretudo à geometria e à orientação.

Mas, que tradições? Em primeiro lugar, e até mesmo em virtude de suas origens "exteriores", a de *um remoto país dos antepassados e o culto destes últimos.* Expressões desta tradição e manifestações deste culto: as danças e a máscara. O rito solar e o culto dos ancestrais se confundem na dança mascarada, encontrada em toda parte, na América pré e pós-colombiana, na Oceania, Indonésia e África. Modificada e requintada pelas civilizações que se desenvolveram e desabrocharam a partir de então no Sudeste da Ásia, assim como entre as velhas civilizações mediterrâneas ou do Oriente Médio, voltamos a encontrá-la entre os povos nórdicos da Europa antiga e na Sibéria.

A tradição do país dos ancestrais atua de tal forma sobre o espírito dos indígenas que foi ela quem realmente preparou o terreno para o prodigioso desenvolvimento do futuro mito das ilhas dos bem-aventurados e do paraíso terrestre. O próprio mito adâmico a ela se prende por intermédio do "primeiro" ancestral do homem. Devemos a Madeleine Rousseau uma interessantíssima observação a esse respeito: "Nos países onde se manteve intacto, [escreve ela], esse culto dos ancestrais chama a atenção para alguns enigmas lingüísticos. O nome que serve para designar o ancestral na Oceania representa variações em torno de uma raiz comum: *Tuma, Atua, Matua, Tamate, Tuma.* Ora, no Egito, de acordo com os textos do Primeiro Império, o primeiro ancestral seria *Atum* (ou *Atoum),* que os israelitas e depois deles os cristãos teriam transformado em *Adão.* A palavra egípcia conservou-se inalterada na Oceania (é preciso levar em conta a notação feita pelos pesquisadores ocidentais de diferentes línguas)".

À essas tradições, prendem-se ainda certas lendas, certos contos que talvez tenham tido uma expressão primitiva comum. Entre os elementos fundamentais que entram em jogo, os mais freqüentes são a luta entre irmãos, o direito dos primogênitos, os trabalhos a serem realizados, as façanhas do herói, o casamento como recompensa e a existência de uma água milagrosa e vivificadora, que só pode ser obtida depois de longa e perigosa viagem. Essa viagem é sempre empreendida em direção à noite, ao *poente* para os europeus e africanos do Norte, e ao *nascente* para os chineses e hindus. São também as lendas dos reis, filhos do Sol.

Em princípio, deviam ter não somente uma origem extraordinária, independentemente de seu valor pessoal, como também possuir os atributos visíveis do papel que lhes cabia. Carregavam, como insígnia de sua função sacerdotal ou de comando, um bastão recurvado, o *báculo.* O mesmo acontecerá mais tarde com os bispos cristãos. Esse báculo é representado nos dólmens de Ploemeur, no Morbihan. Osíris presidia ao julgamento dos mortos segurando um báculo (cf. *Livro dos Mortos).* Os chefes africanos do Daomé e os chefes de tribos da Amazônia utilizam com os mesmos objetivos idênticas insígnias de soberania.

A partir desse conjunto de tradições, do culto dos ancestrais e dos ritos funerários, somos forçados a chegar à conclusão de que esses homens difundiram por onde quer que passassem *uma religião de vocação universal* que, em última análise e três mil anos antes de Cristo, deu margem ao culto da *Grande Deusa Mãe,* guardiã das almas dos defuntos e de suas sepulturas. As figurações encontradas em certos menires da França, Córsega, Sardenha, e Guernesey e o próprio aspecto de certos menires-estátuas confirmam essa hipótese. De um modo particular, não será possível evitar as aproximações que se impõem entre as pedras perfuradas, símbolos da matéria divina e da regeneração pela ação do princípio cósmico

feminino e os dólmens furados, como o de Conflans, nos Yvelines, ou os do Dekkã — índios. Símbolo também da fertilidade, onde quer que a descubram, a deusa constitui a etapa final de uma evolução cujo primeiro termo pode ser visto nas estatuetas de mulheres esteatopígias encontradas em diversos lugares do mundo, aquém e além Atlântico, e nas ilhas do Pacífico.

Conceder a uma grande deusa o dom de fertilidade é suficiente para demonstrar o interesse que esses homens, já hábeis geômetras, atribuíam à noção de *ciclo.* É mister relacionar essa idéia com as suas observações e conhecimentos astronômicos, com a importância por eles atribuída às estrelas da Grande Ursa, ao papel desempenhado pelos solstícios e equinócios, isto é, pelas divisões solares do ano, em seu calendário — em suma, *ao nascimento do Zodíaco.*

A tudo isto, convém acrescentar ainda as técnicas. Não as técnicas raras, como a requintada escultura do sílex, conhecida ao mesmo tempo dos antigos egípcios e dos maias, e sim as "grandes" técnicas graças às quais eles realizaram os seus espantosos monumentos. Qualquer pessoa, ou quase, é capaz de conceber rolos de madeira para transportar blocos de pedra, alavancas ou planos inclinados para erguer as mesas dos dólmens até o alto de seus pilares. Qualquer pessoa, ou quase, é capaz de reconstituir o modo de construí-los manuseando lajes de papelão e lintéis de gesso em cima de sua mesa de trabalho. As coisas não são as mesmas quando *in loco.* As dimensões exigem a utilização de pesos exatos, o rolo se quebra, a alavanca se inflama e o guindaste hidráulico nem sempre existiu.

Limitar-nos-emos a examinar um só caso, o do dólmen de Pépieux, no Aude. As encostas do montículo isolado sobre o qual se ergue o dólmen impunham a construção de uma verdadeira auto-estrada em plano inclinado, se é que se pretendia transportar lá para cima as trinta e cinco toneladas da mesa que está sobre ele. Será preciso, portanto, imaginar que, feito o seu trabalho, os construtores destruíram o seu plano inclinado, espalhando-lhe todos os remanescentes de modo que ninguém pudesse encontrar nunca mais o menor vestígio? Isto é pouco verossímil e o sistema deve ter sido outro. Não o conhecemos, porém, e o que é ainda pior, nem sequer chegamos a imaginá-lo.

Esses homens vindo de "fora", talvez em embarcações semelhantes ao barco solar representado no dólmen de New Grange, Irlanda, não guardaram, entretanto, só para eles mesmos, os segredos de que eram depositários. Pelo contrário: eles até os divulgaram sem restrições. A iniciação se processava no recesso misterioso da gruta, prefiguração do santo dos santos dos templos vindouros, ou na concavidade dos dólmens. O oficiante, a exemplo do velho *guardião do limiar* do dólmen de Pornic, tinha então como arma o machado duplo, o *labrys* dos futuros cretenses.

Afinal de contas, esse segredo talvez seja apenas aquilo que se está começando a vislumbrar hoje em dia: a origem setentrional de uma parte da civilização do continente mais antigo, as *fontes não mesopotâmicas* da civilização ocidental.

Será agora conveniente debruçar-nos sobre as teorias históricas de data mais recente, particularmente sobre a do doutor Colin Renfrew, professor na Universidade de Sheffield, na Grã-Bretanha. O doutor Renfrew foi um dos primeiros a se atrever a considerar a possibilidade de outras origens para a civilização ocidental, além das oficialmente admitidas. A seu ver, ao contrário do que pretende o *slogan ex oriente lux,* a fonte oriental não teria sido a única a presidir ao nascimento da civilização ocidental. Ele acredita, pelo contrário, que o berço dessa civilização deve ser situado a noroeste do continente cujos indígenas exerciam uma atividade criadora mil anos, pelo menos, antes do desabrochar das primeiras culturas mediterrâneas. Sempre de acordo com o professor Renfrew, Stonehenge desempenhava um

importante papel religioso muito antes das celebrações de ritos de Micenas. Foi naturalmente uma rebelião; e com o intuito de defender a idéia de uma civilização ocidental filha das influências conjugadas do Egito, da Grécia, da Mesopotâmia e do antigo Israel, firam sucessivamente mobilizadas a biologia, a história e a psicanálise. Resultado: ficando comprovado, segundo Jung (que aliás nem todos acompanham neste ponto) o papel desempenhado pelos arquétipos que governam o inconsciente, fez-se ressaltar o contato mais direto dos primitivos com as fontes profundas de seus instintos e sua tendência a harmonizar as leis de seu próprio inconsciente e as da razão. A conclusão que daí se extraiu foi que as pessoas que vivem em condições sociais e geográficas sensivelmente idênticas produzem, independentemente umas das outras, as mesmas técnicas e as mesmas artes, assim como utilizam os mesmos símbolos.

De resto, isto se limita a parafrasear o que escrevia a respeito do homem primitivo J. Murphy (citado por Arnold Toynbee): "As semelhanças entre as idéias e costumes do homem podem ser atribuídas à similitude da estrutura do cérebro e à natureza de sua inteligência ... Esta similitude de atividade mental... as operações similares do cérebro, comum à raça... explicam o aparecimento de crenças e instituições como o totemismo... no seio das populações e nas partes do globo mais distanciadas umas das outras."

Já em 1920, o professor Gordon Childe enunciara uma hipótese, acoimada de difusionista, mas que foi, entretanto, aceita graças à sua moderação. Childe afirmava a existência de relações entre as civilizações mediterrâneas orientais (do Egeu) e o mundo "megalítico" do ocidente europeu por volta de 2.500 anos antes de Cristo.

Isto é indiscutivelmente verdade em muitos casos, mas não se aplica ao dos megalitos. Um número excessivo de problemas de *espaço e de tempo* interfere no interior desta corrente civilizadora de modo que se faz impossível reduzi-los a fenômenos de invenção local. Chegou-se finalmente a percebê-lo, e muitos especialistas hoje aceitam, ao lado de uma evolução peculiar às diferentes zonas megalíticas, a existência de um impulso inicial proveniente de uma zona exterior, de um centro localizado *fora.*

À PROCURA DO TEMPO PERDIDO

Descoberta correspondente ao céu nórdico, o zodíaco difundido pelos habitantes das regiões limítrofes do Atlântico incluía-se, *sem dúvida,* no número dos conhecimentos divulgados pelos portadores da concepção megalítica. Deveria, pelo menos, ver-se aí incluído, se a cronologia o houvesse permitido. A maioria dos historiadores admite, com efeito, que a astrologia surgiu há cerca de três mil anos, num ponto qualquer da Mesopotâmia. Esta afirmação é perfeitamente exata quanto à prática astrológica propriamente dita, mas não quanto à concepção do círculo zodiacal e suas primeiras representações. Para afastar qualquer dúvida a este respeito, basta lembrar a recente descoberta do americano A. Marshack, que encontrou representações astronômicas gravadas em ossos do abrigo Blanchard e no osso do Lartet. O "conhecimento" do zodíaco é fato de observação muito mais antigo que as interpretações e manipulações que o tiveram como objeto.

Seria naturalmente errôneo afirmar que a astrologia já estava a postos ao lado do berço do homem, ainda que, segundo escreveu M. Gauquelin, "seu primeiro pensamento tenha sido mágico, e o céu a sua primeira magia". É todavia possível uma estimativa cronológica. Para disporem de tão grande conhecimento das coisas do céu, os homens dos megalitos contavam, sem dúvida, com uma experiência muito mais velha que eles.

Associada a um fato de ordem astronômica, essa constatação permite fazer o conhecimento da faixa zodiacal remontar a cerca de 26.000 anos. Com efeito, é por volta dessa época que os nomes dos signos correspondem com maior exatidão ao nome das constelações que tinham à sua frente. Foi naquela ocasião que o jogo dos astros (astros fixos ou em movimento aparente na abóbada celeste) impressionou a inteligência daqueles homens, capazes de determinar com a maior precisão as variações estacionais do sol nascente, que conheceram as divisões solares do ano e ergueram inúmeros monumentos à glória do astro diurno e das vantagens que poderiam ser extraídas de seu "caminhar pelo céu". Esses monumentos são os alinhamentos de Carnac, o sítio inglês de Avetaury, os círculos de pedras erguidas de Orkhon na Mongólia e de Sillustani no Peru, o célebre Círculo da Medicina — *Medicine Wheele* — do Wyoming, e Stonehenge.

Considerando o deslocamento tradicional dos astros a percorrerem os signos do zodíaco, isto é, o fato do sol — por exemplo — *sentir-se bem* no signo do Leão (ele domina o verão), e *exilado* no da Libra (sendo que o fim do mês de agosto assinala o início do outono), alguns especialistas como o astrônomo francês Paul Couderc chegaram à conclusão de que *a astrologia surgira no hemisfério norte,* já que ela corresponde aos movimentos estacionais das constelações do céu setentrional. Evidentemente, esta observação constitui um argumento mais favorável às regiões atlânticas que à Mesopotâmia.

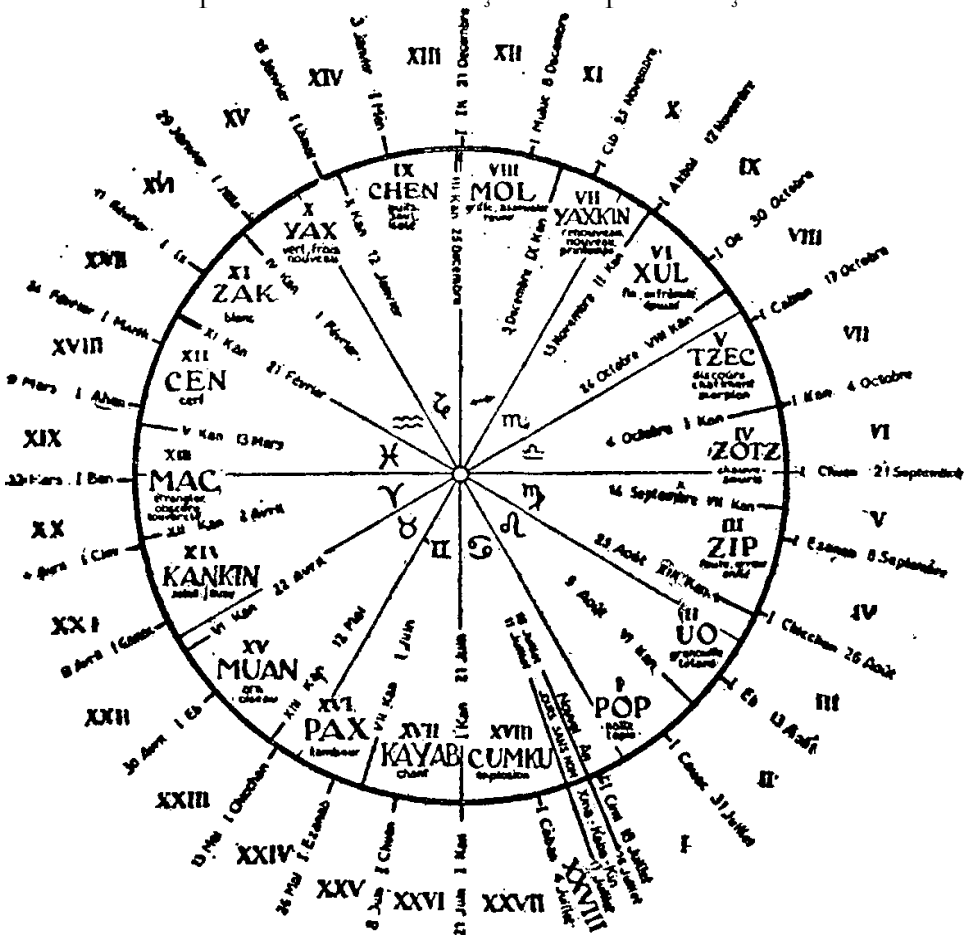
Eusébio de Cesaréia atribui a invenção da astrologia aos egípcios e caldeus. E é fato que, embora date apenas do início de nossa era, o famoso zodíaco de Dêndera é contudo um veículo de conhecimentos muito mais antigos. Não se pode negar que é das mais surpreendentes a maneira com que os animais e personagens representados nesse zodíaco se voltam sempre para *oeste.* O problema é saber se o emprego da representação circular do zodíaco é realmente assim tão antiga. Muitos egiptólogos admitem que ele só se tornou conhecido dos egípcios por intermédio da Grécia, onde foram buscá-lo.

Para Schwaller de Lubicz, aliás, não imitado pela generalidade dos arqueólogos, o zodíaco é um "monumento" da cronologia faraônica, e uma prova suplementar da organização desse império "à imagem do céu". Chega a ser ainda mais explícito em seu belo estudo sobre o Templo do homem: "O conhecimento que tinham os antigos egípcios das doze seções, subdivididas em trinta e seis decanos na faixa zodiacal, não é contestado nem contestável. Discute-se apenas se, e como, os Antigos empregavam as figurações representadas em Dêndera nos zodíacos circular e retangular esculpidos durante o período do baixo império. Ora, bastam dois exemplos para revelar como é que os velhos Sábios entendiam esses signos e figuras."

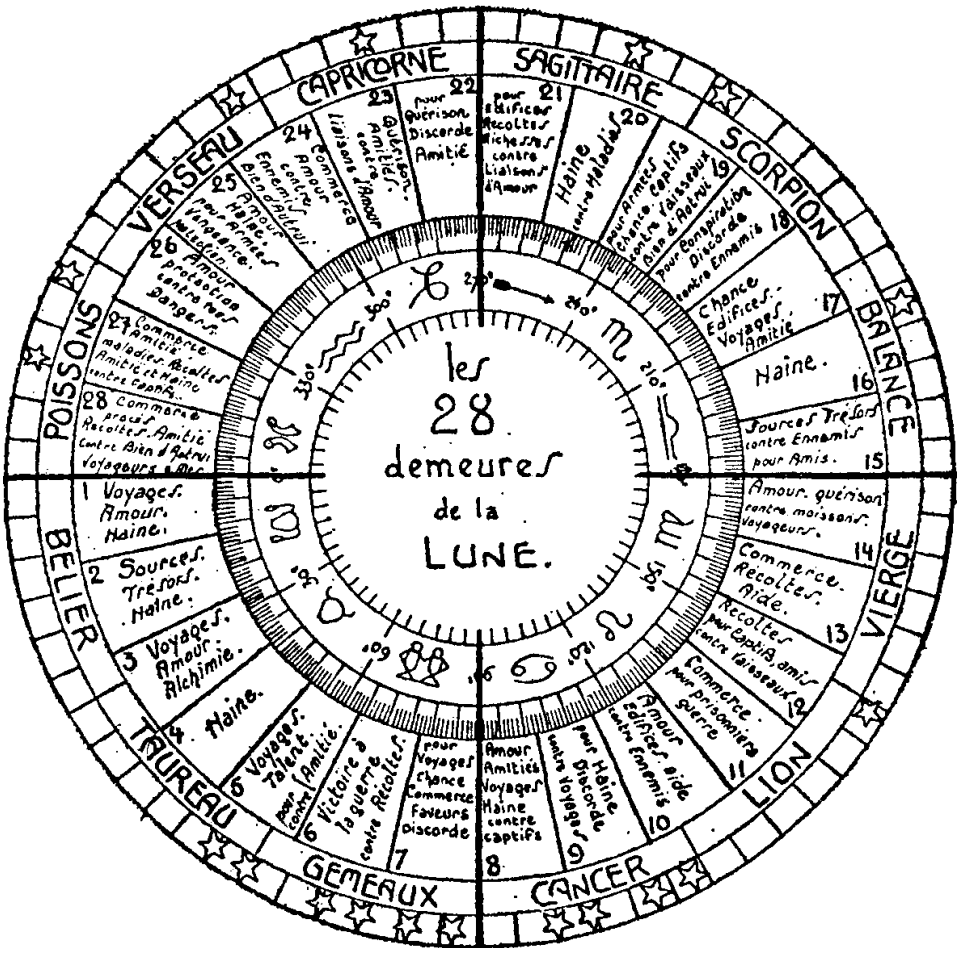
Para demonstrar o quão errôneo é atribuir aos gregos uma responsabilidade que na realidade cabe aos egípcios (por intermédio dos servidores de Hórus) basta ter em mente os zodíacos americanos pré-colombianos. A representação circular do zodíaco, tal como o próprio zodíaco, é com efeito universal. É encontrada tanto na América do Norte como em outros lugares, desde os cosmogramas mexicanos rodeados pela serpente — símbolo tão universal quanto o zodíaco — e as *rodas katúnicas* particularmente associadas aos megalitos, até as figurações circulares, uma das quais com doze signos e vinte e oito divisões ou casas e a outra com vinte signos de treze dias. Só conhecemos os nomes de nove dos doze signos do zodíaco acima citado (faltam os de Escopião, Sagitário e Peixes); será porém interessante investigar os seus correspondentes "europeus", ou melhor dito, euro-asiáticos.

Há pouco tempo, Jacques de Mahieu, diretor do Instituto de Ciências do Homem de Buenos Aires, considerando que o zodíaco sul-americano vinha de uma cepa européia tardia, atribuiu-o aos vikings que para lá o teriam levado por ocasião de suas viagens,

acompanhando a trilha dos irlandeses. Infelizmente para essa teoria, sob outros aspectos sedutora, os signos do zodíaco que aparecem nas pedras gravadas sul-americanas, são muito mais antigos que a hipotética presença viking no Peru e no Brasil. Admitindo-se que os vikings tivessem levado consigo alguns *signos,* com isto eles teriam apenas confirmado e reforçado a existência independente dessas noções e representações no Novo Mundo.



Círculo zodiacal do ano entre os maias



O Zodíaco lunar da Tradição européia

Representação do zodíaco lunar europeu (Desenhos extraídos do estudo de A. Volguine, sobre a astrologia dos maias e aztecas.)

Seja como for, aqui está o quadro dessas correspondências:

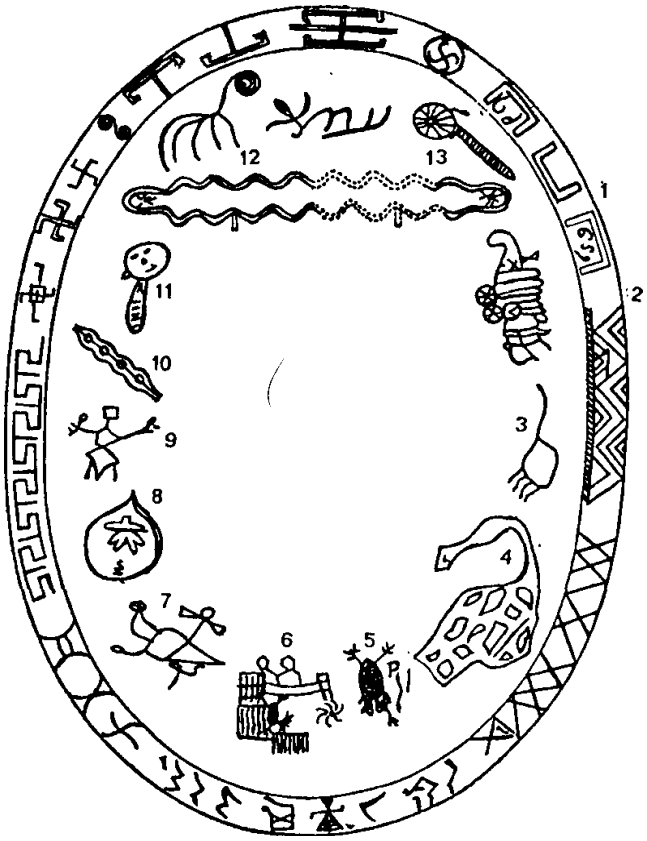
Esplendor do Cordeiro	Carneiro
Macho potente (brilhante e *inflamado)*	Touro
Os astros juntos	Gêmeos
A cobra adormecida	Câncer
Retorno da lâmina do leão oculto (e rastejante)	Leão
Mãe divina	Virgem
Escada	Libra
(desconhecido)	Escorpião
(desconhecido)	Sagitário
Cervo ardente	Capricórnio
Época das águas	Aquário
(desconhecido)	Peixes

Mas se esses dados referentes à existência da representação circular do zodíaco na América pré-colombiana e colhidos em A. Volguine, refutam a sua invenção pelos gregos, não fica anulada a objeção constituída pela idade mais recente desses elementos entre os maias ou os mexicanos. Fique desde logo claro, para eliminar essa dúvida, que na América foram encontradas figurações do zodíaco circulares ou ovais muito mais antigas que as até agora consideradas. Como, por exemplo, a "Pedra pintada" brasileira.

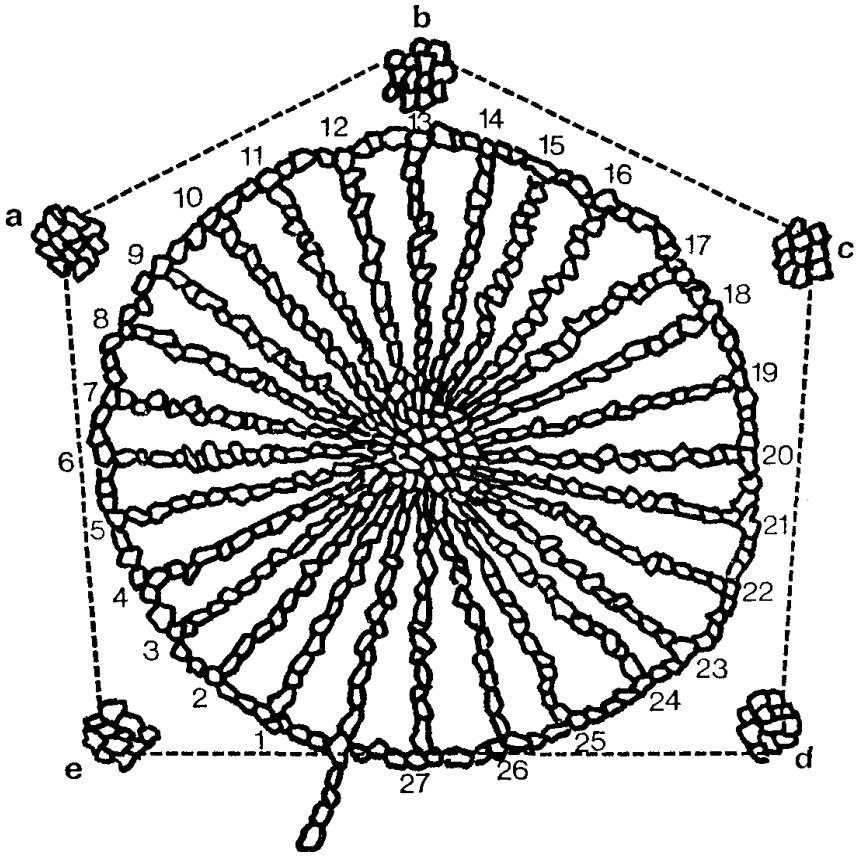
Existe, com efeito, na Guiana brasileira, num dolmen da "Pedra Pintada", descoberta por Kach-Grunberg e descrita por Homet em 1950, uma figura muito estranha que pode

ser considerada como uma representação zodiacal (ver figura abaixo). Basta um rápido olhar para o círculo em questão para que nele se reconheça a "idéia cíclica", assim como para aí se distinguir alguns signos do zodíaco, entre os quais o de Aquário sob a sua forma clássica. Observa-se, além disso, no interior do grande círculo, a presença da serpente assim como a de outras figuras relacionadas com a noção de viagem, como o carro com rodas (na América do Sul), diversos animais mais ou menos fabulosos (3 e 4), um cavaleiro (7), um barco (10), um cavalo muito estilizado (12), um carro muito provavelmente de guerra (13); enfim, personagens e objetos diversos (6, 8 e 9).

É preciso ter em mente sobretudo a imagem da serpente "cósmica" — sem começo nem fim — que além de confirmar o *uroburos* do Mediterrâneo oriental ao tempo em que antecede o cosmograma maia regido pela serpente também prefigura de maneira realmente espetacular uma das letras do alfabeto grego. Quem nos permite essa aproximação é Eusébio de Cesaréia ao escrever: "Quando os egípcios representam o *mundo,* descrevem um círculo aéreo ardente e em seu centro colocam uma serpente com aspecto de gavião, o que forma o nosso **O**. Com esse círculo, eles designam o mundo, e com a serpente alongada um gênio benfazejo..."



Permaneçamos na América onde temos ainda de acrescentar ao círculo da "Pedra Pintada" pelo menos alguns desses tão pouco conhecidos embora tão dignos de nota "Medicine Wheels": "Círculos da Medicina" — cujo protótipo pode ser o do monte Crow, em Wyoming.



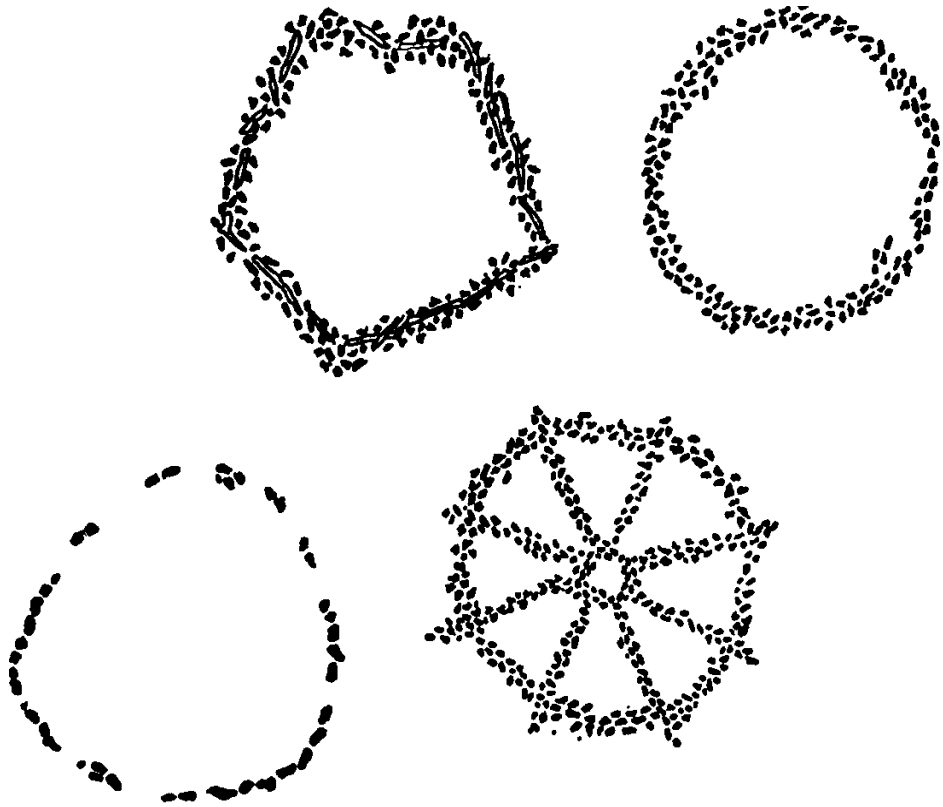
1 a 28 = raios formados com pedras - a b c d e = "altares" - marginais = altar central

O CÍRCULO DO MONTE CROW

Descoberto em 1887, o círculo do monte Crow foi exposto à atenção pública em 1903 pela revista *American Anthropologist,* por iniciativa de C. Sims, curador do Museu de História Natural de Chicago. A partir de então, ele tem constituído o objeto de estudos e de pesquisas que não reduziram de maneira alguma o seu mistério embora o tenham deixado melhor descrito, e descoberto similares seus em terra americana. Recinto circular com 24 metros de diâmetro, e constituído de grandes pedras, o "monumento" comporta 28 raios equidistantes, feitos também de pedras grosseiras. Apenas um desses raios ultrapassa em cerca de 3 metros a circunferência do círculo. Rodeando-o, a intervalos regulares, encontram-se cinco montes de pedras. Um outro, no meio do círculo, com um diâmetro de mais de 4 metros e 90 centímetros de altura, é provavelmente um antigo altar circular. Sobre uma das pedras, proveniente sem dúvida de uma *pedreira bem próxima,* descobriu-se um desenho em que se distingue de um modo geral o traçado (impressão estilizada?) da *planta de um pé.* O conjunto, realizado *sem cimento intersticial,* está situado num platô de 3.300 metros de altura, em local dificilmente acessível e numa magnífica paisagem natural. O nome de "Círculo da Medicina", dado pelos índios, relaciona-se provavelmente com práticas de magia médica.

O monumento é anterior às mais antigas tribos locais; os índios Crow, Sioux e Cheyennes o herdaram de predecessores desconhecidos. Suas linhas geométricas e a presença de cinco montículos de pedras exteriores, dispostos nos ângulos de um pentágono regular não podem deixar de evocar os observatórios solares dos antigos Ameríndios, particularmente astecas e maias. Teríamos então ali um local sagrado onde os feiticeiros comungavam com o Grande Espírito dos índios, ou um calendário cujos 28 raios corresponderiam às vinte e oito divisões do zodíaco lunar conhecido de todas as velhas

civilizações? Não nos esqueçamos também do pentágono. A soma dos raios do círculo e dos altares exteriores de *Medicine Wheel* dá como resultado 33 (28 + 5) submúltiplo de 99 e múltiplo de 11. Ora, nós sabemos que, na simbólica dos números, este número sempre se revestiu de importante significação mística.



Pode-se, além disso, comparar o círculo do monte Crow com o monumento de Stonehenge. O diâmetro do círculo de pedras azuis da construção inglesa e o *Círculo da Medicina* são sensivelmente iguais. Stonehenge também possui um altar central e "estação exteriores" assinalados por montes de pedras ou altares. Finalmente, ali também se vê a marca de uma planta de pé, sobre a célebre Hellstone, pedra situada fora das duas rodas concêntricas. Abandonando a América para nos voltarmos para Avebury, na Inglaterra, ali observaremos a presença de círculos de pedras com significação astronômica e astrológica ao mesmo tempo, constituídos de doze pedras fincadas no chão. Ao que sabemos, ainda não se organizou nenhum inventário geral dos círculos de pedras com demarcação topográfica e determinação da orientação *exata* do monumento. Um trabalho desta natureza teria, entretanto, a vantagem de determinar à sua maneira a idade dos monumentos em questão. A presença em diversos lugares do mundo de representações zodiacais circulares antes de sua reinvenção e de seu aperfeiçoamento pelos mesopotâmios e pelos gregos e, ainda mais, o fato de quase todos esses lugares se encontrarem em zonas percorridas pelos portadores da idéia megalítica, demonstram à saciedade que, numa época compreendida entre o 25º. milênio e o fim das correntes megalíticas, a concepção cíclica do calendário e o círculo zodiacal corriam mundo com esses homens.

Uma lenda local afirma que a marca "inglesa" é do pé de um monge que caminhara sobre essa pedra quando o diabo pretendia esmagá-lo sob um rochedo. Trata-se na verdade de algo muito diferente. A impressão de *passos* é um símbolo costumeiro dos homens dos megalitos, simbolizando a tomada de posse de um lugar sagrado. '"Marcas" como essas podem ser vistas na França sobre o dólmen do Petit Mont (uma dupla marca de passos), na grande pedra submersa, na foz do rio Vie, assim como no rochedo sagrado de Sasliai, na

Lituânia, e no rochedo a pique de Cetateni, na Romênia (dois pares de marcas), no Val Canônica (Vale das Maravilhas, nos Alpes) assim como em mais de noventa monumentos mexicanos atribuídos aos olmecas.

Da mesma maneira, contam-se doze pedras nos doze pilares de Gilgal, na Palestina. Foi nesse lugar que, tendo atravessado o Jordão, Josué ergueu os seus menires, símbolos não somente das doze tribos de Israel como também das doze constelações do zodíaco.

Embora o estudo da difusão de uma idéia através dos vestígios por ela deixados permita uma avaliação bastante elástica de sua idade, a datação por meio dos recursos da física nuclear se revela muito mais precisa. Assim, o período que nos interessa poderia estar incluído, aproximadamente, entre os anos — 5.000 e — 1.000. O radiocarbono permite, com efeito, substituir as apreciações inteiramente subjetivas de outrora por indicações seguras. A datação, através desse processo, de restos de madeira e de carvão do *tumulus* Saint-Michel em Carnac lhes dá por exemplo 5.000 a 5.500 anos de idade. Como escreveu Aimé Michel em 1967, "os resultados são assombrosos. Parte dos vestígios têm de 5.000 a 5.500 anos de idade, sendo que alguns deles têm de 8.500 a 9.000 anos".

Não há muito tempo, apontando uma data de — 3.390 para um megalito da ilha de Carnac, Henri de Saint-Blanquat escreveu: "As datações obtidas para carvões de madeira das antigas escavações do dólmen de Kerkado, em Carnac, indicaram igualmente uma data de — 3.850." E acrescentou: "Para algumas câmaras do *tumulus* Saint-Michel, sempre em Carnac, foram obtidas datas de — 3.750, — 3.100 e — 2.900. *Por conseguinte uma idade de mais de 5 a 6.000 anos.* Trata-se de resultados de insignificante imprecisão, mas que confirmam as datas "elevadas" obtidas noutros lugares".

Adotando-se esta cronologia, o melhor ponto de partida para a aventura megalítica bem que poderia ser aquele velho porto cuja idade é de seis ou nove milênios, ou mais, e a respeito do qual estão começando a chegar as primeiras informações reais... Basta pensar naqueles homens do platô das Baamas, forçados a abandonar sua terra e a partir em busca de regiões mais seguras...

"Impossível! dirão os eternos raciocinadores; eles não teriam podido manter-se sobre as ondas. Que conhecimentos de navegação poderiam ter aqueles filhos de Cro-Magnon, os americanos de há 6.000 ou 8.000 anos?"

Que navegaram, entretanto, é coisa que eles mesmos nos contaram ao gravar barcos em seus dólmens, como por exemplo a barca solar do dólmen de New Grange, na Irlanda. Alguns deles tinham até como animal totem um polvo como o encontrado, mais ou menos estilizado, em Luffang, Le Rocher e em outros lugares.

MEGALITOS E ELDORADO

Se os portadores da idéia megalítica atravessaram o oceano para chegar à Europa e à África, é muito mais plausível que tenham atingido a América, mais próxima. Por isto, não nos deve causar estranheza o fato de encontrarmos no Novo Mundo monumentos cuja origem índia é mais do que discutível e a respeito dos quais afirmam os arqueólogos que eles "se parecem" com os menires e dólmens a ponto de nos fazerem pensar que *são* menires e dólmens — o que é evidentemente "inconcebível".

O grande livro de pedra americano — antes de tudo sul-americano — abre-se com o capítulo mais espantoso da misteriosa arqueologia do mundo pré-colombiano: a civilização de San Agustin. Deixada de lado pelos grandes cronistas da invasão espanhola (nem Juan de Castellanos, nem Cieza de León, nem o padre Pedro Simón dizem uma palavra sequer a seu

respeito), a atenção do mundo erudito foi pela primeira vez atraída para ela por Carlos Cuervo Marquez, cujo melhor amigo, o doutor Miguel A. de Velasco a havia apaixonadamente estudado *in loco.* Depois disso, a civilização de San Agustin ingressou na história graças aos trabalhos do etnólogo alemão Konrad Theodore Preuss, que lhe consagrou parte de seu livro, *L'Art monumental préhis-torique.*

As primeiras escavações verdadeiras só começaram mais tarde, em 1935. O Estado colombiano criou naquela região o primeiro parque arqueológico do país e José Perez de Barradas assumiu a direção dos trabalhos. Seu livro, *Arqueologia Agustiniana,* e os trabalhos posteriores de Luis Duque Gomez revelaram ao mundo a existência de uma "cultura megalítica setentrional andina" no alto vale do Rio Magdalena, na Colômbia.

As escavações empreendidas, e as datações até hoje feitas se referem a três períodos de desenvolvimento dessa civilização, o mais antigo dos quais iria de — 555 até + 425. Os túmulos com câmaras laterais ali encontrados pertenceriam a esse período; as estátuas gigantescas, monolíticas, seriam posteriores. Seja como for, a civilização de San Agustin, ponto culminante de uma corrente cultural proveniente da América Central — provavelmente do México — ainda está longe de ter revelado todos os seus segredos, inclusive os que dizem respeito à cronologia.

Francisco Fernandez Santos escreveu recentemente sobre esse assunto: "Quanto às relações com as outras culturas americanas contemporâneas e às influências recíprocas, trata-se de um problema *ainda não resolvido e certamente de difícil solução.* Por enquanto, só é possível adiantar algumas hipóteses..." O que não se pode negar, entretanto, é que a parte essencial dessa civilização seja constituída de construções megalíticas, algumas das quais são nitidamente anteriores às datas estabelecidas por Barradas.

Entre esses monumentos, é preciso mencionar as construções subterrâneas e os ... dólmens. Ouçamos ainda uma vez Carlos Cuervo Marquez: "... nas vizinhanças de Inza encontram-se necrópoles muito estranhas, e vastas salas subterrâneas que ainda não foram suficientemente exploradas". O doutor Miguel Q. de Velasco descreveu da seguinte maneira uma dessas construções: "No sopé da encosta oriental de uma colina abre-se a entrada de uma galeria subterrânea com três metros de altura e dois de largura, escavada na rocha viva... A galeria tem quarenta metros de comprimento e comporta em toda a sua extensão três fileiras de sarcófagos cortados na rocha e superpostos... No fim da galeria encontra-se uma grande sala redonda (em forma de rotunda) cujo piso e cujas paredes são recobertos com um revestimento negro, duro e polido... Nas paredes da rotunda, contam-se vários nichos..." E comenta Carlos Cuervo Marquez: "A atenção não pode deixar de se ver atraída pela extraordinária semelhança entre as antigas esculturas egípcias encontradas entre o Nilo e o Mar Vermelho e descritas por Edoardo Todda em seu livro *A travers Egypte,* e as esculturas dos túmulos encontrados em toda a Cordillera Central.

Naturalmente, o paralelo com o Egito pode levar longe demais; mas, pelo contrário, com o intuito de evitar seja como for o pecado "difusionista" e para não inventar egípcios sul-americanos", os arqueólogos parecem fugir a ver a realidade dessas semelhanças. Existe, com efeito, um certo "ar de parentesco" aliás, perfeitamente explicável desde que se admita que um povo há muito desaparecido tenha legado aos índios colombianos, que tudo desconhecem com relação a essas ruínas às quais não se refere nenhuma de suas tradições, esses vestígios, se não milenares pelo menos mais antigos do que se supõe.

Quanto aos "dólmens", citaremos ainda uma vez Francisco Fernandez Santos: "De seu lado, a arquitetura se limita aos templos e sepulcros, tanto uns como outros constituídos de enormes lajes de pedra. *Curiosamente, certos templos* (sic) *se parecem de maneira espantosa com os*

dólmens europeus". E trata-se com efeito de dólmens. Demonstram-no duplamente a sua forma e a modalidade de sua construção — idênticas às dos dólmens clássicos — e o anonimato de seus construtores. Limitemo-nos portanto, para concluir, a repetir com Cuervo Marquez que "provavelmente à mesma época em que foram construídos os subterrâneos pertencem as esculturas em forma de *dólmens* que podem ser encontrados em profusão nas colinas do vale de San Bernardo, a leste de Ibague".

Acrescentemos que nas proximidades de Cuenco, no Peru, encontram-se menires, blocos de pedra esculpidos, dólmens e câmaras subterrâneas recobertas de enormes pedras análogas às de Locmariaquer na Bretanha, fortificações que evocam as Torres corsas e os Nouraghis da Sardenha. Finalmente, os túmulos descobertos no vale de Urubamba (Peru) são praticamente idênticos aos de Barnenez na França.

Quanto às origens "geográficas" desta civilização estranha no contexto sul-americano — embora apresentem algumas relações com outras culturas pré-colombianas — não há nada mais simples do que estabelecer a sua origem setentrional a partir das costas da Colômbia do Norte. Com efeito, encontram-se ruínas iguais em toda a região do istmo da América Central, desde Azuero e Chiriqui até a Nicarágua e El Salvador, onde o doutor José Antonio Urrutia descobriu nas cercanais da cidade de Comappa, nas ruínas ditas Cinaca Micallo, subterrâneos iguais aos de San Agustin.

Além dos que acabamos de mencionar, existem também monumentos que se assemelham, sem tirar nem pôr, aos menires, assim como, criações artificiais que, para irritar certos espíritos, imitam os cromlechs ou passam por alinhamentos. É o que acontece, particularmente, com os círculos de pedras erguidas da península de Sillustani, no Peru. Por sua vez, a célebre Puerta del Sol que, para os espíritos científicos, de megalítico só tem as suas dimensões impressionantes, foi realmente um megalito, resto de um conjunto de pedras erguidas e modeladas que lembra singularmente Avebury e, pelo tamanho, até mesmo Stonehenge. Contanto, entretanto, que a tomem como parte de um conjunto, que ao francês d'Orbigny ainda foi dado ver no início do século passado. Homet assinala ainda a existência de dois menires gigantescos na Amazônia, denominados pelos indígenas Keri e Kama — ou Kamo — e que para eles representavam a Lua e o Sol. Deixando de lado as construções megalíticas (sobretudo muros) de Sachsahuaman, no Peru, as de Machu Picchu, que devem ser pré-incaicas, ou as muralhas ciclópicas de Cuzco, a antiga capital dos incas, não podemos diminuir a importância dos vestígios de construções gigantescas descobertos em Caru-Tupera, na ilha de Maranhão. E poderemos encontrar muitos outros exemplos. A América do Norte, por sua vez, também possui megalitos característicos. São vistos particularmente nos Estados de New Hampshire e Massachusetts.

Se nos dispusermos a abandonar um instante a história para fazer uma breve incursão na lenda, teremos de citar entre os vestígios do mundo megalítico sul-americano a tradição da mais fabulosa cidade que se tenha construído naquela terra de mistérios: a capital do maravilhoso reino de Ma Noa, cujo soberano era "o Dourado" — *El Dorado.*

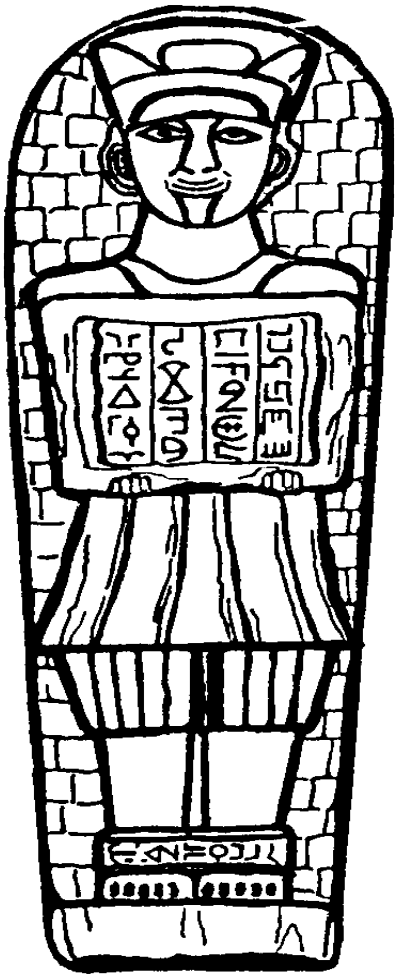
No capítulo CXX de sua *História Geral das Índias,* Francisco Lopez narra extensamente esta lenda que organizava os homens de Ma Noa mais ou menos como Platão havia descrito a organização dos reinos e províncias da Atlântida. Retomada em 1536 por George d'Espera e, mais tarde, por Fernand Denis em sua *Histoire de la Guyane,* a lenda fez uma bela carreira. Alimentada de início pelas narrativas dos conquistadores menos afortunados, como Orellana e Belalcazar, ela ainda alimentava os sonhos nos séculos XVIII e XIX e mata, pura e simplesmente, no século XX. A lista de loucos, iluminados, obcecados, que consumiram seu tempo e suas energias pretendendo descobrir as pretensas

ruínas de Ma Noa é cheia de nomes de gente ilustre, de brilhantes aventureiros. Antonio de Herrera em 1535, Gonzalez Ximenes de Quesada em 1539, Don Antonio de Berrio em 1584, Sir Walter Raleigh em 1595, Apolinar Dias de Fuente em 1760, Bodovilla em 1764, H. Schomburgk em 1840, Theodore Koch-Grumberg em 1908, Hamilton Rice em 1915... Conquistadores, almirantes-piratas, guerreiros, sábios, exploradores, todos lá deixaram os seus ossos. Vieram finalmente Fawcett e Maufrais. Imaginava o primeiro que encontraria Ma Noa, a cidade fabulosa, na bacia meridional do Amazonas. Por lá se perdeu em 1925. Vinte e cinco anos depois, Raymond Maufrais desaparecia por sua vez, milhares de quilômetros longe dali, procurando Ma Noa nos montes Tumuc Humac perto da fronteira que separa o Brasil da Guiana Francesa.

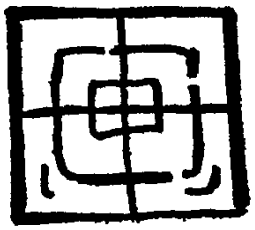
Procurada há mais de quatro séculos, em três ou quatro regiões bem distintas da Amazônia e da América Central, Ma Noa recusa deixar-se descobrir. Quem sabe? Talvez ela seja mesmo uma lenda... Mas, se existe, é com toda a certeza uma antiga cidade megalítica. Aliás, é sob este aspecto que a descreve um documento de 1753. Trata-se de uma narrativa de "bandeirantes" — caçadores de ouro — que retornavam de longa viagem de prospecção. Foi essa narrativa que colocou Fawcett na pista de sua cidade perdida.

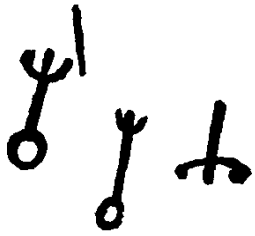
Mas, e se os bandeirantes houvessem tomado "uma formação peculiar de argila corroída pela erosão que, vista de longe, se assemelha a velhas ruínas" por alguma cidade antiga, inventando todo o resto da narrativa? E se as inscrições que eles afirmavam ter identificado nos monumentos daquela cidade tivessem sido decifrados em alguns rochedos das proximidades? Seja como for, Fawcett não partiu levando apenas as suas notas sobre esta e outras narrativas. Levava consigo uma estatueta de pedra polida e negra que ele acreditava ser proveniente de uma antiga cidade perdida.

Examinando bem esse objeto — reproduzido segundo Homet — não nos pode deixar de impressionar o seu aspecto egípcio. Se for efetivamente sul-americano, ele talvez possa estar ligado a uma série de outros pequenos vestígios e representações rupestres atribuídos ao Egito pelo entusiasmo de seus descobridores ou por sua deficiência de informações. Foi o que aconteceu particularmente no caso das gravuras (na realidade semigravuras, semi-esculturas) que adornam certos rochedos às margens do Great Salt Lake nos Estados Unidos, algumas das quais são figuras em tamanho natural, recortadas na carne dura do granito azul, a cerca de 8 ou 9 metros de altura. Essas estátuas são efetivamente produtos de uma técnica que os americanos pré-colombianos não dominavam, de fato, mas...

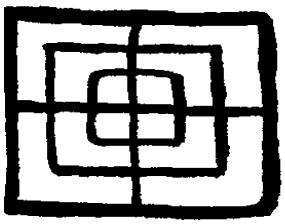


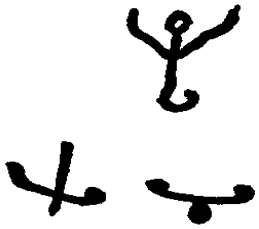
Assim como a presença em solo americano de dólmens, menires, círculos de pedras erguidas e outros megalitos, essas manifestações que lembram vagamente o Egito (sem, entretanto, poderem ser associadas à viagens de egípcios até aquelas paragens interiores do Novo Mundo) são muito mais provavelmente frutos de migrações muito antigas. Aquelas, por exemplo, de maior ou menor envergadura, que teriam levado os homens que iam abandonando o platô submerso das Baamas em direção às costas para eles situadas a sudeste e a oeste, ou mesmo ao norte e a leste...





Gravuras rupestres. Acima, figurações de San Benito, Antióquia e Boyaca, na Colômbia. Abaixo, figurações de Eiras da Seixa na Espanha, nas proximidades do antigo Tartessos.





A ESCADA DO PARAÍSO

Estou convencido de que um dia o mundo erudito há de perceber que os homens da idade da pedra antiga sabiam não apenas viver na fantasia de seus sonhos como também materializá-los, enchendo a natureza dos lugares que habitavam com quadros complexos, muito antes de terem aprendido a pintar ou esculpir em três dimensões...

DANIEL RUZO *Carta endereçada ao autor em 1970*

A arte é imaginação reconstituída. Sendo um meio de expressão, a arte é também uma confissão. Quanto mais direta e simples é a sinceridade que provoca essa confissão, mais probabilidades tem a obra de chegar ao grandioso. Nós nos deparamos, talvez, aí com um dos motivos que fazem com que a arte primitiva se manifeste de imediato através de suas produções mais sublimes para em seguida diversificar-se até se dispersar. Foi sem dúvida o que valeu à gruta de Lascaux o nome de "Capela Sixtina da pré-história", e que tornou os nomes de Altamira, Niaux, Vai Cammonica, etc. tão conhecidos hoje em dia quanto os dos Museus do Vaticano ou do Prado, do Louvre ou do Ermitage. Mas isto nem sempre aconteceu.

ESSE INCÔMODO MARCAHUASSI

Os descobridores ocasionais de desenhos estranhos ou de figuras coloridas nas paredes interiores de certas grutas da França que, entre 1841 e 1849, tiveram a ousadia de revelar os seus trabalhos, em lugar de conquistar recompensas ou elogios, viram-se as mais das vezes acoimados de fantasistas. O mesmo se deu com a questão do *Osso da Madeleine* sobre o qual alguns "falsificadores" — que aliás nunca foram descobertos — tinham gravado um... Mamute. Após o que, em 1879, explodiu a assombrosa "história" de Altamira. O marquês de Santuola, proprietário daqueles sítios, foi acusado de ter mandado pintar a gruta por alguns comparsas com finalidades de lucro! E poderíamos continuar enumerando durante muito tempo os nomes desses falsos falsificadores.

Ora, eis que nos vemos novamente na mesma situação com referência a Marcahuassi e às coisas estranhas que podem ser vistas naquele pequeno planalto andino do Peru. Notáveis pelo seu gigantismo, as esculturas realizadas *in situ* nos rochedos do cume das montanhas, são ainda mais extraordinárias por sua coordenação espacial. Aqui, com efeito, conjugam-se na perspectiva "aspectos vizinhos" de modo a formar quadros de conjunto. O próprio estilo dessas esculturas revela técnicas especiais, como as que permitiram a realização dos olhos dos personagens, o controle dos jogos de luz e sombras etc. Finalmente, a utilização da perspectiva nesses "quadros" confirma que esses conjuntos

artísticos foram realizados *para serem vistos num determinado momento do ano* correspondendo a uma de suas seções solares — equinócio ou solstício — *e a partir de um determinado ângulo.*

Descoberto em 1924, o Marcahuassi continua à espera de que o levem a sério. Dois artigos publicados em 1956 e 1959 na revista *L'Ethnographie,* de Paris, em nada modificaram o silêncio que paira sobre ele, e a julgar pelo que vem acontecendo até agora, esse estado de coisas promete eternizar-se, em virtude sobretudo de um duplo bloqueio psicológico. Em primeiro lugar, o seu descobridor, Daniel Ruzo, não é nem arqueólogo, nem historiador. É "apenas" filósofo, advogado, poeta e fotógrafo. Mas, acima de tudo, ele teve a (infelicidade de topar com uma cultura característica de um alto nível de civilização. Por enquanto, Ruzo vem clamando contra a injustiça e exibe fotografias nas quais não se vêem apenas perfis estranhos mas também quadrados pintados sob o queixo de cabeças colossais como a "Cabbezza del Inca" e escadarias de degraus rigorosamente entalhados na rocha mais dura do mundo. Está perfeitamente claro que a natureza, que não se vale de um esquadro para trabalhar, nada tem a ver com esses resultados. E, no entanto, ouve-se interminavelmente a resposta de que aquilo tudo é produto do acaso, de quedas de temperatura, da ação conjunta dos ventos e da chuva... Isto, naturalmente, com um desconhecimento total do clima em questão.

Entre aqueles, poucos, que se atreveram a tomar conhecimento do sítio de Marcahuassi, está o professor russo N. F. Jirov, que escreveu em 1963: "Naquele pequenino planalto de três quilômetros quadrados, situado a cerca de oitenta quilômetros de Lima, no Peru, Daniel Ruzo descobriu uma série de esculturas gigantescas cujos criadores, artistas que permaneceram desconhecidos nas trevas da pré-história, utilizaram em sua execução os rochedos da montanha, ajustando-os na medida necessária às semelhanças que pretendiam determinar. Algumas dessas "esculturas" representam animais, alguns de há muito desaparecidos das Américas (o cavalo ou o *gliptodonte*) e outros que jamais habitaram o Novo Mundo (leão, vaca, camelo). Entre as figurações descobertas em Marcahuassi encontram-se também esculturas que lembram OS DEUSES DO EGITO ANTIGO (com cabeças de pássaros ou de animais, como nos egípcios Thot e Anúbis). Além das esculturas, foram também descobertos restos de construções ciclópicas. Segundo parece, o planalto foi outrora um importante sítio sagrado, para onde eram levados também sacrifícios humanos. Pode-se admitir que essa cultura foi amplamente difundida na América, pois vestígios da mesma natureza estão começando a aparecer no México, no Brasil e em outros pontos do Novo Mundo... De acordo com Jirov, a idade dessas esculturas é de mais de 10.000 anos. Foi este texto que permitiu a Daniel Ruzo afirmar: "Estou convencido de que o mundo científico será muito em breve forçado a admitir que homens pré-históricos posteriores à época das pinturas rupestres trabalharam os rochedos daqueles lugares sagrados para exprimir em suas obras as suas concepções de ordem religiosa."

As viagens de estudos empreendidas por Daniel Ruzo na França, Inglaterra, Grécia, Romênia, Egito, México e Brasil convenceram-no de que também existem nesses países vestígios dessa mesma arte. Ele chegou até a apontar duas de suas características fundamentais. Primeira: a escultura "em grandes dimensões" de rochas *in situ* (realizada com o aproveitamento de rochas que já apresentavam silhuetas favoráveis àquele tipo de trabalho); segunda: a criação de conjuntos de diversas esculturas destinadas a serem agrupadas num mesmo quadro à maneira de elementos de um quebra-cabeça. Isto, graças ao jogo da perspectiva e com a condição de se olhar o "quadro" de um determinado ponto, habitualmente assinalado no terreno: rochedo central, "poltrona" de pedra, esculpida no rochedo... Segundo Ruzo, essas criações podem ser encontradas na França, em

Fontainebleau; no Egito, às margens do Nilo; na Romênia, nos Carpatos, etc.

Sejam quais forem as aberrações da acusação e — é preciso reconhecê-los — os exageros da defesa, o que nesta questão é profundamente aterrador é a cegueira, a falta de curiosidade do mundo erudito com relação a uma cultura que teria atravessado os oceanos há mais de 10.000 anos.

Se Jirov, que não é arqueólogo e sim engenheiro químico, voltou sua atenção para o problema de Marcahuassi é porque as pesquisas empreendidas por outros sábios na própria União Soviética trouxeram à tona, nos montes Urais, culturas arcaicas baseadas no mesmo trabalho *in situ,* com rochedos e incluindo figuras gravadas de homens com cabeças de pássaros, lembrando o Egito antigo.

Ainda mais próximos do tipo Marcahuassi estão os rochedos esculpidos *in situ* e descobertos acidentalmente nos montes Sihote Alin, na Sibéria, pelo caçador Ephrem Leshok. Nessa gruta, sustentando o teto, uma "estátua" lembra o gigante Atlas. Ali perto, uma figura altaneira, cercada de estranhos rochedos, abre grandes asas azuis e, de braços cruzados, contempla os intrusos. Na sala seguinte, uma estátua delicada e pensativa, de traços nitidamente arcaicos, ostenta no meio da testa um terceiro olho, o olho pineal das antiqüíssimas representações míticas da divindade. Este último fato é particularmente perturbador, na medida em que esse olho também aparece — e da mesma maneira — em gravuras rupestres sul-americanas que nunca foram verdadeiramente estudadas nem explicadas e que, em todo caso, não se relacionam de maneira alguma com as civilizações ameríndias conhecidas, nem mesmo arcaicas.

Quanto à estátua siberiana, a inclinação da cabeça demonstra suficientemente que o artista seguiu a natureza, tal como os de Marcahuassi. E o que dizer das esfinges descobertas nos montes do Kazakhstao, dos rochedos esculpidos também exatamente em forma de esfinge, encontrados nos Carpatos (em Bratocéia, Busteni e Cerna) e todos orientados do mesmo modo? O que dizer, finalmente, das grandes figurações de cabeças de touros dos montes do Cáucaso? Em cada um desses casos, não estaremos em presença de uma técnica de trabalho da rocha *in situ?*

QUANDO E COMO?

Não temos nenhum conhecimento exato a respeito do homem dessa cultura do Marcahuassi. Dele, só nos falam ainda os vestígios de sua atividade; mas esses vestígios indicam técnicas e criações que, por sua vez, têm equivalentes em muitas civilizações americanas posteriores.

O doutor Antonio Pompa y Pompa, da Academia Mexicana, em comunicado redigido em 1953, declarava-se habilitado a proceder a um corte relativo a esta cultura arcaica em todo o continente americano. De seu lado, o doutor Peter Allan, da *Smithsonian Institution,* escreveu após ter estudado *in loco* as esculturas de Marcahuassi: "Encontram-se inegavelmente nesse planalto esculturas entalhadas diretamente no rochedo e representando homens e animais. As esculturas revelam uma técnica de execução especial, permitindo que certas representações se tornem visíveis ao observador apenas num determinado ângulo de incidência da luz e, por vezes, de um ponto escolhido de antemão pelo escultor e expressamente indicado no terreno. Em esculturas como a conhecida sob o nome de "Leão Mexicano", a representação de maneira alguma poderá ser atribuída à imaginação ou a uma erosão natural e fortuita. A mão do homem se faz perfeitamente visível nessa criação..."

E o professor vienense H. S. Bellamy: "Esses monumentos, únicos em virtude de sua

concepção, de suas linhas e de sua execução, têm a plasticidade como qualidade essencial, pois nem todos se apresentam, na verdade, em relevo. O resultado, neste caso, é que a escultura deve ser olhada a partir de um ponto definido, habitualmente indicado no terreno e, conseqüentemente, num determinado ângulo de orientação. A maioria das esculturas põe em destaque um certo efeito luminoso..."

Alexei Okladnikov, da Academia de Ciências da U.R.S.S., por sua vez, visitou as esculturas *in situ* dos montes Sihote-Alin. Chegou mesmo a datá-las. Para ele, essas esculturas são anteriores à cultura dos Tchiutchiens e dos Bohais, pertencendo, portanto, a uma época situada entre 700 e 500 antes de Cristo. Aliás, essas datas foram contestadas e continuam as discussões. Seja como for, a cultura dos montes da Serpente em Sihote-Alin confirma a existência de uma técnica de escultura *in situ* em dimensões gigantescas e os conjuntos ali encontrados constituem talvez a expressão relativamente recente de uma tradição muito mais antiga. As *obras de arte* de Sihote-Alin foram fotografadas, aquele sítio organizado e prosseguem as pesquisas de Okladnikov.

No que diz respeito a Marcahuassi, embora o método de construção não suscite problemas de espécie alguma (foi "suficiente" amoldar os contornos dos rochedos escolhidos justamente por causa da predisposição de sua forma natural ao tema escolhido), estamos muito menos seguros quanto à sua data.

QUEM E POR QUÊ?

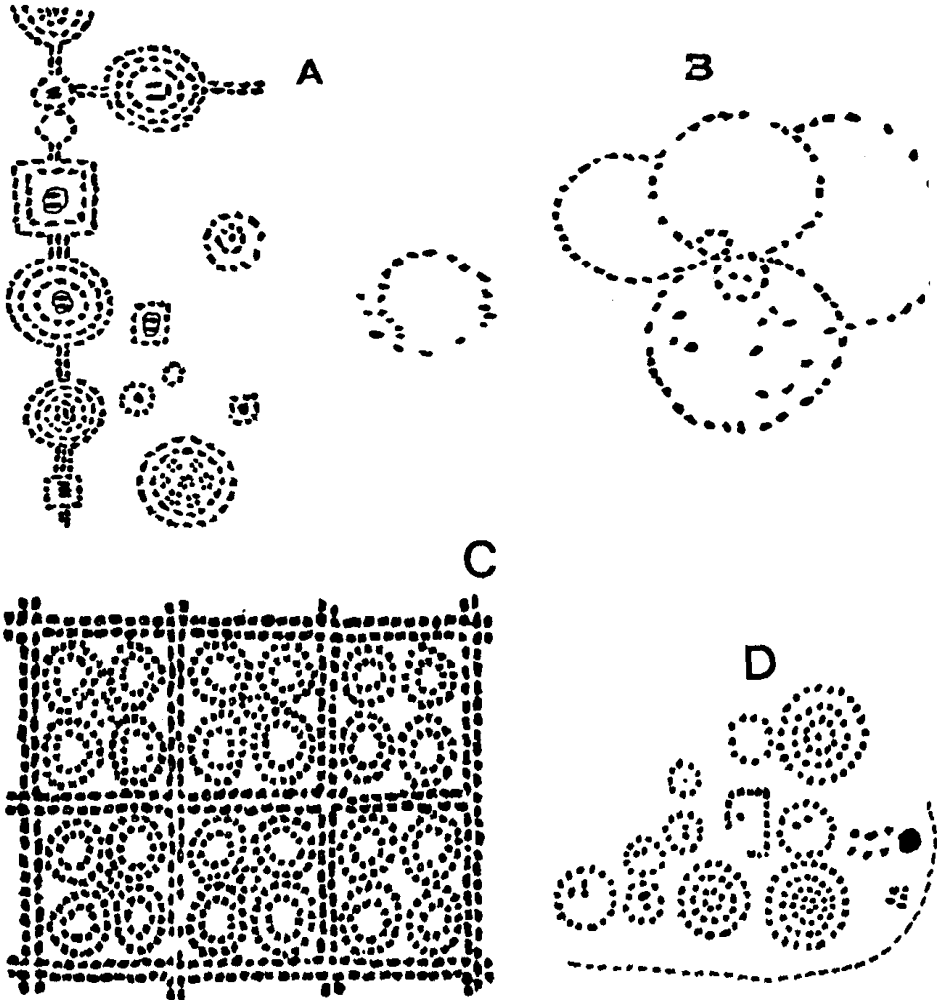
Entre os que viram fotografias das esculturas de Marcahuassi (ou outras semelhantes) são muitos os que põem em dúvida que homens primitivos tenham sido capazes de esculpir naquela escala. Por ocasião de um debate televisionado que sustentamos com o professor Emile Condurachi naquela época diretor do Instituto de Arqueologia de Bucareste, tivemos a oportunidade de ouvi-lo suscitar ingenuamente o problema dos andaimes, instrumentos especiais e outros sistemas mecânicos de que teriam carecido os homens pré-históricos para talhar e modelar os rochedos. Esquecia ele com isto que até hoje não sabemos, por exemplo, com que luz trabalhavam os homens de Lascaux, e com que guindastes os construtores de Stonehenge manobravam os seus blocos de pedra. E o que dizer então do *canal* pré-histórico que liga o Amazonas ao Rio Negro pelo Rio Cassiquiare, ou da construção dos *effigy-mounds,* colinas antropomórficas da América do Norte e... da Inglaterra, dos alinhamentos do planalto de Nazca, dos blocos de 1.200 toneladas de Baalbek, no Líbano, ou das construções ciclópicas da Sachsahuaman, no Peru?

Não será possível deixar de perceber, um dia, que as esculturas de Marcahuassi foram realizadas sem recorrer a "técnicas milagrosas". O seu segredo todo está na ação — por percussão ou atrito — de uma rocha mais dura sobre outra menos dura. A utilização da natureza e o trabalho *in situ,* que consistiu em aperfeiçoar e modelar formas já existentes, e em compor conjuntos a partir de peças esparsas no terreno, reunidas graças à perspectiva (o que muitas vezes reduzia a tarefa a uma escolha criteriosa do ponto de observação) fazem com que a execução dessas obras tenha sido muito mais fácil do que se desejaria imaginar.

Finalmente, o cálculo das probabilidades nos diz que a possibilidade de um "americano" do décimo milênio antes de Cristo ter realizado a imagem de um camelo num rochedo é da ordem de 1 para 20.000. Para que a natureza, por intermédio do vento e das tempestades, da chuva e das alternâncias cotidianas de temperatura, tenha esculpido, uma após outra, duas cabeças de camelos, duas focas a se olharem a 10 metros de distância de um elefante, e a 15 metros de uma tartaruga, essas probabilidades passam a ser de 1 para 3

bilhões.

Quanto ao por quê? Todos os nossos conhecimentos sobre as relações entre o homem primitivo e as forças naturais nos levam a supor que esses trabalhos tinham objetivos rituais. E se os construtores de Marcahuassi — imitados depois no mundo inteiro — devem ter uma identidade bem determinada, parece-nos que a única civilização capaz de empreender, *naquela época,* uma obra dessa natureza era a do platô das Baamas. Inegavelmente, até agora, esta última continua hipotética. Mas, caso tenha existido, não nos esqueçamos de que ela já inscreve, no seu ativo, a construção de um gigantesco porto submerso...



Formações de pedras erguidas
A. *Argélia*
B. *Inglaterra*
C. *Livônia*
D. *Conjunto ulterior da Escandinávia*

Escala — *pés* : 0 25 50 75 *pés* : 0 25 50

Se forem postos de lado um dia os preconceitos que relegam as esculturas de Marcahuassi às antecâmaras da história, se forem empreendidas pesquisas sistemáticas, estamos convencidos de que elas não se limitarão a explicar Marcahuassi e a maneira pela qual a sua mensagem abriu caminho pelo mundo afora: elas poderão revelar uma aplicação

local do saber e das crenças daqueles que haviam colocado sobre quatro pilares as grandes lajes do molhe de Bimini. Teremos então uma prova da dispersão sul-americana daqueles grandes antepassados.

Em Marcahuassi, uma escadaria cortada na rocha sobe de parte alguma para lugar nenhum. A dezenas de milhares de quilômetros dali, na Tchecoslováquia, uma outra escada cortada na rocha de *Quadersandstein do Paraíso Boêmio* — o *Cesky Raj* — lança-se para o céu... Escadarias do paraíso das lendas antigas, todas elas devem ser agrupadas numa mesma interrogação como um dólmen da Índia e sua réplica das Hébridas.

UMA CERTA ESCRITURA

A escritura é parte tão integrante de nossa civilização que receamos, ao pretender defini-la, enunciar truísmos. Vamos correr esse risco. A escritura é um processo de que nos valemos atualmente para imobilizar, para fixar a linguagem articulada, fugidia em virtude de sua própria essência ... Na realidade, a linha de desenvolvimento da escritura não é a única, nem reta. Ela foi demarcando ao mesmo tempo uma série de progressos sobre os quais é desnecessário insistir, já que eles são por demais visíveis, mas também toda uma seqüência de decadências; de meio de expressão autônomo, a escritura desceu à categoria de simples substituto da palavra...

JAMES G. FÉVRIER *Histoire de L'Ecriture*

A exemplo do desenvolvimento ideal do homem, também o da escritura poderá ser representado por um esquema. Amontoado irrisório de formas mais ou menos capazes de gerar futuros desenvolvimentos, simples embrião de uma possibilidade maior do homem, a escritura das origens foi, não obstante, um meio de expressão autônomo. Veio depois a escritura ideográfica, com suas propriedades de síntese. E finalmente, pouco tempo depois, a escritura de palavras.

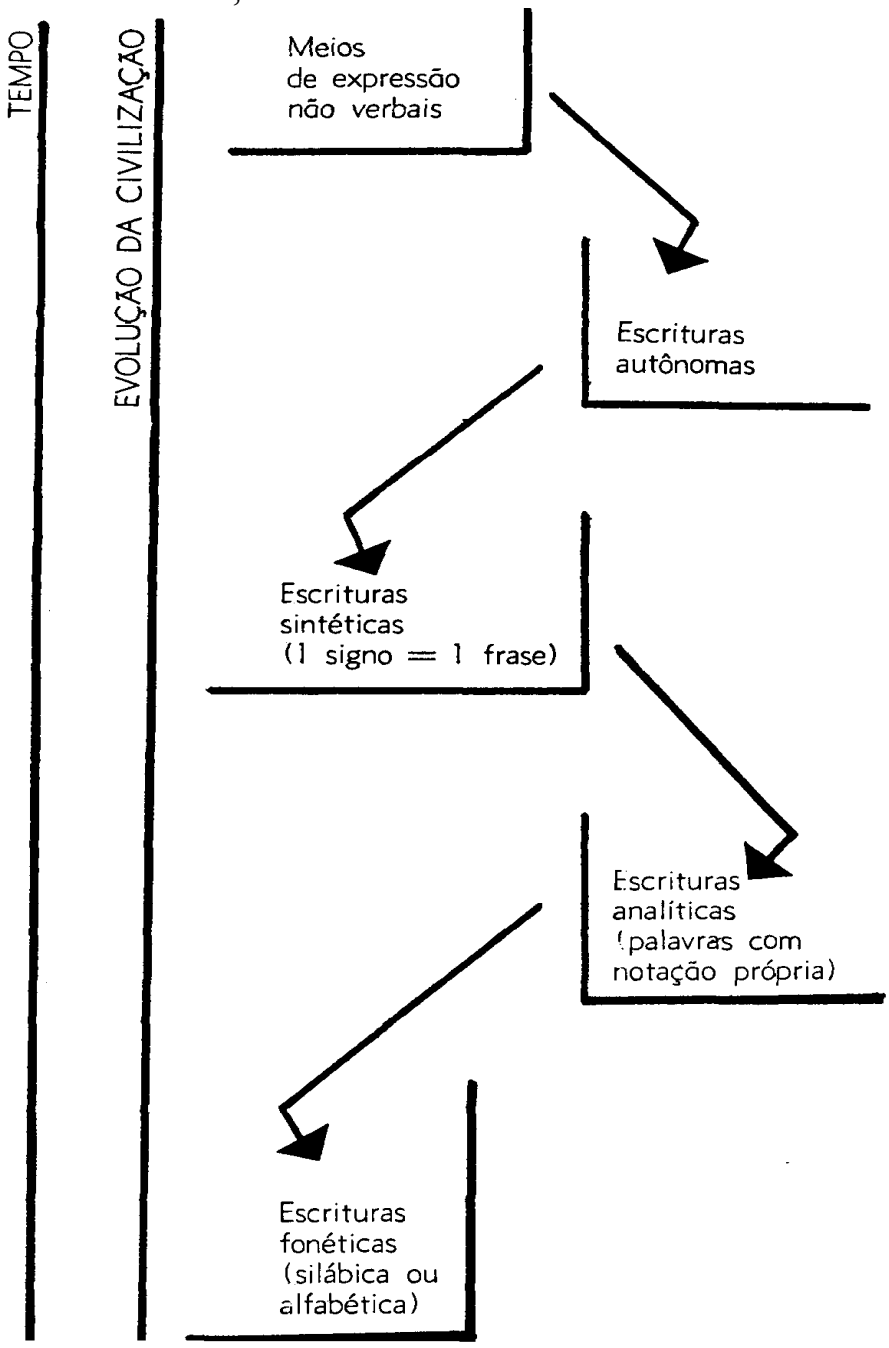
Essas três fases essenciais correspondem ao próprio desenvolvimento do *sistema de comunicação entre os homens,* e abrangem todo o mundo interior construído, e depois desgastado, pelos gestos da vida. Inicia-se esse desenvolvimento quando se atribuiu pela primeira vez à linguagem e encargo de proceder a uma notação qualquer que levou ao manuseamento cotidiano do alfabeto. Eqüivale também à passagem do arbitrário para a regra e para a razão, do valor momentâneo e individual de um signo para a utilização erudita das letras. Fato lógico, a evolução da escritura teve de se submeter aos mesmos processos de transformação que o homem, seu artífice. E talvez seja por este motivo que o mito da evolução em catástrofe paira sobre a história da escritura tal como sobre a do homem.

Há dez ou quinze anos, admitia-se que o aparecimento da linguagem no homem tivesse ocorrido muito depois que ele teve a idéia de colocar o fogo a seu serviço, há cerca de 100.000 anos. A idade atribuída então ao homem era de 1 milhão de anos. Por conseguinte, os 100.000 anos de retórica humana representariam apenas um décimo, quando muito, de sua existência como espécie. Dentro dessa mesma cronologia, a escritura teria apenas 5.000 anos de idade. O que eqüivale a dizer que o homem só teria começado a falar e a escrever depois de ter vivido respectivamente nove décimos e novecentos e noventa milésimos de sua história!

Ora, este cálculo está errado. E isto porque os dez últimos anos fizeram recuar a data do aparecimento do homem no planeta alguns... milhões de anos. Cinco milhões, ou mesmo mais, de acordo com o professor Bryan Patterson, que se refere aos homínidas de Lotogam Hill, na África. Voltando ao cálculo anterior e aplicando as mesmas percentagens, obteríamos 500.000 anos de elocução e 25.000 de escritura. É uma estimativa sem dúvida

exagerada, tendo em vista que manter proporções inalteradas quando o "cenário" explode e se multiplica, constitui uma atitude mecanicista, que não pode deixar de servir de obstáculo aos progressos do conhecimento. É preciso, portanto, *abrir* a cronologia da escritura, tal como se abriu a do homem.

Isto só poderá ser feito com a condição de serem incluídas no quadro das escrituras algumas que até hoje permaneciam fora do circuito oficial da história do pensamento e de seus meios de expressão. Para tanto, nós teremos de nos voltar para uma *outra história* que, muito embora comece *com* Sumer, não tem início *em* Sumer.



INVENÇÃO DA ESCRITURA

Se retomarmos a idéia de primeira civilização, associada ao estudo de Sumer, verificaremos que o legado principal e de que se beneficiou toda a humanidade é a invenção de uma linguagem escrita.

"A ESCRITURA, prólogo daquilo a que damos o nome de civilização, surge de início como um desenho a representar certos objetos; mas esse sistema comporta limites, limites da expressão do pensamento. A escritura se torna então mais abstrata e permite a representação figurada da idéia."

(Fragmento da enciclopédia *L'Univers de Vart* publicada em Paris, em 1967.)

É bem conhecido o papel que ainda hoje se atribui a Sumer na história da civilização. Tida como "Primeira civilização", é particularmente a ela que se julga devida a invenção da escritura. Ora, na verdade, o estudo das formas embrionárias de escritura nos obriga a fazer recuar para um passado bem mais remoto, até a idade da pedra, o momento em que apareceram os primeiros modos de expressão e de comunicação do homem.

OS "CLICS" DOS PRIMEIROS ASTRÔNOMOS

Entre os acontecimentos científicos do ano de 1929, alinha-se a publicação do estudo de Jacques Van Ginneken sobre os primórdios da expressão oral. Acompanhando a evolução da linguagem em sentido contrário para melhor investigar as formas embrionárias, Van Ginneken situa antes da linguagem articulada a dos gestos e dos "clics" — os mais reduzidos de todos os fonemas, próximos dos sons inarticulados emitidos pelos recém-nascidos e pelos animais. Esses "clics" encontram-se ainda, aliás, na linguagem de algumas povoações sul-africanas.

Mas — e é isto que se deve gravar — Van Ginneken sustenta também que a escritura pode ter aparecido ao mesmo tempo, quando não antes da fase dos gestos e dos "clics", sob forma de riscos traçados sobre vários suportes. Assim, por exemplo, o caçador da era neolítica poderia ter anotado o número de pequenos animais abatidos durante um período de caça. Por sua vez, James Février escreveu: "O signo é próprio do homem ... Talvez não se tenha dado uma atenção suficiente ao papel que, sob este aspecto, pode ter cabido às marcas sobre a neve, durante o paleolítico superior..."

Como seria de esperar, a teoria de Van Ginneken suscitou violentas polêmicas. Seus adversários insurgiam-se particularmente contra a idéia de que, no caso de se continuar a situar — como eles eram os primeiros a fazer — a invenção da escritura numa época que remontava inabalavelmente a 5.000 anos quando muito, os sumerianos e os egípcios não teriam passado de "quase-mudos gesticulantes"! Isto evidentemente não é verdade, mas é preciso neste caso reconhecer que os sumerianos e os egípcios *não* inventaram a escritura.

Por outro lado, falando-se em "escrituras" antes de Sumer e independentemente da aventura histórica dos indo-europeus, somos forçados a admitir igualmente que essas "escrituras" existiram mais ou menos em toda parte do mundo. Teremos de reconsiderar sob este aspecto alguns *ossos* célebres, sobretudo a plaqueta de osso do abrigo Lartet, o osso do abrigo Blanchard e o osso de águia da gruta do Placard.

Tidos durante muito tempo como peças banais de museu, esses três pedaços de ossos gravados anulam, com efeito, uma outra "descoberta" súmero-babilônia: a dos calendários lunares. É perfeitamente certo que os sumerianos a isto se dedicavam com êxito há quase 7.000 anos, mas o pesquisador americano Alexandre Marshack deixou recentemente estabelecido, a partir dos três ossos em questão, que os homens do paleolítico se haviam antecipado neste ponto aos sumerianos em 28.000 anos. Nós hoje sabemos que os "quase-mudos gesticulantes" do abrigo Lartet, do abrigo Blanchard e da gruta do Placard transcreviam, há 35.000 anos, as fases da lua valendo-se de *um verdadeiro código,* e que esse código era mais ou menos difundido.

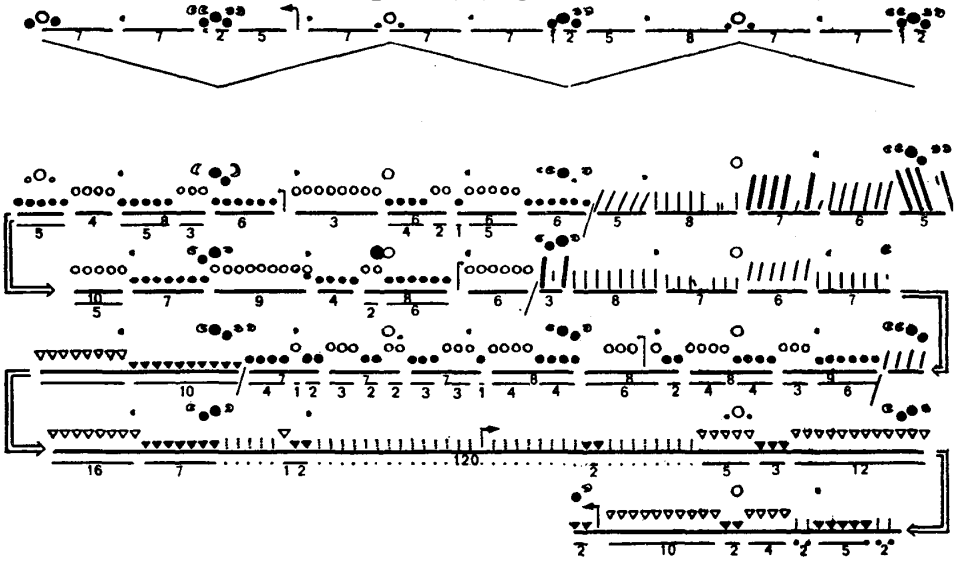
Um exame aprofundado dos fragmentos de osso mediante uma técnica de investigação especial (microscópio binocular, x 10 a x 60) permitiu verificar que as marcas ali gravadas constituíam na realidade um código perfeitamente elaborado de transcrição das fases lunares. Quem nos explica o objetivo dessas notações abstratas é o próprio Alexandre Marshack: "Essa realidade de componente temporal é feita necessariamente das periodicidades da flora, da fauna, das estações e do céu e muito provavelmente também das periodicidades mais sutis, porém, igualmente importantes da atividade humana: caça, migração, educação, puberdade, menstruação, nascimento e morte. Aparentemente, no centro desta conceitualização da realidade temporal *encontram-se a periodicidade e a notação lunar."* E ele acrescenta: "Esta notação era possível antes do aparecimento da escritura e talvez antes de um sistema numérico. ATÉ CERTO PONTO, ELA DEVE TER LEVADO A AMBOS."

A PROVA PELOS BÁLCÃS

Já ficou, portanto, assente que Sumer e o Egito devem parte de seu saber a fontes tradicionais muito mais antigas. E o que é válido para a observação astronômica e para o calendário lunar também o é para a escritura. Além disso, *descobertas feitas recentemente na Romênia e nos Bálcãs o vieram comprovar.*

A primeira dessas descobertas — a da Romênia — é de 1961. Ocorreu nas proximidades da aldeia de Tartária, na Transilvânia. Foram ali encontradas três tabuinhas de argila com *sinais* que apresentam uma extraordinária analogia com a escritura sumeriana do III milênio e com a escritura cretense do II milênio. A datação pelo radiocarbono indicou 5.500 anos de idade, ou seja, *1.000 anos mais que a primeira escritura sumeriana.* Naturalmente, alguns pseudo-especialistas acorreram contestando esses números e quiseram dar 1.500 anos menos às tabuinhas de modo a equipará-las às de Sumer. O que nada teria adiantado.

TRANSCRIÇÃO DAS NOTAÇÕES DO OSSO DE LARTET (Os sinais produzidos com o auxílio de utensílios diferentes, ou dos mesmos com mudança de direção de incisão ou de ponta, concordam com o ciclo lunar. O modelo lunar corresponde a um ciclo bimensal de 59 dias apresentando intervalos de 7 ou 8 dias entre a lua cheia e o último quarto.) (Segundo Science et Viex)



Com efeito, alguns anos mais tarde — de 1969 a 1971 — as escavações de Karanovo, na Bulgária, trouxeram à luz outras tabuinhas portadoras de escrituras locais que já tornam possível extrair novas conclusões que refutam o *mito de Sumer.* Na superfície das tabuinhas e placas de argila de Karanovo, os arqueólogos encontraram linhas completas de

sinais que representam muito mais que um simples esboço de escritura e datando também de uma época mil anos anterior a Sumer. Os signos de Karanovo, encontrados na camada VI desse sítio, demonstram de uma vez por todas que a invenção da escritura já não pode ser atribuída a Sumer, onde só apareceu por volta do ano — 2.300.

Com essas descobertas cai igualmente por terra a concepção do papel civilizador inicial das culturas egeanas. Não foi do Egeu nem de Tróia que os antigos balcânicos receberam o bronze. Houve ali, tal como na Bretanha, na Inglaterra e na Espanha, esboços de civilizações autônomas, que dispunham de uma "escritura" própria.

Finalmente, as descobertas de Tartária e de Karanovo voltam a suscitar o célebre problema da escritura de Glozel. As circunstâncias do caso Glozel são por demais conhecidas, dispensando-nos de voltar a elas. Lembremos, entretanto, que por ocasião do encerramento das discussões, os que afirmavam a "falsificação" consideraram sua sentença definitiva pois, para abalá-la, teria sido preciso ao mesmo tempo encontrar *outras "escrituras"* análogas convenientemente distribuídas entre — 10.000 e — 2.500, e localizar essas novas escrituras em lugares distantes de qualquer influência oriental. Acessoriamente, teria sido necessário que aqueles signos tivessem permanecido praticamente inalterados desde o paleolítico magdaleniano até a proto-história e o alvorecer da era dos metais. Impunha-se, além disso, que numa mesma pedra polida ou tabuinha proveniente do neolítico, coexistissem duas ou três escrituras de tipo radicalmente diferente, aparecendo traços simples ao lado de impressões pictográficas e de signos alfabetiformes.

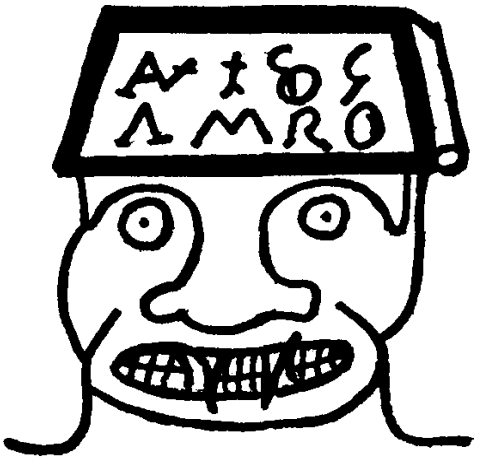
O exame das tabuinhas de Karanovo é suficientemente ilustrativo, sob esse aspecto. Com efeito, essa escritura: — é pelo menos mil anos anterior às primeiras tabuinhas sumerianas, — aparece em pleno mundo bárbaro sem justificar nem demonstrar qualquer influência oriental, — comporta figuras esquematizadas (representação humana com o braço fletido sobre o abdomen, braços erguidos, etc), traços retilíneos ou pontilhados e outros lembrando certas letras do alfabeto latino, como A, L, M, Z.

Todos esses caracteres voltam a ser encontrados na *escritura* contestada de Glozel que, por sua vez — sendo este um dos principais motivos das negações suscitadas — não poderia em hipótese alguma ter menos de 6.000 — 10.000 anos.

SIGNOS ANTIGOS NO NOVO MUNDO

A indiscutível semelhança entre os signos de Karanovo e os de Glozel cria por sua vez novos problemas, entre os quais o de saber qual a difusão dos signos de tipo"glozeliano" (gravados ou incisos em placas, tabuinhas, ossos) pelo mundo afora.

Verifica-se bem depressa que placas e tabuinhas apresentando signos alfabetiformes foram descobertas nas camadas arqueológicas de Alvão em Portugal, de Bunesti na Romênia, de Petra Prisgiada na Córsega, de Puygravel na França, na Escandinávia, no Atlas, nas costas do Noroeste da África e *na América.* E mais, sua presença é com freqüência associada à dos vestígios megalíticos. Examinemos, por exemplo, os signos gravados na cabeça de pedra de um dos colossos de San Agustin, na Bolívia. São idênticos ao encontrados em Glozel pelo doutor Morlet.



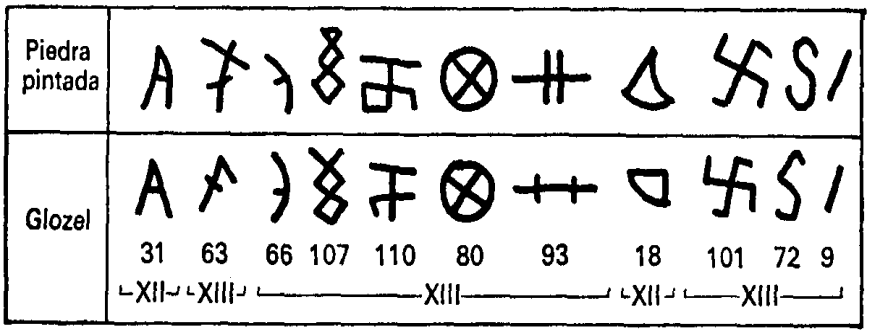
Quadro comparativo dos signos			
Colômbia	Glozel	Colômbia	Glozel
	37 II		17 II
	109 99 II		35 II
	94 II		93 II
	72 II		77 II

(As notações numéricas representam as posições desses signos nas pranchas do Corpus das Inscrições *de Glosel, publicado em 1969)*

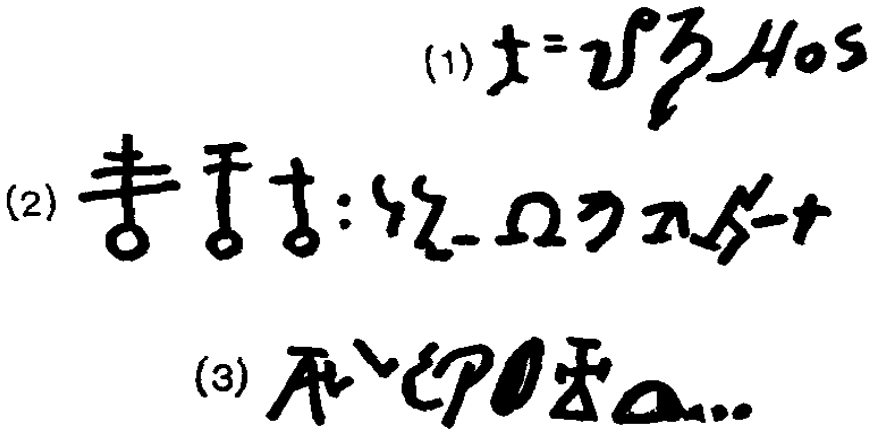
Encontram-se signos absolutamente iguais na Pedra Pintada, na Guiana brasileira.

(As notações em minúsculas representam a posição desses signos nas pranchas XII e XIII, Silabário de Glozel, redigido pelo Br. Morlet's.)

Piedra pintada	
Glozel	XII XIII XII XIII XII XIII XII X 38 106 78 49 46 98 99 94 77 19 18 93 92 7 6 . 1
Piedra pintada	
Glozel	XIII XII XIII XII XV XII XIII XII X 104 94 92 80 31 89 90 50 31 39 17 104 54 84 34 9



Encontram-se ao todo, na Pedra Pintada, 43 dos 111 signos do "silabário" de Glozel. Entre as inscrições brasileiras "discutíveis" (tudo que não se pode explicar é passível de "discussão") encontram-se também as seguintes, apresentadas há mais de vinte anos pelo inglês Harold T. Wilkins:



Essas inscrições, descobertas num antigo manuscrito proveniente da Biblioteca dos Arquivos do Rio, mais tarde extraviado, foram gravadas em rochedos numa região situada no centro do Brasil oriental, no sertão, não longe do Rio Pequi. O traçado grosseiro e talvez incorreto de 1753 comportando signos idênticos aos da Pedra Pintada (por sua vez descoberta em 1910 e cujo primeiro traçado só foi publicado depois de 1950) e aos de Glozel e outras inscrições "glozelianas" da Europa, é um argumento evidentemente favorável à autenticidade desses signos.

Do conjunto de 22 signos das três inscrições, 20 são idênticos aos de Glozel. É preciso acrescentar que foram encontrados alinhamentos e signos análogos em placas de xisto, ossos, fragmentos de cerâmica em muitos outros pontos da Europa e da África. Em Alvão, em Portugal, na Escócia, Morávia, Moldavia, Transilvânia, Bulgária, Grécia, França, Espanha, regiões do Magreb, esses signos existem, e embora tenham sido por vezes descurados nem por isto foram nunca tidos como falsos.

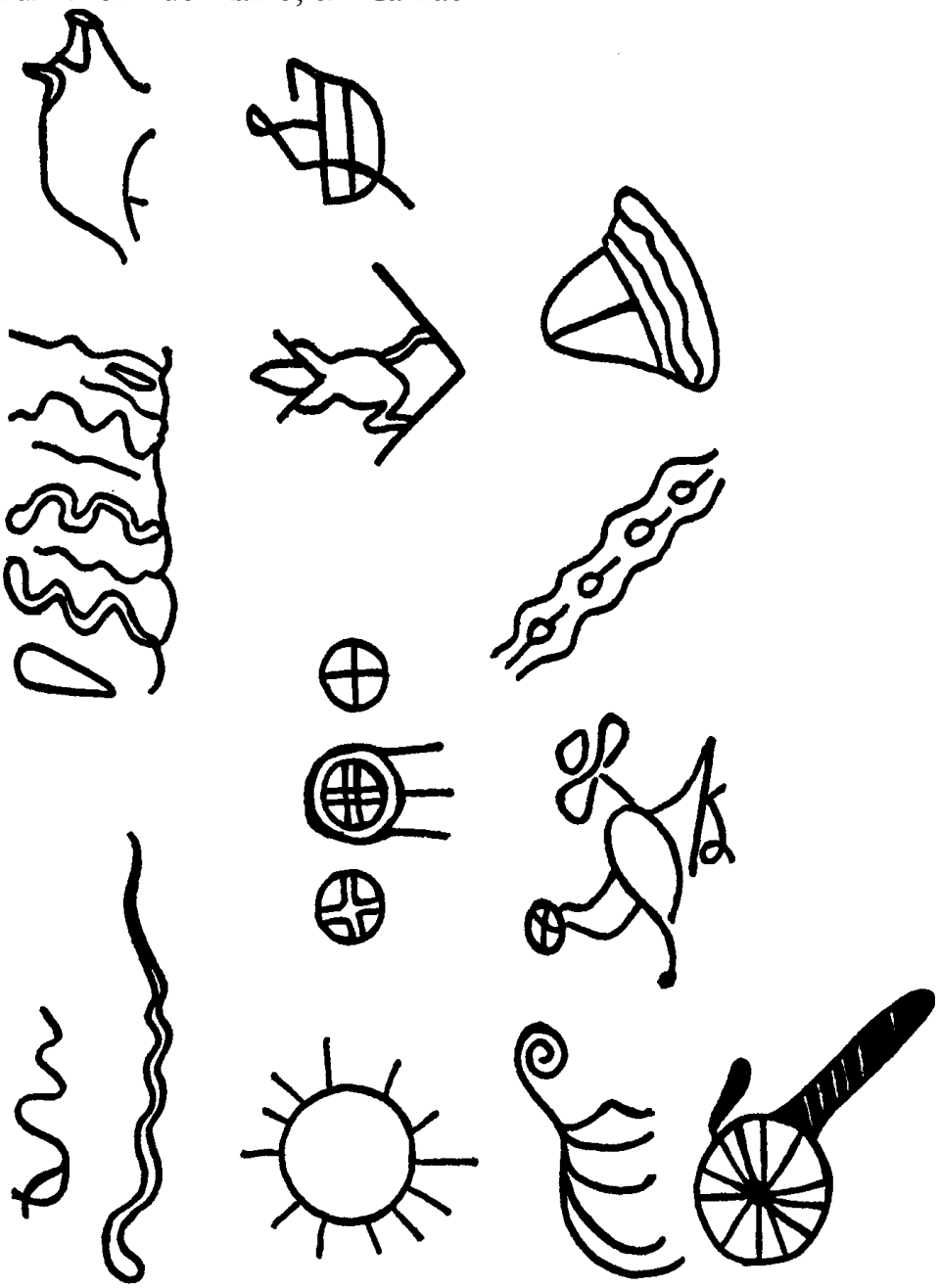
Brasil	Glozel	outros lugares	Brasil	Glozel	outros lugares
	37 XII	Asoka (Índia) Fenícios		98 XIII	Brasil
	6 XII			9 XII	
	75 XIII	Sânscrito Kanthariva (Índia)		30 XII	do
		Tibete proto-sânscrito		65 XIII	Petroglifos
	44 XII			4 XII	
	77 XII				
	72 XII			72 XIII	Petróglifos da Colômbia Colômbia
	53,98 XII, XIII	Tiro cariano		17 XII	Colômbia
				59,50 XIII	Titicaca Tiro Nínive
	4 XII				
	37 XII				
	31 XII			18,49 XIII	
	92 XIII			79 XIII	

É importante salientar que eles sempre representam estágios locais de desenvolvimento totalmente independentes do mundo oriental. Assim, pôde o arqueólogo inglês Flinders Petrie escrever que se encontravam na Espanha e na Caria "alguns signos que são desconhecidos do alfabeto greco-fenício". E acrescenta: "Para se apresentarem em regiões tão distantes, é preciso que eles remontem a uma época muito antiga. Além disso, uma dezena de signos da Espanha e da Caria se reproduzem nos alfabetos posteriores do Norte da África, sendo porém desconhecidos dos fenícios; de modo que não foi por intermédio dos fenícios que se fez a sua transmissão."

Resumindo, pode-se, portanto, dizer que os sítios onde se encontram essas inscrições ficavam fora das correntes civilizadoras de cepa oriental mas, em contraposição, sempre assinalados por vestígios de homens dos megalitos. Na realidade, tudo se passa como se esses *signos* tivessem sido difundidos por homens comparáveis aos que espalharam pelo mundo a concepção dos megalitos. Resta ver se eles podem ter sido os mesmos.

Para tanto, examinemos o caso da Pedra Pintada. O que nos ajudará a encontrar uma resposta há de ser menos o significado, para sempre perdido, dessas inscrições do que

algumas figuras aí representadas. São elas: o sol, a serpente, o sapo, o porco, o cavalo, o barco, o navio, o carro sagrado, a espiral, o olho, a mão, a cruz gamada — sob suas duas formas de Suástica e de Sauvástica — e finalmente o homem. Embora o sol seja representado com seus doze raios como uma roda clássica, quando sem raios é ele ainda que simboliza o ano com suas quatro estações, tão apreciado pelos construtores de megalitos da Europa ocidental. A serpente preside tudo, sob duas formas, sendo que a mais estilizada lembra estranhamente o Egito dos faraós. O papel desempenhado pela serpente na civilização dolmênica é suficientemente conhecido. Lembremos apenas que o encontramos num dos esteios do dólmen de Gavrinis, situado numa pequena ilha do Morbihan, e num menir de Manio, em Carnac.



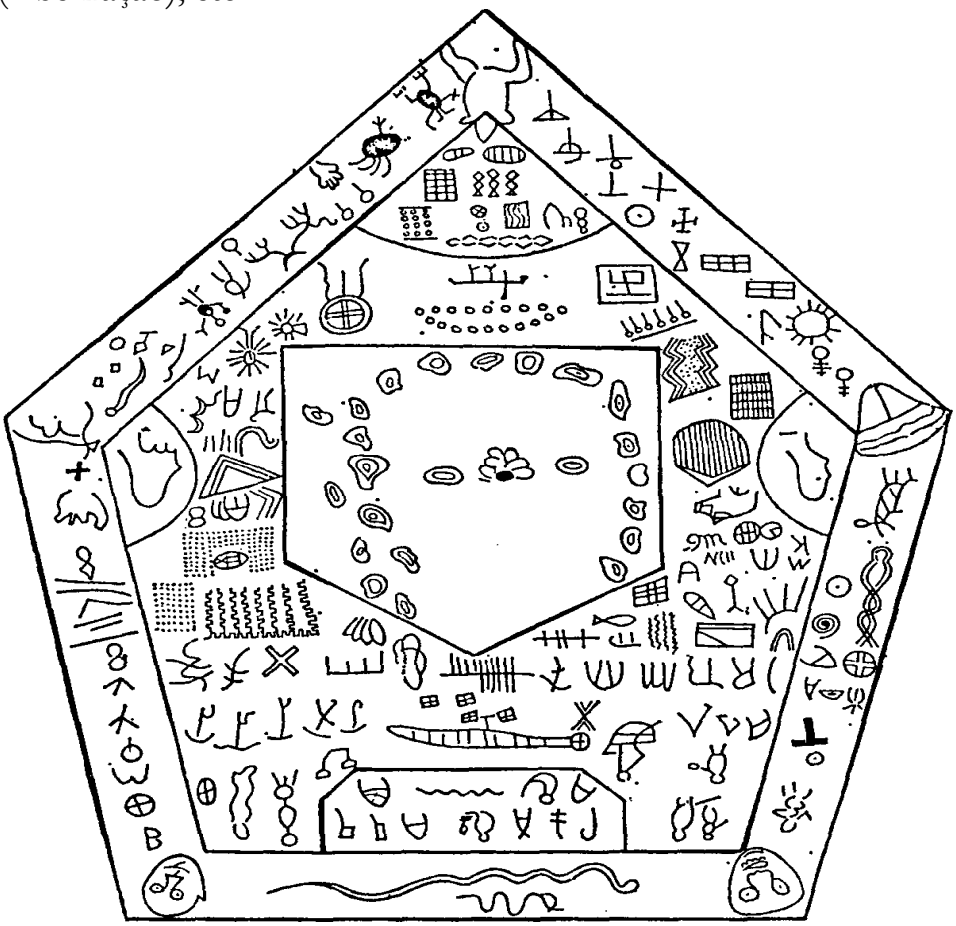
Colocado no ângulo do duplo pentágono, pintado e gravado na parede, o sapo — animal sagrado que rege as chuvas — evoca as relações entre o homem e a fertilidade dos campos, o homem e as condições atmosféricas. Da mesma forma, a rã, que bota dez mil ovos por ano, simboliza a fecundidade da água estagnada e até do pensamento íntimo do homem. Associada ao ovo, a rainha dos pântanos talvez seja também o símbolo da Pedra Pintada, que surge como um gigantesco ovo de pedra. Aliás, Laurence Talbot nos faz

lembrar que os deuses do Olimpo castigaram *Latônia,* filha de um Titã e mãe de Apolo, transformando-a em rã, tendo sido isto que levou os naturalistas a criar o grupo das latônias. Mas vale a pena analisar esse nome. Com efeito, se *lat,* como faz notar Laurence Talbot, é o equivalente latino do grego *Ias* — pedra — (latônia = pedreira), através de aproximações torna-se possível associar a rã ou o sapo ao *ovo de pedra.*

O porco constitui por sua vez o alimento vivo das grandes travessias marítimas da Antigüidade. Logo em seguida vem o cavalo. Representado pelo menos três vezes, o da Pedra Pintada, de aspecto nobre, representa um preciosíssimo elemento de datação pois sabemos que ele desaparecerá da América pré-colombiana entre 8.000 e 1.500 antes de nossa era.

São finalmente representados os utensílios do homem, o barco, o navio, a canoa... Um dos cantos do pentágono sagrado ostenta provavelmente um barco, assim como, no zodíaco de Pedra Pintada inclui-se uma embarcação de quatro lugares, vista de cima.

Ainda mais importantes para o nosso estudo são as representações altamente simbólicas da espiral, do olho, da mão e da cruz gamada. Não se deve esquecer, com efeito, o papel primordial da espiral na simbólica dos elementos da vida do primitivo e que são a água, a mulher, a agricultura, os animais domésticos, a vegetação e a própria vida. Exprimindo a relatividade e o devir, a espiral mantém constantemente presente no espírito do primitivo que a desenha ou contempla a idéia de repetição na evolução, de renascimento perpétuo e de renovação da natureza. Em última análise, ela é o símbolo do *mito do eterno retorno.* Quem adora a espiral diviniza, *ipso facto,* a mulher em virtude de seus ciclos menstruais, a rã semi-aquática e semiterrena, a serpente que é uma espiral viva e desaparece em data fixa (hibernação), etc.



Pedra Pintada (Guiana brasileira) O duplo pentágono copiado pelo Sr. Homet.

Símbolo marinho por excelência, o olho afirma a permanência do *vigilante.* Sua

presença ao lado da espiral reúne numa mesma imagem aquele que vigia e o que *sabe.* Depositária da astúcia, a serpente completa o conjunto. A mão designa a participação.

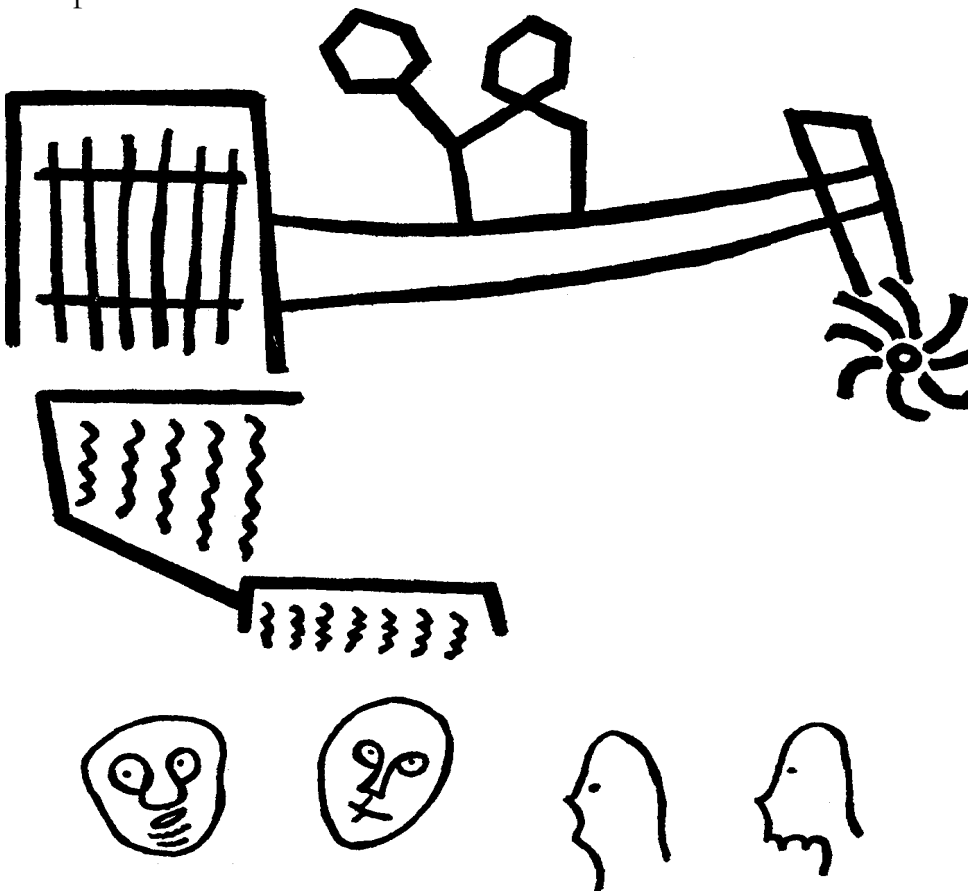
A cruz gamada suscita um maior número de problemas. Admite-se em geral que ela tenha sido criada pelos indo-europeus. Na realidade, embora a tenham efetivamente conhecido, não foram eles que a inventaram. O próprio fato de lhe conhecermos duas formas distintas já é significativo. Como mostra muito bem Pedro Astete, existem duas categorias de suásticas, algumas lineares, outras espaciais. As primeiras representam os centros de irradiação, o sol e a lua; as segundas, as suas irradiações, isto é, os seus efeitos na qualidade de astros que comandam o destino e o comportamento dos homens. Este símbolo de bom augúrio só tardiamente chegou a ser conhecido dos sânscritos, que lhe deram o seu nome. Verdadeira cruz em movimento que se pode prolongar em duas direções contrárias, a cruz gamada é sucessivamente *Svasti-ka* signo de vida e de prosperidade, e *Sauvásti-ka,* signo de destruição e de morte.

Sempre que alguém se refere à suástica, é como se se tratasse de um símbolo ariano, o que constitui uma outra maneira de atribuir à raça ariana uma realidade histórica que ela não tem. Sua presença é em seguida lembrada como motivo ornamental no Egito e, mais tarde, em toda a bacia mediterrânea, desde Creta até a Sardenha, e das colônias gregas às cidades romanas da Líbia. Sabem os especialistas que ele pode ser igualmente encontrado em cerâmicas peruanas antiqüíssimas, em pleno Pacífico (Novas-Hébridas e ilhas Salomão), no Congo e em toda a África negra, nas escrituras da ilha de Páscoa, assim como entre os bascos e bretões. Não nos esqueçamos, entretanto, de que o homem de Cro-Magnon foi dos primeiros a dela se servir. Os magdalenianos utilizaram com efeito esse signo nas representações que deles nos ficaram na Europa ocidental, e tudo leva a crer que eles lhe atribuíam um significado idêntico ao da Índia, vale dizer o de *movimento indizível que impele o homem à alegria da perfeição realizada.* Se, por outro lado, levarmos em conta o papel do sol e da lua nas crenças pré-históricas, teremos, portanto, de considerar a suástica como símbolo da própria vida.

Acrescentemos ainda que as suásticas encontradas no osso gravado de Isturitz, e em Oxocelhaya, na região basca, poderiam sugerir um centro de difusão... europeu. Ao que parece, entretanto, será preciso conformar-se e responsabilizar por esta difusão os *homens vermelhos* e os *homens dos megalitos.* O que nos traz de volta ao homem da Pedra Pintada.

Quanto a esse homem, ainda não se sabe muito bem quem era ele, embora se tenham descoberto em túmulos situados nas proximidades indivíduos de tipo cromagnonóide, sepultados de acordo com a técnica do ocre vermelho e... acocorados. Por outro lado, e mesmo independentemente das silhuetas mais ou menos estilizadas da Pedra Pintada, ele cuidou de nos deixar o seu retrato. Esse retrato talvez corresponda ao de algum primo irmão, que ele teria suplantado na marcha em direção ao progresso.

Essas silhuetas sempre nos mostram pessoas entregues a alguma atividade, manejando instrumentos, e cujos gestos, já elaborados, não podem ser de maneira alguma aproximados dos "clics" de Van Ginneken. Uma delas está mesmo ocupada a lidar diante (ou com) um instrumento complexo que pode muito bem fazer pensar num "mecanismo". Não nos deixemos tentar a propor uma interpretação qualquer, que seria criticada; mas se esses homens conheciam a roda e o carro de guerra, não vemos porque a idéia de confeccionar dispositivos de irrigação ou algum tipo de moinho rudimentar não lhes poderia ter ocorrido. Mas ainda não se esgotaram as surpresas; os quatro retratos incluídos no pentágono duplo ainda nos reservam muitas outras.

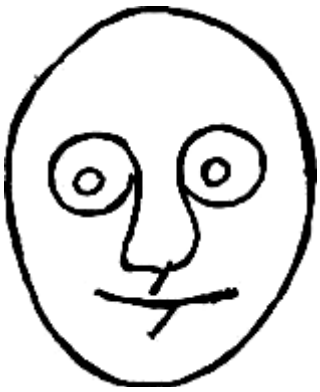


Os dois pares de retratos representam indiscutivelmente duas categorias de homens diferentes. De resto, a própria economia do "quadro" o comprova. Seriam eles os homens que ornamentaram a Pedra Pintada ou deveremos ver neles tipos neanderthalianos? Talvez seja preciso levar ainda mais longe a comparação e imaginar, por exemplo, uma dessas cabeças, vista de frente e colocada entre duas cerâmicas — uma esquecida, a outra tida como falsa — de... Glozel.

A Pedra Pintada mostra finalmente magníficas imagens de "feiticeiro". Vemos ali indivíduos travestidos usando máscaras feitas talvez de peles de animais e procedendo a encantações. Essas duas imagens, identificadas em 1950 por Marcel Hornet, nos trazem à mente o homem da gruta dos Trois-Frères (Ariège), também representado em atitude de quem está a oficiar.

Temos ainda, finalmente, os símbolos humanos representados praticamente da mesma maneira numa área geográfica muito extensa, precisamente a que presenciou a passagem ou a atividade criadora dos homens dos megalitos.

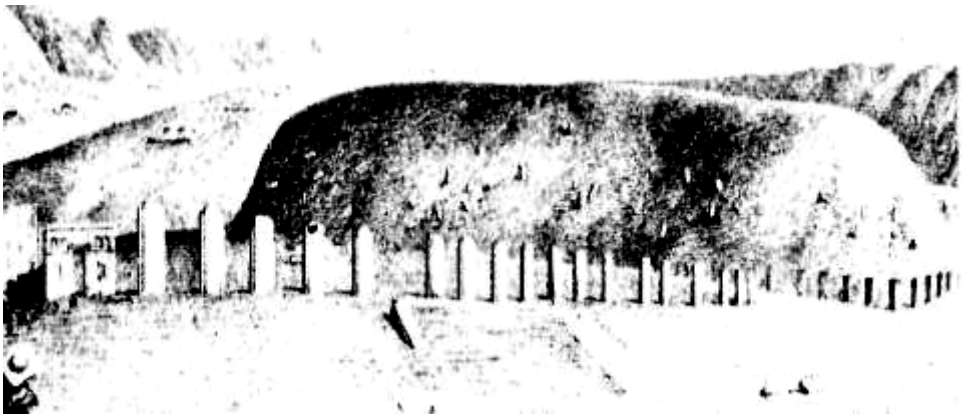
Se acrescentarmos ao que ficou dito os conhecimentos geométricos comprovados pela Pedra Pintada, verificamos que ela fala com bastante clareza de homens que não se limitaram a ali preparar túmulos e vias de comunicação no interior do rochedo, tendo deixado também nas paredes do mesmo a prova formal de que já dispunham de um meio de *transcrever* suas crenças e seus conhecimentos.



Muralha de Bimini

Mapa do hemisfério ocidental do almirante turco Piri Reis, 1513.

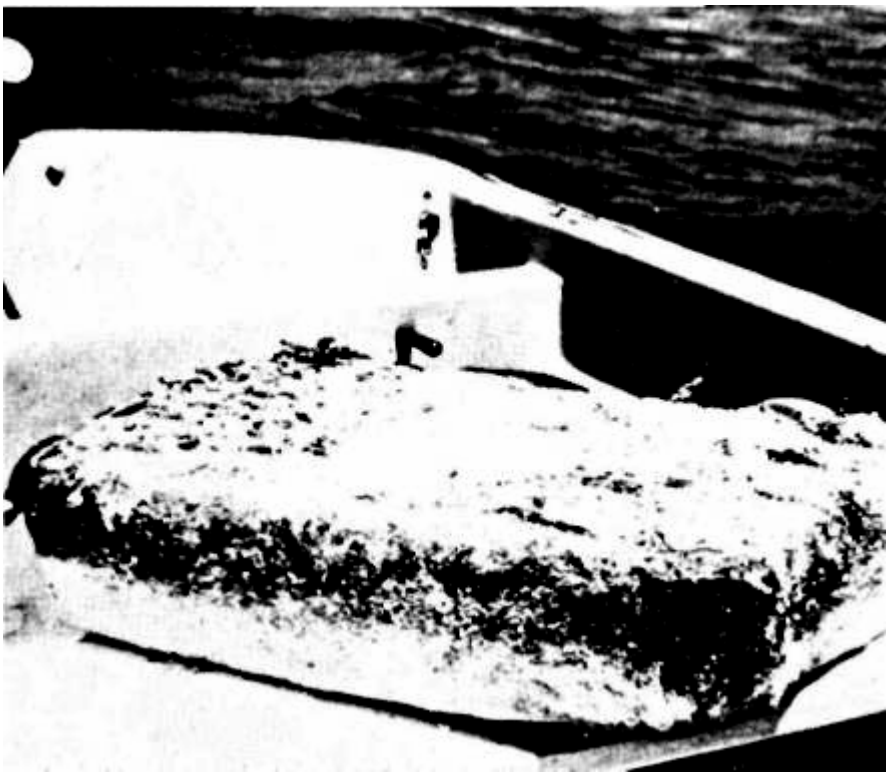
Vista aérea da estrutura submersa do "templo" situado nas proximidades da ilha de Andros.



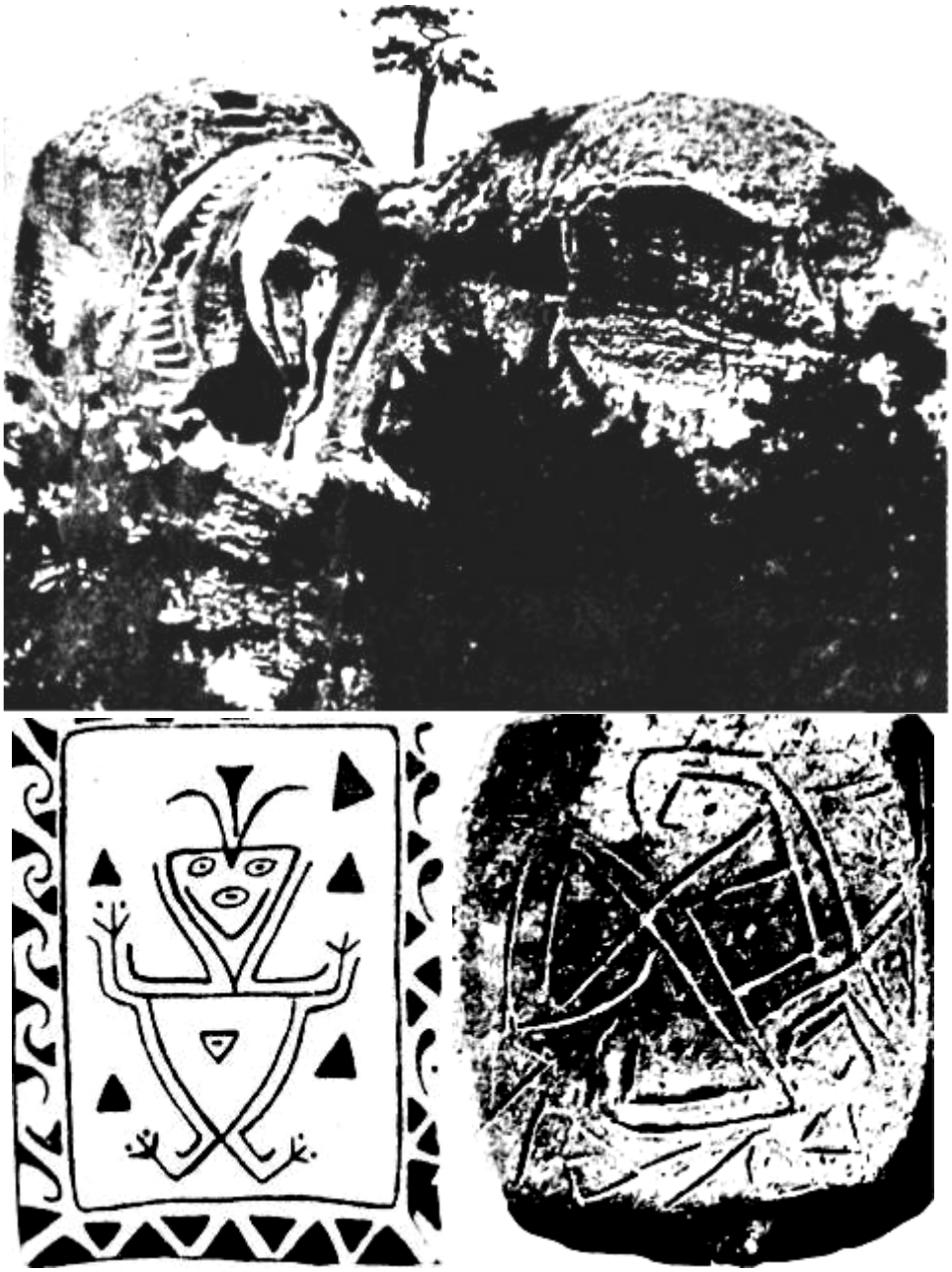
A porta de Tialtuanaco

Pormenor de uma das formações artificiais Bimini. Laje gigantesca do molhe, vista dentro d'agua.

(Em baixo) "Elemento" de construção de Bimini. Pedra regular, tirada das estruturas.

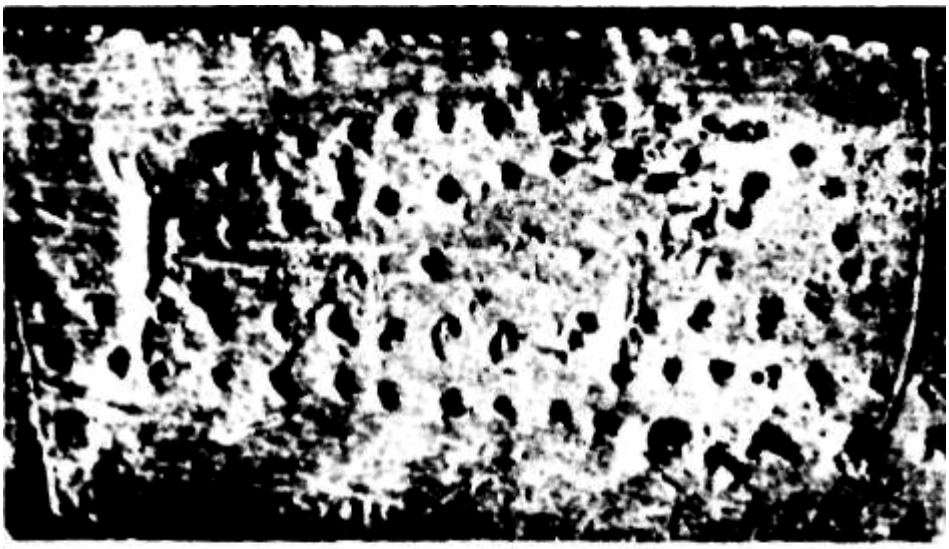


Equiparação entre duas figuras antropomórficas; cerâmica de Tiahuanaco (à esquerda) cerâmica de Glozel (à direita).



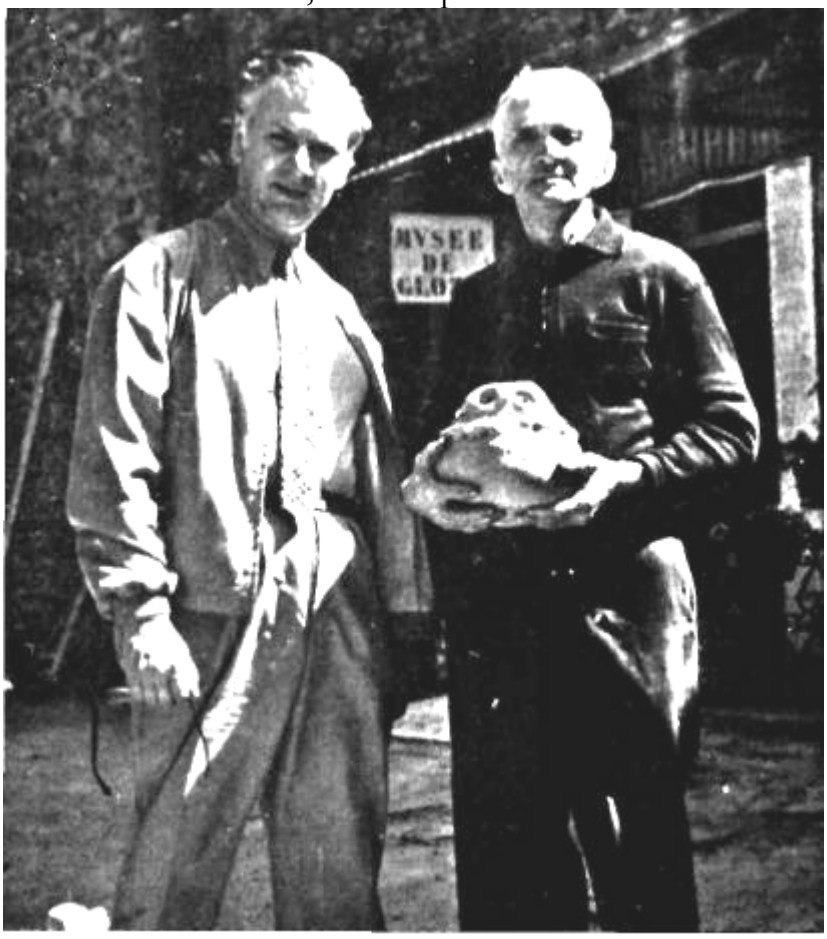
Representações humanas. Escudo ritual sul-americano da época pré-incaica (Chanci - Peru), à esquerda e tabuinha gravada de Karanowo (Bulgária), à direita.

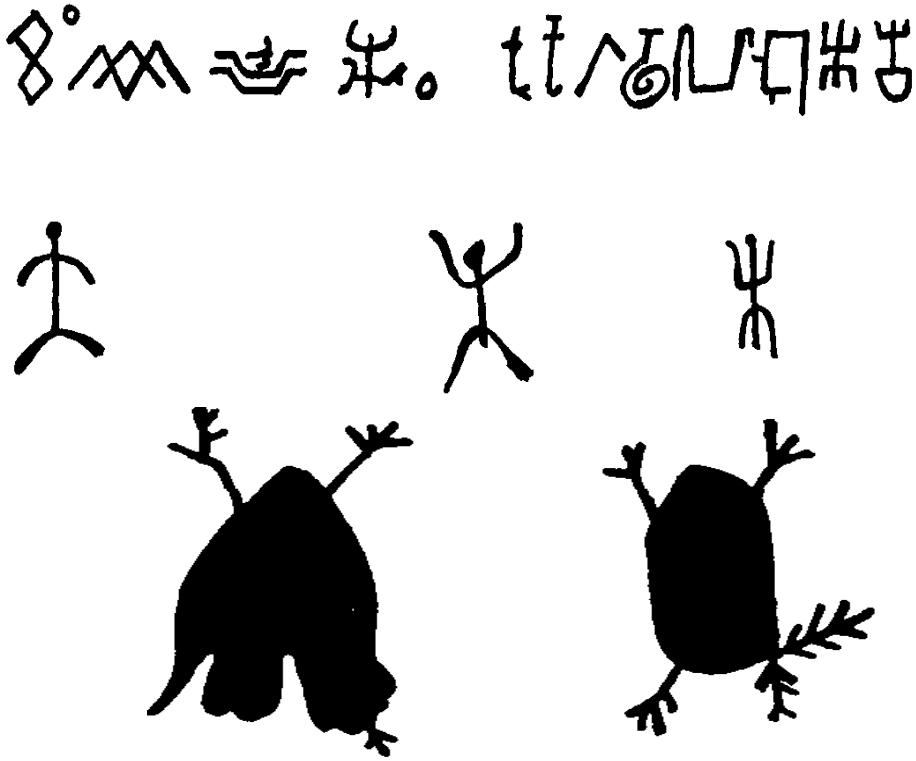
Descobertas de Mar-shack. Interpretação das gravuras sobre osso.



Tabuinha com signos de Karanowo (Bulgária)

O autor em Glozel, em companhia do senhor Fradin





No alto: Escrituras desconhecidas da América do Sul.
Embaixo: Desenho de Pedra Pintada.

Concluindo, pode-se dizer, portanto, que desde aquela época o homem já havia iniciado o processo intelectual que culminaria com a invenção da escritura muito embora esta ainda permanecesse sem finalidade prática, tendo cabido talvez ao Oriente Médio a

tarefa de *reinventá-la* em outras bases. Vicissitudes históricas que desconhecemos seriam então responsáveis pela interrupção daquelas primeiras tentativas, cujos autores só podem ser aqueles mesmos homens que fizeram parte da primeira leva saída do remoto Oeste para chegar ao Oriente.

ESTÁ FEITA A JUSTIÇA

A persistência, inalterada no decorrer de milênios, de signos idênticos aos de Glozel sem dúvida alguma causou muito mais susto do que seria de direito. Com efeito, a suástica não atravessou a história, vindo dos magdalenianos até Hitler? O signo do sol como uma roda não subsistiu também pelo menos 6.000 anos? É verdade que, em 1930, ainda se estava em pleno conservadorismo histórico. O homem tinha, no máximo, 500.000 anos de idade, supunha-se que a América só tivesse sido povoada por asiáticos que atravessaram o estreito de Behring durante os últimos 5.500 anos, etc. Era finalmente a época dos brilhantes primórdios do "sumeranismo". Principal artífice do mito de Sumer, o arqueólogo inglês Sir Athur Evans declarou no *Times:* "No caso de se admitir a autenticidade das descobertas de Glozel, ficaria prejudicado todo o edifício dos meus conhecimentos." E ele estava sendo perfeitamente sincero. Sincero também o sábio português A. Mendes Correia, professor na Universidade do Porto, quando afirmava a contragosto, referindo-se ao "caso" Glozel: "Futuramente, há de causar espanto a incrível leviandade com que o misoneísmo e o orgulho buscaram imaginar argumentos para contrariar a evidência dos fatos."

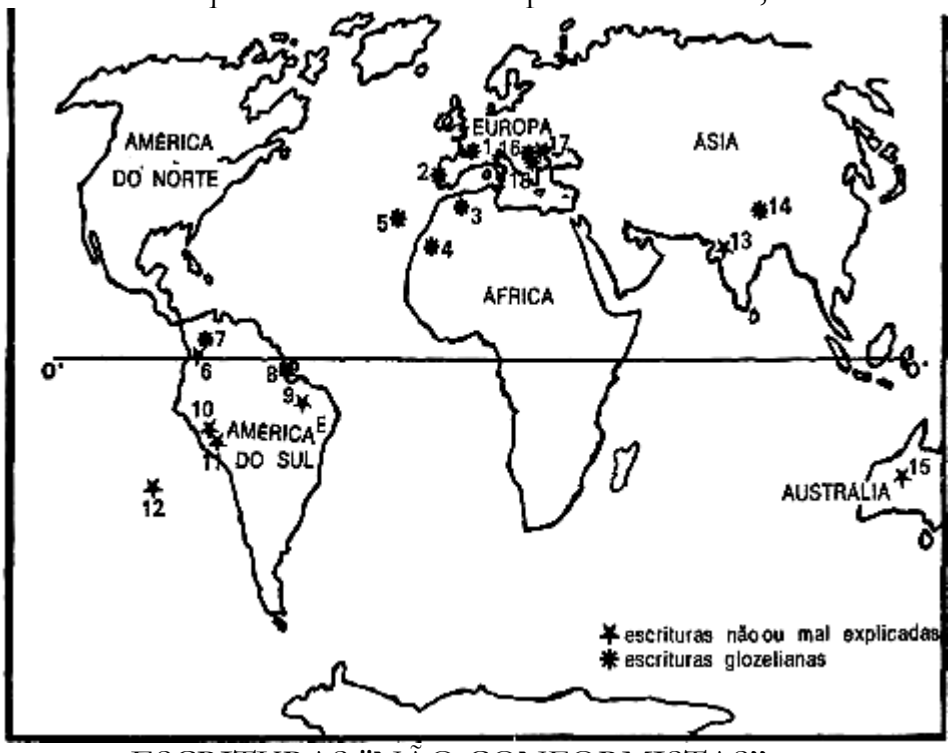
Considerado autêntico em 1930, Glozel teria convulsionado a ciência e constituído um acontecimento na história da cultura européia. Posto de lado como falso, deixou campo livre para outras descobertas que estão hoje colocando em xeque tanto a invenção da escrita por Sumer como a prioridade do Egeu no nascimento da civilização ocidental. Essas descobertas foram aos poucos fazendo o seu trabalho de reconstituição, devolvendo à verdade e à lógica da história o lugar que lhes é atribuído pelos fatos, e somente pelos fatos. *"A idéia de ter a propagação da cultura acompanhado o carro do sol também teria sido repelida e os sábios teriam sido forçados a procurar o berço da atual civilização muito mais a Oeste",* escreveu em 1970 o historiador romeno da escritura, Serban Andronescu. Todavia, Glozel não foi reabilitado. A maioria dos especialistas, adotando a tese da falsificação, recusa falar a seu respeito. Outros como Pierre Minvielle, condenam Glozel inapelavelmente. O Larousse arqueológico, recentemente publicado, limita-se a mencionar as duas teses, apontando não obstante como data possível dos objetos, a época galo-romana.

Mas, enfim, por que continuar a discutir? A "revolução" por ele anunciada realizou-se apesar de tudo, graças às descobertas de Tartária e de Karanovo, que ninguém jamais qualificou de falsas. Melhor ainda: o seu significado já agora é compreendido. Ouçamos, a este respeito, o que diz Henri de Saint-Blanquat: "Isto tudo bem que poderia ter um sentido e revelar como que uma escalada dessas sociedades em direção à escritura. Em alguns lugares privilegiados, esse movimento teria sido bem sucedido: aí estão para testemunhá-lo Gradechnitza e Karanovo.

Ao que parece, por certo, esse êxito não teve seguimento. Por que motivo as sociedades do Egeu, cujo desenvolvimento começou bem mais tarde, como hoje se reconhece, conseguiram ir mais longe? É o problema todo da origem das civilizações que se vê suscitado por essa primeira tentativa de escritura, por essa façanha talvez demasiadamente precoce, demasiadamente isolada. Houve na Europa, nos Bálcãs, na Espanha, Bretanha, Inglaterra, esboços extraordinários de civilizações, movimentos

autônomos e que ainda chocam muitos arqueólogos..." E se esses "movimentos autônomos" constituíssem não o começo e sim o *final* de uma corrente civilizadora que, por falta de elos com suas bases iniciais, se se tivesse espontaneamente extinguido?

Os portadores da idéia megalítica levavam na bagagem muitos signos que, mais ou menos sistematizados e adotados com algumas variantes pelas diversas populações com que entraram em contato, puderam delinear os rudimentos de uma escritura. É essa mesma escritura, difundida mundo afora por aqueles homens, sendo que alguns de seus exemplos podem ser encontrados entre os egípcios pré-dinásticos. Os aspectos incongruentes dessa "escritura" e a ausência de um sistema ficariam então explicados em grande parte pela defasagem de tempo entre a partida desses homens e sua chegada nos países onde foram encontrados, escritura essa que veio um dia a desaparecer também, com seus criadores...



ESCRITURAS "NÃO CONFORMISTAS"

Sigilos e "escrituras" de: 1. Glozel; 2. Alvão; 3. Montes Atlas; 4 Rupestres; Marrocos; 5. Canárias; 6. San Agustin; 7. Pedra Pintada; 8. Maranhão; 9 Brasil (sertão); 10. Huari; 11. Callao; 12. Ilhas de Páscoa; 13. hindus, 14. Grutas do Tibete; 15. Grutas da Austrália; 16. Tartária; 17. Bunesti; 18. Karanovo.

O REFLUXO DA MARÉ ...

De tanto buscar mundos imaginários sob céus inexistentes, os sonhadores que lá se iam ao acaso, aos tropeções, acabavam um dia caindo, sem que o tivessem feito propositalmente, num mundo real.

Nessa busca às escuras, as vagas lembranças das eras do paganismo confundiam-se facilmente com os ensinamentos da religião. Esta, em todas as circunstâncias, rememorava as delícias perdidas do paraíso terrestre *e confirmava sua existência, sem insistir mais do que o necessário sobre sua exata posição geográfica.*

RENÉ THÉVENIN *Les pays légendaires*

À maré civilizada durante e graças à qual o Paraíso penetrou na tradição de tantos povos sucedeu — como acontece em todo grande movimento histórico — refluxo da maré. Durante milênios, ela levou os curiosos, os valentes, os sonhadores e os comerciantes para

as terras submersas daquela primeira pátria que, em tantas lendas, foi o *paraíso terrestre*. Informação transmitida pelos servidores de Hórus, pelos homens dos megalitos ou colhida nas narrativas destes últimos pelas povoações em cujas terras eles iam dar, mais tarde difundida em todo o Oriente Médio pelos antigos egípcios, o mito do *paraíso terrestre* se transformou, durante muito tempo, em motivador da corrida à civilização.

A grandeza da lenda exigia heróis de envergadura que ensinassem aos homens o seu caminho e lhes mostrassem por onde voltar. Um deles é o próprio Hércules, tal como o vemos em sua última façanha. *A do jardim das Hespérides.*

Gente de espírito prático, os fenícios — durante algum tempo senhores dos mares — enfeitaram a lenda com o ouro e os metais preciosos que foram buscar no Novo Mundo. Neste ponto, eles haviam sido precedidos aliás por seus irmãos cananeus (como provam algumas inscrições recentemente encontradas na América) e seriam imitados pelos cartagineses. Os romanos, por sua vez, lançaram-se na trilha dos cartagineses. Apesar da persistente incredulidade, as inúmeras moedas romanas encontradas na América Central e a extraordinária estatueta romana proveniente das escavações de Calixthuaca, no México, são suficientes para comprová-lo. A seguir, os vikings perseguiram os irlandeses, para os quais o célebre Brandan, o Navegador, havia aberto o caminho...

Vieram outros, depois. O sultão do Mali queria uma explicação para o Gulf Stream. Madoc, príncipe bretão, só buscava a paz. Os irmãos Zeno punham a serviço de quem os pagasse os seus talentos náuticos e militares. O cavalheiro Knutsson pretendia reconduzir à fé verdadeira as ovelhas tresmalhadas. Alonzo Sanchez, o "piloto anônimo" desejava fugir, custasse o que custasse, de um paraíso para onde fora contra sua vontade. Mas o maior de todos esses sonhadores foi, indiscutivelmente, um certo Cristóvão Colombo, último herói do refluxo da maré, a quem caberia finalmente fechar o ciclo.

UM POVO CRIADO PELA IMAGINAÇÃO: OS PELASGOS

Esses pelasgos ou ciclopes, tais como os evocam as lendas greco-romanas, civilizadores, comerciantes (por terra e mar) monopolizam o tráfico do Helesponto, ao Norte com a Trácia, ao Sul com os povos da Ásia Menor...

MADELEINE ROUSSEAU *L'Art et L'Histoire de I'Homme*

GARGÂNTUA, O PELASGO

Referindo-se aos pelasgos em seus comentários sobre a *Eneida,* Sérvius escreveu: *De his varia est opinio* — "As opiniões divergem a seu respeito." Decorrente ao que parece, pelo intermédio de lendas referentes aos construtores "gigantes", dos primeiros megalitos e desenvolvida por assim dizer à sua sombra, uma técnica arquitetural peculiar invadiu por sua vez o mundo sob o nome de "civilização megalítica". Como já acontecera no caso dos menires, dólmens, cromlechs e outras pedras erguidas, admitiu-se que ela havia sido obra de apenas um povo.

Seus monumentos: fortalezas como a de Sachsahuaman, no Peru, canais de irrigação nas Filipinas, muros de defesa no mar Egeu, ruelas em degraus na América, falsas abóbadas nas regiões mediterrâneas e no México, estranhas construções providas de alicerces de pedra em San Agustin (U.S.A.), no sudoeste da Ásia, entre os Khmers do Camboja e nas ilhas Marquesas. Mais tardiamente, essa mesma técnica há de se mostrar ainda viva em Micenas e Mohenjo-Daro no vale do hindus, e em Biblos na Fenícia. Além disso, foram

encontrados túmulos construídos de acordo com uma mesma técnica entre os dórios, no Egito, na Índia ocidental, (Pondicheri) etc. Assim como certos menires e dólmens são tidos como obras de gigantes, sendo alguns megalitos hindus e coreanos atribuídos também a gigantes como os pandus, heróis da Mahabharata indiana.

Gargântua, por sua vez, deixou-nos o seu túmulo (o dólmen de Corlay, nas Cotes du Nord), sua pedra-marco (o menir de Péronne, no Somme), sua galocha e sua colher (dólmens de Saint-Pierre-d'Oleron) e até o seu cascalho (menir de Croth, no Eure-et-Loir). Hércules, os Ciclopes, e muitos outros gigantes mitológicos eram igualmente considerados como construtores de toda espécie de muros e portas megalíticas. Os gregos, por exemplo, viam nos Ciclopes vindos da Ásia Menor oito séculos antes dos filósofos jônios (século XIV a.C.) os construtores das muralhas de Tirinta.

Seja como for, não se pode deixar de reconhecer que essa técnica efetivamente caracterizada pelo gigantismo ainda conserva muitos segredos, a ponto dos especialistas nem sempre saberem restaurar os monumentos megalíticos.

Naturalmente, não se perdeu muito tempo, antes de traçar um retrato imaginário desses construtores. Eles teriam, necessariamente, penetrado em todas as regiões dotadas de construções vindo do exterior, destituído de monumentos, sem deixar vestígios no interior das terras. Tratava-se, portanto, forçosamente, de um *povo marítimo.* Deviam ser engenhosos e comerciantes, bons construtores, intrépidos. Finalmente, como nada se sabia a seu respeito, era preciso que fossem *um povo antigo e periférico.* Aos atenienses, em virtude da existência de algumas muralhas enigmáticas em sua cidade, é que se deve imputar a criação da lenda cuja difusão ficou garantida por Hacataios, historiador de Mileto. Essa lenda atribui um nome aos construtores: são os *pelasgos.*

Ora, os pelasgos existiram efetivamente. Eram um povo das cercanias de Larissa, na Tessália, e de Dodona, no Épiro. Podiam ser igualmente encontrados no litoral troiano da Ásia Menor e em Creta. Hellanikos chega a afirmar que os tirsênios, descendentes dos pelasgos, viviam na Itália entre Bruttium e a embocadura do Pó. Sua posição geográfica bem depressa levou esses verdadeiros pelasgos a monopolizar o comércio do Adriático entre, por um lado, a vertente oriental da Itália e o Épiro e, pelo outro lado, entre a Ásia e a Europa (a Trácia), através do Helesponto. Sem falar em sua glória lendária — e gratuita — eles bem cedo conquistaram também a reservada aos "civilizadores". Tendo, segundo habitualmente se afirma, introduzido na Itália as artes e a escritura, construído "todas" as velhas cidades gregas e navegado por todos os mares do "mundo", os pelasgos fizeram jus a seis citações homéricas — cinco na *Ilíada,* uma na *Odisséia.*

A idéia que faziam os gregos desses não-gregos forneceu o material imprescindível a todas as extravagâncias das modernas exegeses. Um sábio da categoria de Busolt neles vê semitas; Hermann-Thumser os dá como eslavos e até como poloneses, antes do aparecimento dos mesmos. Para Jean Cserep, eles são húngaros; para Gluje, antigos finlandeses. J. A. R. Munro lhes atribui uma pátria que, do Adriático até a Criméia e dos Carpatos poloneses até Creta, abrangia toda a península balcânica. Ainda hoje ocorrem elucubrações desta ordem, e perpetradas por eminentes historiadores. O que dizer, finalmente, do pobre E. D. Schneider, de Paris, que escrevia em 1894, dirigindo-se a seus leitores franceses: "Os pelasgos, nossos antepassados!"

Os pelasgos foram, por outro lado, aliados dos troianos contra os gregos. Talvez se tratasse de uma tribo indo-germânica... Foram mais tarde conhecidos com o nome de lelegues, e depois com o de carianos quando desceram até as ilhas.

A realidade histórica dos habitantes da Caria — também pelasgos — é afirmada por

Tucídides, quando este nos fala de seu aparecimento nas Cícladas. Maiores navegadores que construtores, eles dominaram as águas do Mediterrâneo oriental muito antes dos fenícios e dos cretenses.

Acrescentemos que as narrativas da Antigüidade atribuíam aos pelasgos um bom número de tradições e de lendas, entre as quais a da existência de *uma perdida pátria paradisíaca, num lugar qualquer em meio às ondas incansáveis,* que rapidamente se transformou num verdadeiro paraíso terrestre. Entrelaçada às tradições do mundo atlântico veiculadas pelos missionários da idéia megalítica, às lendas relacionadas com a terra de Amenti dos antigos egípcios, revivescida pelas sucessivas gerações de narradores, essa tradição adquiriu força suficiente para obsedar a imaginação dos mais valorosos, compelindo-os a empreender um perigoso retorno... Sonharam alguns retornar ao lugar em que nasce o "dragão dos Sargaços", a "grande serpente do mar", Set, o irmão de Osíris, também chamado Tifon e que, na realidade, é o Gulf Stream. Imaginaram encontrar as verdes campinas aquáticas, que seriam descritas em 1555 pelo francês Lery, aquelas ilhas paradisíacas, revestidas de árvores e ricas de nascentes e fontes onde, engolfando-se lentamente nas águas e no tempo, aguardava-os uma muralha gigantesca. Os primeiros a se disporem a retornar — se não de fato, pelo menos na imaginação de alguns sábios — foram precisamente os carienses.

DA CARIA ÀS ANTILHAS

Na verdade, o crédito atribuído aos carienses pelos historiadores modernos já não é tão grande. "Os autores antigos viam, na origem dos pelasgos, carienses e lelegas". *Esses nomes, para nós, não têm nenhum valor.* Provém o primeiro da designação deturpada de uma velha fortificação da Acrópole, o *Pelargi-Kon, ou muro das cegonhas.* Os outros dois são encontradas na Ásia Menor; sugerem laços que de maneira alguma poderão ser autenticados. É preciso dizer, entretanto, que esta nova atitude também revela uma certa leviandade, na medida em que os carienses tiveram de fato uma existência histórica.

Os carienses de alguns milênios atrás viviam nas Cícladas, ilhas ensolaradas onde floria o amor, e de onde partiam os piratas e navegadores de longo curso. A eles é que na realidade devemos muitos costumes marítimos geralmente atribuídos aos fenícios. Foram eles que ensinaram os gregos a pintar ou gravar insígnias em seus escudos. Chega-se até a afirmar que foram eles os inventores das viseiras para os capacetes de guerra. E também foram eles que transmitiram aos gregos a imagem convencional do deus Marte; que inventaram alças para os escudos, tendo sido os primeiros a representar a cabeça de um boi nesses mesmos escudos.

Grandes viajores, eles sofreram e retransmitiram as influências de todos os países que conheceram: Egito, Sumer e todo o mundo mediterrâneo ocidental. Mais tarde, dois países da Ásia Menor hão de ostentar o seu selo: a Caria — capital Halicarnassos — e Cara, situada na Cilícia e dominada pela Caria. Aliados de Tróia, de Creta, dos jônios e dos fenícios na Liga Cariense, eles se puseram mais tarde a serviço dos faraós que os instalaram no Egito onde desempenharam um importante papel na unificação do país e em sua organização depois da libertação do jugo assírio, conseguida com sua ajuda pelo faraó Psamétik, da XXVI dinastia. Eles chegaram até a colonizar algumas cidades egípcias. Na Bíblia, os carienses (Câr e Cârim) aparecem no segundo *Livro dos Reis*, no tempo de Atália, entre os guardas do Templo e por ocasião da "época sagrada" eles se alinham entre os mercenários recrutados pelos faraós. Por volta de 650 a. C. Psamétik instala esses "homens

de bronze" — como eram designados — nos chamados campos "estratopédicos", no delta do Nilo. Por outro lado, os *grafiti* inscritos nas pernas da colossal estátua de Ramsés II era Abu-Simbel confirmam sua presença no exército de Psamétik II durante a campanha da Núbia (cerca de 570 antes de Cristo.)

Por volta do ano 1.000, na época das migrações que convulsionam os Estados mediterrâneos da bacia oriental, os carienses "enviaram alguns de seus representantes para fora da região do sudoeste da Ásia Menor com o intuito de fundarem Tartessos, entre outras colônias." Que os nativos tudules estivessem ou não de acordo, pouco importava. Os carienses, que serviam como mercenários nos exércitos dos faraós, eram guerreiros perfeitamente capazes de impor sua vontade. Os pormenores dos conflitos, e depois os das alianças cario-ibéricas, perderam-se para sempre. Mas no alvorecer da história grega — no século VII a. C. — Tartessos se transformara na cidade mais rica do Ocidente, e sua população, uma mistura de anatólios e de tudules, se entregava a um comércio literalmente tentacular.

Assim, alguns nomes de lugares injustamente esquecidos nos fazem reportar entretanto a um povo que indiscutivelmente teve a sua participação na história. Gades, a atual Cadiz, aparece por exemplo entre as criações carienses, assim como todas as cidades cujos nomes terminavam em — *essos* ou — *assos,* desde Halicarnassos a Tartessos, passando por Salmidessos e outros. Temos porém ainda mais. Os carienses deixaram também vestígios no mar Egeu, no Egito, em Creta, no Peloponeso — talvez da Tessália em diante — e ainda mais longe.

Diodoro da Sicília escreveu que alguns homens, de longínqua proveniência, haviam navegado pelo Atlântico e *para lá das Colunas de Hércules,* muito antes dos cretenses, dos fenícios e de seus sucessores, os cartagineses. A época a que se refere Diodoro está tão distante da dos carienses do faraó Psamétik quanto esta última de nossos tempos atuais, o que a situaria por volta de 5.000 anos. O que não tem nada de inverossímil quando se reflete que um pouco mais tarde — mais ou menos no final do II milênio — os povos anatólios litorâneos, comandados por um certo Arzawa, praticavam a pirataria na região sudeste do mar Egeu para contrabalançar a atividade comercial dos fenícios. E isto, valendo-se de técnicas carienses e utilizando "conselheiros" carienses. Entrementes, as navegações dos carienses de Tartessos — transformados após a sua fusão com os nativos tudules em tartesienses — os haviam levado até as ilhas Britânicas, à Bretanha, e talvez ainda mais longe ao Norte. De acordo com certas interpretações modernas, eles teriam até mesmo atingido a América, mas este último ponto ainda não pôde ser controlado.

Vernhagen, Schwenhagen, E. O. de Thoron no século XIX, G. Barroso, Cândido Costa, Harold Wilkins e outros, mais recentemente, interessaram-se pela presença cariense na América, reportando-se sucessivamente a ruínas, inscrições e argumentos de ordem lingüística. Thoron apontou o caráter estranho de alguns desenhos rupestres e de algumas pinturas e gravuras feitas na rocha. Das tradições ameríndias locais ele chegou a extrair a conclusão de que uma dinastia cariense havia reinado nas proximidades da atual cidade de Quito, no Equador. Vernhagen, por sua vez, tratou dos vestígios da ilha de Maranhão, situada na embocadura do rio Amazonas. Ele estudou particularmente as ruínas dos gigantescos edifícios de Caru-Tupera, praticamente idênticos aos da civilização megalítica colombiana de San Agustin que, por sua vez, prosseguem em direção ao Norte até Tierra Dentro e, em direção a Sudoeste, até Guayaquil. Infelizmente, esses vestígios — tal como as grandiosas ruínas descobertas por H. Lehman em Moscopan, onde se desenvolvera outrora a civilização indígena dos carachos — só apresentam algumas vagas semelhanças

toponímicas com suas "origens carienses". Quanto às "provas" de natureza lingüística, isto é, a presença muitas vezes inexplicável do prefixo *car* no nome de diversas tribos ameríndias, os lingüistas modernos as contestam energicamente.

Entre os caraíbas de Honduras, alinha-se a tribo dos Caras. No centro e na parte meridional de uma vasta região das cercanias vivem as tribos dos caricos, carihos, caripunos, caraias, caras, carus, caris, carais, cauros, caribos, carios, caranas, caribocas, cariocas, caratoperas, carabascos, caricoris, cararaporis, carararis, etc. Mas seus nomes sempre derivam de suas origens ou parentescos *caraíbas*. É, portanto, aí que se devem centralizar as pesquisas. De seu lado, Barroso acreditava que os atuais guaranis descendiam dos caranos, originados fora do continente americano e descendentes, segundo Schwenhagen, dos carienses. De acordo com outros autores, o mesmo aconteceria com os acaraís do Brasil.

Embora do ponto de vista lingüístico nada disto possa servir de prova, não deixa de ser estranho que em quase todas as línguas das tribos ameríndias cujo nome comporta o prefixo *car,* os brancos (europeus) são chamados *caras*. Da mesma forma, por ocasião de sua viagem de descobrimento ao Brasil, o navegador português Cabral teria observado que os indígenas da região do Rio davam à sua terra o nome de *Carioca,* palavra que em guarani significa *terra dos homens brancos*. Braghine, autor de uma obra de muito sucesso sobre a Atlântida, completa a observação de Cabral fornecendo uma etimologia *sui-generis,* semigrega semi-ameríndia, para a palavra Carioca. De acordo com ele, *oica* derivaria da palavra grega *oicos,* residência, e *cari* ou *cara* seria a palavra índia que designava os brancos. *Carioca* significaria então "residência dos brancos".

Uma outra tradição, anotada por Schwenhagen, conta que sete tribos antilhanas, que se transferiram para o continente onde fundaram uma cidade localizada onde hoje se ergue *Caracas,* foram em seguida levadas para o Brasil por navegadores vindos de longe. Uma outra lenda, praticamente análoga, diz respeito às origens míticas dos chefes incas. Segundo esta última lenda, misteriosos homens brancos *vindos do Oriente via Antilhas* — ou diretamente das terras caraíbas do Norte se dermos crédito a uma variante — teriam desembarcado, depois de transpor o istmo e navegar pelo Pacífico, no litoral do Equador precisamente onde é hoje Santa Helena. Teriam como chefe o cacique Tumbes. Depois de sua morte, Quitumbé e Otoia, seus herdeiros, se desentenderam. O primeiro abandona sua esposa, Llyra, grávida, e se dirige para Leste, atravessando as terras montanhosas. O filho de Llyra será Wallanay — a Andorinha — ancestral dos heróis peruanos. Após inúmeras vicissitudes, Quitumbé funda a cidade de Tumbes, assim denominada em homenagem à memória de seu pai. A conselho dos sacerdotes, Llyra se prepara para sacrificar seu filho no altar do deus Pacha Camac. Salvo no último momento, o menino se vê numa jangada de balsa que o leva a uma das pequenas ilhas do lago Titicaca. Adotado pela bela Ciguar, filha do cacique local, Wallanay cresce e se transforma bem depressa num belo jovem, sadio e robusto, e parte disposto a tentar a sorte no Amazonas. Casa-se. Seu filho Tome será por sua vez pai de Atan e avô de Manco Copac, o lendário fundador da dinastia dos incas.

Essa lenda, transcrita por Anatello Oliva numa história do Peru, muito documentada e publicada em Nápoles em 1631, contém infelizmente uma lacuna muito grave. Embora procure estabelecer um elo entre os fundadores da antiga Caracas e os primeiros incas, aos quais associava brancos que, para certos autores modernos, eram carienses (o que ainda está por provar), a lenda não especifica o *número de gerações* que medearam entre a época do desembarque e a de Manco Capac. Afinal de contas, essas duas lendas se limitam a ilustrar os grandes movimentos dos povos de origem caraíba pelo norte da América, povos esses

que constituem uma realidade histórica.

De modo que os carienses nunca chegaram a atingir o paraíso terrestre. O único deles que pode realmente ter efetuado essa viagem era cariense apenas em virtude de um simples jogo de palavras. A história registrou o seu nome. Chamava-se Eufemos; era grego e, para não ser confundido com seus inúmeros homônimos, ele havia acrescentado a seu nome uma especificação: "de Caria". Por conseguinte, Eufemos de Caria é que teria, segundo conta Pausânias, seu biógrafo ocasional, abandonado o mundo ensolarado do Mediterrâneo para, ao sabor de uma tempestade e depois de transpor as Colunas de Hércules, ir se perder nas sombrias brumas do oceano. Ao cabo de longa e perigosa viagem, esse "cariense" foi ter numa grande ilha cujos habitantes tinham a *pele vermelha, os cabelos longos e espessos, penteados como rabo de cavalo.* No meio de quais ameríndios teria ele, portanto, abordado? Teria ele atravessado o "Golfo das Mulheres" para em seguida retornar das Antilhas à Grécia? E quando? A história não conta nada disto.

O que se pode afirmar é que, embora nos primórdios de sua existência, mais fabulosa que real, os pelasgos se tenham comportado como portadores da idéia megalítica com a qual foram aliás confundidos, ao cabo de sua aventura histórica, tendo-se tornado carienses, eles realizaram aquilo que, historicamente, deve ser imputado aos habitantes das Canárias e aos fenícios, aos quais foram igualmente assimilados. Seja como for, o fato de serem atribuídas a povos da bacia oriental do Mediterrâneo viagens bem sucedidas que demandavam o Oeste, serve pelo menos para mostrar como era grande a tentação de realizá-las.

OS FENÍCIOS EM BUSCA DO PARAÍSO

Teria tido a América contatos com as outras partes do mundo que se encontram para além dos mares antes do descobrimento de Cristóvão Colombo? Eis a questão que, em minha opinião, deve constituir o objeto de um estudo sério, intensivo e, acima de tudo, absolutamente objetivo por parte dos mais amplos meios científicos. Para proceder a essas pesquisas, é também mister não tentar conturbar sistematicamente o jogo das diversas tendências que se podem manifestar como, infelizmente, parece ocorrer com bastante freqüência, inclusive nas escolas superiores. Nem os trabalhos atraentes em virtude de seu aspecto cômico (como o de Robert Wauchope, conhecido professor da universidade Tulane, em Nova Orleans), nem as obras polêmicas voltadas para um único sentido, realizadas na maioria das vezes por adeptos apaixonados da teoria do contato, são de molde, como judiciosamente observa o velho mestre Paul Rivet, a levar adiante a questão, sempre pendente, da história das populações americanas.

ALEXANDER VON WUTTENAU *Terres cuites précolombiennes*

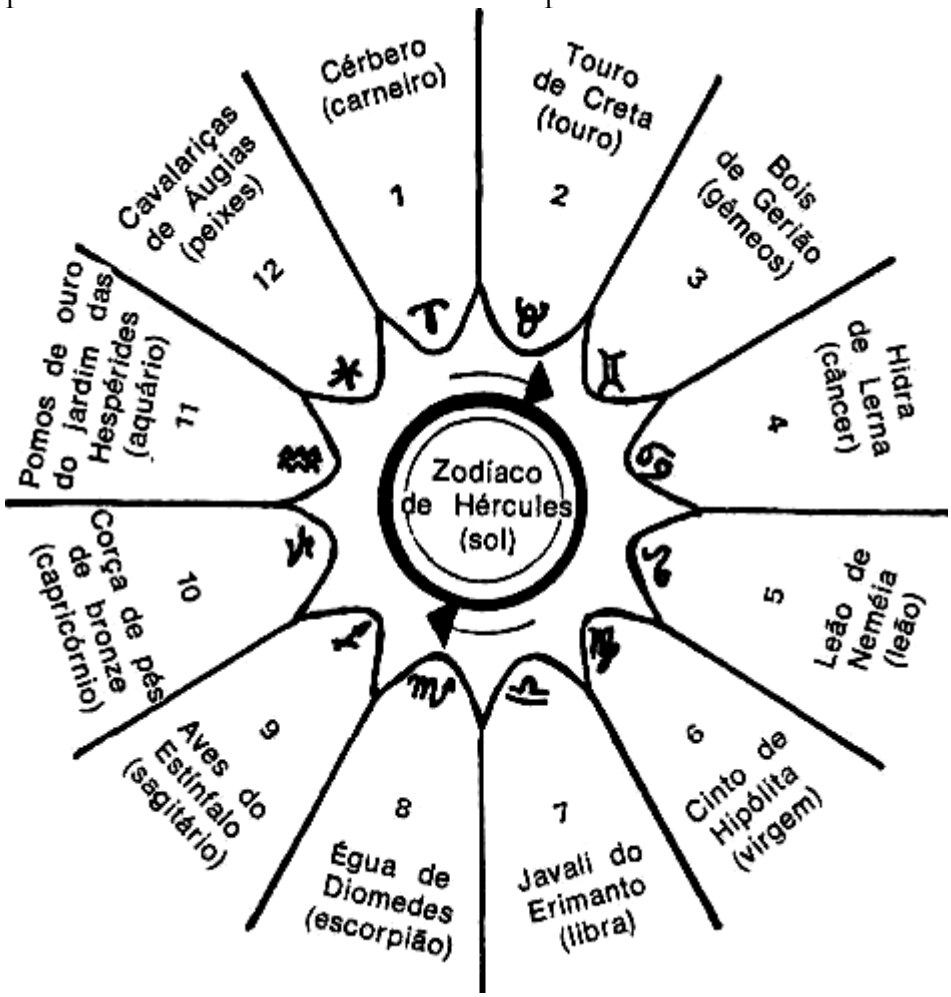
NAS PEGADAS DE HÉRCULES

A caminho do Paraíso, o homem teria inevitavelmente de ser precedido, quando não pelos deuses, pelo menos por semideuses. Paradisíacas antes de serem o paraíso, as regiões do longínquo Oeste foram visitadas em primeiro lugar com objetivos utilitários. Hércules foi o primeiro a de lá trazer uma recordação ao mesmo tempo deliciosa e simbólica — os dourados pomos do jardim das Hespérides. Foi ele quem, dos portais da lenda, transmitiu aos audazes marinheiros do Mediterrâneo a idéia de um caminho que levaria ao paraíso.

Não será talvez supérfluo deixar bem claro quem foi esse personagem. O homem Hércules aparece bastante tardiamente. Certos especialistas o dão como nascido em Tebas no século XIV a. C; outros, em Esparta por volta de — 1250. Era um pequeno rei como

outro qualquer, meio pirata, meio herói, mentiroso como todos os gregos, zombeteiro como autêntico mediterrâneo, belo, inteligente e astuto. Da realidade ao semideus, percorre-se toda a gama das sucessivas atribuições ao personagem escolhido de proezas que, antes dele, pertenceram a diversos heróis — meia dúzia, exatamente — todos pertencentes a povos e países diferentes. Parece até — e quanto a isto a maioria dos especialistas está de acordo — que Hércules tenha sido, em última análise, uma simples alegoria do sol, correspondendo os seus doze trabalhos às doze moradas do ano visitadas pelo astro durante o seu curso. A décima-primeira missão do semideus consistiu em trazer à Micenas os pomos de ouro do jardim das Hespérides. Ora, Statius Sebosus situa essas Hespérides a quarenta dias de navegação em direção ao Oeste do oceano, a partir das Górgonas, hoje ilhas de Cabo-Verde. Aliás, o significado da lenda é perfeitamente claro.

As Hespérides — filhas da noite segundo Hesíodo; de Atlas, de acordo com outras tradições — eram encantadoras "ninfas da tarde" que vigiavam um pomar onde abundavam árvores milagrosas de frutos dourados. Nesta aventura, Hércules se valeu tanto de sua astúcia quanto dos amigos que soube fazer. Nereu forneceu-lhe o itinerário. Prometeu, por ele libertado do abutre que lhe devorava o fígado, recomendou-lhe que buscasse a ajuda de Atlas, o gigantesco servidor dos deuses condenado a sustentar eternamente o mundo com seus ombros por se haver revoltado contra o Olimpo.



Zodíaco dos trabalhos de Hércules

Astuciosamente, Hércules propôs ao gigante que este fosse colher os frutos de ouro, oferecendo-se para substituí-lo durante sua ausência. Tendo conseguido arrebatar a sua presa, Atlas muda de opinião e resolve apresentar-se ele próprio em Micenas com os pomos. Hércules concorda, mas pede que, antes disso, o gigante soerga um instante o seu

fardo para que ele possa introduzir uma almofada entre a abóbada celeste e seu dorso entorpecido. Enquanto Atlas faz o que lhe é pedido, Hércules se apodera dos pomos e desaparece, deixando o gigante entregue ao seu castigo. Têm sido inúmeras as conjecturas a respeito da natureza dos frutos de ouro. Tratar-se-ia de verdadeiros pomos, de laranjas ou de romãs? O que se perdeu de vista é que não foi esta a única viagem de navegação de longo curso empreendida por Hércules. Quando trouxera os bois de Gerião, rei de Erítia, tendo alcançado o estreito que separa a Europa da África, Hércules já havia erguido duas colunas, Calpe e Abila, no promontório de Ceuta, diante do rochedo de Gibraltar, e mais tarde conhecidas com o nome de *Colunas de Hércules.* Lembremos finalmente que ele também fizera parte da expedição dos Argonautas.

Quanto a esse jardim das Hespérides, como nos poderia ele deixar de recordar, por sua vez, a região *situada do outro lado* do oceano que envolve o mundo, região cujas *árvores eram de lápis-lazuli com frutos de cornalina* e na qual o primeiro a penetrar, depois do sol, foi Gilgamesh, o semideus babilônio, o Hércules da Mesopotâmia? Em sua lenda, o Atlas é o monte Mashu situado defronte aos escorpiões que guardam a porta do ocidente. Os guardas do Mashu aconselham ao herói desistir dessa viagem. "Não existe nenhum caminho, -dizem eles,- e ainda que chegasses à beira do mar como farias para atravessá-lo? Ninguém jamais atravessou o mar, a não ser Shamos, o Sol!"

Originalmente, Atlas reinava sobre a Mauritânia. Seu irmão Hesper tinha uma filha chamada Hésperis, que gerou as três Hespérides: Egle, Aretusa e Hiperetusa, cujo pai foi o próprio Atlas. Pai prolífico, aliás, visto ter tido muitas outras esposas e filhas, entre as quais as Híades e as Plêiades, isto é, as Atlântidas. Posteriormente, Atlas foi transformado em elevada montanha, enquanto Híades e Plêiades sobem aos céus para fazer o papel de estrelas. Hesper, por sua vez, desmorona no mar, levando consigo *um pedaço do corpo de seu irmão,* sobre o qual tinha subido para esquadrinhar o horizonte. Órfãs e aterrorizadas por tantas catástrofes, as Hespérides se refugiaram num jardim maravilhoso onde cresciam macieiras com frutos de ouro. Esse jardim era guardado por um *dragão* de cem cabeças, no qual nada nos impede de ver "o Grande Dragão dos Sargaços", nome que os contemporâneos de Colombo usaram para designar o Gulf Stream.

Aí estão apenas dois exemplos colhidos em meio à infinidade de tradições referentes à viagens a sítios maravilhosos, verdadeiros paraísos terrestres onde todos os frutos são de ouro e não exigem nenhum trabalho. Dessa região, além disso, partiram um dia heróis civilizadores que se espalharam pelo mundo todo. Os egípcios e os "bárbaros" da Europa ocidental não foram os únicos que disso tiveram conhecimento. Este fato era conhecido de todos os seus vizinhos, num mundo em que os mitos eram veiculados em todas as direções.

OS CANANEUS PÕEM MÃOS À OBRA

Em tais condições, bastava em suma ser bom marinheiro para aceitar o repto dos semideuses e seguir em sua esteira. Foi o que fizeram os "Phoiniki" — os "Vermelhos" — conhecidos nos primórdios de suas navegações com o nome de cananeus.

Sem falar nas migrações dos povos semitas do neolítico, cujos vestígios foram encontrados pelos arqueólogos e etnólogos até na África ocidental e na Espanha, é fácil acompanhar os cananeus propriamente ditos em cada uma de suas etapas dessa longa viagem.

Lembremo-nos, por exemplo, do que dizia a seu respeito o historiador Procópio no século V de nossa era: "Toda a costa marítima, a partir de Sidon até as fronteiras do Egito

tinha o nome de *Fenícia,* e todos os autores que escreveram sobre a antigüidade dessa grande província concordam quanto a estar ela sujeita ao governo de um único rei. É nessa extensa região que viviam diversos povos muito numerosos, cujos nomes são encontrados na história dos hebreus. Os quais, vendo a impossibilidade de vencer aquele general estrangeiro que os guerreava, entraram no Egito que confinava com seu país; não tendo, porém, encontrado espaço suficiente para ali poder habitar, pois o Egito sempre fora muito povoado; passaram para a África, que ocuparam integralmente desde o Egito, até as Colunas de Hércules, que tornaram habitável construindo um grande número de cidades, de modo *que ainda hoje os africanos falam a língua fenícia.* Construíram também uma praça forte na Numídia, no local onde é hoje em dia a cidade de *Tigisis.* É lá que se vê, às margens de uma fonte cuja água jorra abundante, duas colunas de uma pedra muito branca sobre as quais se vêem escritas as seguintes palavras, em língua fenícia e com caracteres da mesma: "Nós somos aqueles que nos salvamos da perseguição do famoso bandido Iessus, filho de Nave". Entre as tribos expulsas de Canaã por Josué estavam também os *heteus* (*hititas*) e seus irmãos os *heveus* ou *cheveus*, da vertente ocidental dos montes Hermon. Seu nome hebreu-fenício era *Chivi* ou *Hiri.* Ora, lendo-se Pedro Mártir, fica-se sabendo que em Haiti, em taino, *Hivi* significava "homens". Parece bom demais para ser verdade; lembremo-nos, porém, do capítulo XXXIV do Gênese, no qual, (V, II), dirigindo-se a Moisés, Deus diz o seguinte: "Expulsarei, eu próprio, à vossa frente, os cananeus, os heteus e os cheveus..."

Dito isto, temos agora de examinar a segunda etapa dos navegadores vindos de Canaã por via transatlântica. No século XVI, Génébrand se referia à existência de um túmulo com inscrição *hebraica* na ilha de São Miguel, nos Açores. Trata-se, na realidade, de caracteres fenícios de Canaã, qualificados de hebraicos por aquele autor em virtude da semelhança entre o alfabeto dos cananeus e o dos antigos hebreus. O deciframento do texto, sempre controvertido, permitiu a Manasseh ben Israel, sábio hebreu do século XVII, fornecer uma leitura bastante verossímil. A inscrição continha um nome, o de Mektabel Suai, filho de Matadiel.

O ceticismo costumeiro dos teóricos do isolacionismo pré-colombiano esqueceu Procópio, deixou de lado Josué e rejeitou Mektabel, declarando que "aquela gente" (e no vocábulo "cananeus" eles só incluíam os hebreus, esquecendo os fenícios) não era um povo de navegadores. Os próprios fenícios, de acordo com essa mesma interpretação, não tinham condições para atravessar o oceano. Infelizmente, hoje em dia já não é tão fácil afastar *a priori* qualquer possibilidade de presença dos cananeus e fenícios no Novo Mundo. Existem, e vão se acumulando cada vez mais, as provas arqueológicas. Por outro lado, não há nada mais inexato que a pretensa incapacidade dos antigos à navegação. Como escrevia o professor americano Cyrus H. Gordon, especialista em deciframento de textos de línguas semitas antigas, o homem da idade da pedra conhecia e fizera incursões em todos os continentes, com exceção do Antártico. De modo que as viagens dos cananeus-fenícios pelos mares que circundam a Ásia e em direção à América seriam tão-somente uma das peripécias dessa penetração.

As tradições dos povos cananeus, confirmadas pelas inscrições encontradas há algumas dezenas de anos em Ras-Shamra, na Síria, atribuem a esses comerciantes, aventureiros e navegadores de grande envergadura, uma origem em região que se devia situar entre o mar Vermelho e o Mediterrâneo, o Neguev e o Egito. Heródoto e, antes dele, Sofônio (Século VII a. C.) atribuíam igualmente aos egípcios e aos cananeus se não uma origem comum, pelo menos um estreito parentesco. Ora, isto está sendo atualmente contestado pela maioria dos historiadores modernos. Um especialista do gabarito de

George Contenau chega mesmo a dizer que, diante das divergências surgidas, torna-se necessário "suspender todo e qualquer pronunciamento". Todavia, será possível suspender o pronunciamento dos fatos?

Essas "divergências", segundo escrevia Madeleine Rousseau em 1958, eram devidas essencialmente ao susto provocado por tantas relações novas e, até então, insuspeitadas, entre o Egito, o mar Egeu e a Ásia ocidental. Escreve ela: "Lança-se então um novo nome. Os autores de todas essas civilizações são egeus, ou então huritas... Quem serão estes? Afirma-se que os mitanienses constituem um de seus grupos... Como se percebe, é realmente apenas na arqueologia moderna que aparecem divergências: é preciso deixar estabelecido, a qualquer preço, que os aqueus arianos foram os responsáveis por todas as civilizações..." O indiscutível é que, geográfica e historicamente, os fenícios eram realmente cananeus. Aliás, eles próprios o afirmavam quando escreviam sobre suas esteias ou em rochedos: "Nós, os cananeus de Sidon, cidade do rei mercador..."

- Quais eram, porém, as suas crenças, sua religião? As mesmas dos babilônios e dos egípcios, visto serem monoteístas, a darmos crédito à Sanchoniaton. O ser supremo, entre eles, chamava-se Baal, Bel ou El e personificava a *energia universal,* em si mesma invisível, porém, materializada para os homens no sol. É Amon, e também o Baalim da Bíblia que até os hebreus chegaram a adorar.

Inimigos dos hebreus, rivais dos egípcios, perigosos para os egeus, os cananeus-fenícios se tornaram bem depressa vítimas de sua própria história. Esses homens, cuja escritura pode ser encontrada em parte nas fontes do Antigo Testamento, foram com efeito, desde os primórdios de sua história, objeto de todas as conspirações. Dos judeus, em primeiro lugar, os quais, não satisfeitos de lhes tomarem as terras, também adotaram sua escritura e lhes criaram uma reputação de criaturas rudes, idolatras, sanguinárias, que adoravam deuses, exigiam sacrifícios humanos, maltratavam as mulheres e as crianças das quais o deus Moloc reclamava um verdadeiro holocausto. Mais tarde, o cristianismo lhes arrebatou sua própria história. Eusébio de Cesaréia praticou as falsificações mais descaradas e quando Pórfiro, no século III, redigiu sua História em quinze volumes onde restabelecia a verdade histórica, sua obra teve o mais lamentável destino. Teodoro I e Valentiniano I, imperadores demasiadamente cristãos para deixarem de ser conformistas, fizeram-na pura e simplesmente desaparecer. Mas só aos ricos pode-se saquear com proveito...

Marinheiros, civilizadores, arquitetos, comerciantes, os cananeus-fenícios, confundidos de início com gregos e pelasgos míticos, finalmente passaram a ser designados apenas com o nome que, aos olhos dos gregos, lhes valera a cor de sua pele: Phoiniki, os fenícios. Este nome não é, ele próprio, destituído de importância porque, sob o de cananeus, viajavam indivíduos pertencentes a diversos povos semitas, fenícios propriamente ditos (das cidades de Tiro e de Sidon), cananeus das terras interiores e das montanhas, judeus, edomitas, moabitas, etc. — em suma, todos os semitas habitantes das regiões do Líbano, da Síria, e da Palestina bíblica. É preciso lembrar também que três das doze tribos de Israel — as de Asher, Dan e Zabulon — não eram apenas constituídas de pescadores, mas também, de marinheiros. E se as inscrições cananeu-fenícias da América do Norte (pedras gravadas de Mechanicsburg) são mais "fenícias", as do Brasil, devidas a marinheiros-mercadores saídos de Ezio-Geber, porto hebreu do mar Vermelho, são mais "judaicas".

Até agora, aliás, as inscrições fenícias fora da Fenícia e da costa noroeste da África, não constituíram o objeto de nenhum estudo sério. É verdade que elas foram durante muito tempo tidas como duvidosas. Já o mesmo não acontece atualmente e se continuam obscuros alguns pontos é porque o essencial da história fenícia só chegou até nós por

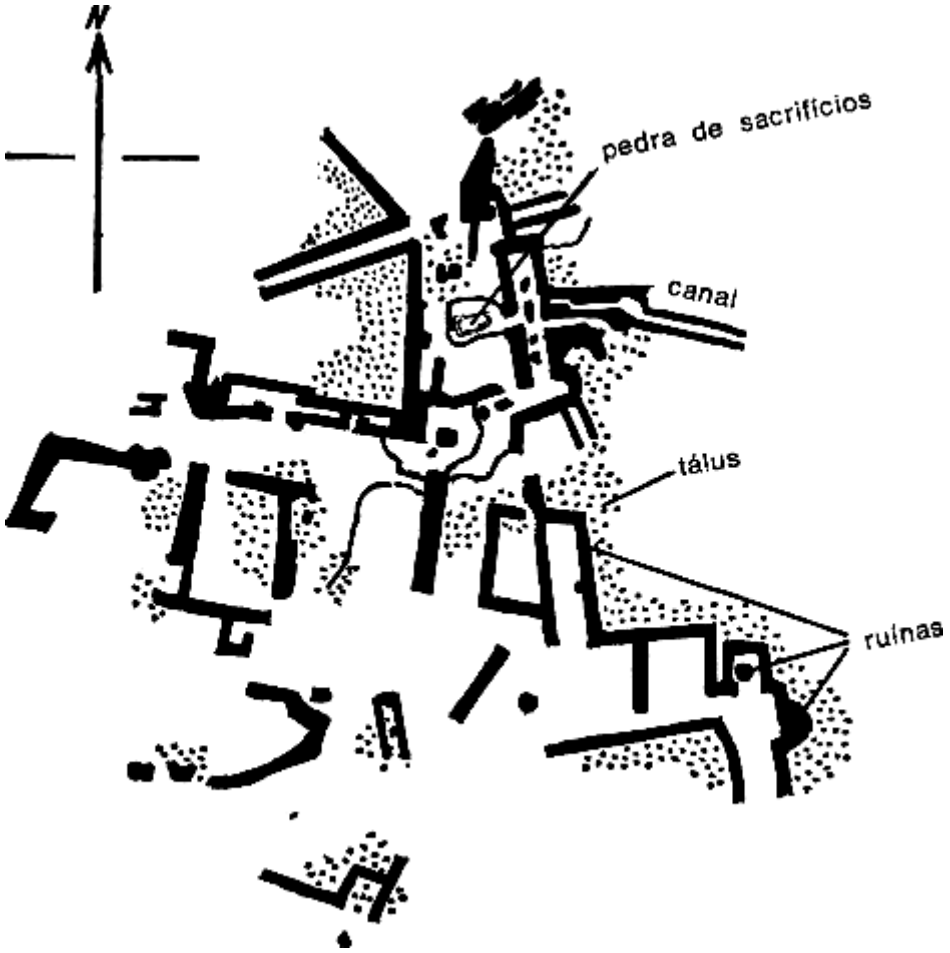
intermédio das literaturas de outros povos mediterrâneos que, em geral, se limitam a apontar a habilidade desses intrépidos marinheiros.

As navegações fenícias não tinham como único objetivo a florescente cidade ibérica de Tartessos, importante centro metalúrgico e comercial. Velozes e bem projetados (além da tripulação, um *pentakontor* podia conter quinhentos passageiros) os navios fenícios se familiarizaram bem depressa com as regiões atlânticas situadas a Oeste da Espanha e a Noroeste da África. Impelidos a princípio por motivos econômicos, eles em breve se aventuraram no oceano. A presença fenícia, constante durante vários séculos, no arquipélago das Afortunadas está associada a uma perceptível modernização da fabricação da púrpura, problema econômico primordial naquela época. Os povos ribeirinhos do Mediterrâneo fabricavam a púrpura seguindo um processo demorado e oneroso. Para obtê-la, eles utilizavam um extrato leitoso de certos moluscos, concentrado e quimicamente modificado após inúmeras manipulações, entre as quais a exposição ao sol. Naquele mesmo tempo, os fenícios, grandes exportadores de púrpura, a conseguiam de maneira muito mais rápida e fácil empregando o sangue de lagarto extraído de sáurios que viviam nas Canárias, assim como vários extratos vegetais, da mesma procedência.

Por conseguinte, o que determinou o silêncio dos fenícios quanto às suas navegações não foi apenas a carência de poetas, característica de um povo de mercadores. A localização e as vias de acesso às ilhas dos lagartos e vegetais raros representavam para eles segredos econômicos e políticos que deviam ser preservados a qualquer preço.

Aventurando-se cada vez mais longe, eles chegaram às Antilhas atravessando o Golfo das Mulheres e de lá passaram para o continente americano. Inscrições, ruínas e moedas confirmam suficientemente essa presença que provoca uma confusão extrema entre os partidários do isolacionismo cultural. Muito embora as galerias subterrâneas e os silos ventilados de Niterói, Campos e Tijuca, no Brasil, não possam de maneira alguma ser atribuídos aos índios, sendo impressionante a semelhança existente entre eles e as construções do mesmo tipo que eram obra dos fenícios; embora entre as figuras gravadas nas paredes de uma gruta artificial da serra de Mojado (Guiana brasileira) se encontrem como observou Marcel Hornet, caracteres de tipo cananeu, a descrença pode ainda perdurar. Mas foram descobertos vestígios muito mais conclusivos.

Num espaço imenso, de pequena ilha do rio Piauí, no Brasil, erguem-se as ruínas de um edifício único. Certos muros têm mais de 25 metros de altura, uma das salas do conjunto mede 150 x 45 metros, tendo sido descobertos também os restos de uma estátua gigantesca. Ainda mais assombrosas são as ruínas de Pattee's Cave, e as do monte Show no New Hampshire, Estados Unidos. Em Pattee's Cave descobriu-se um edifício cuja planta em ***Y*** é idêntica à de outras construções nas regiões a Oeste da Irlanda e de Malta, estas últimas de origem indiscutivelmente fenícia. Acrescentemos que ali também se encontram dólmens (de implantação recente em sítio muito mais antigo), rampas e plataformas de acesso, canais subterrâneos escavados na pedra e enormes pedras de sacrifício iguais às encontradas também no monte Show. O complexo de Pattee's Cave compreende, além disso, os vestígios de um cemitério, uma palissada protetora e um conjunto circular de casas em cujo interior uma estrada pavimentada, com novecentos pés de extensão, leva a um rochedo que sustenta as ruínas de um templo megalítico bastante deteriorado.



Ruínas de Pattee's Cave

Este sítio, estudado por B. Goodwin, pertence provavelmente a uma cultura extra-americana de tipo mediterrâneo oriental. O estudo de Pattee's Cave, a que se vêem dedicando os arqueólogos F. Glynn e Irving House desde 1956, levou à conclusão de que esses monumentos eram devidos a uma população do neolítico ali existente na era do bronze e início da idade do bronze, o que ocorreu entre os anos — 3.000 e — 500 antes de nossa era.

As inscrições e gravuras são igualmente eloqüentes. Aos vestígios "fenícios" da América podem ser associadas com maior ou menor segurança as gravuras do rochedo de Guilford (Connecticut) e as de Assamvompsettpond, as pedras encontradas pelo arqueólogo Beistline nas proximidades de Mechanicsburg, as duzentas e cinqüenta inscrições observadas em 1872 em vinte grutas da selva brasileira por Francisco Pinto, as descobertas em 1874 na Paraíba por W. Netto (e a seguir consideradas, erroneamente, como falsificações), a descoberta em 1870 por E. Ronan, etc.

Algumas, mais interessantes que outras, são hoje objeto de renovadas atenções em virtude das controvérsias quanto à sua autenticidade. Consideremos, por exemplo, a inscrição de Ronan que, traduzida, oferece o seguinte texto: "Depois de longa e perigosa viagem, realizada com quatro navios, chegamos com nossos companheiros e trinta escravos a este ancoradouro em [...] A alguns dias de caminhada em direção ao interior das terras, encontramos a montanha rica em jazidas minerais. Ali trabalhamos durante dezesseis anos tendo acumulado grande quantidade de ouro, cobre e gemas." A inscrição traz duas assinaturas, a do grande chefe Eklton e a de seu escriba Nada.

Esta primeira inscrição é completada, por assim dizer, pela de Pouso Alto, "relida" em 1970 por Cyrus H. Gordon. Desta vez, o texto é peremptório: "Somos cananeus de

Sidon, da cidade do rei mercador. Chegamos a esta antiga terra de Montanha. Sacrificamos um adolescente aos deuses e deusas celestiais, no décimo-nono ano de nosso poderoso rei Hiram e embarcamos em Ezion-Geber, no mar Vermelho. Éramos dez navios e contornamos a Líbia durante dois anos, tendo-nos em seguida dispersado a mão de Baal e já não estávamos com nossos companheiros. Viemos dar então aqui, doze homens e três mulheres, neste novo litoral..."

Admitindo-se a autenticidade dessas inscrições, bem depressa se verifica que elas são corroboradas por uma série de vestígios, de gravuras, etc, fornecendo provas constantemente renovadas da presença fenícia na América. Foram assim encontrados num rochedo de Guildford rosetas e uma *coluna aórica* inacabada, provável resultado da atividade dos mesmos homens que gravaram silhuetas de navios nos rochedos de Assamvompsettpond. Citemos também o punhal de bronze, de tipo fenício, encontrado em Merimackport, no Massachusetts, a lança de bronze que nada tem de índia, encontrada em Brentwood, o escudo de bronze de Windam (New Hampshire) e alguns objetos feitos de ferro grosseiro e não identificados, descobertos nas proximidades de Pattee's Cave. Finalmente, sempre nas vizinhanças de Pattee's Cave, foram encontrados no interior de algumas grutas restos de cerâmicas e de *tijolos* que, segundo afirmam os especialistas, não são índios. Acrescentemos ainda, para concluir esta enumeração, a espantosa semelhança existente entre os machados dos cerimoniais dos arawacs e os dos antigos tirienses.

Quanto aos "signos" observados por Beistline, também eles são significativos. Trata-se de *pedras pintadas* cujos caracteres podem ser encontrados em todo alfabeto semita e que serviam para indicar as pilhas nos entrepostos. São geralmente as quatro primeiras letras do alfabeto fenício: *Alef, Bejt, Gimmel, Daleth*. Os estudos empreendidos depois de 1948 — ano em que foram descobertos nas proximidades de Mechanicsburg — por especialistas das universidades de Cornell (U.S.A.) e Haifa (Israel), confirmaram suas características fenícias. Para Schwenhagen, as representações brasileiras foram gravadas com o auxílio de cinzéis metálicos mais duros que a pedra, tendo sido a incisão praticada na rocha e depois preenchida com um material avermelhado, muito resistente à ação do tempo. A análise a que procedeu por sua vez o químico Juan Fábio revelou que esse material continha resinas vegetais naturais e óxido de ferro. Mas, sobretudo, ele foi levado a concluir pela afirmação da origem fenícia dessas inscrições devido à existência, naqueles rochedos, de signos semelhantes à escritura sumeriana.

É preciso reconhecer, todavia, que essas inscrições brasileiras e sua história dependem ainda de confirmação. E isto em virtude da personalidade de seu principal descobridor — um certo Silva Ramos — e de suas observações e interpretações. Ex-seringueiro autodidata, Silva Ramos extraiu, com efeito e um tanto apressadamente, de suas conversas com diversos rabinos a conclusão de que esses signos eram... hebreus. E, pior ainda, de acordo com a tradução por ele próprio oferecida, as duas mil inscrições eram, todas elas, orações!

Posteriormente, quando a freqüência dos caracteres fenícios impôs a idéia da presença desse povo na América, foi tão difícil acreditá-lo que se preferiu rejeitar globalmente as inscrições de Ramos, tanto as verdadeiras — muito pouco numerosas — como as falsas, que constituíam a maioria. Mais tarde ainda, as coisas voltaram a mudar e foram reexaminadas cerca de dez inscrições, inclusive as da Gávea.

Cada um dos signos dessa inscrição (descoberta em 1836 no monte Gávea, perto do Rio de Janeiro, a 840 metros de altitude) ocupa um espaço de pelo menos três metros de comprimento, o que a torna visível de longe. Escavada no paredão de um rochedo a pique,

ela é redigida em caracteres cuneiformes que apresentam um sentido em fenício. Assim, nela se pode ler: "Badesir de Tiro, em terra fenícia, filho de Jethbaal." Ora, esse Badesir realmente existiu. Foi rei de Tiro entre — 835 e — 850, tendo sucedido a seu pai Jathbaal (887 a 856 a.C.). A inscrição da Gávea teria por conseguinte 2.800 anos de idade. Calcula-se que tenha sido gravada entre 887 e 850 antes de Cristo. Observemos por outro lado que Schwenhagen também fala em inscrições referentes a reis de Tiro e de Sidon, cuja realização ele situa na época compreendida entre — 880 e — 806.

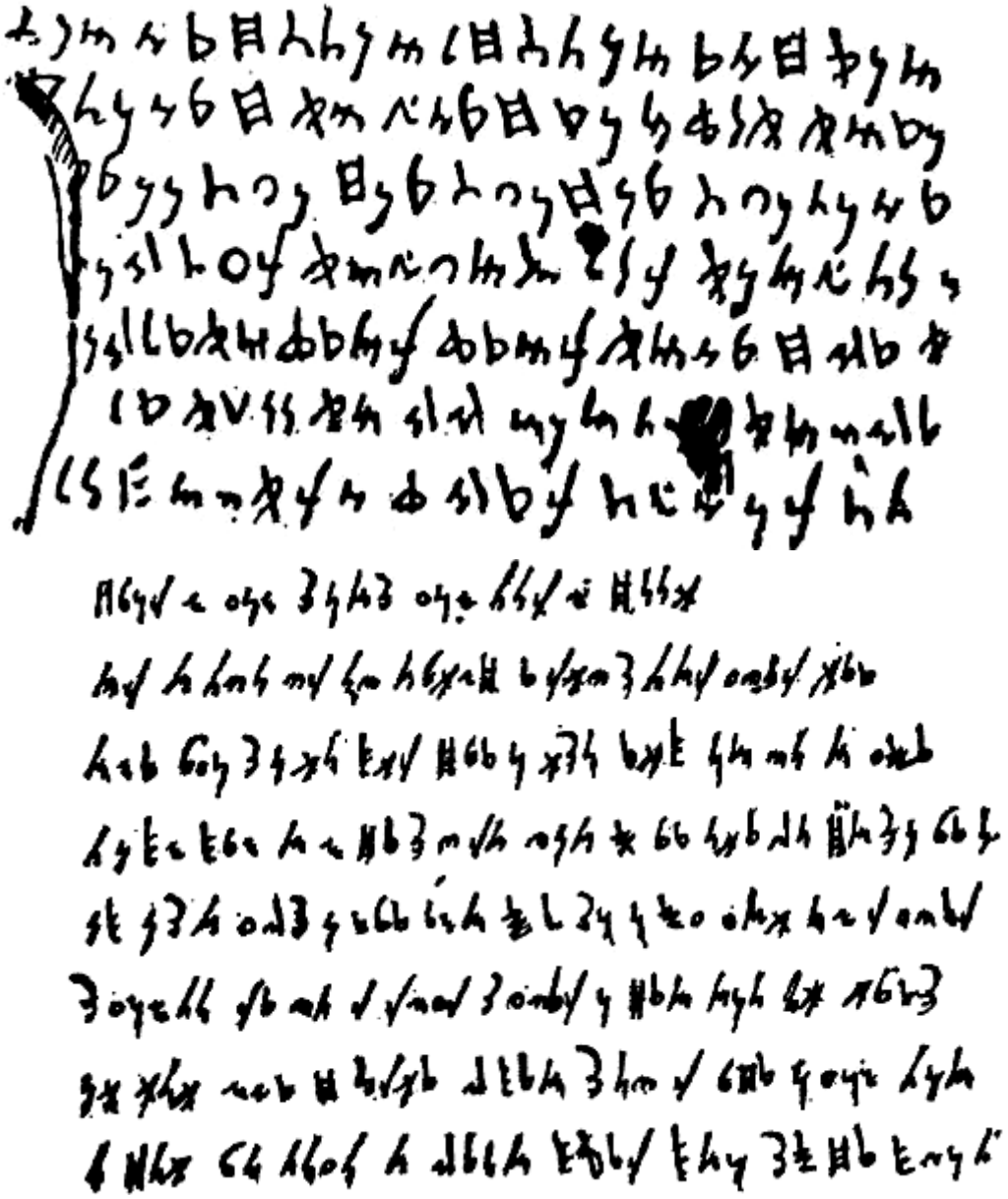
A hipótese fenícia ficou recentemente reforçada pela descoberta de uma moeda cananéia no Tennessee. O doutor Cyrus Gordon depois de a ter cuidadosamente estudado garante a sua autenticidade. A isto tudo convém acrescentar ainda as recentíssimas descobertas arqueológicas efetuadas no Sul da Flórida (Kaufman Island) e na região das Baamas. Desta vez, o que está em pauta são objetos, cerâmicas decoradas, machados de pedra polida que, isoladamente, podem ser relacionados com o universo americano mas que se tornam muito mais eloqüentes quando colocados num contexto fenício. Isto se aplica particularmente ao caso de uma certa cerâmica decorada com olhos voltados para os quatro pontos cardeais e em cujo centro está representado o símbolo, tipicamente fenício, dos círculos concêntricos — representação solar do grande deus único — assim como, figurinhas humanas ostentando o penteado occipital característico das cerâmicas fenícias encontradas em Chipre.

A esta série de descobertas somam-se os sinais gravados em algumas placas e tabuinhas sempre controvertidas, mas, cuja "aventura" arqueológica não é destituída de interesse. Estamos falando da tabuinha de Cave Creek (U.S.A.) e da placa de pedra de Quito (Equador), pertencente à coleção Crespi.

Descoberta no século passado, a tabuinha de Cave Creek foi dada como falsa depois de prolongadas discussões. Acontece, porém, que no decorrer dos últimos quarenta anos foram descobertas na Síria inscrições cananéias comportando caracteres idênticos aos de Cave Creek. O que eqüivale a dizer que se deve reexaminar essa tabuinha. Seria da mesma forma conveniente proceder finalmente a uma análise científica das inscrições "fenícias" de Davenport (Iowa) e de Taunton River. A primeira, gravada numa tabuinha de argila betuminosa, representa uma cena funerária acima da qual se encontra um texto de várias linhas, compreendendo 94 sinais, sendo 74 diferentes e 20 repetidos. A segunda é uma baralhada de sinais "não índios" gravados no rochedo. Quanto às peças da coleção Crespi, o interesse de que se revestem é muito grande mas sua história, ainda mal conhecida (não se sabe com exatidão de onde elas provêm nem qual a sua situação por ocasião de sua descoberta), as relega forçosamente a um papel subsidiário.

Antes de concluir, temos ainda de mencionar que Olaus Rudbeckius, autor escandinavo do século XVII, chamou a atenção para a importância atribuída pelo grego Fócios a seu compatriota do século I a.C. o escritor Antonios Diógenes. Em sua obra, *As Coisas incríveis que se vêem para além de Thulé,* esse autor relata que, *em seu tempo,* tinham sido descobertas em alguns túmulos de Tiro inscrições referentes às viagens empreendidas por habitantes daquela cidade que chegaram até a Islândia (Thulé).

De modo que, tendo navegado em direção às regiões situadas a Oeste do Oceano, os fenícios traziam de suas viagens descrições das terras exploradas. E isto, não nos esqueçamos, entre os anos — 2.000 e — 300. Foram eles, evidentemente, que acentuaram o caráter semita das tradições referentes à Fonte da Juventude. Foram eles que, ainda mais temerários que o herói babilônio Gilgamesh, se atreveram de fato a atravessar o "grande mar".



Comparação entre duas "escrituras fenícias": da Fenícia (em cima) e da América (embaixo).

Contudo, para nos tardarmos ainda no domínio do jogo do espírito, acrescentemos mais um pormenor.

Sir Robert Marx, famoso mergulhador submarino americano, relatava desde novembro de 1971 a descoberta de uma moeda fenícia nas proximidades do muro de Bimini. Essa moeda datava do século V antes de nossa era. Declarando não ser forçosamente necessário associar a descoberta dessa moeda às ruínas do sítio, ele publicou não obstante a sua fotografia *(Argosy,* no. 373, novembro 1971, p. 46). Vivam as coincidências!

O VERDADEIRO SEGREDO DO REI SALOMÃO

Eu proponho que, de vez em quando, deixemos de lado as nossas dúvidas, nossas angústias, nossas preocupações de antropólogos e etnólogos e busquemos refúgio no mundo artístico da América pré-colombiana. Mãos criadoras para nós se estendem do fundo dos tempos. Graças a elas, poderemos demonstrar uma maior compreensão e, sobretudo, adquirir novos conhecimentos sobre esse mundo pré-colombiano onde, desde tempos imemoriais, não somente o Oriente e o Ocidente como também, na verdade, homens do mundo inteiro já aprazaram seus encontros.

ALEXANDER VON WUTTENAU *Terres cuites précolombiennes*

BÍBLIA + IMAGINAÇÃO = AMÉRICA

Um dos mais célebres atores reais da história do paraíso terrestre é, nada mais nada menos, o grande rei Salomão, amante da rainha de Sabá. Ora, quando se fala em Salomão pensa-se imediatamente na Bíblia, a respeito da qual dizia Paracelso que, para respeitar a lógica ela teria de falar em duas criações de Adão, uma vez no Velho Mundo e outra vez no Novo! A irônica observação do sábio suíço não suscitou nenhum eco durante muito tempo e, desde o século XVI até o século XIX, de Arrius Montanus à Lord Kingsborough, persistiu imperturbável o propósito de encaixar os americanos no esquema bíblico.

Para Arrius Montanus, os primeiros descobridores da América foram dois filhos de Jektan, por sua vez bisneto de Sem, filho de Noé. O primeiro, Ofis, desembarcou na região noroeste do continente, tendo em seguida passado para o Peru. O segundo, Jobal, atingiu diretamente o Peru. Ficaria assim explicado, particularmente, o nome do *Yucatan: Jektan* = *Ioktan* = *Yucatan.* Quanto ao Peru, seu nome não advém menos diretamente do segundo livro das Crônicas, ou Paralipômenos da Bíblia (cap. III versículo 6) onde está escrito que "Salomão ornou sua casa com belas pedras preciosas e ouro de *Parvaim," Parvaim* e *Peru* são evidentemente uma mesma palavra e Salomão descobrira a América! O curioso é que Colombo tivera as mesmas idéias, pois via nas minas de Veragua a fonte do ouro do rei Salomão e considerava os haitianos como os derradeiros descendentes de Noé.

A partir de então — e com algumas variantes (povoamento da América pelas dez tribos de Israel desaparecidas depois da conquista de suas terras pelos assírios; estabelecimento no Novo Mundo dos cananeus expulsos por Josué, os quais emigraram para o Ocidente, como afirma Procópio que se refere à sua presença nas vizinhanças de Tanger) — as mais estapafúrdias idéias foram veiculadas, tanto por Lord Kingsborough como pelo visconde Onífroy de Thoron. Por volta de 1900, B. de Rooreia ainda fala nos descendentes americanos de Moisés e, em 1907, em *Origem de los índios del Nuevo Mundo,* Gregório Garcia tenta demonstrar a todo custo a origem judaica de certas tribos ameríndias. Entretanto, idéias como essas que desafiavam toda investigação científica, forçosamente teriam tido uma origem qualquer e foi nos relatórios dos cronistas das conquistas que elas nasceram. O que se explica, aliás, quando se pensa na onipotência da religião naquela época que ainda forçava a se ver na Bíblia a fonte de toda verdade. De modo que vale a pena manuseá-la.

3º. *Livro dos Reis* (cap. X, v. 11 e v. 22): "... Os navios de Hirão que trouxeram ouro de Ofir e grande quantidade de árvores de almug (sândalo), e pedras preciosas..." No mar, havia para Salomão uma frota de Tarsis com a frota de Hirão. Uma vez, de três em três anos, vinham os navios de Tarsis trazendo macacos e pavões.

2º. *Livro das Crônicas ou Paralipômenos* (cap. III, v. 6 e cap. VIII, v. 17 e 18, e cap. IX, v. 10 e 21):

"Salomão adornou sua casa com belas pedras preciosas e o ouro era de Parvaim".

"Salomão partiu então para Esion Gaber e para Elat à beira do mar, no país de Edom."

"E com seus servos Hirão lhe enviou navios e homens que conheciam o mar. E foram eles, com os servos de Salomão, para Ofir, de onde trouxeram 450 talentos de ouro que ofereceram ao rei Salomão."

"Os servos de Hirão e de Salomão que haviam trazido o ouro de Ofir, trouxeram madeira aromática e pedras preciosas."

"Salomão tinha navios de Tarsis que navegavam com os servos de Hirão; e de três em três anos os navios de Tarsis chegavam trazendo ouro, prata, macacos e pavões."

Acrescentem-se a isto as informações contidas no capítulo IX do terceiro *Livro dos Reis,* segundo as quais Salomão teria mandado construir em Esion Gaber, perto de Elat, no mar Vermelho, um "canteiro naval", tendo contratado como marinheiros os homens de Hirão, o Fenício, conhecedores das coisas do mar e que lhe haviam trazido de Ofir 420 talentos de ouro.

Tarsis, Ofir, Parvaim: nomes mágicos que arrastaram para o terreno do fabuloso todos aqueles que tiveram a pretensão de identificá-los... Os adeptos da situação peruana de Ofir chegaram a fazer dos perus os pavões da Bíblia e a transformar os macacos Koph (macacos trazidos de longe) em bugios amazônicos de cauda preênsil: *Kapi*, em língua quíchua etc. Atualmente, chega-se a resultados ainda melhores e, antes de tudo, quanto ao que diz respeito a Ofir.

Esse Ofir era, sem dúvida alguma, um país muito rico pois 420 talentos de ouro — 450 se dermos crédito aos Paralipômenos — representam nada mais nada menos que quinze toneladas desse precioso metal! O terceiro *Livro dos Reis* (X, 13) nos afirma até que o peso do ouro entregue anualmente a Salomão chegava a 666 talentos, isto é, vinte toneladas de ouro. Quanto à localização dessa mina de ouro, várias teses se contrapõem. E. Harton situa Ofir em Sopara, na Índia (*Ofir* = *Sofir*); W F. Albright o coloca na África (*Ofir* = *Afir*). Aparentemente, aliás, os partidários da tese africana estariam certos, contanto, segundo escreveu recentemente Francois Balsan, que o transportem da Somália ou da Rodésia para a região etiópica de Sidamo, em Adola.

Ainda resta o Parvaim... Relendo com atenção os textos da Bíblia, verifica-se que Esion Gaber é sempre mencionado ao lado de Ofir, o que não acontece com relação a Tarsis. Aliás, este último sítio foi formalmente reconhecido como sendo Tartessos, a florescente cidade ibero-atlântica. Por outro lado, o fato do nome de Ofir não aparecer no capítulo X, terceiro *Livro dos Reis*, indica a existência de uma outra região fornecedora de ouro. Em outras palavras: se o problema de Tarsis está resolvido e o de Ofir esclarecido, o de Parvaim continua intacto.

Mesmo que não se cogite de retornar ao *non-sens* constituído pela assimilação Peru-Parvaim, resta-nos ainda um comentário a fazer. Já dispomos, desde 1969, da tradução (feita por Cyrus Gordon) de um texto cananeu-fenício descoberto, no Brasil em 1874 e recentemente "reabilitado". Fala-se aí em navegadores e negociantes de Sidon que partiram de Esion Gaber para chegar ao Brasil. Se este texto for autêntico, o que já está hoje fora de dúvida, impõe-se um reexame da questão de Parvaim, onde já se torna possível ver pelo menos uma região, um país, a caminho do qual Tartessos constituiria uma simples etapa.

De modo que a resposta à questão suscitada pelas navegações realizadas sob a bandeira do maior de todos os reis de Israel passa pelos fenícios. Afirma-o a Bíblia, e a história o confirma. Todavia, antes de seguir em seu caminho para a América os marinheiros fenícios alugados a Salomão pelo seu poderoso aliado Hirão, é preciso eliminar um certo número de provas falsas que servem apenas para obscurecer o problema.

Entre elas, alinham-se em primeiro lugar as "provas" de ordem lingüística. Assim, para alguns, o nome da cidade de *Tutóia*, situada na embocadura do rio Parnaíba seria um derivado de *Toor Tróia — cidade de Tróia,* em fenício e em hebreu antigo. Estamos, portanto, diante de troianos que se refugiaram na Fenícia após a destruição de sua cidade pelos gregos e que acompanharam os fenícios até o Brasil! Os mesmos "historiadores" prosseguem as associações com as cidades de Torre e Turros, no Brasil, que teriam sido fundadas por hebreus ou fenícios, pois seus nomes contêm a raiz... *Toor!* Trata-se de uma interpretação particularmente delirante de um texto de Diodoro da Sicília segundo o qual alguns troianos,

efetivamente recolhidos pelos fenícios, teriam fundado noutros lugares algumas localidades com nomes troianos. Aliás, é sempre possível fazer com que os textos antigos digam seja lá o que for. Baseando-se nos *Diálogos* de Platão e nas *Historiae Variae* de Eliano, Onífroy de Thoron, por exemplo, transforma as Méropes, descendentes míticas de Mérope, filha de Atlas, em ancestrais dos índios sul-americanos.

Já o mesmo não acontece com os vestígios cananeus-fenícios descobertos pelo lingüista inglês Mac Donald nas línguas dos atuais povoamentos da Oceania. O historiador das *Antigüidades judaicas,* Flavius Josephus, escreveu que os navios do rei Salomão tinham percorrido a parte oriental do "mar hindu", isto é, o que se estende para além da ilha de Ceilão. Alguns autores, como o russo Alexandre Gorhovski chegam a afirmar que eles teriam alcançado as costas da Malásia. Ora, todas as tripulações desses navios eram constituídas de cananeus-fenícios; daí a hipótese de Mac Donald "explicando" o fato de terem sido encontradas tribos de indivíduos de pele clara pelos primeiros navegadores europeus que atravessaram o Pacífico.

Conjecturando se os fenícios não teriam podido chegar à América seguindo a rota do Pacífico, A. Gorbovski escreveu: "O seu comportamento em outros lugares nos autoriza a perguntar se eles não teriam seguido o seu caminho de ilha em ilha, sempre em direção Leste, em busca do ouro, do ouro acima de tudo, e se, não o tendo encontrado, eles não terminaram a sua viagem no Novo Mundo". Está tudo muito bem, mas será não obstante conveniente lembrar que *as únicas provas autênticas da presença fenícia na América se encontram, sem exceção, na costa atlântica desse continente.*

Quando o navegador grego Fitéas chegou às ilhas Shetland, quatro séculos antes de Cristo, os indígenas lhe falaram numa misteriosa "Thulé derradeira", situada, diziam eles, a seis dias de navegação, em direção Norte. V. Stefansson demonstrou que se tratava na realidade da Islândia, que se encontra a 600 milhas de distância do lugar onde teria desembarcado Fitéas. Os navios gregos daquela época percorriam cerca de 100 milhas por dia. De modo que a informação obtida por Fitéas era exata. Não seria possível que os fenícios tivessem recebido essa mesma informação, transmitida por esses mesmos índios? Uma vez na Islândia, o caminho para a América, via Groenlândia, lhes estaria então inteiramente aberto, tal como esteve mais tarde para os vikings.

TIPOLOGIA E HISTÓRIA

Outros documentos devem, entretanto, ser examinados com maior atenção. Entre eles, as cerâmicas queimadas pré-colombianas encontradas em Guerrero, no México, assim como, em outros pontos da América Central e cujo exame sugeriu ao professor Alexander von Wuttenau, da Universidade das Duas Américas, no México, considerações a respeito do tipo semita de inúmeras cabeças de personagens representadas nessas cerâmicas.

"É evidente, escreve o professor von Wuttenau, que os resultados realmente inesperados dessas pesquisas podem lançar uma nova luz sobre os nossos conhecimentos a respeito dos processos etnológico-históricos e das grandes migrações. Pois, a fisionomia humana, com todos os elementos distintivos que caracterizam uma raça, é coisa que ninguém pode inventar ou descobrir por acaso. E se há um problema que se mantém ainda hoje cercado de mistério, e *a fortiori* durante os períodos pré-históricos, é indiscutivelmente o das raças. De modo que a lógica mais elementar e a totalidade da experiência humana vêm confirmar a nossa tese, que é a seguinte: não se pode imaginar que um índio reproduza magistralmente a fisionomia de um negro ou de um branco, com todas as características

dessas duas raças, sem jamais ter visto um negro ou um branco. Deve-se, portanto, admitir que os tipos humanos por ele representados se encontravam em solo americano e aí se propagaram. Temos agora à nossa frente um material arqueológico em que aparecem os sinais característicos das raças humanas. A análise desse material se reveste de um interesse indescritível sendo, além disso, extremamente rica em ensinamentos. Um mundo novo, do qual até agora nada suspeitávamos, abre-se à nossa frente."

Foi justamente esta análise do material tipológico reunido nos museus que levou ainda mais longe o sábio americano e o fez chegar à conclusão de que seria preciso reexaminar certos elementos anteriormente postos de lado. E acrescenta: "No decorrer destes últimos anos, os arqueólogos descobriram um número cada vez maior de terracotas nas quais os traços distintivos da raça semita aparecem de maneira constante e convincente. Eis porque parece-me difícil classificar desde logo entre as quimeras certas indicações contidas no *Livro de Mórmon*, ou as tão precisas reflexões apresentadas por observadores dos séculos XVI e XVII sobre os primeiros habitantes da América. Assim, o padre Diego Duran (dominicano), nascido em Texcoco (México) por volta de 1540, dedica o primeiro capítulo de sua crônica, redigida aproximadamente em 1580, ao problema suscitado pela presença de elementos judeus na América pré-colombiana. A este respeito, aliás, ele fornece uma série de informações referentes às técnicas rituais e à história das religiões. Em virtude, inclusive, de nossos recentes conhecimentos, isto nos deveria levar a refletir. Deveríamos igualmente estudar os escritos do dominicano espanhol Gregório Garcia (1554-1627) que, a nosso ver, se revestem de um grande interesse, são substanciais e seguros.

"Paul Rivet, erroneamente, nele vê um indivíduo destituído de profundidade: De maneira bastante estranha, o seu livro intitulado *Origen de los índios del Nuevo Mundo,* é muito pouco conhecido. Constitui, entanto, um trabalho erudito composto em primeira mão por uma testemunha ocular inteligente e disciplinada. De resto, Frei Gregório que tivera, como sabemos, problemas com a Inquisição provocados pela sua atividade literária, conhecia o México (e também o Peru, aliás) sem dúvida alguma melhor que Paul Rivet. Mas, acima de tudo, ele o conheceu três séculos antes.

"Em todo caso, esses primeiros observadores nos fornecem informações sobre os problemas históricos e étnicos. Ficaríamos, portanto, satisfeitos se, futuramente, se evitasse contrapor-lhes uma recusa categórica de uma firmeza excessiva, ou acolhê-lhas com mesquinho sorriso de compaixão, *pelo menos sempre que se tratar de pesquisas científicas, empreendidas com um espírito de liberdade ou de progresso e da maneira mais moderna.* Indiscutivelmente, nesse campo, é preciso avançar com extrema prudência, mas em hipótese alguma os cientistas devem considerar uma tese como errônea sem dispor de sólidos argumentos contra a mesma, ainda que as perspectivas abertas pareçam absurdas *a priori.* Estou convencido, aliás, de que nos estão reservadas inúmeras surpresas para um futuro próximo, quero dizer para quando as extraordinárias riquezas arqueológicas da América estiverem sendo melhor pesquisadas e classificadas.

"A título de exemplo, podemos ainda citar a descoberta recentemente feita em Tlatilco. Trata-se, desta vez, de uma pequena escultura representando um personagem barbado. Essa cabeça (com apenas 4 centímetros de altura), muito antiga, é de origem grega ou fenícia. Até certo ponto, ela pode ser condignamente emparelhada com a figura do magnífico defumador proveniente da Guatemala e que se encontra no museu do Homem em Paris. Ainda mais espantosa é a descoberta da "máscara de Silene" negróide, feita por mão de mestre por um artista olmeca. Sei, de fonte absolutamente segura, que essa peça também é proveniente de Tlatilco. Assinalemos, finalmente, a pequena terracota descoberta

em 1933 na pirâmide de Calixtlahuaca (perto de Tloluca), pelo arqueólogo mexicano José Garcia Payón, e que também representa um personagem barbado. Ora, de acordo com o professor Boehringer, do ponto de vista tipológico esse objeto deve ser considerado como trabalho romano datando de cerca de 200 anos depois de Cristo. Pertence, portanto, à categoria de achados misteriosos que nos compelem a buscar uma explicação científica para suas origens."

Quanto ao que diz respeito ao tipo semita, é preciso lembrar que, nestes últimos dez anos, os museus americanos vêm expondo peças indígenas que poderiam ser facilmente qualificadas de "fenícias".

Em outubro de 1960, organizou-se em Mechanicsburg, Estados Unidos, o primeiro seminário científico dedicado aos vestígios das navegações cananeu-fenícias em primeiro lugar, e depois cartaginesas, descobertos na América. Homens como Alfredo Brandão, Frederick J. Pohl, Alexandre Gorbovski, Charles M. Boland, W. B. Goodwin, V. Stefansson ou Cyrus Gordon trabalharam nesse sentido. O que se deve porém salientar é que toda e qualquer prova recém-encontrada dessas navegações confirma *ipso facto,* a viagem de homens de raça semita em busca das fontes dessas lendas para cuja difusão eles tanto contribuíram.

Congêneres e aliados, eles conjugaram seus esforços visando não somente a construir um dos mais fabulosos templos da história — o de Jerusalém — mas também, para consolidar uma das lendas mais perturbadoras de todos os tempos.

Terminando, vamos conjecturar quem teriam sido os soberanos que Jeremias tinha em vista quando se dirigia "a todos os reis de Tiro e a todos os reis de Sidon e aos reis *das ilhas que se encontram para além dos mares".*

Que ilhas? Que mares?

ACOMPANHANDO OS VESTÍGIOS DO INTERMINÁVEL RELÊ

Não nos é possível ir além da história mas, ao atravessá-la, por assim dizer, vemos que ela se vai tornando transparente a uma luz vinda de algures.

KARL JASPERS *Iniciação ao método filosófico*

OS CARTAGINESES DESEMBARCAM NA AMÉRICA

As navegações prosseguiram. Depois dos fenícios e seus companheiros, entre os quais talvez se contassem alguns egípcios, seguiram-se muito naturalmente os cartagineses.

Na primavera de 1963, a revista moscovita *Vokrug Sbeta* noticiou a descoberta de uma inscrição cartaginesa num rochedo das montanhas da Virgínia setentrional, nos Estados Unidos. As opiniões imediatamente se dividiram e a presença de alguns caracteres não cartagineses levou à conclusão de que se tratava de uma falsificação. Ora, assim como não se investigou quem teria sido o falsário, ninguém se preocupou também com a evolução das descobertas de inscrições da mesma natureza ocorridas na Fenícia depois de 1932. Caso contrário, ter-se-ia sabido muito antes que os signos controvertidos pertenciam a uma variante de língua silábica utilizada entre os séculos VII e IV antes de Cristo e que foram igualmente encontrados no Velho Mundo. Observe-se que a reabilitação oficial dessa inscrição nem sempre ocorreu.

Tendo-se desenvolvido a partir de uma antiga colônia fundada aproximadamente em 814 pela lendária Dido, a "Cidade" — assim a designavam os cartagineses — bem depressa afirmou o seu poderio marítimo. Importante centro de comércio mediterrâneo, Cartago foi

também a mais ciosa dona dos caminhos marítimos da Antigüidade, percorridos por suas galeras a uma velocidade cotidiana de 90 a 100 milhas (8 a 10 km/h). As célebres viagens de Hanon e Himilcon são suficientes para mostrar a excelência da navegação cartaginesa. Embora alguns historiadores atribuam ao primeiro um caráter mítico, é indiscutível a realidade histórica do segundo — e de uma longa travessia atlântica.

Por volta de 320 a.C. os cartagineses já haviam tocado nos Açores. Sem dúvida, os arqueólogos modernos que encontraram moedas cartaginesas na ilha do Corvo podem discorrer sobre essa viagem mais demoradamente que seus próprios autores. Contudo, o silêncio que cercou essa navegação durante séculos tem uma explicação, e nós já a encontramos num texto antigo, o *De Mirabilis,* atribuído a Aristóteles. "Situava-se (a ilha) a alguns dias de distância do continente. Mas... os sufetas de Cartago proibiram a viagem à ilha sob pena de morte, para que não se tornasse conhecida a existência dessa terra insular." Por outro lado, fontes históricas autênticas se referem à existência, numa das Canárias, de um templo dedicado à deusa Tanit. Ainda em *De Mirabilis,* fala-se em embarcações a navegarem ao longe, em direção Oeste a partir do "porto de Gades", a atual Cadiz.

A dar-se crédito aos textos, lá longe *para além do oceano,* os cartagineses encontraram *águas cobertas de algas.* Pensa-se imediatamente no mar dos Sargaços, sobretudo levando-se em conta que vários autores latinos escreveram sobre o *Mare Vado sum* que, para alguns historiadores, é pura e simplesmente esse mesmo mar dos Sargaços. Acredita Richard Hennig pelo contrário que, levando-se em conta que as extensões marinhas recobertas de algas naquela época ficavam muito mais próximas das costas africanas, aquelas navegações não tinham penetrado profundamente no Oceano. O que não o impede de concluir afirmando, no capítulo XIX de suas *Terrae incognitae* que "em princípio não podemos negar a possibilidade de que, na Antigüidade, alguns mediterrâneos tenham conseguido chegar à América e ali exercido uma influência cultural".

Aliás, tendo-se aceito a navegação fenícia até a América, dela decorre conseqüentemente a dos cartagineses. Para melhor nos convencer, eles se encarregaram de ali deixar suas marcas, na maioria das vezes sob forma de inscrições. Assim, nos Estados Unidos, foram encontradas inscrições cartaginesas na Pennsylvania, perto da cidade de Harrisburg, nos distritos de York e Cumberland, nos rochedos da Virgínia e nos distritos de Mecklemburg e Brunswick. A pátina dos traçados praticados na rocha (incisões com uma profundidade de 1,5 a 3 cm), uma diábase triássica extremamente dura indica 1.800 a 2.700 anos de idade. O fenicólogo amador J. C. Ayoob, que decifrou essas inscrições baseando-se em escrituras cartaginesas da África do Norte, afirma nelas ter lido nomes de centros cartagineses mediterrâneos, assim como os de deuses e deusas e chefes cartagineses. Isto, entretanto, ainda aguarda confirmação.

Essas inscrições são, aliás, incrivelmente numerosas. Somente na Pennsylvania, o doutor W. W. Strong apontou mais de quatrocentas. As da Virgínia foram estudadas por especialistas como o professor George C. Cameron, da *Michigan University of Yale.* Todos eles confirmaram o caráter *alienígena, não americano,* dessas inscrições. A pedido de C. M. Boland, membro da Sociedade Arqueológica do Massachusetts, o arqueólogo G. Radan, especialista em escrituras semitas, procurou traduzir esses textos, tendo sido bem sucedido quanto ao essencial. Embora as inscrições cartaginesas só tenham começado a ser descobertas a partir de 1940 na América do Norte, sua existência no subcontinente era conhecida há muito mais tempo. L. Schwenhagen, por exemplo, encontrara algumas em Campos, no Brasil. Da mesma forma, desde 1837 haviam sido encontradas no Canadá algumas bolinhas de vidro colorido e cerâmicas esmaltadas que não poderiam ser de origem índia. Em 1843, o

historiador americano H. R. Schoolkraft comparava essas bolinhas às encontradas em 1817 num túmulo muito antigo situado nas proximidades de Harrisburg, no Estado de Nova Iorque. Será preciso lembrar que os americanos pré-colombianos desconheciam o vidro e o esmalte? Mais tarde, em 1862, A. Morlot demonstrou que uma minúscula pérola de um colar encontrado pouco tempo antes perto de Estocolmo era exatamente idêntica às pérolas "americanas" e a uma outra vinda do Jutland dinamarquês. Ora, as pérolas da Dinamarca e da Suécia foram formalmente reconhecidas como sendo de origem fenícia ou cartaginesa. Provinham elas das relações comerciais estabelecidas desde o neolítico entre a Escandinávia e os mediterrâneos que percorriam a Europa seguindo as "rotas do âmbar".

Sustenta Schwenhagen que os fenícios empreenderam suas primeiras navegações em direção à América por volta do ano 1.100 a. C. e que o objetivo de suas expedições era a busca do metal precioso. Afirma inclusive que encontrou vestígio dessas explorações mineiras nos Estados brasileiros do Ceará e da Bahia. Quanto às "rotas" cartaginesas propriamente ditas, C. M. Boland propõe para elas uma explicação não destituída de originalidade. Em sua opinião, os cartagineses foram obrigados a se dispersar depois de terem sido vencidos pelos gregos de Agatóclio em 310 a.C. Alguns de seus navios passaram então para o Atlântico, e em seguida se dirigiram para o Norte, acompanharam as costas do Labrador para finalmente chegarem ao golfo de Chesapeake. Ali chegados, subiram o rio Susquehanna, deixando atrás de si as inscrições encontradas nas proximidades de Harrisburg.

Os cartagineses talvez tenham sido perseguidos pela frota de Cipião Emiliano. O historiador alemão Paul Hermann chega mesmo a sustentar que o único objetivo de Cipião foi atirar os cartagineses aos abismos oceânicos para que eles nunca mais pudessem retornar ao Mediterrâneo. Ficaria assim explicado, segundo Charles Michael Boland por que os próprios romanos também se aventuraram a penetrar tão profundamente Oceano adentro atrás de seus inimigos. Arrastado pelas correntes, um de seus navios teria sido lançado às costas venezuelanas, tendo sido esta a origem dos pregos de navio de tipo romano, e as moedas romanas encontradas naquelas costas. Isto tudo teria acontecido respectivamente nos anos 260, 200 e 146, antes de Cristo.

MISTÉRIOS ETRUSCOS REVELADOS

Portadores de influências semitas e asiáticas, também os etruscos foram muito mais longe, em suas viagens, do que se imagina. Examinando figuras de terracota, as divisões do grande templo de Ife e alguns outros vestígios no território iyorubá, perto do Daomé, o sábio alemão Frobenius chega à conclusão de que eram fruto de uma influência cultural extra-africana, decorrente das viagens de navegadores não fenícios (e muito provavelmente etruscos) no século XII antes de Cristo. Os trabalhos de R. Berthelot seguem esta mesma direção.

Considera-se hoje possível a participação das tribos etruscas nas expedições dos povos do mar contra o Egito, ocorridas por volta do ano 1.200 a.C. Por outro lado, em apenas uma cidade etrusca — Volsci — foram encontradas mais de 22.000 cerâmicas gregas, o que é suficiente para comprovar o intercâmbio comercial "intereuropeu" em que os etruscos tomavam parte, as mais das vezes como predadores, sob o nome tristemente célebre de *piratas tirrênios*. Todavia, o domínio por eles exercido sobre o Mediterrâneo ocidental é bastante tardio, visto situar-se entre 535 e 477 anos antes de nossa era. Ora, foi justamente naquela época que as navegações conheceram o seu maior desenvolvimento.

Diodoro, Timeu, Aristóteles e muitos outros autores da Antigüidade assinalam que entre a batalha de Atália e a de Cumes, a frota etrusca fez inúmeras incursões no litoral *oceânico* da África do Norte e da península Ibérica. Mas, *em direção à* América ou *até* a América?

Chegou-se bem depressa à conclusão de que tinha havido viagens etruscas até o Novo Mundo. É bem verdade que não faltaram elementos: cimentação idêntica de uma muralha pré-romana na Itália e de outra em Tiahuanaco na Bolívia; coincidências entre o deus etrusco Charu e algumas divindades de Chavin, no Peru; analogias entre as górgonas etruscas e certas figurações maias; idêntica significação simbólica do galo no México e entre os etruscos; semelhança entre os sistemas de drenagem na Etrúria e no Peru; mesma utilização da falsa abóbada em certas construções na Itália e na América etc.

Encontra-se, porém, a falsa abóbada em muitos lugares, e ela corresponde simplesmente a um determinado estágio de desenvolvimento da civilização, o mesmo se podendo dizer quanto à maioria dessas pretensas semelhanças. É entretanto indiscutível que se pode comparar, como fez Frobenius, a técnica de trabalho dos metais em certas tribos ameríndias e entre os etruscos, ou o processo de fabricação da cerâmica. Este último paralelo dizia respeito à factura não americana das cerâmicas encontradas nas estranhíssimas ruínas da ilha de Maranhão. Infelizmente, elas são de fato fenícias, o que não exclui, com efeito, um certo "ar" etrusco.

O que houve realmente de comum entre os etruscos e os índios é algo muito diferente, e tem uma explicação. São as correspondências lingüísticas bastante surpreendentes entre os etruscos e os diversos idiomas do México e do Peru pré-colombianos. Devemos esta descoberta ao professor Licínio Glori, de Milão, que a ela chegou ao decifrar as cento e trinta palavras de uma inscrição etrusca encontrada em Perúgia, Itália. Continuando suas pesquisas, Glori chegou a formular uma teoria audaciosa. Declara ele ter conseguido uma prova *da origem comum de parte das populações da América e da Europa.* Para ele, os iberos, os etruscos, os astecas e os antigos peruanos tiveram — integralmente ou em parte — *um mesmo berço.* Em momento algum, entretanto, fornece-nos ele o nome do antepassado comum desses povos. Ora, quando se verifica que as palavras e expressões que revelam esse inexplicável parentesco são, todas elas, de ordem ritual ou iniciática, as coisas adquirem imediatamente um aspecto diferente. Assim sendo, não há a menor necessidade de transportar artificialmente os etruscos para a América, como fazia outrora Rodrigo de Castro, ou o inverso como tentaram fazer Lewis Spence e Thajer Ojeda! Basta lembrar os homens que saíram do platô das Baamas em via de submersão e que com toda a certeza transmitiram às populações com que entraram em contato parte de seu vocabulário religioso ou conceitual.

Para Lewis Spence, os etruscos seriam americanos que teriam emigrado para a Europa. Em seu livro *Problem of Atlantis* (Londres, 1924), Spence atribuía uma importância excessiva ao que diria Sileno, personagem mítico, a Midas, outro personagem lendário. Sileno explica com efeito que outrora, em época há muito transcorrida, alguns povos haviam atravessado o oceano para irem se instalar na Europa. E aí temos os nossos etruscos!

O SEGREDO DA FROTA PERDIDA

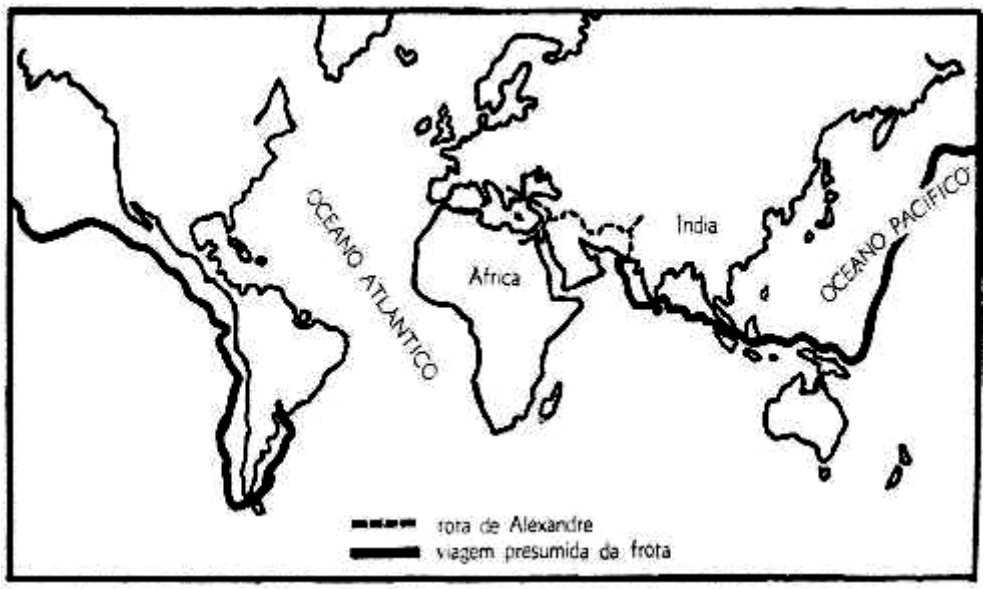
Também dos gregos se disse que haviam tentado a aventura americana. Temos de confessar que seriam precisos outros argumentos que não os propostos por Rodrigo de Castro para disso nos convencer. Inegavelmente, a lenda de Xolotl, o deus com cabeça de

cão dos astecas que transportava os mortos e em cuja boca se introduzia uma lâmina de ouro ou de cobre, nas regiões inferiores do mundo, nos faz pensar realmente em Caronte, o barqueiro dos mortos, Cérbero, o Tártaro e o Estigemas, o que se poderia dizer além disso? A presença dos prefixos *Theo-, Thia-, Tia-,* em nomes como Tiahuanaco, Teotihoacan é igualmente pouco eloqüente, assim como certas semelhanças toponímicas relativas a rios e cursos d'agua onde intervém o prefixo *poti-* (Poti, Potijuaro, Potiguara) que, entre os pré-helenos da Grécia significava "pequeno rio". Finalmente, as habituais citações de Claude Ellien reproduzindo os dizeres de Sileno a Midas não nos fazem sair do terreno da anedota. Plutarco se refere a um país governado por Mérope, sem entretanto especificar que país é esse. Pode-se imaginar que se trata daquele em que Hércules encontrou o uso do grego, mas seus habitantes desconheciam o ferro. E as eventuais alusões à América por parte de autores gregos são por demais obscuras para merecerem alguma atenção, tanto mais que se trata provavelmente de informações chegadas à Grécia por intermédio dos cartagineses.

Em *La Geografia premediterranea* (Valparaíso do Chile, 1927), o arqueólogo chileno Thajer Ojeda procura demonstrar a existência de migrações de povos pré-históricos da América para a Europa. Trata-se de um eco da teoria monogenista proposta por Ameghino, segundo a qual a humanidade teria tido um berço único. O homem teria saído dos pampas argentinos. Dai, mais tarde, ter-se-ia espalhado pelo mundo afora. Essas teorias nunca conseguiram se impor.

Não obstante, existe algo que causou sensação e que ocorreu na época da 113ª Olimpíada. Como se sabe, por volta do ano 323 a.C. Alexandre, o Grande, reunira uma numerosa esquadra na região do golfo Pérsico. Alguns autores chegam a falar em 800 navios e numa tripulação de 5.000 homens. Ora, de repente, por ocasião da morte do grande rei, essa frota desapareceu. Na véspera da morte de Alexandre, os navios se haviam aprestado para tomarem uma direção ignorada. Seja como for, é pouco provável que os pilotos se tenham dirigido para Sudoeste para contornar a península arábica. Não lhes teria sido possível, com efeito, encontrar no litoral árabe nenhum porto onde pudessem tocar para se reabastecer de água. É por conseguinte muito mais verossímil que a frota se tenha dirigido para o Oriente a fim de atingir os ricos portos das Índias ou da Indonésia e de lá... "Não estaria aí a origem das velas latinas triangulares, peculiares ao Mediterrâneo e encontradas pelo capitão Cook entre os indígenas das ilhas do oceano Pacífico e do Oeste do oceano Índico?" pergunta o historiador russo A. Gorbovski. Mas a zona de difusão desse tipo de vela se estende até muito além da Indonésia, indo até as Américas, seguindo uma linha que passa pelas ilhas de Sonda, e pela Colômbia britânica antes de chegar ao Peru.

Em seu livro *As Duas Américas,* Cândido Costa relata que em 1893 um fazendeiro encontrou em Doris, perto de Montevidéu, um túmulo muito antigo, coberto por uma laje de pedra sobre a qual ainda se distinguiam vestígios de uma inscrição quase apagada. Sob a laje, abria-se um carneiro e neste havia uma urna contendo cinzas. Em volta da urna, armas e um capacete metálicos completavam o conjunto. O sábio uruguaio R. P. Martins verificou que a inscrição era em grego antigo e decifrou um início de frase: "Alexandre, filho de Filipe, era rei da Macedônia durante a 113ª Olimpíada. É aqui que Ptolomaios..."



Ao publicar a descrição dos objetos encontrados no túmulo, Martins especificou que uma das espadas era ornamentada com a efígie de uma cabeça humana e que havia uma cena de combate representada no capacete. Nessa cena, Martins via o episódio da guerra de Tróia em que Aquiles arrasta o corpo de Heitor ao longo dos muros da cidade. Depois, os objetos passaram a fazer parte de uma coleção particular antes de serem submetidos a um verdadeiro exame científico.

Mais tarde, o professor Schwenhagen atribuiu uma importância exagerada a esse achado que, afinal de contas, dependeria de muita confirmação. Por certo, se o túmulo realmente existiu, deve ter sido associado à aventura da frota perdida. Isto significaria, porém, que o tal Ptolomaios estivera a um passo da realização da viagem de Magalhães às avessas. O que é muito passível de contestação e, para deixar essa hipótese confirmada, não bastam as velas latinas do Pacífico nem esse hipotético túmulo.

O americano Lothrop e o russo Guleaiev buscaram descobrir, depois disso, por que motivo não se havia encontrado nenhum indício dessa viagem nas ilhas do Pacífico dispostas ao longo do suposto trajeto da frota. Sempre prontos a encontrar uma resposta, os adeptos da viagem grega à América apresentaram um argumento. O da presença do capacete grego entre os guerreiros do Pacífico, sobretudo do Havaí e nas cerâmicas peruanas mochica ou mocica.

Cerâmica mochica: guerreiros

É um argumento fraco e que não leva em conta a mais elementar cronologia, suficiente para esclarecer esse ponto. Os mochicas utilizaram com efeito esse tema de

ilustração na época do desenvolvimento máximo de sua cultura, nos séculos IV e VIII *de nossa era.* Tinha-lhes sido transmitido pelos nativos das ilhas do Pacífico que tinham realmente navegado até a América. De modo que se havia alguma conjectura a fazer, teria de ser quanto à presença do capacete grego no Havaí e não no Peru.

Todavia, embora os gregos jamais tenham velejado em direção à América não se discute que eles tenham enchido o mundo de mitos que — desde os trabalhos de Hércules, sobretudo o do jardim das Hespérides, até as mais insignificantes lendas a respeito dos campos Elísios — lançaram, alimentaram e ampliaram uma tradição que impeliu à realização efetiva dos mais fantásticos sonhos.

OS CELTAS NA TERRA DO GRANDE SONHO

Depois dos cartagineses, os celtas. O problema celta, independentemente das crises cíclicas de "celto-mania", já foi suscitado há muito tempo. Mylius, Charon e Postei — autores citados por Hornius em suas *Origens dos Americanos* — já tinham voltado sua atenção para as viagens dos celtas à América. Em seus comentários sobre a língua "bélgica" Mylius afirma que uma série de sobrevivências célticas na toponímia americana comprova o estabelecimento precoce dos celtas do outro lado do Oceano onde teriam até fundado um reino. Jacques Charon declara em sua *Histoire universelle* que os antigos gauleses teriam chegado à América antes de nossa era e que ali teriam criado a cidade de Temistitanam. Ainda na opinião de Charon, o nome da *Venezuela* derivaria do dos *vênetos*, antiga tribo gaulesa que lá teria abordado. Isto, infelizmente, não é verdade e Venezuela decorre de Veneza. Com efeito: os indígenas do litoral viviam em casas de tipo lacustre e Venezuela significa "pequena Veneza". Finalmente, Guillaume Postei se refere a uma "colonização" celta do Novo Mundo.

O que há de verdade em tudo isto? O que se *sabe é* que, entre os séculos III e I antes de nossa era, as robustas embarcações dos vênetos se dirigiam com freqüência para a costa britânica da Cornualya e chegavam a atingir os portos mais distantes da península Ibérica. Por outro lado, já de há muito ficou comprovada a descoberta, assim como a utilização, das rotas marítimas do Atlântico oriental pelos celtas. Partindo daí, Alexandre Gorbovski admite que os celtas se tenham aproximado cada vez mais de costas norte-americanas desde o século III antes de Cristo. Chegaram assim a navegar costeando-as para em seguida abordá-las. A praia onde desembarcaram não foi identificada com segurança, mas sabemos pelo menos o seu nome: o *Huitramanalanã,* isto é, a "terra dos homens brancos".

Quanto às causas dessas navegações, teremos de buscá-las nas tradições e crenças dos celtas, impregnadas pelo grande mito das ilhas dos bem-aventurados e situadas num ponto qualquer para além do Oceano. O paraíso, o *paraíso terrestre,* seria necessariamente uma região distante, de difícil acesso, fora do mundo conhecido e dele separada por algum formidável obstáculo natural, montanhas ou oceano. E o que melhor poderia indicar seu caminho se não o curso do astro que preside à atividade dos homens e da natureza: o Sol? Tudo concordava, portanto: as tradições e a lógica. O paraíso só poderia situar-se no lugar mágico em que o Sol se põe — *a oeste.*

Essa busca de um paraíso que se distancia à medida que os homens se esforçam por atingi-lo explica em grande parte a longa viagem dos gregos em direção à península Ibérica e, era seguida, na trilha dos cartagineses, em direção às ilhas Afortunadas. Os celtas fizeram o mesmo ao passar das ilhas britânicas para as Hébridas por entre as orçadas e as Shetland, encaminhando-se para a Islândia enquanto aquele maravilhoso sítio (mais tarde

denominado Flaith Innis eurogaélico) se distanciava cada vez mais em direção ao Oeste. A princípio ilha sagrada, coube em seguida à Irlanda o mesmo papel de etapa que seria mais tarde desempenhado pela Islândia, tanto mais por ser ela "uma terra onde o sol se põe e nasce na mesma hora". O que significa que os celtas haviam localizado o paraíso terrestre nas ilhas setentrionais do oeste oceânico. Foi assim que a própria Thulé foi denominada a *Ogygia* do Norte, nome que Eugène Beauvois interpreta da seguinte maneira: *Ogh* - significava "santo", mas *og* = jovem, *cige* = juventude. Por outro lado, a tradução de *oig é* "herói" e a de *oighe é* "gelado". Fica assim explicado porque em língua celta uma mesma palavra basta para designar as ilhas (de gelo) dos heróis que permanecem eternamente jovens...

As narrativas gregas referentes aos celtas, tais como as encontramos particularmente em Eufórico de Cumes, afirmavam não somente que estes adoravam o deus Cronos ao qual sacrificavam jovens atirando-os ao mar do alto das falésias, mas também que eles haviam atravessado o Oceano e fundado estabelecimentos tão distanciados uns dos outros como a *Ogygia das ilhas Britânicas.* Certos autores favoráveis às posições celtizantes, entre os quais Eugène Beauvois chegaram a sugerir que os celtas possuíram três colônias, uma das quais na Groenlândia, outra na terra de Baffin ou no Labrador, e finalmente a terceira mais ao sul, no litoral de um golfo maior que a Meótida européia e fazendo parte do continente norte-americano.

Segundo esses mesmos autores, a tradição antiga comportaria indicações sobre a existência lendária dessa *Meótida americana céltica,* além de pormenores sobre a sua organização. Assim, de trinta em trinta anos, os habitantes do país efetuariam uma peregrinação à ilha de Cronos para consultar o oráculo. Alguns teriam ido até o Mediterrâneo. Afirma-se mesmo que um deles teria chegado à África, às proximidades de Cartago, quando Sila governava Roma e, tendo apresentado um relatório de sua viagem ao ditador, este o expulsou imediatamente, convencido de estar diante de um mentiroso. Acrescentemos finalmente que a descrição que nos é dada desta Meótida americana concorda em boa parte com a do Canadá atual.

Se examinarmos as tradições dessas diferentes regiões, descobriremos além disso duas lendas gregas — a de Hércules e a das Amazonas — transmitidas provavelmente pelos celtas. Em ambos os casos, a tradição americana se apresenta como um pálido eco de seu modelo mediterrâneo. A nordeste dos Estados Unidos, na região dos "mounds" (região das colinas) onde serão mais tarde encontrados os Tuatha Dé Dannan originários da Irlanda, existia até uma seita de adoradores de Hércules. A existência dessas tradições comprova suficientemente a presença dos celtas na América, o que abriu as portas para a implantação, a partir do século VII de nossa era, de seus descendentes irlandeses naqueles mesmos estabelecimentos. Da mesma maneira, as influências gregas sobre a cultura céltica permitiram que inúmeras lendas mediterrâneas atravessassem o oceano.

É possível, aliás, que os celtas tenham adotado apenas um caminho ao viajarem para a terra dos bem-aventurados. Tratar-se-ia, neste caso, do grande itinerário nórdico que passa pelas ilhas atlânticas ao largo da Escócia, as orçadas, as Hébridas, as Shetland, a Islândia e depois a costa da Groenlândia, o litoral oriental do Labrador, a Terra Nova e, por fim, a região das Colinas, a grande *Celtia* de além-mar. Esta corrente circulatória foi interrompida pela conquista romana das Gálias. Daí por diante, os "colonos" perderam contato com seu país natal, tendo-se fundido com as populações nativas.

Ficaram-nos, entretanto, inúmeros indícios de sua presença. Aí estão particularmente as construções de tipo megalítico cujos vestígios podem ser vistos nos Estados Unidos, em

Massachusetts e New Hampshire, e que podem ser comparados aos de Cuenco, no Peru. Assim também certas construções primitivas situadas nas vizinhanças de North Salem evocam as habitações rupestres da Irlanda ocidental. Certos autores acreditam ter encontrado vestígios da mesma natureza entre os maias do Yucatan a respeito dos quais contam os anais que "tendo partido da região que habitavam em Nonoval, os quatro Tutulxin (chegaram) a Zuiva, no Oeste, tendo vindo juntos de Tulapan, sua pátria".

Todavia, nada nos autoriza até agora a determinar a localização de Huitramanaland. O qual, sujeito ainda às hipóteses, continua a se transportar da Virgínia para o Massachusetts mesmo que aos indícios já mencionados nós possamos acrescentar algumas tradições de que só compartilham os celtas e os ameríndios. Assim, tanto para os celtas como para os algonkins, a história se divide em quatro grandes períodos, o primeiro e o último dos quais são representados pelas mesmas cores: o *branco* e o *negro*. À Claude Lévi-Strauss é que cabe o mérito por ter sido apontada a semelhança entre os mitos dos índios que habitam as florestas das regiões do centro e leste da América do Norte, e *as lendas célticas do ciclo do Graal,* assim como por a ter explicado através de uma filiação comum decorrente de uma antiga cultura subártica. Para Claude Lévi-Strauss, todas as populações setentrionais, da Escandinávia ao Labrador, e da Sibéria do Norte ao Canadá, *mantinham relações muito estreitas umas com as outras, tendo os celtas colhido algumas de suas lendas nessa cultura subártica a respeito da qual não sabemos praticamente nada.* As semelhanças existentes entre os "documentos" arqueológicos do Sudeste asiático e da Escandinávia proto-histórica levaram-no até a escrever que as três regiões da *Indonésia, do nordeste da América e da Escandinávia* constituíam, de certa forma, "os pontos trigonométricos da história do Novo Mundo". Entre um e outro desses pontos, os celtas teriam portanto servido de agentes de ligação. Os celtas, que não economizaram as imagens ao descrever *a planície da alegria, o país da juventude, a terra das promessas.* Esses mesmos celtas que chegaram um dia a seu Huitramanaland, com apenas uma remada, se dermos crédito à lenda, mas na realidade depois de longas etapas no caminho do Norte, passando por Tule, a Derradeira.

DE ROMA AO MÉXICO

Perseguindo os cartagineses, prendendo em terra os navegadores celtas, os romanos teriam fatalmente de pisar, por sua vez, o solo do Novo Mundo.

No entanto, quando nos séculos XVI e XVII, autores como Hornius, Tornielli, Acosta, Goropius e outros sugeriram a idéia de uma antiga presença romana na América, o que encontraram pela frente foi um ceticismo geral. Eles tomavam como base, em primeiro lugar, a natureza e a qualidade da rede viária inca, com seus 6.600 quilômetros de estradas pavimentadas, muito bem conservadas e cobrindo por vezes longas distâncias, assim como as inúmeras obras de arte, túneis, rampas de acesso, escadarias terraceadas etc. Não foi pequena a surpresa de Cieza de León ao encontrar a balança "romana" entre os incas. Hoje em dia, especialistas como Maudley Osborne e J. A. Joyce observaram o aspecto estranho do personagem representado na esteia de Quiriga, o qual ostenta uma face rubicunda e usa uma vestimenta em forma de toga romana. Também não se deixou de apontar a existência, no antigo México, de uma "casa das virgens", cuja função era idêntica à da instituição romana das Vestais.

É preciso acrescentar que, do ponto de vista científico, isto não significa absolutamente nada. Ainda que se some a tudo isto a informação de Statius Sebosus, reproduzida por Plínio, a respeito do número de dias de navegação que separavam as Górgonas (ilhas do Cabo Verde) das

Hespérides (Antilhas); mesmo quando se tem em mente que Cícero afirmava não passar o Império Romano de pequenina ilha se comparado ao *continente ocidental.* De modo que a hipótese de uma viagem romana à América foi rejeitada a partir do século XVIII.

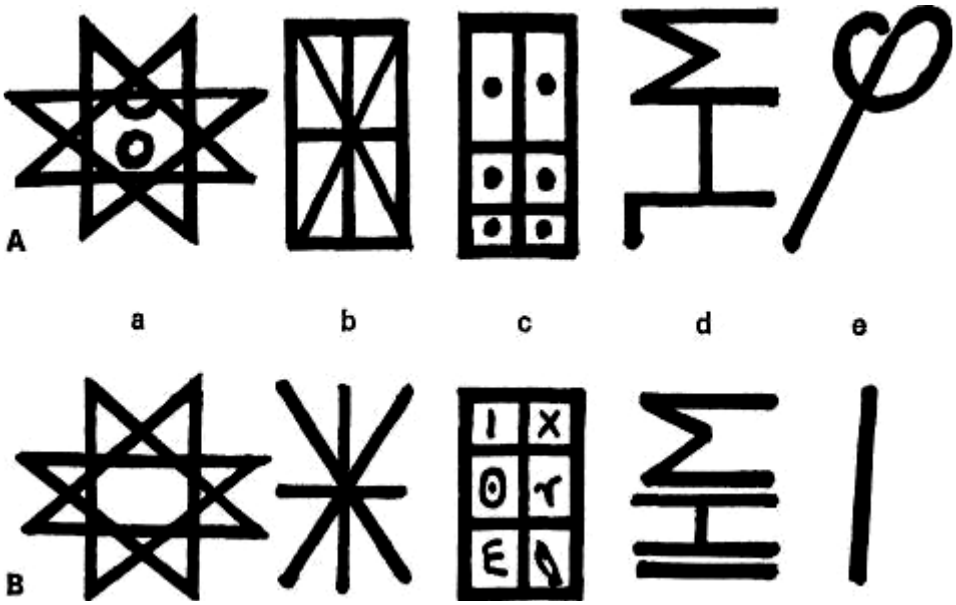
Ao que parece, faz-se mister reconsiderá-la atualmente. Já no século XIX encontrou-se uma moeda romana em uma das Antilhas. No início do nosso, foi encontrado, no istmo de Darien, Panamá, *um vaso de terracota cheio de moedas romanas* datando dos séculos III e IV de nossa era. A situação do vaso na camada arqueológica a que pertencia e o fato de se tratar de moedas de emissão corrente, em bronze, excluem a possibilidade de um transporte pós-colombiano. Inútil dizer que essas moedas são perfeitamente autênticas".

Vieram em seguida outras descobertas. O número dessas moedas, sua localização, assim como a circunstância de provirem de camadas arqueológicas virgens exigem que se lhes dedique a maior atenção, o que naturalmente os arqueólogos oficiais nem sempre têm feito. Contudo, em 1918, achou-se em Tennessee, a dois metros de profundidade, uma outra moeda romária datando desta vez do século II de nossa era. No ano seguinte, outras foram encontradas na Venezuela. Haviam sido emitidas entre o I e o IV séculos d.C. Em 1943, finalmente, James V. Howe achou às margens do rio Roanake, perto de Jeffries (Virgínia) um antigo forno. As escórias espalhadas em torno revelaram o *trabalho com o minério de ferro.* Após intermináveis discussões, estabeleceu-se finalmente um acordo dando aqueles vestígios como remontando a quatorze ou quinze séculos antes da chegada de Colombo.

As pesquisas continuam, embora de maneira dispersa. Foram ainda encontrados na mesma região cerca de 300 quilos de materiais ferrosos com indícios de siderurgia e dezesseis localizações de fornos para fundição do ferro, entre eles um forno metalúrgico rudimentar feito de terra argilosa. O professor R. W. Brekenridge, depois de analisá-lo, chegou à conclusão de que esse metal possuía uma microestrutura idêntica à do ferro forjado na Antigüidade pelos ferreiros gregos. Por sua vez, E. P. Best determinou a estrutura química do metal depois de microfotografá-lo. Daí resultou que o ferro encontrado é um metal de tipo antigo obtido pelo processo direto, onde não existe separação entre a primeira redução do minério no forno e a formação e trabalho do metal por martelagem, sendo o minério e o combustível introduzidos no forno durante um processo contínuo de agitação e insuflação de ar. A massa esponjosa que permanecia no fundo do forno era então recuperada para ser imediatamente trabalhada e forjada à mão.

As escavações às margens do rio Roanake trouxeram também à luz pedaços de bronze e uma taça metálica perfeitamente conservada que se revelou idêntica a outras seis encontradas em Pompéia e que podem ser vistas no Museu da Antigüidade, em Nápoles. Entre os objetos provenientes dessas escavações, há também um fragmento de fuso antigo, de tipo romano. A análise química do bronze revelou uma estrutura não americana e muito semelhante à do bronze mediterrâneo dos últimos anos anteriores à nossa era.

Será conveniente acrescentar a este conjunto as inscrições rupestres encontradas em Dolphin (Virgínia) sobre dois enormes rochedos distantes 1,6 km um do outro. Esses signos se assemelham estranhamente aos crismas dos primórdios da difusão do cristianismo no império romano, estudados pelo sábio alemão Rudolf Koch em seu *Livro dos Signos.* Cinco dentre eles merecem uma atenção particular: um octograma muito utilizado, mas de origem pré-cristã *(a),* uma cruz dupla inserida num retângulo relacionado com a antiga simbólica do número 4 *(b);* um monograma cujos compartimentos continham no Mundo Antigo as iniciais da palavra *Ichthys,* palavra-senha dos antigos cristãos *(c);* e dois outros signos um dos quais *(e)* de origem tipicamente grega.



A - América

B - Velho mundo *Crismas* (segundo Ch. M. Boland)

Os professores G. C. Camerion, Nelson Glueck e Michael Rostovtzeff estudaram esses crismas. Suas conclusões diferem profundamente. Para Camerion, são incisões grosseiras e indecifráveis; para Glueck, seria impossível relacioná-las com qualquer escritura semita; para Rostovtzeff finalmente, são inteiramente destituídas de significado. Eles concordam, entretanto, quanto a afirmar que sua origem não pode ser índia. Muito embora, a bem dizer, esses crismas americanos sejam insuficientes para provar uma presença romana na América do Norte, existem muitos outros indícios, bem mais concludentes.

O mais ilustrativo foi sem dúvida o achado de Clarksville, no rio Roanake. Em 1951, por ocasião da construção de um dique, os trabalhadores depararam, a alguns quilômetros da cidade, com uma necrópole contendo setenta e oito esqueletos humanos. Misturados aos ossos, encontravam-se diversos objetos não índios e pedaços de ferro semelhantes aos que foram trazidos à luz por Howe no início de suas escavações. Para os especialistas consultados, também aquele ferro possui uma estrutura idêntica à do ferro utilizado pelos gregos. Infelizmente, a exploração arqueológica do sítio sofreu um colapso quando foram concedidos os meios e autorizações indispensáveis já era tarde demais. A necrópole fora recoberta pelas águas do novo curso do rio.

O inventário nem de longe está concluído; temos ainda de mencionar os pregos e fragmentos de utensílios de ferro fabricados segundo um método idêntico ao dos utensílios europeus correspondentes, do século I antes de Cristo até o século IV d.C. No distrito de York, na Pennsylvania, achou-se um amuleto de origem indeterminada, mas revelando uma indiscutível influência romana. É preciso mencionar igualmente os três apitos idênticos a apitos romanos, provenientes do vertical, a princípio no centro, adquirisse um aspecto semelhante ao da perna do "*q*" moderno, para em seguida desaparecer do grego atual. No século V a.C. esse signo correspondia à letra H.

Recentemente, C. M. Boland sugeriu a possibilidade de uma presença romana em solo americano no século I, declarando-se convencido pelas descobertas de Howe — particularmente pela dos crismas — e por certos rituais e tradições dos índios pré-colombianos que comportavam referências mais ou menos numerosas ao cristianismo. Boland acredita até que um pequeno contingente de cristãos informados da existência do "continente do Oeste" por via fenícia, poderia ter vindo buscar refúgio na América a bordo de navios mercantes romanos.

Observe-se, entretanto, que os vestígios romanos na América abrangem um período excessivamente longo para que se possa atribuí-los a uma única viagem de um grupo restrito, e portanto a uma única data. Além disso, alguns dos objetos achados são um ou dois séculos anteriores ao cristianismo. Por outro lado, os "traços" de cristianismo que Boland acredita ter identificado entre os pré-colombianos existem de fato, mas devem-se a uma causa muito diferente e de que trataremos adiante.

Acrescentemos ainda, antes de terminar, que nos afrescos de Pompéia, pintados no século I antes de Cristo, são representados o *ananás* e frutos de *anonas-squamcsa,* de origem exclusivamente americana. Podemos, portanto, afirmar com toda a segurança que se os romanos chegaram à América, isto não está de maneira alguma associado ao cristianismo nem a seus adeptos.

Sem o saber, os poucos marinheiros e soldados que desembarcaram no Novo Mundo deviam desempenhar com relação aos refugiados cartagineses o mesmo papel que os vikings tiveram junto aos irlandeses, dez ou doze séculos mais tarde: eles os perseguiam. Todavia, mesmo nessas circunstâncias, uma navegação desta ordem teria forçosamente de confirmar as lendas correntes sobre as maravilhosas terras do Oeste.

BRENDAN, O SANTO DOS HORIZONTES PERDIDOS

Quem quiser saber o que pensar quanto a este livro, informe-se da opinião dos sábios. **SIGISBERT DE GEMBLOUX**, o *Lotaríngio* (sobre o manuscrito das *Peregrinations de saint Brendan).*

Dentre os que buscaram o paraíso, Brendan é indiscutivelmente um dos que inspiraram uma lenda das mais vivazes, difundida em diversos países ocidentais durante séculos e alimentando incansavelmente contos, narrativas, poemas e canções populares. Por certo, o paraíso era questão não poderia ser mais terrestre. Pertence à velha "terra dos antepassados" que, depois de os inspirar e estimular, usufruiu dos esforços generosos dos que tanto a haviam buscado. Trata-se porém ainda do *Eliseu transatlântico,* do *Éden ocidental.* Esta terra, sempre sonhada, devia situar-se do outro lado do Atlântico, então denominado "mar Croniano", e abrigar se não os deuses, pelo menos os heróis cuja felicidade e imortalidade ficavam nela preservadas.

Para Demétrios de Tarso, grande viajor a respeito do qual fala Plutarco, os celtas da Bretanha insular foram os primeiros a localizar a "terra dos bem-aventurados" na ilha de Saturno, situada numa altura qualquer do mar Croniano. Nessa ilha, o deus Tempo Cronos, cercado de gênios e servidores, era mantido prisioneiro por Briareu, o gigante dos cem braços. Para a tradição céltica, é, portanto, ali que se deve situar *a fonte geográfica* da mais fértil de todas as suas lendas.

A FUGA DO ÉDEN

Nos primórdios dessa fonte milenar, o paraíso era, na verdade, localizado *ao Norte.* Píndaro, poeta do século V a.C. situava-o nas regiões dos "Hiperbóreos", motivo pelo qual seu compatriota Teopompo, considerava esses homens como os mais felizes dos mortais. Muito embora, mais tarde, certos autores partidários da teoria celta como Eugène Beauvois aí tivessem visto uma influência excessivamente precoce dos celtas sobre os antigos gregos, é forçoso reconhecer que o paraíso não se imobilizou durante muito tempo na região noroeste da Europa.

Muitos autores romanos clássicos se transformaram em cronistas das perpétuas

mudanças que se iriam processar a seguir. Se Tácito e Claudiano ainda localizam esse paraíso às margens do Reno, já Solin o coloca nas vizinhanças da Caledonia e Estrabão, exegeta no que diz respeito a Homero, o vê num ponto qualquer do oceano Atlântico. Aí está portanto o paraíso instalado na mais longínqua das ilhas visitadas por Ulisses, ilha por ele abordada vinte dias depois de sua partida do litoral dos *feacos*.

Menos conservadores que os Antigos e dotados de imaginação mais viva, os gaélicos, cujas crenças estão ligadas ao mesmo tempo à herança céltica e à tradição medieval oriental eivada de vagas reminiscências de origem judaico-cristã, também conheceram o Paraíso terrestre. Situaram-no em vários pontos diferentes, sob vários nomes. Foi sucessivamente a Terra da Juventude dos poemas de Ossian intitulados *Tir nan-Og* ou *Tir nah-Oge,* a Terra das Promessas (*Tir Taingire*), a Ilha dos Heróis (*Flatihon Fiai th Innis*), a Planície das Delícias (*Mag Mell*), a Terra dos Vivos (*Tirnam Beo*), e a Grande Margem (*Traig mar*). Foi também por vezes assimilado à Terra Elevada onde reinava o melhor rei do mundo e em cuja direção navegaram, de acordo com certas lendas irlandesas do século IX, Snegdus e Macriagla.

Talvez não haja nada mais apaixonante que acompanhar, perlustrando os manuscritos antigos, essas viagens em direção a um paraíso que se ia sempre distanciando, Um desses manuscritos é o célebre *Leabharna h-Uidtri,* transcrito em 1.100 por Maelmuir, filho de Ceile Achairmacc Conn, de acordo com as narrativas dos bardos galeses. Pelo menos uma das lendas dessa coletânea merece ser relatada. É a que conta as façanhas de Condia, o Belo, rei da Irlanda entre 123 e 157 d.C. segundo contam, na época em que os insulares se achavam tão distantes do cristianismo quanto da América.

Certa manhã, estando o jovem Condia Ruad Cain — Condia, o Ruivo e o Belo — em companhia de seu pai nas encostas do monte Usnech, chegou-se a ele uma fala que lhe dirigiu as seguintes palavras: "Venho do país dos vivos onde não existe morte, nem velhice, nem pecado contra a lei, onde todo mundo é virtuoso sem esforço, onde há perpetuamente festa. É lá que vivemos, nós os homens e mulheres do povo das Colinas... Vem, Condia, meu valente ruço de pescoço sardento, de belo rosto e faces coradas, pois, se me acompanhares, conservarás juventude e beleza até o juízo final..." Apesar dos conselhos do pai e das tentativas de "encantamento de desencantar" feitas pelos bardos, a fada levou-o finalmente consigo. O herói resolve acompanhá-la e parte em seu *curagh* — frágil barquinho de cristal — *para a terra de Bradagh, situada no extremo Oeste do outro lado do oceano.* Condia nunca mais voltaria.

Se, no manuscrito, o paraíso é por vezes o *Dintsid,* sede florida das fadas, ou se encontra simplesmente na bela planície de Trogaigi, sempre que se faz necessário cantar a natureza paradisíaca do *Mag Mell — a planície das delícias* — o bardo salienta que cada uma de suas árvores é capaz de alimentar com seus frutos trezentos homens famintos e que sua vegetação está em perpétua floração. Além disso, depois de colocar o sol no alto da árvore de prata, ele se alonga em descrições *da fonte da abundância, cuba inexaurível cheia de hidromel* — o *néctar dos deuses e sua água da juventude.* Surgem, umas após outras, jovens de beleza deslumbrante, e entre elas a mulher de Labraid, governador da ilha. Naturalmente, não se deixou de estabelecer um paralelo entre esse nome *Labraid* e o do futuro *Labrador.*

Protegido pelo oceano, o Éden escondia-se sempre de seus vizinhos europeus mais próximos, e isto para os provocar ainda mais. E as provocações assumiam as mais das vezes uma feição de eterno "cherchez la femme". Com efeito, abandonada por Man Annan Mac Lir, deus da Navegação (alusão tardia ao Netuno dos Antigos) a bela Fand resolveu unir-se a um cônjuge mais fiel, isto é, à Cuchulain, príncipe de Cuailgua, no atual Ulster. Para tanto, a bela tramou uma verdadeira conspiração, pondo em ação pássaros maravilhosos, sinais

mágicos e astúcias amorosas. Cuchulain é informado de que está sendo esperado *do outro lado do oceano, em Innis Labrada,* para onde embarca e de onde volta. Fand o acompanha. Quando retorna em companhia da nova esposa, a situação se complica para Cuchulain que havia deixado em casa uma outra esposa. As mulheres entram imediatamente em choque. Suas armas são a astúcia e a inteligência, travando-se a luta a golpes de generosidade recíproca, cada uma das rivais gabando a outra e lhe oferecendo o seu lugar. Quem cede finalmente é Fand — a "Americana" — e tendo ficado sozinho com sua primeira mulher, Emer, Cuchulain recupera a felicidade depois de beberem juntos, o filtro do esquecimento preparado pelos druidas.

A fabulosa viagem de Cuchulain preparou a seguinte, a de Loegaire. Esse filho de rei, casado com a filha do senhor dos *Sidhs* (*colinas das fadas*) foi viver em *Dun Mag Mell* — a *Antiga Planície das Delícias — cercada por muralha protetora.* Tal como o Innis Labrada de Cuchulain, a Dun Mag Mell de Loegaire ficava do outro lado do Atlântico. Veio em seguida o misterioso povo dos deuses — os Tuatha Dé Danaan — com o qual o célebre Oisin (Ossian) velejou em direção ao mais distante dos países a bordo de uma embarcação lançada ao mar não longe de Ben-Edar, antiga localidade nas proximidades de Dublin. Outros vieram a seguir, e entre eles Fionn ou Osk'ar, o filho de Oisin. Mais afortunado que os demais, Fionn adquiriu finalmente o direito de viver nas *ilhas da Juventude,* também denominadas *ilhas sempre verdes* em virtude dos frutos magníficos que enfeitavam o ano todo as suas árvores...

O EVANGELHO DAS BRISAS MARINHAS

Compreende-se facilmente que tradições desta natureza tenham conseguido inflamar a imaginação dos jovens guerreiros e marinheiros irlandeses; não seria porém necessário algo mais para que homens santos dedicados à vida monástica também se sentissem tentados pela aventura? Na realidade, bastou para tanto que o duplo selo do saber e da fé se imprimisse no fundo mítico irlandês. Foi o que sucedeu a um certo Brendan.

Conhecido sob diversos nomes na Inglaterra, na Bretanha e na Irlanda, esse personagem que foi com toda a certeza abade de Clonfert, na Irlanda, nasceu em 484, navegou e evangelizou antes de morrer em maio de 578. Venerado ainda hoje nas regiões que presenciaram sua vida e conheceram sua lenda, ele usa alternativamente em cada uma delas os nomes de Brennain Mac Finnloga, Brandanes, Brendan, Brandan, Brenan, e até Brevalla, Brevara, Blevara. A capela de Botsorhel se denomina capela de Brevaro, existindo em Lavnellec (Côte-du-Nord) um lugar chamado Crec'h(de) Blevara.

Em Ille-et-Vilaine, assim como em Jersey, o santo é venerado sob o nome de Broladre; em Finistère ele passa a ser santo Brevalare. E não nos esqueçamos de designações como Brangualadre, Brevalary, Branvalath ou Brevala. Mas de todos os nomes que lhe são atribuídos em terra céltica o que é muito mais difundido é o de Brendans (ou Brandanus).

Humilde e piedoso, Brendan recebera uma boa instrução religiosa, o que lhe permitiu unir suas aspirações e seus conhecimentos celto-irlandeses à tradição judaico-cristã de um paraíso, puramente imaginário, situado não obstante neste mundo. Confundindo essas noções, Brendan agia como seus compatriotas que, tendo-se tornado cristãos, *adaptavam as tradições da terra dos Sidhs,* da terra da Juventude e de Avalon e as confundiam com o paraíso hebraico do Antigo Testamento. O que lhes era tanto mais fácil por não estarem os próprios hebreus antigos muito distanciados da concepção irlandesa. Como faz notar o

historiador do século I, Flavius Josephus, a seita dos essênios foi a que mais influenciou a concepção judaica do paraíso. Ora, sobre esse ponto os essênios tinham opiniões idênticas às dos gregos antigos. Esse paraíso situado *para além de uma vasta extensão marítima,* num lugar onde não havia chuvas, nem neves, nem calores excessivos, e *agradavelmente embalado por uma eterna brisa marinha.*

Mas os irlandeses — assim como os gaélicos, os bretões e os galeses — embora aceitassem a essência celestial do paraíso, rejeitaram as indicações geográficas da Bíblia que, no Gênese, localizavam o Éden num ponto qualquer *do Oriente.* Com a maior segurança, eles continuarão a colocá-lo a *oeste do Atlântico.* Aliás, a idéia de um paraíso terrestre atlântico estava de tal forma difundida na Idade Média que santo Isidoro de Sevilha se viu obrigado a criticar severamente todos aqueles que situavam o Éden nas ilhas Afortunadas, as atuais Canárias.

Tudo inútil. Os irlandeses estavam tão perfeitamente convencidos da posição "transatlântica" do paraíso que um de seus missionários, Virgílio, que pregara o cristianismo na Baviera no século VIII, não titubeou ao difundir uma teoria sobre a origem e situação ocidental do Éden; a conseqüência foi que o papa Zacarias determinou que ele se tornasse objeto de "inquirição", no ano 748. Um dos principais argumentos de Virgílio era justamente "a autoridade e os feitos, as narrativas e as observações" de santo Brendan. Esta controvérsia suscitada por Virgílio, elevado a bispo de Salzburgo e canonizado em 1293, foi o que valeu à Brendan a glória póstuma. Esta glória não deixa, aliás, de subestimar até certo ponto as descobertas geográficas do santo navegador. Com efeito, embora a Igreja admita que ele foi ao paraíso tendo mesmo de lá retornado, os historiadores só vêem em sua viagem um dos inúmeros milagres a que são afeitos os santos de segunda categoria.

Todavia, como observa René Thevenin, "sempre que um problema é de difícil solução, é mais cômodo simplificá-lo, suprimindo-o. Sob pretexto de que não existiu nenhum santo com o nome de Brendan, negou-se a realidade das viagens realizadas no século VI por um monge irlandês chamado Brennan." Ao que parece, a verdade deve ser buscada entre o altar e o mapa, a fé e a geografia. Brendan realmente existiu e viajou de fato para o seu paraíso e o de seus antepassados. Marinheiro e monge, lá se foi ele a reconhecer as terras cuja rota ele decifrara no evangelho sempre aberto das brisas marinhas.

MONGES, MITENES E ICEBERGS

Possivelmente, entre as tradições de que Brendan, que muito viajou, tivera notícia em sua juventude, estivesse incluída uma que os monges do convento de Saint-Matthieu, na baixa Bretanha, cultivavam ardorosamente. Esses monges colocavam, com efeito, o paraíso terrestre para além da Bretanha, na extremidade do mundo, na "terra do Éden". Ali, numa ilha situada a oeste do grande oceano, viviam os profetas Elias e Enoque, cercados por alguns anjos fiéis. Aliás, informações deste tipo eram muito correntes na Irlanda desde o século VI, e seriam registradas no século XII num manuscrito dos atos dos apóstolos que viria a constituir o tesouro do monastério de Saint-Matthieu, segundo nos informa Godefroy de Viterbo.

É preciso convir que essas lendas eram de molde a impelir os monges a embarcar por seu turno. Brendan, cujos méritos "científicos" não nos são desconhecidos, ilustrara-se entre os monges da Irlanda a ponto de se tornar abade do monastério Llancarvan (Vallis Carvanna), no canal de Bristol, onde bem depressa deu impulso a uma verdadeira escola literária e religiosa. Empreendia-se ali o estudo direto da tradição e a transcrição das

Escrituras, dos autores da Antigüidade e das Glosas mais modernas. Não obstante, a existência do sábio Brendan era monótona demais. De modo que ele ficou muito satisfeito com certa visita que recebeu e que, despertando sua vocação de marinheiro, lhe abriu as portas da glória. O visitante era um certo Mernoc, igualmente monge e discípulo piedoso de seu mestre não apenas de assuntos religiosos como também na travessia do Atlântico: santo Barint, o *piloto* do rei Artur. Com um patrono desta ordem, Mernoc não havia hesitado em abandonar seu monastério para ir viver na *Ilha das Delícias,* em companhia de um pequeno grupo de monges e discípulos, ausentando-se freqüentemente em escapadas que chegavam a durar três semanas.

Voltava todas as vezes com as vestes impregnadas de um tal perfume que seus companheiros admitiam facilmente que ele havia retornado do céu. O próprio Barint se interessou pelo fenômeno. Mernoc lhe relatou então algo tão espantoso que o santo intimou-o a levá-lo em sua companhia. O outro não se fez de rogado e ambos embarcaram em direção *ao oeste.* Uma vez chegados, eles caminharam a princípio através de uma paisagem *árida* para chegar, após quinze dias de marcha, *ao centro* da terra onde haviam abordado, perto de um rio que corria de *oeste para leste.* Este último pormenor nos autoriza a pensar que eles tenham navegado das Antilhas para o México, onde deve estar o rio em questão e onde o pico das duas vertentes do país se encontra efetivamente a quinze dias de marcha do litoral mais próximo. Calculando que tivessem atingido os limites do paraíso terrestre, eles voltaram, tendo Barint retornado em seguida à Irlanda. Assim que chegou, procurou Brendan para lhe contar minuciosamente tudo que vira e fizera.

Mal ouviu a narrativa de seu visitante, o jovem monge embarcou por sua vez, acompanhado de vários cenobitas, para a *Terra das promessas.* Revelou-se bem depressa hábil navegador, tendo ele próprio desenhado o projeto de um pequeno barco, denominado *curragh.* Era uma embarcação cujo casco de madeira ficava recoberto de peles de boi curtidas, costuradas e previamente impregnadas de banha. Carregaram *víveres para quarenta dias exatamente,* como se Brendan tivesse lido Plínio e admitisse que sua rota seria sensivelmente igual à indicada por Statius Sebosus. Foram dezessete a partir no dia 22 de março de 551. No mar, encontraram o Monte de Cristal — provavelmente um *iceberg* — e fabulosos monstros marinhos, que deviam ser baleias ou focas.

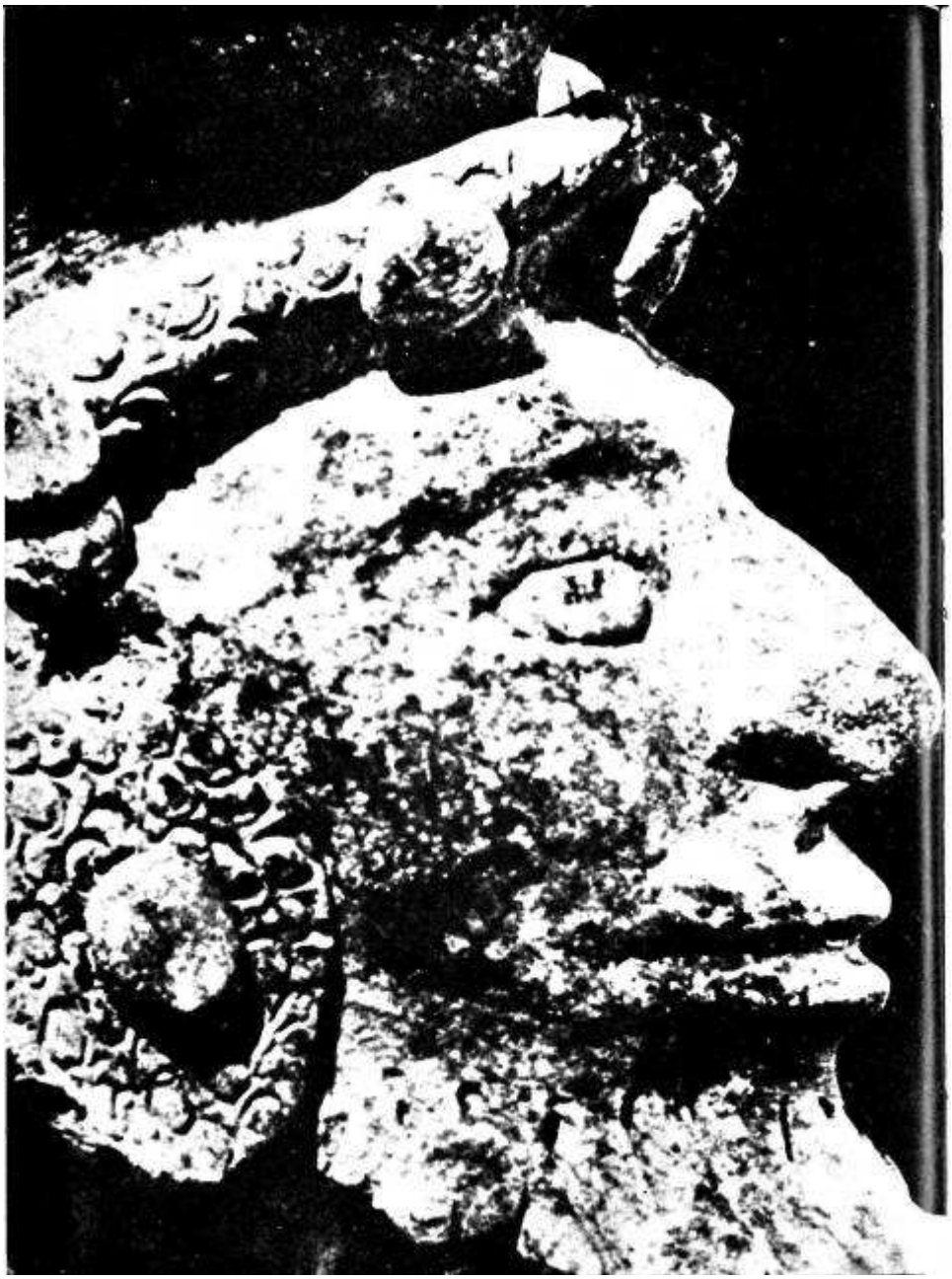
A FLÓRIDA ANTES DA FLÓRIDA

Para sermos exatos, será entretanto conveniente falarmos nesta viagem como *segunda* grande viagem de Brendan. O que se explica em virtude das inúmeras variações em torno da história de Brendan. Algumas apresentam o *curragh* do santo como uma embarcação feita de carvalho, com amuradas de tábuas presas por cavilhas de madeira, e cuja vela havia sido confeccionada com faixas de lã trançadas à maneira das futuras velas vikings. Outras versões falam num *curragh* de peles de boi com tripulação de sessenta homens... Finalmente, quer a própria tradição que Brendan tenha feito pelo menos duas viagens, a primeira das quais em 543. Teria durado sete anos, e aventuras incríveis teriam quebrado sua monotonia. Dir-se-ia, quando se analisam as diferentes versões, que Brendan teve como único propósito nessa primeira viagem, atingir as ilhas Shetland. A segunda, em 551, teve um objetivo muito diferente, as *Ilhas dos Bem-aventurados,* que os irlandeses daquele tempo denominavam terra de *Brasil.*

Afirmou-se ainda, que, na última hora, Brendan tomara conhecimento do itinerário seguido por um certo Fioon-Bar que teria navegado para oeste e encontrado Mernoc numa

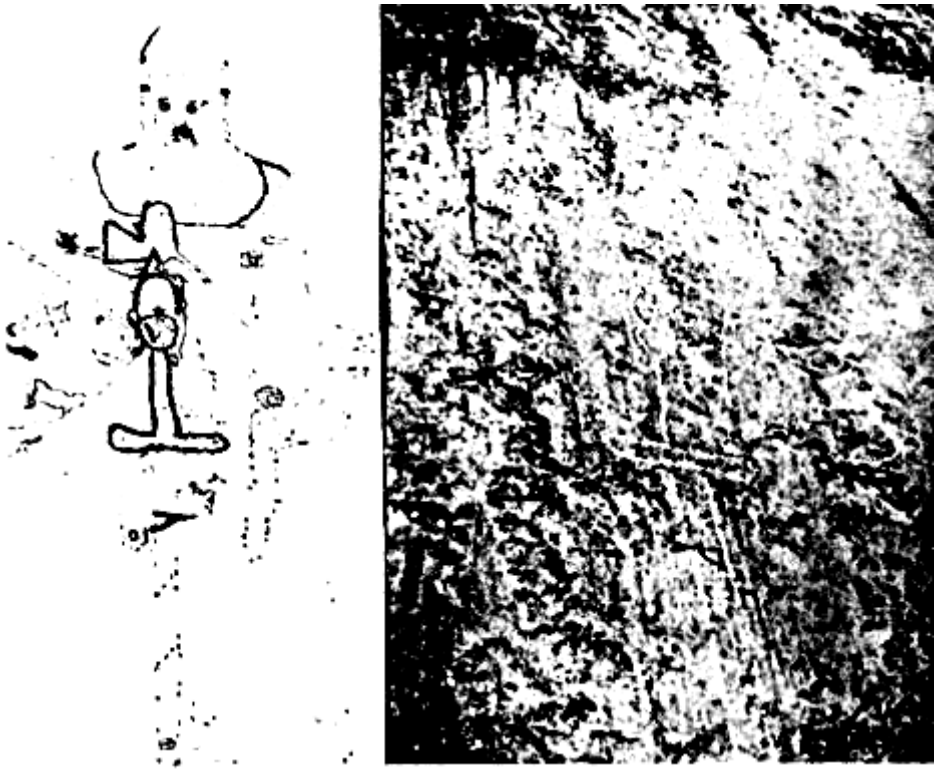
ilha do Oceano. Seja como for, é possível acreditar que Brendan, seguindo para oeste, tenha alcançado a atual Terra Nova. Renan, que não punha em dúvida a viagem do santo, faz ressaltar as informações reais contidas na narrativa de Brendan: "Em meio a esses sonhos, escreve ele, transparece com surpreendente veracidade o sentimento pitoresco dos navegadores polares: a transparência do mar, os aspectos das banquisas e das ilhas de gelo derretendo-se ao sol, os fenômenos vulcânicos da Islândia, a movimentação dos cetáceos... o mar semelhante ao leite, as ilhas verdes coroadas de relvas que recaem nas ondas...

Estes traços não são os traços dos negróides. Cabeça de uma das múmias encontradas no túmulo de Amenófis I (XVIII dinastia — 1436-1410 a. C.)



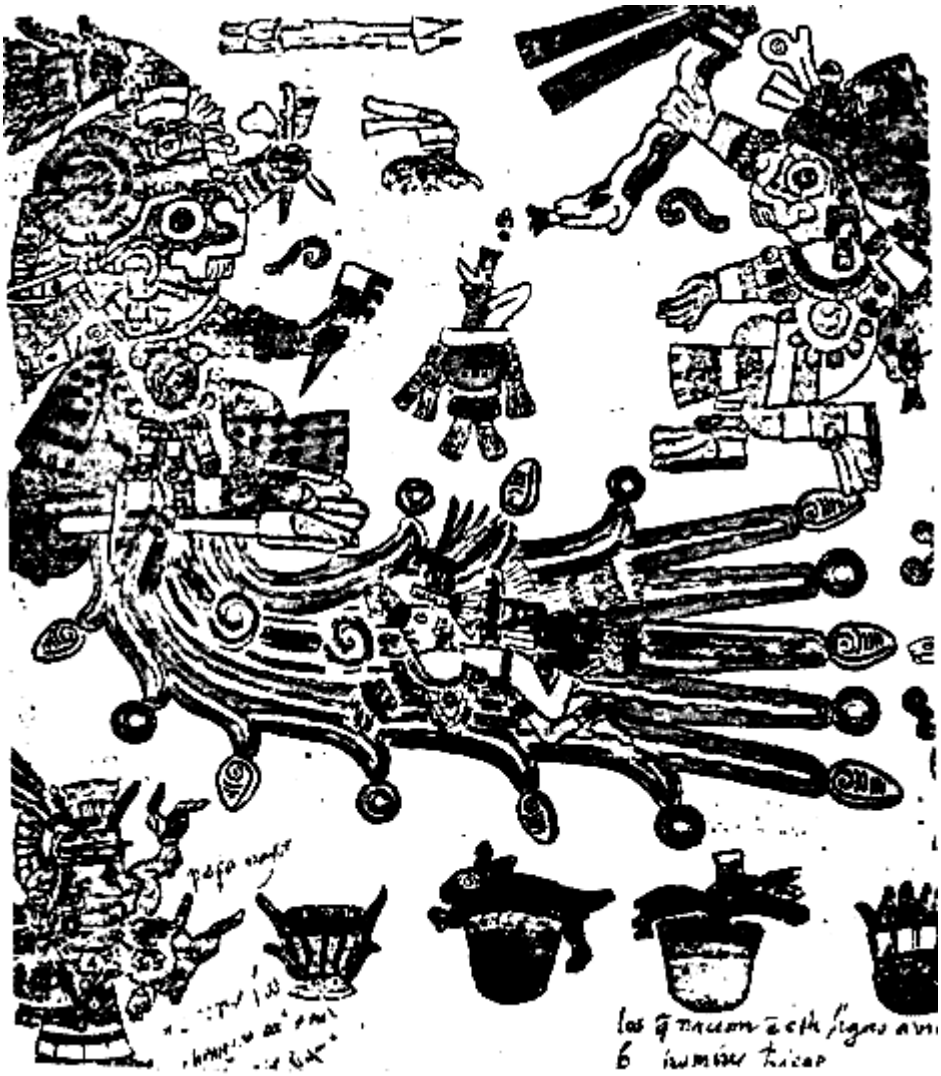
Crânio semita do México pré-colombiano (Chimaltenango, Guatemala, época pré-clássica).

Pedras de marcação de Mechanicsburg (Estados Unidos), ostentando signos fenícios.



A pictografia de Westford ou "o índio com o tomahawk" que não passava de um cavalheiro europeu com armadura.

Codex Borbonicus. O feiticeiro se afasta, levado pela corrente oceânica que flui da base do trono do deus Atlanteotl



Codex Borbonicus. O feiliceiro retorna nadando contra a corrente. (Bibli. Nac. — Col. E.R.L.).

Fragmento do tríplico do "Jardim das delícias" de Jérôme Bosch. Representação do paraíso no século XVI. (Col. Giraudon).

Signos alfabéticos e escrituras antigas: tabuinha de Karanowo (Bulgária) (em cima, à esquerda); antiga escritura síria de tipo cananeu (em cima, à direita); inscrição descoberta em Cave Creek nos Estados Unidos (no centro, em cima); inscrição glozeliana (em baixo). (Col. Science et Avenir e Col. do autor).

Um dos mais prováveis retratos de Cristóvão Colombo de que podemos dispor.

René Thévenin especifica por sua vez: "Indubitavelmente, os pormenores fornecidos por Brendan inclusive — sem levar em conta os exageros, o encontro com alguns gigantescos cetáceos polares, conjugam-se para provar que o santo avançou bastante nos mares do Norte, indo muito além do círculo ártico até o 72º ou 73º grau, tendo quase que certamente descoberto a ilha Jan Mayen por ocasião de uma erupção."

Um dos companheiros de Brendan morreu e foi enterrado nessa estranha região do Oeste ou do Norte. Depois, os monges dirigiram o leme para o Sul, seguindo ao longo do litoral e chegaram às vizinhanças de uma ilha cuja descrição leva a pensar que se tratava de uma das Baamas. Depois do que, desembarcaram na vizinha costa da Flórida, provavelmente perto da atual cidade de Santo Agostinho. Ali encontraram *"uma terra magnífica e muito florida"*. Evidentemente, essas identificações são contemporâneas e teremos de reexaminá-las. Retomemos porém a leitura dos manuscritos. Após um período de ventos favoráveis, os monges deram com uma zona de calmaria onde ficaram praticamente imobilizados. Quando puderam finalmente retomar a sua rota, foi para chegar à *ilha do Diabo.* Este lhes apareceu sob o aspecto de um "Etiópio" — isto é, de *um homem de cor* — cuja magnífica residência foi por eles visitada. Pouco adiante, encontraram a ilha das

Ovelhas Brancas, do tamanho de bois. Até que ao fim, depois de outras peripécias marítimas, desembarcaram numa ilha coberta de relva e de árvores, em cujo centro jorrava uma "fonte admirável". Encheram imediatamente os odres com sua água que se revelou *soporífica*. Partiram sem demora para a ilha de Albaeus e, após inúmeros incidentes, acabaram retornando à Irlanda.

Têm sido discutidos e analisados indefinidamente os pormenores desta viagem, cujo itinerário se sobrepõe em grande parte ao da realizada por outra celebridade da Igreja céltica medieval — São Maio. Certas tradições irlandesas chegam a afirmar que o santo bretão teria seguido na embarcação de seu homólogo irlandês, o que não deixou de lançar um descrédito ainda maior sobre Brendan aos olhos dos historiadores. Afinal de contas, ainda que se tenha realmente realizado a viagem deste último, fazia-se necessário um estudo aprofundado para distinguir o mito da realidade.

O primeiro a se abalançar a tanto foi o professor George A. Little, de Dublin. Seguido de Charles M. Boland, W. B. Goodwin e, a seguir, de vários autores mais ou menos qualificados. Little conseguiu esclarecer muitos pontos atinentes à realidade dos périplos de Brendan. No centro de suas investigações, assim como no das de Boland, surge necessariamente uma *fonte* que, é preciso dizer, apresenta uma semelhança extraordinária com a *Fonte da Juventude* situada lendariamente em Bimini e também, em virtude de certos pormenores, com o lago da Flórida de águas milagrosas, o lago de Ponce de León.

Finalmente, a descrição das terras visitadas por Brendan e seus companheiros leva irresistivelmente a pensar nas paisagens e no clima da Flórida. E, levando-se em conta que as velhas histórias marítimas irlandesas adquiriram forma por volta do ano 700, chega-se a admitir que a narrativa em questão teve de fato como autor alguém que realmente fez aquela viagem *antes do ano 600*. Partindo desta constatação, e admitindo que os monges tenham feito escala na Terra Nova, Boland põe de lado a permanência deles nas Baamas. Em sua opinião, o texto deixa claramente estabelecido que os navegadores passaram da Terra Nova para as Bermudas, e de lá para a Flórida, já que o itinerário descrito corresponde aos oito dias que os monges afirmam ter levado para ir da Terra Nova a Santo Agostinho.

Segundo Little, pelo contrário — e em nossa opinião é ele quem está com a razão — a fonte de que se fala situar-se-ia numa das Baamas, isto é, para nós, em Bimini. Sob este aspecto, é extraordinário o quão perfeitamente a tradição de São Brendan se harmoniza com as antigas lendas toltecas registradas nas proximidades de Vera Cruz, no México, Yucatan e Guatemala.

UM ULISSES IRLANDÊS

Divulgada por seu compatriota, Virgílio, bispo de Salzburg, a aventura do santo irlandês chegou ao conhecimento de Cristóvão Colombo, a título de documento, por dois canais diferentes. Retomada e anotada pela cartografia medieval, a navegação dos monges aparece em quase todos os portulanos e mapas referentes ao Atlântico, traçados antes de 1500. É igualmente mostrada no globo de Martin Behaim, que data de 1492. Ao lado de uma ilha, colocada da maneira mais arbitrária possível, lê-se com efeito: "No ano 565 d.C. São Brendan chegou a esta ilha, que explorou, ali residindo durante sete anos antes de retornar à sua terra". A segunda prova do conhecimento que teve Colombo da viagem de Brendan é o célebre mapa desenhado em 1513 pelo almirante turco Piri Reis.

O almirante otomano cuja obra cartográfica, segundo as suas próprias palavras, é "o

produto de estudos dedutivos e comparativos empreendidos em vinte cartas e *mapas-mundi*, entre os quais um desenhado na época de Alexandre, o Grande", declara ter-se igualmente inspirado num mapa tomado aos espanhóis em 1501 e redigido por Colombo. Deste último, Piri Reis reproduz uma ilustração em que aparecem *um navio e um peixe enorme.* Acompanha esta ilustração a seguinte anotação, feita pelo almirante turco: "Conta-se que um padre de nome *Sanvolrandan* fez outrora a volta dos sete mares. Tendo abordado um peixe, tomou-o como terra firme e acendeu o fogo. Quando seu dorso começou a queimar, o peixe mergulhou no mar e nossos homens, saltando num barco, fugiram para o navio. Esses mapas são provados nos velhos mapas-mundi..."

É o quanto basta para demonstrar o conhecimento que tinham os geógrafos do século XV das diversas transcrições das façanhas de Brendan, e o crédito que lhes era dado. Não satisfeito por nos haver deixado uma teoria coerente da viagem de seu compatriota em 551, George A. Little reconstituiu também o seu itinerário. Ficou hoje claramente estabelecido que Brendan, o qual não foi o primeiro nem o último irlandês a chegar ao Novo Mundo, marcou realmente um ponto essencial na longa história do refluxo da maré. Ele nos revelou o seu segredo a princípio sob forma de poemas. Referimo-nos a todos aqueles que cantaram a sua lenda, isto é, um poema latino em tetrâmetros arcaicos, um poema francês bastante tardio, um poema inglês, poemas em baixo e médio alemão, um poema neerlandês e inúmeras narrativas e canções populares gaélicas, galesas, bretãs...

Poderão dizer: "Justamente, trata-se apenas de poesia!" Mas não é a poesia o último refúgio da verdade sempre que a expulsam da história?

RELES ANTIGOS, NOVA SÉRIE

Os homens que exploram a terra e o mar obedecem a três mandamentos:
— primeiro, a ânsia de glória guerreira e de celebridade;
— segundo, o desejo de conhecer;
— finalmente, a cupidez.

Extraído do manuscrito *Le Miroir au roi* redigido na Escandinávia era 1250, aproximadamente.

OS DRAKKARS ATRAVESSAM A BRUMA

Na caçada aos caçadores de paraísos, espreitando os que estavam à espreita, os vikings sucederam aos irlandeses que tinham fundado na América do Norte uma "Grands Irlanda". Muito embora com o correr do tempo e a evolução da sociedade européia os fantasmas de um paraíso sobrenatural tenham começado a se desvanecer e ainda que, entre os nórdicos, as motivações de ordem econômica tenham prevalecido sobre as demais na aventura transatlântica, a imagem do paraíso ainda subsiste e continua a exercer o seu fascínio.

Uma lenda escandinava, relatada por Saxo Grammáticus, o célebre cronista, conta que alguns irlandeses descreveram um dia ao chefe dinamarquês Gorm as fabulosas riquezas acumuladas na corte do rei Geruthus — em dinamarquês, Gerod ou Geirrod — cujo reino luminoso situava-se do *outro lado do oceano,* numa região que só se poderia atingir *depois de haver deixado para trás todos os astros do céu* e atravessado o "caos das grandes trevas".

Gorm mandou construir imediatamente três sólidas embarcações capazes de transportar trezentos homens com armas e bagagens e se dirigiu para Oeste. Deixando para

trás a Noruega, eles chegaram ao fim da viagem, a uma terra mágica, povoada por gigantes, mas que em virtude de uma inversão peculiar à lenda não era a região florida da eterna primavera e sim a do frio perpétuo — o paraíso *polar,* correspondente às regiões da extremidade Norte navegável do Atlântico.

A aventura de Erik, que partira em busca da terra de Odin, o maior dos deuses, talvez represente uma prova ainda melhor, visto apresentar-se sob forma de um conto com desenrolar enigmático. Pagão e corajoso, Erik se dirige a Constantinopla, para onde os empreendimentos guerreiros já haviam muitas vezes levado os vikings. Ali, por insistência do imperador, ele adota a fé cristã, recebendo ao mesmo tempo o conselho de fazer uma peregrinação ao paraíso terrestre. Ao procurar saber onde fica esse lugar santo, respondem-lhe que deve ser *"num lugar qualquer adiante da Índia"*. Terra exótica por excelência, o paraíso teria forçosamente de estar adiante do mais exótico dos países conhecidos.

Erik partiu portanto, acompanhado de seus homens. Atravessaram de início uma floresta *acima da qual as estrelas brilham também durante o dia,* e depois um rio cuja única ponte é guardada por um *dragão.* Erik *e os seus metem-se então na goela escancarada do monstro* indo dar finalmente *na planície dos Bem-aventurados* cujos rios são de mel. O ar ali é perfumado, os objetos não projetam sombras e o sol domina tudo, *do meio do céu.* O anjo da guarda de Erik aparece-lhe então em sonho, revelando-lhe a verdade. Erik e seus companheiros não se encontram no verdadeiro paraíso e sim *na terra dos vivos,* outra denominação da *terra das promessas* de seus predecessores irlandeses.

Tratemos de esclarecer a situação. As estrelas que brilham em pleno dia nos trazem à mente o céu nórdico e o dragão, evidentemente, é nada mais nada menos que o Gulf Stream. As terras que se estendem depois que se atravessa esse último correspondem, por sua vez, à descrição céltico-irlandesa das Baamas e da Flórida.

Abandonando porém a lenda, temos de nos voltar para a história. Por volta do ano 1.000, tendo acompanhado todas as etapas da viagem transatlântica dos irlandeses, os vikings chegam à América. O texto da história dos reis da Noruega, *Heims Kringla, é* categórico quanto a esse ponto: "Leif, o filho de Erik, tinha passado aquele inverno na corte do rei Olaf (o inverno de 999-1000, N. D. L. A.), cumulado de honrarias, e se fez cristão. Mas naquele verão, tendo Gizur partido para a Islândia, o rei Olaf enviou Leif à Groenlândia para ali difundir a religião. Ele partiu sem demora... e encontrou nas ondas do mar homens que nadavam sobre pedaços de madeira provenientes dos navios e os ajudou; foi então, aliás, que descobriu a rica Vinland..."

Descoberta por Leif, a América dos vikings foi batizada por um alemão com o nome de Tyrker, companheiro de aventuras do filho de Erik, o Vermelho. Declarou, com efeito, que havia encontrado "vinhas e uvas" e Leif "deu àquela região um nome adequado às qualidades da terra e a denominou Terra do Vinho — *Vinland"*. Na primavera seguinte, Leif retornou à Groenlândia.

Seguiram-se outras expedições. Em 1002, o irmão de Leif, Thorwald Eriksson, instalou-se com trinta homens em Leifsbudhir — o estabelecimento abandonado por Leif — a fim de ali passar o inverno. Na primavera de 1003, dirigiu-se para o Sul em viagem de reconhecimento, tendo em seguida voltado a Leifsbudhir para um novo inverno. Durante uma exploração efetuada no cabo Kjalarnes (nome viking), Thorwald é morto por uma flechada de índio. Foi enterrado no cabo Crossanes ("da cruz"), mais um exemplo de toponímia viking na América do Norte. Em 1830, bem no centro da cidadezinha americana de Fall River, foi descoberto um túmulo contendo o esqueleto de um homem de forte compleição, cercado de adornos e roupagens metálicos. O poeta Longfellow lhe dedicou

um poema, e já em 1839 o americanista Charles Rafn se declarava convencido de que se tratava do corpo de Thorwald.

Os vikings voltaram para a Groenlândia em 1005. Deviam ocorrer ainda outras expedições. Foi durante uma delas que Gutride, esposa de Thorifin Karlsefni, deu à luz o primeiro viking americano, Snorre. Depois as viagens foram se espaçando, e, a partir de 1050, as sagas se desinteressam da Vinland fabulosa. Apenas alguns indivíduos temerários, de quando em quando, ainda se aventuram no oceano. Esqueceram porém a busca do paraíso e este se vinga desvendando-lhes a sua foce infernal. Foi o que aconteceu particularmente com Trond Halsdarsson, de Ringerike.

Ut ok vit ok thurba [Ao longe e ao largo]
Therm ok ats [Eles foram arrancados]
Vinlati à Isa [das plagas da Vinland]
i úbygd at komu [e colhidos nos gelos]
And ma Ut Vega [O diabo conseguiu] *(at)*
dovi-ar agarrá-los de tal maneira que foi ele
(*Half dar son*) [quem morreu primeiro.]

Finalmente, mais ou menos em 1121, Erik Gnupsson foi designado bispo da Groenlândia e da Vinland *in partibus infidelium* pelo papa Pascal II, tendo ido viver em sua diocese.

Indiscutivelmente, foram os vikings que deixaram o maior número de vestígios de sua passagem na América. Escavações relativamente recentes, feitas na enseada de Meadows na Terra Nova, permitiram a descoberta de fundações, de uma forja, de um forno para minérios de ferro, e de uma roda de fuso com mais de 950 anos (datação pelo radiocarbono), isto é, remontando provavelmente à época da presença de Leif e de seus homens. Esta descoberta completou a dos machados de ferro encontrados em Tor Bay (Nova Escócia) em 1886, East Orleans (Cape Cod) em 1914, Saunderstown (Rhode-Island) em 1899, e Republic (Michigan) em 1778. É preciso acrescentar ainda os fornos para minérios de ferro de Climax (Minnesota) e das vizinhanças de Detroit, as fundações de origem misteriosa de Provincetown (Chapel Hill) e os restos de embarcações vikings encontrados em 1958 em Procasset (Massachusetts).

Numa entrevista concedida à imprensa no dia 18 de novembro de 1948, na Fundação América-Noruega, de Nova Iorque, o doutor J. B. Brônstedt declarou: "A descoberta feita por James E. Dodd, prospector de metais em Port-Arthur, dos restos de um sabre de tipo nórdico perto do lago de Nipigon, e de outros objetos, relaciona-se evidentemente com os vestígios deixados pelos vikings, de objetos de metal, forjados há cerca de 950 anos". Depois disto, a lista dessas descobertas tem crescido constantemente.

Depois de 1121, a história se cala sobre a Vinland e o destino dos homens que ali se haviam estabelecido. Contudo, um mapa viking da América comprova formalmente esse estabelecimento. Em outubro de 1965, com efeito, os pesquisadores da biblioteca da universidade de Yale puseram as mãos num mapa de 40 X 27 cm, proveniente de um manuscrito do *Speculum Historiale* de Vincent de Beauvais. Esse mapa representa o litoral da Groenlândia e da Vinland — identificam-se facilmente os contornos do golfo de Hudson e o estuário do São Lourenço — e especifica que a Vinland é uma ilha "descoberta por Bjarni e por Leif". Redigido entre 1431 e 1439 segundo informações muito mais antigas, ele suscitou a ira dos sábios italianos defensores da glória de Colombo. Foi, naturalmente, tachado de falso. Esquecia-se, com isto, que antes de ser publicado ele fora objeto de um estudo científico aprofundado e que aquilo que se dá como falso sem o ter suficientemente

examinado acaba se revelando quase sempre autêntico.

A INCURSÃO DA *GRINÇANTE*

Inaugurada pela viagem de Leif no ano 1000, a história da América viking termina com a incursão da *Grinçante,* efetuada nos anos 1354-1362. Já não se trata da busca de um paraíso qualquer e sim de trazer de volta as ovelhas desgarradas da Igreja.

"Desejamos fazer-vos sabedores de que o cavalheiro Paul Knutsson vai escolher os homens que embarcarão na *Grinçante,* nosso navio mercante.

"Ele está autorizado a recrutar os homens de nossa guarda pessoal e entre os outros homens livres que gostaria de levar consigo em sua viagem além-mar, tendo todo o direito de engajá-los como pessoal de bordo, serviçais ou oficiais.

"Pedimos vossa aquiescência para o que bom nos parece com toda a complacência necessária perante a melhor das causas possíveis porque acabamos de agir pela graça de Deus, tendo altamente presente a lembrança de nossos predecessores que levaram a palavra da religião à Groenlândia, tendo-a mantido até os nossos dias, a qual não abandonaremos.

"Tomai conhecimento de tudo isto com a fé na verdade das coisas e todo aquele que se furtar a nos obedecer cairá em desgraça e ficará sujeito a castigo.

"Redigido em nossa cidade de Bergen, neste dia, segunda-feira segundo o Dia Santo de Simão e Judas, no 36º. ano de nosso reinado, 1354, por Omar Oestersson, nosso regente".

Foi esta a carta dirigida pelo rei da Noruega, Erik Magnusson aos seus notáveis para lhes anunciar a expedição cujo propósito era chamar "à razão" os súditos dos "estabelecimentos do Oeste", primeiro nome da Groenlândia. Sua causa primeira foi o naufrágio de um navio que navegava em 1347 entre a Markland (Labrador) e a Groenlândia e que soçobrara nas costas islandesas devido a um carregamento pesado demais de madeiras de construção. Mencionado na monografia de Thorfaeus sobre a Vinland, esse acontecimento prova que naquela época ainda existiam contatos entre a Islândia e a Groenlândia.

Retornando de sua aventura, os marinheiros noruegueses contam ao regente da Islândia, Jan Guthorsson, que os "homens" haviam desertado dos "estabelecimentos do Oeste". O regente previne imediatamente o rei Magnus, o qual encarrega Knutsson de ir verificar as coisas *in loco.* Administrador dos domínios da coroa norueguesa e dos bens da rainha Dowagen da Suécia, membro do conselho real e juiz supremo de Gulathing um dos mais importantes distritos do país, Knutsson era o homem de confiança do rei. Por ordem sua, ele recruta o mais rapidamente possível uma tripulação entre os jovens soldados da guarda real, originários do Gothland. Alguns ainda fazem ar de dúvida diante dessa expedição de modo que provaremos rapidamente que ela realmente aconteceu e até se transformou *na primeira exploração séria e geograficamente extensa à América do Norte.*

Em 1363, os anais noruegueses registram a morte de um certo Arni, bispo da Groenlândia oriental. Como a única navegação *datada,* como veremos adiante, foi a efetuada naquele mesmo ano de 1363 por Knutsson impõe-se a conclusão de que foi ele quem trouxe a informação. Aliás, não se sabe de nenhuma outra navegação, nem mesmo de nenhum outro projeto de navegação na rota da Groenlândia entre 1355 e 1380. Além disso evocando essa época, em seu *De Gentibus septen-trionalibus* publicado em Roma em 1555, Olaus Magnus escreve que "na Groenlândia vivem piratas que atacam os navios mercantes e procuram submergi-los rasgando suas quilhas." Ora, como o único navio mercante de que

se tenha notícia naquela ocasião e naquele itinerário é o de Knutsson, mais uma vez é preciso admitir que foi ele quem relatou esses fatos.

O que dizer porém da viagem propriamente dita? Tudo leva a crer que ele, de fato, não encontrou ninguém nos estabelecimentos do Oeste da Groenlândia. Holand pensa mesmo que os habitantes dos estabelecimentos orientais lhe devem ter fornecido um piloto para continuar a viagem em direção ao oeste. Tendo decidido resolver o enigma, Knutsson passou parte do inverno na Groenlândia, avançando em seguida para o Sul. Ia procurar os "cristãos desaparecidos" entre a Groenlândia e a Vinland, isto é, na América.

Não se sabe exatamente onde aportou. O que se sabe é que, a 8 de novembro de 1898, Olaf Ohman, fazendeiro em Kensington, Minnesota, encontrou em seu jardim, debaixo das raízes de um carvalho que havia acabado de cortar, uma pedra de cantaria em forma de paralelepípedo, pesando 90 quilos e coberta de inscrições. É a célebre *pedra rúnica de Kensington* que hoje pode ser vista no Museu Nacional de Washington. Pode-se ler, num de seus lados: *Oito Godos e vinte e dois Noruegueses a caminho de busca saídos da Vinland em direção ao poente, nós nos ativemos na vizinhança de dois rochedos a alguns dias de distância desta pedra.*

Saímos a pescar a um dia de distância, quando retornamos, encontramos dez dos nossos vermelhos com seu próprio sangue e mortos.

A.V.M.

Salvai-nos!

E em outro lado:

Três de nossos homens se encontram no litoral. Guardam nosso navio a quatorze dias desta ilha. Ano 1362.

O fato de cinco dentre as palavras empregadas terem um aspecto "anglo-saxão alterado", e o acaso que determinou ser essa pedra, comprovando a descoberta da América por "suecos", descoberta por um americano de origem sueca, em seu próprio jardim; e finalmente que esse "sueco" tivesse um filho estudante de filosofia escandinava, levou o mundo erudito a declarar que se tratava de uma "falsificação grosseira". Vencido, Ohman utilizou seu achado e com ele pavimentou a frente de sua granja. Tendo provado sua autenticidade após vinte anos de trabalho, ali a foi buscar o filólogo americano de origem escandinava, Hjalmar Holand, para colocá-la no lugar que lhe cabia no Museu Nacional americano. Pois, os vocábulos discutidos provinham de fato de um dialeto da Gothland sueca. Os sábios é que ignoravam essa língua. O aspecto exterior da pedra e o talho das letras indicavam de quatro a cinco séculos de antigüidade, e os caracteres rúnicos da inscrição são *runas pontilhadas* correntemente empregadas nas inscrições dos túmulos escandinavos dos séculos XIII e XIV. A pedra confirma, portanto, realmente a expedição de Knutsson em 1354-1362. Melhor ainda: temos agora de admitir que, cento e trinta anos antes de Colombo, cerca de trinta escandinavos percorreram 1.500 quilômetros de terra americana.

A expedição deixou, aliás, ainda outros vestígios. Assim, no século XVIII, o francês Pierre Gautier de Varennes de la Verrandrye encontrou no centro do Dakota do Sul uma inscrição que fez parte da coleção do ministro Maurepas e mais tarde desapareceu. Citemos também as "alabardas" descobertas no Minnesota em 1870 — armas minúsculas, ou mais exatamente marcas honoríficas dos oficiais da guarda dos reis escandinavos no século XIV —a pedra rúnica de Tholef encontrada em 1922 em Martha's Vineyard, os fornos *para minério de ferro* da região dos Grandes Lagos e os *Mooringstones,* pedras que serviam para a atracação das embarcações leves.

Porém, o mais interessante ainda é a célebre torre em ruínas de Newport Harbor, na

qual, contrariando toda verossimilhança, os defensores da virgindade pré-colombiana, insistem em ver uma torre de moinho de vento construída (por quem?) no século XVIII, "quando os brancos ainda não habitavam toda a região". Na verdade, construída no estilo romano tão freqüente entre os séculos XII e XIV, mais que qualquer outra coisa, a torre de Newport evoca a rotunda interior de uma igreja escandinava. Ali se descobriu, aliás, uma inscrição rúnica e, inserida no cimento de uma junta entre duas colunas, a impressão quadrada de uma bota militar sueca da época 1280-1530.

Como complemento, mencionaremos ainda *os perus*. Na catedral de Schleswig, na Alemanha, existe de fato uma pintura que representa oito perus, desenhados com o maior realismo possível. A catedral foi construída em 1280 e a pintura executada *antes* de 1380. Ora, como se sabe, o peru é um animal de origem exclusivamente americana, e seus primeiros espécimes foram introduzidos na Noruega meridional pelos navegantes escandinavos.

Assim, tudo leva a crer que a torre de Newport vigiava a entrada da *Grinçante,* no porto sem percalços. Bem perto dali, no velho porto submerso de Ocean Drive, foi encontrada em 1886 uma embarcação nórdica com oito metros de comprimento. A incúria dos descobridores impediu que ela chegasse até nós, de modo que Holand só conseguiu oferecer uma descrição de segunda mão em seu livro sobre a expedição da *Grinçante.*

MADOC À PROCURA DA PAZ

Ao que parece, entretanto, a expedição de Knutsson foi apenas um eco tardio das grandes navegações escandinavas e os marinheiros do ano 1000 encontraram substitutos muito mais cedo do que se pensa.

Um dos que se incumbiram desse relê foi o príncipe gaélico Madoc.

Eu sou Madoc, filho de Owin Gwinn Edd,
Sou de forte compleição e de rosto agradável,
Nem as disputas do mundo, nem os bens do mundo
Conseguiram desviar meu espírito das coisas ocultas do oceano.

Esses versos, escritos por volta de 1477 pelo bardo gaulês Meredith, filho de Rhesus, explicam perfeitamente as razões que impeliram mais um desses sonhadores despertos a embarcar para a América. Sem dúvida melhor informado que Meredith, o bardo Jevam Brechua conta que Madoc, "príncipe de Gales", teria descoberto num lugar qualquer, muito além do Oceano, uma terra onde abundavam as pradarias e as florestas e que para lá teria retornado a fim de se estabelecer definitivamente com alguns companheiros e animais domésticos. No século XVI, Llwyd afirmou até que o "príncipe navegante", como também era conhecido Madoc, chegara até a Flórida. Madoc teria realizado a sua viagem por volta de 1170.

Associa-se também a essas mesmas navegações escandinavas o nome de *Norumbega* (Cidade dos Normandos). Em suas *Recherches sur les voyages et découvertes cies navigateurs normands* (escritas em 1539, mas, publicadas em 1832 pela primeira vez), o francês Pierre Crignon escreve que os indígenas designavam com esse nome a região que se estende da Terra Nova até a Flórida, na costa descoberta por Verrazano, o qual tendo ali encontrado ruínas imponentes as tinha aliás batizado com o nome de "Cidade Normanda". É nesse mesmo lugar que Champlain, em 1612, situa em seu mapa a aldeia de Norumbega.

A dúvida que ainda paira sobre a realidade da viagem de Madoc não impediu que certos autores antigos e modernos nela buscassem uma explicação para a pele clara dos

índios Mandans e para as narrativas que afirmam a existência de gaélicos americanos até a segunda metade do século XVIII. Essas narrativas eram difundidas por um capitão do exército inglês chamado Abraham, o qual costumava contar a quem o quisesse ouvir que dois soldados seus, de origem gaélica, podiam falar sua língua com os índios kaskasi. Um certo Filson, autor de uma história do Estado de Kentucky, especifica que Abraham teria encontrado, durante a guerra contra os índios, vestígios de fortificações e de túmulos de tipo gaélico.

Postas em dúvida pelo conde Carli em suas *Cartas americanas,* as declarações referentes aos gaélicos americanos tiveram um novo surto após a publicação de um artigo na revista inglesa *The Journal of Two Months.* Nele se relatava a aventura de um metodista, Benjamin Beatty o qual, prisioneiro dos índios do Kentucky, tinha se safado falando gaélico com eles. Esse mesmo Benjamin Beatty declarou ter visto numa aldeia indígena *um antigo manuscrito cristão gaélico* conservado dentro de um estojo de couro. Logo após a publicação do artigo, os ingleses Oliver Humphreys e Thomas Herbert revelaram por sua vez a existência de índios que falavam uma língua parecida com o gaélico. A esta categoria pertenceria particularmente a tribo dos doegs, parentes próximos dos tuscaroras, que viviam no século XVIII nas proximidades do forte Fair, na Carolina. Após a comprovação, verificou-se que existiam ao todo *onze palavras* comuns às duas línguas, o que evidentemente não basta para confirmar nem a viagem de Madoc, nem a origem gaélica dos mandans.

Em lugar de nos atermos a argumentos tão fracos, seria melhor que nos interrogássemos sobre uma descoberta arqueológica que, *ainda sujeita a uma autentificação,* seria infinitamente mais conclusiva que todas as coincidências lingüísticas ou fantasias de metodistas à cata de milagres. Em 1908, Reuben F. Durrett relatava com efeito que, no século passado, fora descoberto em Sand Island, no território de Louisville (Kentucky), um sarcófago contendo esqueletos e armas. Estas últimas, de fabricação européia dos séculos XII e XIII, ostentavam brasões representando uma sereia e uma harpa. Ora, *esses elementos heráldicos também aparecem no brasão de Madoc.* O Sarcófago mostrava além disso uma inscrição datada de 1186. Noticiada em sete publicações da época, a descoberta de Sand Island não suscitou praticamente nenhum interesse, e o sarcófago, assim como o seu conteúdo, em breve desapareceram sem deixar vestígios. No entanto, poderia talvez contar se Madoc esteve ou não na América.

ALUGAM-SE ALMIRANTES

Na *Grande Enciclopédia americana,* pode-se ler no verbete *Zeno:* "Niccolo Zeno, nobre veneziano que navegou em direção às costas americanas por volta do ano 1380... A honestidade da narrativa de Zeno está fora de dúvida. O que ainda falta provar é se os pescadores realmente viveram na região de Drogio os acontecimentos relatados na narrativa, e sobretudo se esse último termo geográfico pode ou não ser identificado com a América."

A questão Zeno foi revelada ao mundo em 1558. Foi naquele ano que começou, a ser difundido em Veneza um relato da descoberta das ilhas Frislande, Islândia, Engronelande, Estotilande e Icária, pelos dois irmãos Zeno, Niccolo e Antônio, em 1390. A narrativa foi publicada por iniciativa de um bisneto do Zeno que encontrara o manuscrito, acompanhado de um mapa, entre os papéis e documentos da família.

Ali também se fica sabendo que depois da guerra que contrapôs Veneza e Gênova em luta pela posse da ilha grega de Tenedos, Niccolo Zeno, irmão do chefe dos venezianos,

armou um navio para ir à Inglaterra. Uma tempestade determinaria outra coisa. O navio se arrebentou contra os rochedos da ilha Frislande, ocupada naquele tempo por Zichini, suserano também das ilhas Shetland e Orkney sob o seu verdadeiro nome: Henry Sinclair. Tendo entrado em contato com ele, Zeno passou para seu serviço com todos os seus homens e se tornou almirante-chefe da tropa de Sinclair. Em companhia de seu irmão Marco Antônio que mandara chamar em Veneza, ele se dirigiu então para a Islândia e Groenlândia, tendo porém morrido antes de lá chegar. O título de almirante passou para o seu irmão que continuou a viagem. Percorreu em primeiro lugar o braço de mar que separa a Groenlândia da Estotilândia ou Labrador e, seguindo a trilha dos escandinavos, continuou em direção a *Drogio*. E isto por ordem expressa de Sinclair, que alguns pescadores haviam informado da existência, naquelas paragens, de terras insulares muito ricas e povoadas. Eles lhe haviam contado que "Vinte e seis anos antes, quatro embarcações arrastadas de seus pontos de pesca por uma tempestade foram impelidas para muito longe, para as terras ocidentais situadas *a mais de mil milhas*. Um dos navios teria abordado uma terra muito rica, onde existiam tesouros fabulosos, magníficos edifícios e muito povoada. Uma região enorme e como que *um verdadeiro Mundo Novo*. As pessoas têm uma pele avermelhada e vivem da caça. Mais ao sul, encontra--se um maior grau de civilização em virtude do clima mais ameno; ali se vêem cidades, templos, adoradores de ídolos. Os habitantes trabalham com perícia o ouro e a prata."

Embora algumas dessas características pareçam retratar realmente a América, o mapa que acompanha a narrativa é extremamente confuso e mostra uma toponímia aberrante, vinda em linha reta dos livros de orações cristãs. Trata-se evidentemente de uma falsificação cometida pelo neto de Zeno, com o intuito de juntar um "documento" ao relato por ele publicado. Inspirou-se, portanto, no mapa de Claude Niger mas, ignorando o dinamarquês, fabricou ele próprio toda a sua toponímia! O texto em si mesmo, pelo contrário, é com toda a certeza de alguém que viajara pelo menos até a Groenlândia. Aliás, uma descoberta recente acaba de associar ainda mais esta narrativa ao solo americano. Trata-se de uma pictografia descoberta num rochedo situado nas proximidades da cidade de Westford (Massachusetts) e na qual certos arqueólogos viram um "índio com um tomahawk". Na verdade, o que se deve ver ali é algo muito diferente. Os índios pré-colombianos de 550 a 600 anos atrás (idade unanimemente atribuída a essa pictografia), sem sombra de dúvida, não usavam tomahawks idênticos ao longo sabre dos cavaleiros europeus do século XIV, assim como não usavam elmos com viseira móvel, nem caçavam com falcões. E não se compreende bem por que motivo teriam ostentado o brasão do duque de Shetland e de Orkney, Henry Sinclair. É preciso, portanto, afirmar que os Zeno foram à Groenlândia e que depois da morte de seu irmão, Marco Antônio passou para a América.

Henry Sinclair não foi o único pretendente anglo-saxão ao título de precursor de Colombo. Foram encontrados vestígios de outra viagem num manuscrito da Idade Média hoje desaparecido, mas cujos ecos se reproduzem nos mapas do holandês Reis e do alemão Mercator (1507 e 1567). Neles se lêem, por exemplo, notas como as seguintes: "Aqui fica uma ilha flutuante constituída de escórias" (escórias provenientes de erupções vulcânicas submarinas), ou *"Aqui o compasso deixa de funcionar",* referindo-se evidentemente ao desregulamento da bússola provocado pela aproximação do pólo magnético, o que nos permite situar esse ponto *ao largo da costa setentrional do Labrador*. Temos igualmente reproduções de um "mapa desconhecido" dessas paragens, representando evidentemente trechos do litoral americano. Os especialistas atribuíram essa viagem ao sábio de Oxford, Nicholas Llyn. Sua data seria então 1360 e, de acordo com o professor russo S. Warsarvski

("Voyageurs vers le pele d'il y a 600 ans", in *Vorug Sbeta,* nº. 2, Moscou, 1964), podemos afirmar que "já não é possível duvidar que Llyn e seus companheiros tenham navegado efetivamente na rota marítima setentrional entre a Europa e a América". Em 1956 E. G. Taylor já demonstrara a realidade da viagem de Llyn.

PERSEGUINDO O ARENQUE

Como fazem para outros as riquezas e a glória, o bacalhau e o arenque lançaram os pescadores das costas da Bretanha e do golfo de Gasconha nas rotas oceânicas.

É grande pena que Santo Arenque
Seja tantas vezes martirizado
Pois nesse santo tempo de Quaresma
Daqui até Angoulême
Se martiriza esse santo mártir
Pois muitas vezes o fazem assar.

Um mapa de pesca publicado em 1143 por Thierry, conde de Flandres, indica que o bacalhau era a princípio procurado na Mancha. Foi aos poucos desaparecendo das proximidades das costas européias e os pescadores se viram bem depressa arrastados por suas próprias presas até as longínquas costas do Novo Mundo. A. Thomazi descreve esse processo com as seguintes palavras: "Como eles só traziam de suas viagens peixe salgado, óleo e barbatanas de baleias em lugar de pérolas e ouro em pó e como além disso não desejavam tornar conhecidos os lugares onde faziam tão belas pescarias, com receio de serem surpreendidos e acompanhados por muitos outros, os bascos se calaram e sua descoberta permaneceu durante muito tempo ignorada."

Uma vez chegados às costas americanas de Nordeste, os bascos e os bretões organizaram nas ilhas estabelecimentos onde armazenaram o peixe, já que a pobreza e a aridez das costas descobertas não os incitavam, por outro lado, a ali se fixarem mais demoradamente. Em sua *História do porto de Bayonne,* relata Croisier que, de acordo com uma crônica holandesa da época, vinte embarcações bascas e de Bayonne, equipadas para a pesca da baleia, chegaram em 1412 a Grundefiord, no golfo de Grunder, o que não deixou de provocar ali uma certa surpresa. A presença dos bascos na Terra Nova deixou marcas na antiga toponímia local, que comportava nomes como *Ulycicho* (o Buraco das Moscas), *Oporportou* (o Pote de Leite), transformado hoje, por aproximação fonética, em *Port-au-Port*, *Portuchua* (o Pequeno Porto), hoje *Port-au-Choix*, etc. Data desta mesma época a introdução de algumas palavras bascas no linguajar dos índios *mrcmacs* que viviam na embocadura do São Lourenço, como verificou o historiador alemão E. Gelchich.

Igualmente antiga é a presença dos bretões nas águas e no solo da Terra Nova. O historiador francês L. Vitet cita inúmeros exemplos em sua *Histoire de Dieppe,* publicada em Paris em 1844. E Clérac escreve, referindo-se aos marinheiros de Capbreton: "Procurando o refúgio habitual dos monstros, eles descobriram, cem anos antes das navegações de Cristóvão Colombo, o grande e o pequeno banco de bacalhaus, as terras da Terra Nova, o Cabo Bretão e a terra de *Baccaleos* (palavra que significa *bacalhau* em sua língua). Saliente-se aliás que, em carta escrita ao rei Henrique VII da Inglaterra, era 1497, até John Cabot se refere às ilhas de *Baccaleos,* usando o nome que lhes fora dado muitos anos antes *pelos bascos.* E cinqüenta anos antes que a *Santa Maria* levantasse âncora uma carta do rei da França outorgava à abadia de Kerity, perto de Paimpol o direito de cobrar *in specie* um imposto sobre todos os produtos do mar e das regiões de além-mar. Clérac: *Us et coutumes de la mer,* Paris, 1647, p. 326. Foi, entretanto, dessa terra de Baccaleos, pela qual também se

interessava Colombo, que saiu a lenda do piloto Alphonse que teria sido lançado por uma tempestade ao litoral de São Domingos quando vinha da Madeira. Masein situa esse acontecimento em 1448 *(Essai historique sur la ville de Bayonne,* Paris, 1792) e Marmontel em 1488... Esse fato foi associado à visita de Colombo à Bretanha antes de sua "descoberta". Charles de La Roncière faz justamente notar, entretanto, que supor a possibilidade de ter um bretão "vendido" a Colombo o seu itinerário é pura fanfarronada.

Temos ainda de acrescentar que nos primeiros mapas "norte-americanos" representou-se *no interior* de uma terra das vizinhanças da Terra Nova o rio São Lourenço, ali figurando além disso *nomes já consagrados* como Cabo Bretão, terra dos Bacalhaus, baía dos Bretões, etc. Talvez esteja nisto, mais do que nas conseqüências da sempre discutida viagem de Madoc a verdadeira explicação de certas palavras com ressonância céltica (isto é, no caso, bretã) encontradas em alguns idiomas indígenas daquela época. Aqui vão dois exemplos:

Francês	*Gaélico*	*Dakota*	*Osage*	*Quappe*	*Narrangaset*	*Bretão moderno*
		Ameríndio				
maison	Ty	ti	Téa	Tea-tith	tiah	tih-tiah
os	askorn	askourn	okan	ocheguer	uskon	uskon

Numa obra publicada em 1582 e intitulada *Les Trois Mondes,* pode-se ler o seguinte: "Os franceses, embora sobretudo normandos e bretões, sustentam ter sido os primeiros a descobrir essas terras e ter desde a Antigüidade traficado com os selvagens no Brasil, perto do rio São Francisco, no lugar depois chamado Porto Real. Mas, pouco avisados nisto como em outras coisas, não tiveram a idéia ou discrição de deixar nem um só relato publicado para garantia de seus intentos. Noutra altura, o texto se refere a Messire Jean Cousin, célebre navegante francês do século XV, a respeito do qual se disse que navegara em direção às Índias sete anos antes de Vasco da Gama. Originário de Dieppe, e pirata audacioso, foi Cousin impelido para uma terra desconhecida pelas correntes equatoriais. Lançou âncora e passou algum tempo diante do estuário de um grande rio. Antes de tornar a partir, ele deu à terra que estava à sua frente o nome de Maranhão (*Maragnon*). Temos, portanto, de admitir que Jean Cousin teria atingido o Brasil em 1488. Sem entrar em maiores detalhes, é preciso salientar que o chefe da tripulação de Cousin era *espanhol.* Era um certo Pinzon. Talvez não Martin Alonzo Pinzon, o futuro piloto de Colombo, mas pelo menos um de seus parentes próximos. Muito embora a parte essencial dos arquivos de Dieppe, Brest e Saint-Malo tenha sido destruída pelas sucessivas guerras, ainda sobrou um número suficiente de documentos indiretos referentes às navegações de Cousin e seus homens de modo a podermos afirmar que, depois de Knutsson e Llyn, Cousin foi de fato um dos predecessores de Colombo. Já não se põe em dúvida hoje que no grande reservatório de peixes que cerca a Terra Nova, onde se misturam as correntes frias vindas do golfo de Baffin e as águas quentes do Gulf Stream, os escandinavos, os bretões, os bascos, gascões e ingleses de Bristol, ao encherem seus barcos de peixes tenham involuntariamente concorrido para abrir as rotas da América.

Todavia, temos ainda de esclarecer certas coisas referentes ao relacionamento dos bascos com o Novo Mundo. A suposta presença de palavras bascas em determinadas línguas ameríndias, e particularmente mexicanas, tem sido muitas vezes invocada como prova de contatos pré-colombianos entre os bascos e as populações da América Central. E é verdade que, não tendo a língua basca nenhum parentesco com qualquer outra língua européia viva ou morta, o fato de existirem expressões a ela pertencentes no México e na Guatemala, inclusive antes das primeiras navegações bascas do século XIV em direção à Terra Nova, constituiria um enigma de grandes proporções. Acontece, porém, que os

estudos aprofundados desta questão invalidaram essas coincidências lingüísticas.

A EXPEDIÇÃO MISTA

Depois dos pescadores, e tirando proveito de sua experiência, os dinamarqueses e os portugueses empreenderam por seu turno a travessia do Oceano e já agora, pela primeira vez, *em colaboração.* Muito antes de Colombo, os homens de Don Henrique — o Navegador — tinham velejado para a América, inaugurando assim a fabulosa corrida oceânica que se travaria entre a Espanha e Portugal.

Segundo os especialistas, essa corrida se desenvolveu em dois períodos. As viagens do primeiro, que durou cerca de sessenta anos, quase não deixaram vestígios. Ficaram-nos entretanto, inúmeras provas indiretas. Examinando, por exemplo os dois mapas do veneziano Bianco verifica-se que se o primeiro — datado de 1436 — representa apenas o mundo antigo, o segundo — que é de 1448 — mostra, além das costas africanas que se estendem a partir do Cabo Verde, o *traçado de uma costa do outro lado do oceano.* A legenda declara que se trata de uma "ilha autêntica, situada a Oeste, a uma distância de 3.500 milhas", o *que representa efetivamente a distância entre o litoral africano e as costas brasileiras.* Tendo sido redigido em 1447 *em Lisboa,* o traçado deste mapa só pode ser explicado por algum relato, hoje perdido, de uma descoberta portuguesa.

O segundo período é melhor conhecido, pelo menos quanto ao que diz respeito a três expedições. A primeira é a de Diego de Teive. Explorando o Atlântico setentrional entre 1452 e 1472, Teive chegou a princípio a terras situadas a oeste da Islândia. Foi somente quando ia voltando que avistou uma terra, cujas descrições por ele mesmo oferecidas indicam que se tratava da Terra Nova. A segunda viagem realizou-se em 1472, vinte anos antes da de Colombo. Foram encontradas referências a ela num manuscrito redigido por um cronista que vivia nos Açores, Gaspar Fructuoso. Intitulada *Saudades de Tierra,* esta obra só se tornou conhecida em 1590, tendo sido publicada pela primeira vez em 1931. Pode-se ler ali, particularmente: "Chegamos (de volta aos Açores, N. D. L. A.) após a descoberta da Nova Terra do Bacalhau (*Tierra de Baccalau*) por João Vaz Corterreal, depois nomeado, por ordem do rei, governador da cidade de Agra, na ilha Terceira".

Por outro lado, informa-nos a *Istoria Insularia,* publicada por Antonio Cordeiro em Lisboa, em 1717, que "dois nobres chegaram à ilha Terceira, de volta da terra do Bacalhau, que haviam descoberto. Um deles se chamava João Vaz Corterreal, e o outro Álvaro Martinez Omen." Ora, esse João Vaz Corterreal foi designado governador de Agra no dia 2 de abril de 1474, ficando assim provado que a terra do Bacalhau deve ter sido descoberta muito antes dessa data, como demonstrou aliás L. Cordeiro em 1876. Seja como for, o fato de figurar o Labrador num mapa marítimo proveniente de uma biblioteca de Florença e datado de 1534, sob o nome de *Terra de João Vaz* contribui para a identificação da Nova Terra do Bacalhau com o Labrador.

O que é menos sabido, é que essa expedição era muito pouco portuguesa. Trata-se na realidade de uma expedição dinamarquesa que levava *ao todo, dois observadores portugueses.* Produto de um acordo entre os reis Afonso V de Portugal e Cristiano I da Dinamarca, ela tinha como missão descobrir uma passagem para a Índia, pelo Norte. A gente do Norte conhecia, ou afirmava conhecer essa passagem. Afirmava, além disso, que o Atlântico se juntava *com outro oceano situado a Oeste,* através do "Ginnuns gagap" — o golfo de Hudson.

Naquela época, os lusitanos estavam procurando abrir um caminho para as Índias. Os dinamarqueses juntaram-se a eles. Nós o sabemos graças à carta enviada em 1551 por

Carsten Crip, prefeito da cidade de Kiel ao rei Cristiano III. Por meio dela, Carsten Crip faz saber ao rei que acabara de ver em Paris um mapa no qual estavam representadas todas as regiões *da Islândia à Itália* e indicadas as descobertas efetuadas anos antes pelos dois navegantes Pinning e Porthorst que tinham participado de uma expedição às novas ilhas e ao *continente* setentrional, financiada pelos reis da Dinamarca e de Portugal. Trata-se, evidentemente, da América, corretamente localizada pelo autor da carta em questão.

Em seu livro *A Descoberta da América do Norte vinte anos antes de Colombo,* publicado em Londres em 1924, Sophus Larsen forneceu argumentos decisivos quanto à condição de simples convidado de João Vaz nessa expedição cujos verdadeiros chefes foram os noruegueses Pinning e Pothorst. Ex-comandante da frota norueguesa, do mar do Norte, e governador da Islândia, inimigo declarado da liga hanseática, Didrik Pinning era excelente navegador; Pothorst era um piloto afamado, conhecendo melhor que qualquer outro marinheiro de seu tempo as costas setentrionais do Atlântico. Formavam ambos uma excelente dupla cujas proezas permaneceram durante muito tempo pouco conhecidas devido à confusão provocada por um terceiro personagem, o "Dinamarquês" Johan Skolp.

A respeito de Skolp, que se tornou por sua vez governador da Islândia contava-se que "no ano da graça de 1476, tinha ele tentado navegar do outro lado da Groenlândia". Detido pelos gelos, ele tivera de retornar. Mencionado como *piloto* da expedição luso-dinamarquesa, houve um erro de ortografia na grafia de sua função (em latim) *pilonus* em lugar de *pilotus.* A partir daí, passou-se bem depressa a ver nesse Johan Skolp de nome báltico um *polonus,* isto é, um polonês. E começou-se imediatamente a gastar rios de tinta para descrever a prodigiosa aventura de um polonês que foi descobrir a Groenlândia no século XV. Skolp era, no entanto, um puro escandinavo de Sondmore (Suécia ocidental) aparentado com a família real por seus antepassados Simar e Jon Skolp, genro do rei Harold. *Acima de tudo, porém, ele não existiu. Johan Skolp e Johan Pothorst são uma única e mesma pessoa.* Com efeito, por ocasião da expedição, esse personagem ainda não era o famoso Johan Skolp *Pothorst* ou *von Pothorst,* título que adotou para agradar ao rei muito germanófilo que pretendia fazê-lo nobre. Foi, portanto, sob a dupla direção de Pinning e de Skolp-Pothorst (em latim simplesmente *Scolvus*) que a expedição — levando João Vaz como observador — avançou para o Norte, atingiu o Labrador e penetrou no golfo de Hudson.

Em seu livro sobre as viagens de exploração das regiões setentrionais, F. Nansen menciona um documento inglês da época, o qual indica que "para passar das águas do oceano nórdico às do oceano meridional, é preciso navegar de 66-68º para 60º de latitude Norte. Um piloto dinamarquês, Johan Scolvus, navegou ao sul dessa passagem em 1476."

Assim também, o globo terrestre de Gemma Frisius, realizado em 1537, em colaboração com o geógrafo Mercator, traz ao norte de um estreito designado com o nome de "Fretum Trium Fratrum", a seguinte inscrição: *"Qui populi ad quos Johannes Scolvus parvenit circa annum 1476",* isto é "Os *Quij*, (os índios Crée?) povos entre os quais chegou Jean Scolvus por volta do ano *1476".* Existem pelo menos doze mapas que trazem menções semelhantes, a última das quais data do século XVII.

Se os resultados dessa expedição não chegaram até o nosso conhecimento, a responsabilidade deve ser atribuída aos dois reis que a financiaram. Eles os cercaram de um silêncio absoluto de modo que sabemos apenas que as novas terras ficavam sujeitas, em virtude de um acordo, à jurisdição dinamarquesa. Todavia, desta ou daquela maneira, essas descobertas foram indicadas no globo de Martin Behaim, e dele Colombo tomara conhecimento antes de partir. Ali se vêem, com efeito, e mostrados com bastante precisão, os contornos da Nova Escócia, da Terra Nova e do golfo de São Lourenço. E Hjalmar

Holand faz notar que o *globo de Behaim penetrou nos gabinetes dos sábios nos primeiros meses do ano durante o qual Colombo iria "descobrir" a América.*

O HOMEM QUE FUGIU DO PARAÍSO

A posse do paraíso, e a primeira permanência em Haiti foram apanágio de um jovem piloto espanhol, Alonso Sanchez, que a história esqueceu à sombra de Colombo, dando-o como um "piloto anônimo". Além de herói de uma aventura fantástica, ele foi também o de uma fábula, difundida no tempo de Colombo, e referente à presença de espanhóis na América antes da descoberta oficial.

Em sua *História das Índias,* escrita no século XVI, conta Las Casas que em 1480, quando Colombo vivia na Madeira, uma embarcação entrou naquele porto depois da incrível aventura marcada por duas tempestades terríveis. A primeira a fez desviar de seu itinerário habitual que ia da Espanha às ilhas do Atlântico oriental, levando-a até as Antilhas; a segunda, na volta, a havia atirado nas costas da Madeira. O piloto, único sobrevivente da tripulação, morreu nos braços de Colombo, deixando-lhe suas notas de viagem, seu itinerário e um mapa. Observe-se que o próprio filho do almirante, Don Ferdinando Colombo, que foi também o seu biógrafo, é quem conta esta história.

Aliás, "o piloto anônimo" não constituiu a única fonte em que Colombo foi colher informações durante o período preparatório de sua viagem. Ele se dirigira em primeiro lugar à Bretanha para conversar com o velho navegador Coatelem que tomara parte nas expedições de Cousin, nascido na cidade de Dieppe. Na Andaluzia, no monastério de La Rabida ele tivera longas conversas particulares com um certo Pedro de Velasco, português de Moguer, informando-se da viagem que este realizara sob as ordens de Diego de Tieve, durante a qual eles se haviam dirigido para o Norte deixando "à direita" a terra da Irlanda. Ele também sondara um simples marinheiro andaluz do porto de Santa Maria para saber que terras eram aquelas que ele afirmava ter visto num certo ponto, a Oeste, por ocasião de uma viagem pelo Oceano. Mostrara finalmente um intenso interesse pelas intenções de Vicente Dias, português de Tavira, o qual afirmava ter avistado a sombra de uma costa em direção ao Oeste, quando navegava entre a Guiné e a ilha Terceira.

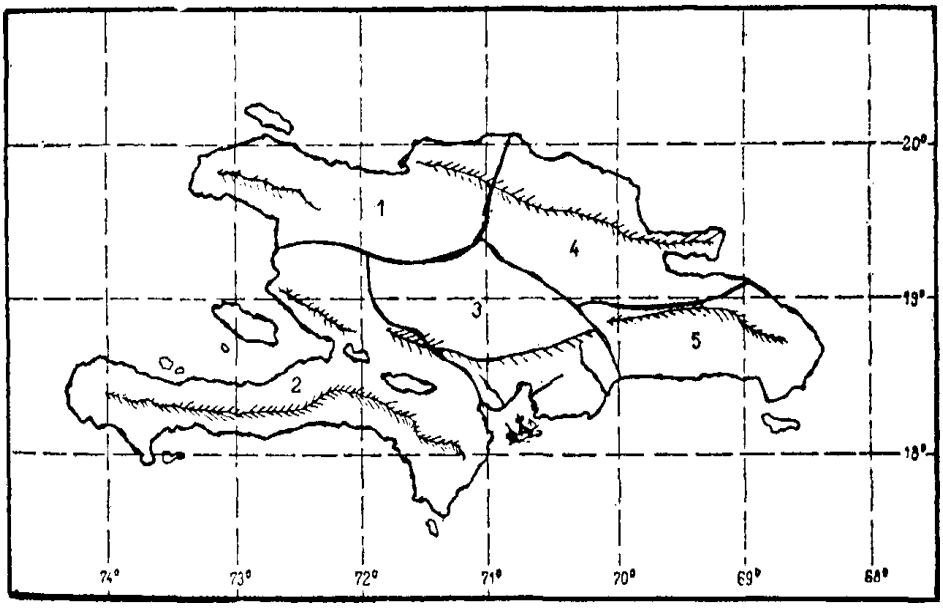
"Mui altos e poderosos senhores, (eu) Alonso Sanchez (da cidade) de Huelva, capitão da tripulação da caravela que Deus guarde e que tem o nome de *Atlante[...]* (venho) informar-vos das terras por mim descobertas na viagem que empreendi pelo mar oceano... Desembarquei numa ilha a que os indígenas dão o nome de Quisqueia... a qual se encontra nas extremidades do Oceano ocidental, cercada de grande número de ilhas, que não são conhecidas nem descritas pelos cosmógrafos que trataram desse oceano... Digo mais que ouvi dos indígenas dessa terra que para além da mesma, em direção ao poente, existe uma grande extensão de terra firme..."

Se for autêntica, esta carta publicada em 1962 por Manuel Lopes Flores, constitui pura e simplesmente o relato da verdadeira descoberta da América pelos espanhóis. Contudo, permanecem obscuras as condições dessa descoberta, impondo-se manter a maior reserva possível com relação a esse documento. Só é indiscutível a navegação de Sanchez. Não faltam referências a ele. Trinta e sete autores espanhóis, quatro portugueses e cinco de diversos países escreveram a seu respeito no século XVI. Nascido em Huelva, ele transportava mercadorias para as Canárias quando se viu desviado de sua rota e arrastado pelas correntes oceânicas que o lançaram, depois de dezessete dias de navegação, nas costas de uma terra desconhecida, que era provavelmente o Haiti.

Homem de caráter e marinheiro por natureza, Sanchez não se entregou às delícias de uma estada cujo prolongamento só dele dependia. Assim que lhe foi possível, determinou que se fizessem os reparos na embarcação e empreendeu o retorno à Espanha. Não trouxe consigo apenas o itinerário de um novo percurso e sim o *mapa* da ilha a que os indígenas chamavam *Quisqueia.*

A tripulação da caravela de Sanchez, a *Atlante,* teria sido composta de dezessete homens. O navio deslocava vinte e cinco toneladas métricas. Deve-se notar igualmente, como demonstrou Luis Astrana Marin, que Sanchez tinha ligações com Martin Alonso Pinzon, o piloto de Colombo. Por outro lado, é de fato à viagem de Sanchez que Las Casas se refere ao narrar que, entre as surpresas que aguardavam os espanhóis por ocasião de seu primeiro desembarque em Cuba, uma das mais significativas foi a notícia dada pelos indígenas da costa oriental da "presença, alguns anos antes, de homens brancos e barbados no solo de uma ilha vizinha".

Teria sido Colombo informado da existência do mapa de Sanchez? Não temos nenhuma prova formal desta circunstância, tudo porém a torna plausível, sobretudo a própria navegação do almirante que seguiu sem hesitações, tanto na ida como na volta, as duas únicas rotas possíveis — justamente as que haviam sido reveladas fortuitamente a Sanchez pela intervenção das tempestades — como se estivesse seguindo um itinerário previamente estabelecido.



Mapa dito de Sanchez representando a ilha de Quisqueia (segundo M. Lopes Flores)

Um dos cronistas que primeiro revelaram a coisa, o mestiço hispano-índio Inca Garcilasso de la Vega, chamaria a atenção em sua célebre *Primera parte de les comentários reales...*, publicada em Lisboa em 1609 que "homens brancos e barbados" tinham desembarcado numa ilha perto de Cuba em 1481, data presumida da viagem de Sanchez. De modo que tudo leva a crer que o descobridor oficial da América tenha sido diretamente auxiliado pelo último de seus precursores. Com esse encontro, erguia-se o pano para a cena final do grande relê do refluxo da maré.

É possível que tanto Gomara como Vega e Las Casas tenham colhido suas informações nas declarações dos primeiros espanhóis desembarcados em Cuba. Em sua peça, *La Découverte du Nouveau Monde,* Lope de Vega deixa demonstradas as mesmas relações entre Colombo e Sanchez (cena II), e faz com que o almirante confesse ter dado abrigo a um piloto agonizante, cujos papéis ele teria herdado.

OS NEGROS DO NOVO MUNDO

Guiado por esse desejo e animado pelo propósito de demonstrar a extensão de seus motivos, nosso grande mestre e predecessor ordenou que se armassem algumas centenas de barcos e, provendo-os de ouro, de alimentos e de água doce para atender durante muito tempo às necessidades das tripulações, pediu a todos os chefes que não retornassem antes de haver atingido os limites do grande aceano... Partiram todos e ninguém voltou, a não ser apenas um daqueles chefes...

Relato do sultão de **MALI, MUSA,** transcrito pelo cronista **IBN FAD- LALLAH AL OMART**, do Cairo, século XIV.

SEGUINDO A TRILHA DAS MIGRAÇÕES

Um dos afrescos do tempo dos guerreiros de Chichen Itza inclui representações típicas de cabeças de negros. O primeiro a assinalar esse pormenor foi Paul Rivet. Por sua vez, o etnólogo alemão Max Schmidt tornara conhecidas duas cerâmicas descobertas em Chimbote e Trujillo, no Peru, cujos desenhos sugeriam combates renhidos entre Brancos e Negros.

Finalmente, já em 1880 Charles Wiener observara em cerâmicas encontradas em Puno e em Santiago de Cao, no Peru, e pertencentes à cultura mochica, pedreiros negros e brancos trabalhando lado a lado na construção de uma casa. A presença do elemento humano negróide em solo americano antes de Colombo não constitui uma revelação propriamente dita. Os trabalhos do professor von Wuttenau demonstraram cabalmente essa realidade histórica. Certos antropólogos ortodoxos tentaram fazer prevalecer a idéia de que teriam existido *em germe* alguns fatores genéticos negróides no patrimônio cromossômico dos asiáticos que chegaram ao Novo Mundo via estreito de Behring. Entretanto, a teoria clássica da migração proveniente do Nordeste asiático e as concepções recentemente formuladas com referência à travessia do Pacífico por homens de tipo australiano são inteiramente incapazes de explicar como puderam os negros chegar à América. E pensar que, em virtude de não se sabe que mutação antropológica, esses "germes" tenham podido levar os asiáticos transformados em mexicanos a gerar negros autênticos eqüivale aproximadamente a admitir o povoamento da América por marcianos negros.

Voltemos porém aos vestígios existentes. Alexander von Wuttenau examinou centenas de estatuetas pertencentes a culturas pré-colombianas e clássicas e encontradas, na maior parte, nas proximidades da cidade de Vera Cruz. Seria preciso mencionar muitos outros, entre os quais o enorme baixo-relevo maia de Tikal, na Guatemala, que data aproximadamente de 750 d.C. representando um tipo humano autenticamente negróide. Ou então a máscara singularmente africana descoberta em Tlatilco, no México e que remonta ao ano 800 antes de Cristo; ou as figuras negróides representadas nas paredes do templo maia de Copan, em Honduras e que são do ano 500 de nossa era.

Quando, há algumas dezenas de anos, sábios de reputação mais ou menos consagrada como Le Plongeon ou Bancroft demonstraram não apenas a presença na América dessas populações negras antiqüíssimas, como também, as suas representações nos monumentos pré-colombianos mais antigos, a atitude geral foi, como era natural, um alçar de ombros. Mal se começa a perceber que as conclusões eram precipitadas. A datação entre 1.600 e 300 a.C. da maioria dos vestígios negróides constitui, com efeito, um argumento a favor do que se considerava uma afirmação arriscada do sábio alemão Leo Frobenius que escrevera: "A América deve ter sido descoberta *(também,* N.D.A.) por homens vindos da África." Em Palenque e Teohuacan, entre os maias e no sul do México, foram igualmente

encontradas estatuetas de tipo negro, e até uma cabeça "africana" gigantesca, talhada num rochedo em Taxila (México). Foi a partir desta última que o etnólogo americano M. Stirling conseguiu estabelecer um elo entre as cabeças de bronze descobertas por Frobenius em Benin, África, e as imensas cabeças de pedra esculpidas pelos olmecas.

De resto, já de há muito não padecia dúvida a presença de populações negras na América antes da viagem de Colombo. Os próprios conquistadores já a haviam constatado tanto na América Central como na região nordeste da América do Sul. Quanto à sua origem, ela poderia indicar tanto elementos negróides de cepa australiana ou melanésia cujos antepassados houvessem atravessado o Pacífico, — como demonstrou Rivet — ou então (o que não representa apenas uma alternativa e sim uma segunda origem) elementos pura e simplesmente vindos da África. É o caso, por exemplo, dos "índios" saramaka, que habitam a Guiana francesa. Os ancestrais dessa antiqüíssima tribo de homens livres vieram da África muito antes de Colombo e falam aliás, uma língua muito semelhante à de seus irmãos da Costa do Ouro. O historiador russo S. Warsawski oferece uma versão muito verossímil de sua chegada à América. "Tendo desembarcado na costa oriental do continente americano, [escreve ele], é provável que as tribos negras se tenham internado pelo sub-continente e, que algumas, em busca de uma existência mais tranqüila, ao abrigo dos perigos, tenham conseguido chegar às vertentes orientais dos Andes". Lembremos finalmente que, ao desembarcar em Cuba, Colombo ali encontrou cães mudos pertencentes a uma raça especificamente africana.

Em Tlatilco e ali perto, em Tlapacoya, às margens do lago Texcoco vêm sendo encontrados desde 1962 muitos objetos de madeira, obsidiana, osso, argila, cozida ou seca, representando figuras humanas de tipo claramente negróide, servindo ao que parece de testemunhos da transição entre esse tipo e o dos íuturos olmecas do México.

Todavia, ainda subsiste uma incógnita nesta presença africana na América pré-colombiana. Até hoje ainda não foi possível determinar com exatidão a época dessa travessia, nem se os negros pré-colombianos vieram graças a seus próprios recursos ou associados a outros navegadores.

MUSA PROCURA O GULF STREAM

Em compensação, conhece-se com segurança a história de certos marinheiros africanos — negros e árabes — que efetivamente tentaram atingir a América. A primeira dessas expedições foi a de Musa, sultão do Mali. Comprovada por um fragmento de relatório redigido em nome desse sultão, cujo reino floresceu durante a Idade Média na bacia do Niger, ela ocorreu provavelmente entre 1290 e 1300. Sua narrativa se deve ao cronista árabe Ibn Fadlallah al Omari (1301-1348).

Musa havia sido informado por um sobrevivente de uma frota que se aventurara oceano adentro da existência de uma corrente gigantesca, verdadeiro rio no meio do mar — responsável aliás pelo naufrágio da frota em questão. Evidentemente, tratava-se do Gulf Stream. O sultão equipou imediatamente dois mil barcos e partiu em direção ao Oeste à frente de sua nova frota. Nunca mais haveria de voltar. Aliás, não se pode imaginar que os frágeis faluchos do sultão conseguissem arrostar o oceano. O que importa é que antes de 1300 o sultão do Mali tenha admitido a possibilidade de possuir o Atlântico uma costa ocidental e pretendido chegar até lá.

Resta saber de onde lhe teriam vindo essas informações. O mais provável é que os africanos tenham conhecido, de longa data, a existência de um continente ocidental em cuja

direção os seus antepassados talvez tivessem navegado em melhores condições. Analisando recentemente as coordenadas geográficas atribuídas às cidades pelo sábio Mohamed Nasredin, nascido no Azerbaidjão, em manuscrito de 1271, o pesquisador russo J. Mamedbeili verificou, surpreendido, que o primeiro meridiano utilizado por Nasredin passava exatamente pelo ponto mais oriental da América do Sul. É portanto normal que certos historiadores como o egípcio Zeki Paxá considerem a expedição do sultão Musa como *segunda* tentativa islâmica para descobrir o Novo Mundo. E, a darmos crédito ao grande geógrafo árabe Abu Abdallah al Edrissi (1099-1164), oito jovens árabes teriam partido de Lisboa numa embarcação por eles aparelhada, dirigindo-se para Oeste, em 1125. Possuímos, inclusive, o relato feito por um deles. Depois de navegarem durante vinte e três dias, encontraram uma primeira ilha. A dez dias de distância da mesma, desembarcaram num solo fértil, perto de uma resplandecente cidade, habitada por homens de pele cor de cobre. Entretanto, embora a descrição dos sítios possa aplicar-se à América, a duração da travessia (23 + 10 dias) não corresponde a nenhum dado real.

No momento atual, existem nada mais nada menos que quatro hipóteses sobre as relações pré-colombianas entre a África e a América. É preciso reconhecer, todavia, que além dos indícios de ordem etnográfica relativos à presença de negros africanos no México, não se dispõe de nenhum fundamento sólido sobre o qual firmar uma teoria qualquer. O professor americano Clifford Evans acredita, por sua vez, numa migração de tribos negras que teriam navegado *das costas da Guiné até a ilha de* Maranhão, atravessando a península mexicana depois de desembarcarem na América. Esta migração teria cessado por volta do ano 1000 a.C. na região de Guerrero, cujas cerâmicas antigas representam de fato homens com aspecto negróide.

Antes de concluir este capítulo, observemos que o *Popul-Vuh,* a "bíblia" dos maias-quichés fala numa terra dos ancestrais situada fora da América, onde vivem "juntos, em boa harmonia, homens brancos e homens negros". Embora o caráter lendário desse texto nos impeça de apresentá-lo como prova autêntica, é todavia indiscutível que o refluxo da maré também arrastou consigo, dez ou doze séculos antes de nossa era e em condições ainda mal determinadas, homens pertencentes às populações da África negra.

A PROVA ÀS AVESSAS

Reaparecerá a aurora?...
... Pois eles partiram levando
A tinta vermelha e negra.
E os povos, como se entenderão?
E o país, o que será dele?
E da cidade?
Qual será a façanha?
Quem será nosso chefe?
Quem será nosso guia?
Quem nos mostrará o caminho?
Quem nos dará instituições e medida?
Quem será o exemplo vivo?
De onde seremos obrigados a partir e quem nos servirá de tocha e de luz?

Codex Azteca Ramires

Também os americanos atravessaram o oceano. Navegações fortuitas, o que não as

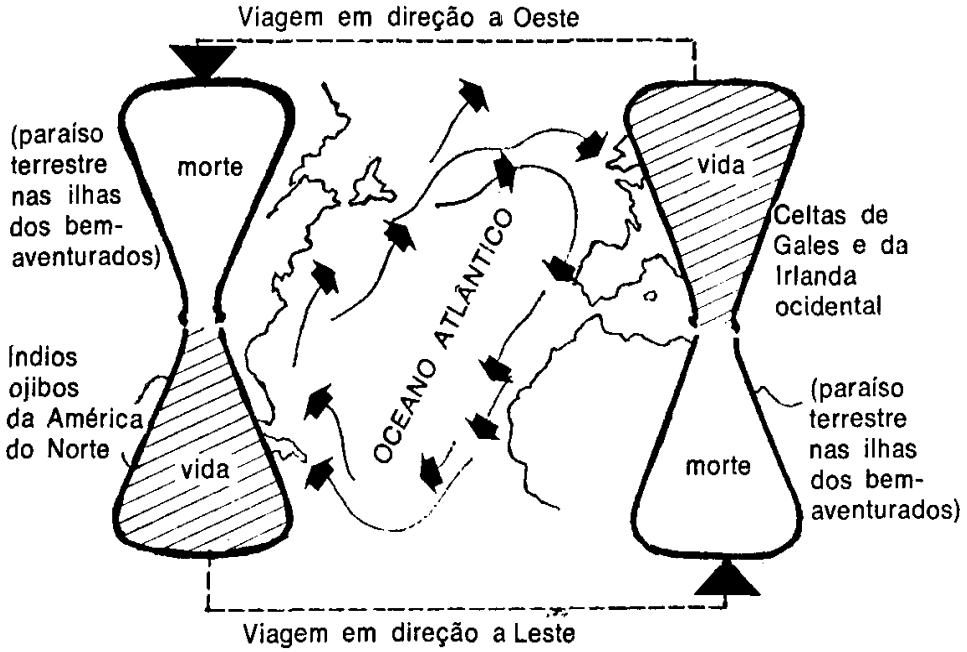
impede de constituir um argumento "às avessas" dos mais impressionantes a favor das relações diretas entre o Mundo Antigo e o Novo.

O importante é deixar desde logo estabelecido que inúmeras tribos habitantes do litoral leste da América possuíam lendas e tradições referentes tanto a *antepassados orientais* como a um paraíso situado a *leste do Oceano.*

Os algonquins, os wapanachis e os lenapes acreditavam, por exemplo, na existência de um senhor dos vivos, Glusgahbé, deus da idade do ouro, que chegara à América num gigantesco barco de pedra coberto de árvores enormes para iniciá-los às técnicas da caça, da pesca e da guerra assim como aos costumes sedentários. Ao contrário de Quetzalcoatl, o rei-deus dos toltecas e dos maias, Glusgahbé tinha vindo do Leste do oceano.

Para os micmacs da Terra Nova e da Nova Escócia, o mesmo deus se chama Glooskap e vem de uma terra oriental habitada por brancos. As crenças dos lenapes são encontradas também entre os menominis, tribo de índios dos pântanos que esperavam a volta de um deus branco e barbado cujo nome era Manabouch. Também denominados "Grandes Brancos" os menominis tinham como totem um coelho *branco.* Foi entre eles que apareceu inicialmente a "associação médica" dos xamãs, cujo papel iniciático lembra estranhamente os costumes análogos dos primitivos do Velho Mundo. Finalmente, quando irritado pelo comportamento de seus filhos espirituais, Manabouch decide voltar para sua terra, atravessa o grande oceano em direção Leste, a caminho de uma *região rochosa* que tanto poderia ser as orçadas, como a Islândia, a Irlanda ocidental ou o País de Gales inglês.

Os índios ojibos têm tradições análogas. Para eles os que se mostram virtuosos e valentes durante toda a vida são recompensados passando a residir no paraíso terrestre, situado no longínquo Leste, do outro lado do Oceano, na terra dos antepassados superiores. Esta crença ao mesmo tempo contrária e simétrica às tradições célticas pode muito bem ter servido de motivação comum para viagens nos dois sentidos. E justamente, é até mesmo essa inversão que demonstra a validade do esquema como referência lendária a uma situação geográfica real.

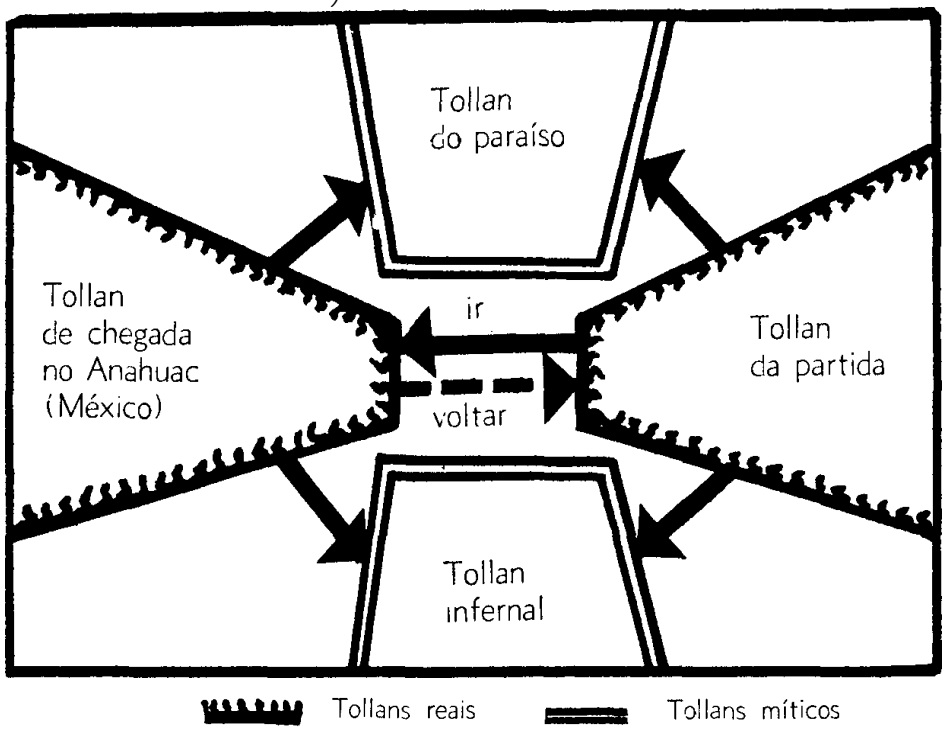


Além disso, encontra-se entre os lenapes e os leki-lenapes a tradição de um branco benfazejo que teria subido ao céu depois de morto. Esses mesmos indígenas tinham uma noção muito clara da existência de uma longínqua terra de origem, situada numa grande ilha no meio do oceano, a Leste. Davam a esta ilha o nome de Wak-am-da. Não nos parece

necessário ver aí a Atlântida lendária, a Atzlan dos aztecas e nahuas; é bem possível que se trate de duas tradições superpostas e alteradas com o correr do tempo. A primeira seria a do platô submerso das Baamas; a segunda, a origem irlandesa de uma parte dos celtas que chegaram à América e foram assimilados pelas tribos indígenas.

Eugène Beauvois chama a atenção para o fato de que no *Waham Ohim,* isto é, no conjunto de figuras pintadas composto de acordo com as tradições dos lenapes do século XVIII, existe uma referência a uma ilha misteriosa situada ora ao Norte, ora a Nordeste da antiga região dos delawares, ora na direção da Islândia. Essa terra tem o nome de *Tula* e sabe-se que a Islândia era para os antigos navegadores gregos e romanos... *a Thulé derradeira.* Por outro lado, para os lenapes, Tula é de fato a terra dos antepassados que, expulsos pela serpente, chegaram a sua terra antes de atravessar o oceano. É nessa altura, provavelmente, que se confundem a velha tradição difundida pelos celtas e a outra, mais recente, trazida pelos irlandeses perseguidos desde as orçadas até a Islândia pelos vikings, e de lá até a Groenlândia e depois até a América, onde ocuparam os antigos estabelecimentos celtas do Huitramanaland. Quanto à serpente, será provavelmente mister considerá-la como uma reminiscência da figura de proa dos *drakkars vikings.*

O *Popul-Vuh* dos maias-quichés esclarece, como vimos, que os antepassados vinham de uma região do outro lado do Oceano onde homens brancos e negros viviam em casas (por oposição às cabanas dos índios).



A cruz dos Tollans

Em determinada época, esses antepassados teriam partido para Tulan-Zuira, Vukub Pek (as Sete Grutas) ou Vukub-Ciran (as Sete Falésias) à procura dos seus deuses.

Para os cakchiquels da região de Texpan, na Guatemala, parentes dos quiches, Tula ou Tollan significava também fonte de luz e, por extensão, *o nascente.* É aqui, aliás, que entra em cena a confusão das quatro Tollan. Pois não havia apenas o Tollan da partida e o da chegada (Quetzalcoatl — o homem — foi rei dos toltecas em Tollan ou Tula): havia igualmente o Tollan do paraíso e o do inferno. Assemelhando-se curiosamente ao mundo céltico, o Tollan de partida exerceu durante muito tempo uma atração muito grande sobre os ancestrais dos astecas, as tribos nahuas do México primitivo.

OS NÁUFRAGOS DE CORNELIUS NEPOS

Conta o historiador romano que, durante o seu proconsulado na Gália, Quintus Metellus Celer teria recebido como oferenda do rei dos Boetes alguns *índios* atirados por uma tempestade ao litoral da Germânia no ano 62 a.C. Plínio e o geógrafo Pomponius Mella também relatam esta mesma anedota. Durante muito tempo, permaneceu-se preso à letra do texto, admitindo-se que se tratava efetivamente de "índios", isto é, de habitantes da Índia. A confusão fica ainda melhor explicada quando se sabe que se acreditava então na existência de um *caminho direto* entre a Índia e a Germânia, passando pelo mar Cáspio. Essa crença ainda subsistia na Idade Média e foi a causa de certas aberrações em alguns mapas desenhados naquela época. Mas para os antigos, que alimentavam a idéia de que um mesmo oceano banhava as costas da Índia e de Ceilão, da África "exterior" e das ilhas Britânicas, aquilo parecia óbvio. É preciso não esquecer também que, tanto Cornelius Nepos como os geógrafos da baixa Idade Média, consideravam que a palavra "Índia", em lugar de designar uma área geográfica determinada, constituía um *nome coletivo* que englobava indiferentemente tudo que apresentasse um caráter mais ou menos exótico. Finalmente, não foram as tribos germânicas em cujas plagas tinham ido dar aqueles infelizes náufragos que os definiram como índios, e sim os romanos a quem eles haviam sido oferecidos.

Na verdade, há duas explicações possíveis. De acordo com a primeira, aqueles homens seriam esquimós ou índios da América do Norte. Com efeito, embora os "índios" propriamente ditos não se aventurassem habitualmente a pescar em alto mar, existem entretanto alguns exemplos de navegação ameríndia até a Europa. Assim, em 1153, durante o reinado de Frederico Barba-Roxa, uma tempestade impeliu até Lubeck uma canoa de ameríndios que se diziam vindos de um "grande país rico de peixes" — provavelmente a futura "Tierra de Baccalaos" dos portugueses, a Terra Nova e o Labrador atuais, que se encontram na mesma latitude que o litoral alemão do mar do Norte.

Aliás, os indígenas da Groenlândia, do Labrador e de outras regiões da América do Norte, geralmente situadas acima do cabo Hatteras, naufragavam com freqüência em águas européias. Entre 1150 e 1700, foram assim registrados trinta e sete casos de travessias atlânticas, quase todas reveladas pela descoberta de caiaques vazios ou carregando cadáveres de índios ou de esquimós nas costas da Noruega, das ilhas inglesas, do Oeste da Escócia, das Novas Hébridas, da Islândia ou das Canárias. Ainda podem ser vistos restos dessas embarcações, algumas das quais são indiscutivelmente pré-colombianas, no Museu Etnográfico de Munique, no Museu de História Natural de Edimburgo, no Museu de Aberdeen, na catedral de Trondheim na Noruega e na igreja de Bourre, em Orkney.

Primeiro em 1506, depois em 1509, pirogas monóxilas esquimós subiram o curso do Sena até Rouen. Na segunda embarcação foram encontrados um indígena ainda vivo e outros seis mortos. O único sobrevivente foi oferecido ao rei Luís XII que se encontrava por acaso no Maine. Em 1562, outros indígenas foram lançados às costas da Bretanha e, em 1577, um caiaque esquimó vazio encalhou no litoral holandês. Humboldt menciona ainda outros casos, um dos quais teria ocorrido em 1682 e o outro em 1684. Ele faz até referência, nesta ocasião, ao caiaque esquimó *intacto* exposto, ainda no seu tempo, na sede da Sociedade dos Pescadores de Lubeck.

Os cadáveres de ameríndios encontrados nas costas ocidentais dos Açores, antes da viagem de Colombo, e a respeito dos quais o almirante ouvira falar, também comprovam a possibilidade dessas navegações. O historiador espanhol Antônio de Herrera conta aliás inúmeras aventuras do mesmo gênero. Contudo, embora os corpos atirados às costas da Alemanha, da Holanda, da Noruega ou do estuário do Sena pertencessem todos eles a

esquimós, os corpos encontrados no litoral das Canárias eram sem dúvida de *Peles-Vermelhas,* tal como o dos náufragos de Cornelius Nepos.

Com efeito, o "desembarque" de 62 a.C. teve não somente historiadores, entre os quais Cornelius Nepos e Plínio, como também um ilustrador, na pessoa de um artista anônimo, que compôs naquela ocasião uma sítula de traços extremamente característicos. É pelo menos difícil explicar de outra maneira a não ser por esse acontecimento a estranha forma do objeto que ostenta o número 826 na coleção de Edmond Durand, adquirida em 1825 pelo rei Carlos X para o Museu do Louvre. Aqui vai a descrição do mesmo, oferecida por A. de Longpérier: "Busto de escravo com a cabeça toda raspada, orelhas grandes e caídas. A parte superior do crânio se abre graças a uma articulação, formando tampa. Acima das orelhas foram colocados anéis aos quais se ajusta uma alça móvel representando um galho de árvore, com nós. Altura do objeto: 19,5 cm.

Por sua vez, Emile Egger e Ceuleneer, que se interessaram por esse bronze, extraíram do mesmo as conclusões que se impunham. Ceuleneer escreve particularmente: "Examinando-se (esse crânio), causam espanto os caracteres especiais que o distinguem. O crânio é dolicocéfalo, a fronte é fugidia, as orelhas grandes e baixas com lóbulos aderentes; as sobrancelhas são fortemente arqueadas, o nariz aquilino, as comissuras dos lábios são ascendentes e os lábios grossos; o maxilar inferior é arredondado, e abaixo da região occipital observa-se uma acentuada saliência. Várias destas características se tornam mais visíveis quando a cabeça é examinada de perfil..." A idéia que tiveram Egger e Ceuleneer de comparar esse objeto com os índios desenhados do natural pelo pintor e etnólogo americano do século passado, S. Catlin, tornou possível deixar ainda melhor comprovada a semelhança.

Todavia, o inventário definitivo dessas travessias deixa evidente que elas foram todas inteiramente fortuitas. Existe entretanto, na América, um documento — e apenas um — que fala à sua própria maneira de uma navegação voluntária para Leste. Estamos falando das folhas 5 e 6 do *Córdex Borbonicus* dos maias-quichés que mostram em duas seqüências sucessivas o *vaivém transatlântico do "corajoso explorador de fontes".* A despeito do excesso de símbolos e figurações coloridas nessas duas imagens distingue-se claramente a grande corrente que sai debaixo do trono do deus oceânico Atlanteotl. Na primeira imagem, o herói, nu (isto é, ainda não adornado com as insígnias que sua façanha lhe há de valer), deixa-se levar pela corrente. Na segunda, ele volta, remontando a corrente desta vez ostentando todas as suas insígnias. Ora, descer com a corrente e depois tornar a subi-la — o que indica que houve uma volta — significa utilizar o Gulf Stream. O nome do herói é Chalchuilticué, o Explorador de Fontes.

Talvez seja também a esta luz que devam ser considerados certos esboços de descobertas, como a que foi alvo durante algum tempo das atenções da imprensa em 1965. Naquele ano, o americano Howard Sandotform se empenhou em provar que os nahuas, antepassados dos astecas, tinham abordado diversas vezes as costas escocesas, no século VII de nossa era. Mas as ruínas de Strechford, que serviam de fundamento para a sua teoria, revelaram afinal que deveriam ser atribuídas, na verdade, aos homens dos megalitos.

Contudo, essas viagens transatlânticas têm, por sua vez, os seus paralelos — as travessias, fortuitas e intencionais, do Pacífico.

HURONIANOS OCASIONAIS E INCAS VOLUNTÁRIOS

Em suas *Cartas americanas,* o conde Carli cita uma nota publicada em 1774 no *Journal*

des Sçavans cujo autor, o padre Charlevoix, relatava pessoalmente as palavras do abade Crillon. Afirmava este último ter encontrado no Tibete *uma huroniana da América do Norte que atravessara* o Pacífico. Ela tinha embarcado numa canoa com dois companheiros, igualmente indígenas. Sobreveio uma tempestade que os atirou no litoral de uma ilha remota, *a Oeste* do Pacífico. Após inúmeras aventuras, aquela mulher tinha finalmente chegado ao Tibete.

Por mais inverossímil que pareça de início essa história, é preciso observar que os anais chineses se referem a muitas outras da mesma espécie, e multiplicam os pormenores. Pode-se ler assim no capítulo IX do *Y chien tchen Y,* que no sétimo mês do ano 1150 do calendário europeu uma embarcação estrangeira chegou a Fukien. Sua tripulação constava de três homens e uma mulher, únicos sobreviventes de um naufrágio ocorrido ao longe, em pleno oceano. A bordo de uma jangada improvisada, eles tinham chegado a uma ilha situada a leste do oceano, onde haviam permanecido durante treze anos. Tinham então retornado ao mar a bordo de uma nova embarcação, tomando o rumo de Fukien que um dos homens, *de origem chinesa,* conhecia. Quando muito jovem ainda, esse chinês tinha sido arrastado por uma tempestade até o litoral ocidental do Pacífico que finalmente tornara a atravessar. Sua mulher e seus dois amigos eram *índios da América.* A travessia exigira sessenta dias, sem falar evidentemente no interlúdio dos treze anos.

A embarcação tal como nos foi descrita (monóxila, sem balancim), a roupa dos quatro viajantes (um simples pedaço de pano cobrindo o corpo), seu penteado (os cabelos apanhados por uma fita que lhes cingia a fronte) o hábito de andar descalços, a cor da pele, tudo finalmente parece apontar como ponto de partida da expedição o litoral do Canadá, a ilha de Vancouver ou a costa sul do Alaska. De resto, os habitantes de Fukien que navegavam com freqüência em direção à Nova-Guiné, ao Havaí ou às Carolinas, até então nunca tinham encontrado "homens como aqueles" em suas viagens. Está fora de dúvida, entretanto, que os chineses conheciam o caminho para Vancouver, pois foram ali descobertas recentemente moedas, assim como um templo chinês da baixa Idade Média. R. Hennig lembra que no século XIX, dez juncos japoneses haviam sido desviados de sua rota, tendo ido dar na América. Kotzebue, em 1813, ouviu dos indígenas das Carolinas que alguns dos seus tinham estado à deriva durante mais de oito meses antes de chegar finalmente à ilha de Rabae.

Embora essas duas travessias tenham sido puramente acidentais, a história conserva entretanto a lembrança de uma outra travessia do Pacífico, desta vez perfeitamente deliberada, e que se inclui nas relações marítimas dos incas com a Polinésia. O primeiro vestígio que chegou até nós é a cerimônia ritual a que se pode ainda hoje assistir na ilha de Mangareva, do arquipélago das Gambier. Durante essa cerimônia guerreira, o lendário rei Tupa dança com a cabeça coberta por uma máscara de madeira, no meio de homens fantasiados, mascarados e armados de lanças. Segundo os anciãos, essa dança comemora a chegada, *há muito tempo, do rei Tupa e de seus companheiros nas fabulosas jangadas de madeira leve,* manobradas com o auxílio de tábuas que serviam de leme.

Fazendo um paralelo entre a cerimônia de Mangareva e certas lendas peruanas, chegou-se a reconstituir o grande périplo inca. Verificou-se assim que o deus Tupa era na realidade o Grande Inca Tupa Yupanqui (1450-1485) o qual, deslumbrado pelas narrativas dos "mercadores e viajantes de mar afora" tinha organizado uma frota de quatrocentos barcos e embarcara com alguns milhares de homens para uma viagem oceânica de nove meses. A tradição inca nos fornece até o nome das ilhas que serviram de escalas: Acha ou Achachumbi, Haguachumbi e Ninochumbi. Dessas ilhas, os incas trouxeram prisioneiros de cor, ouro, prata, um trono de bronze, um couro e uma queixada de cavalo. O trono e as

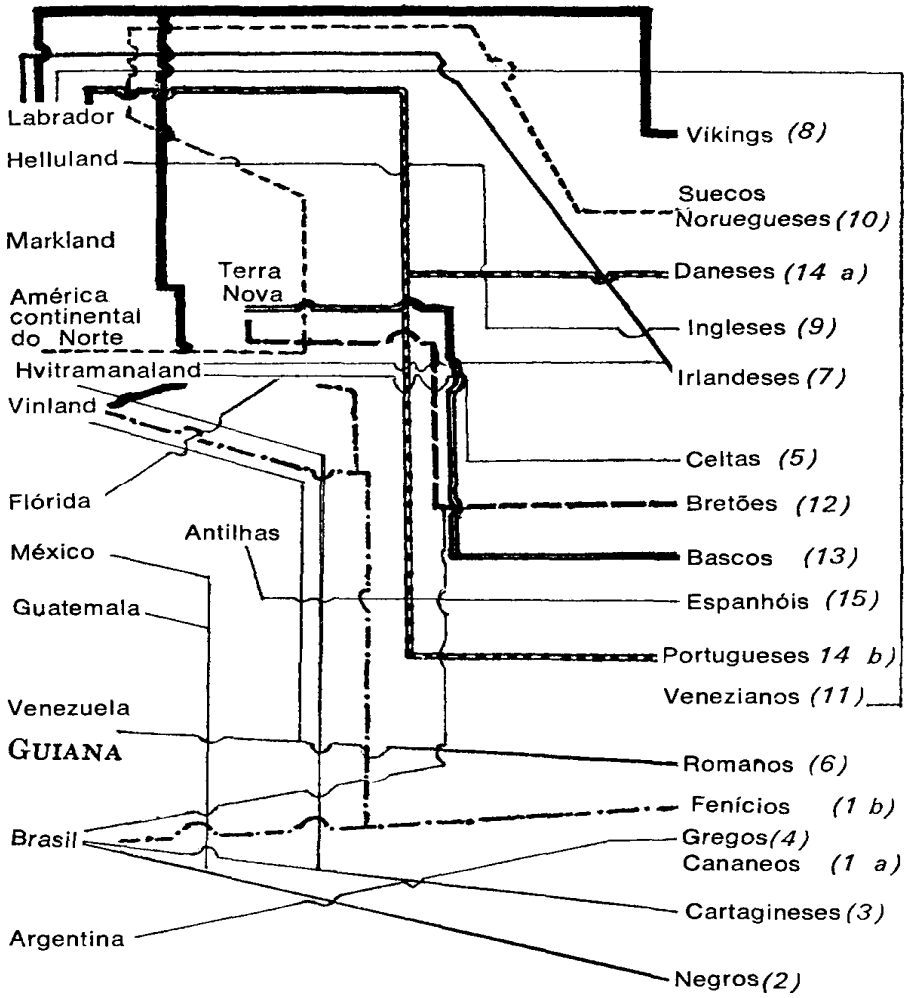
relíquias do cavalo permaneceram expostos num templo de Cuzco até a conquista.

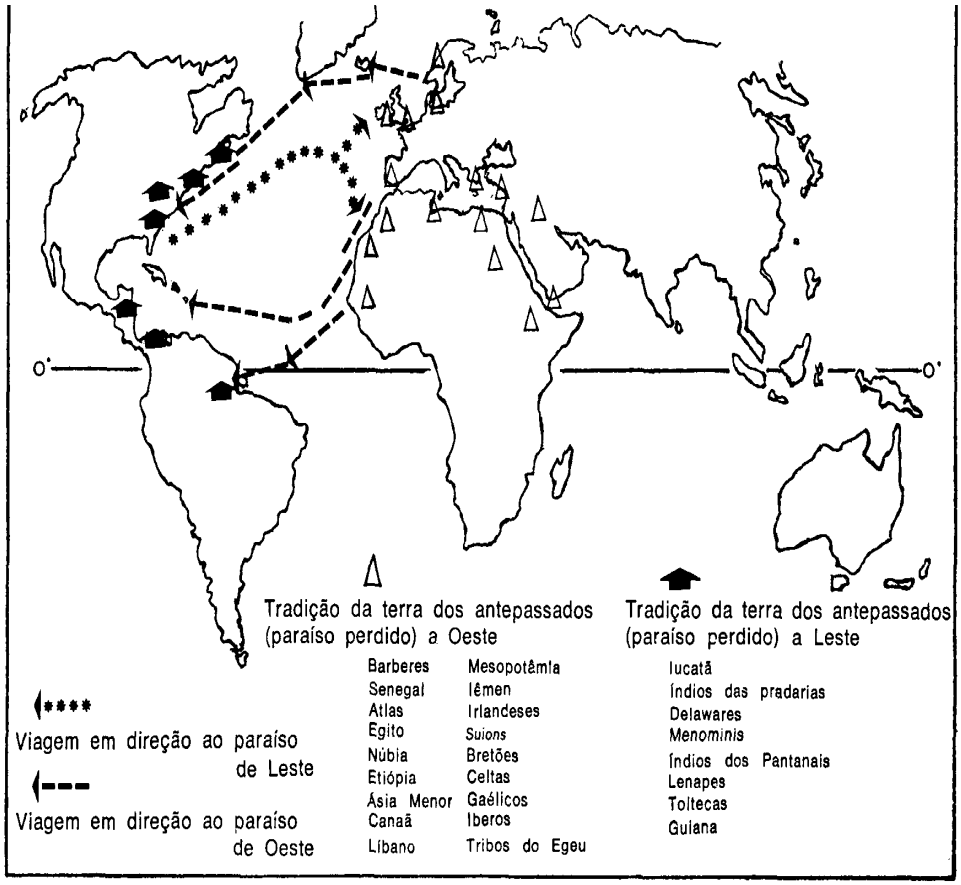
Existem ainda muitos outros vestígios das navegações ameríndias até a Polinésia. Podem ser vistos, por exemplo, na ilha de Rapa, nas ilhas Marshall, Swallow, Marquesas, em Mangareva e até nas Marianas ocidentais vestígios de construções terraceadas que lembram singularmente os templos incas em degraus.

No Peru, esses lemes feitos de pranchas eram conhecidos como *guarras*. Girolamo Benzoni *(La Historia del Mondo Novo,* Veneza, 1572), também descreve embarcações desse tipo. Suas jangadas foram atualmente reconstituídas por Eric de Bishop. São perfeitamente capazes de arrostar o mar, mesmo manobrando contra o vento.

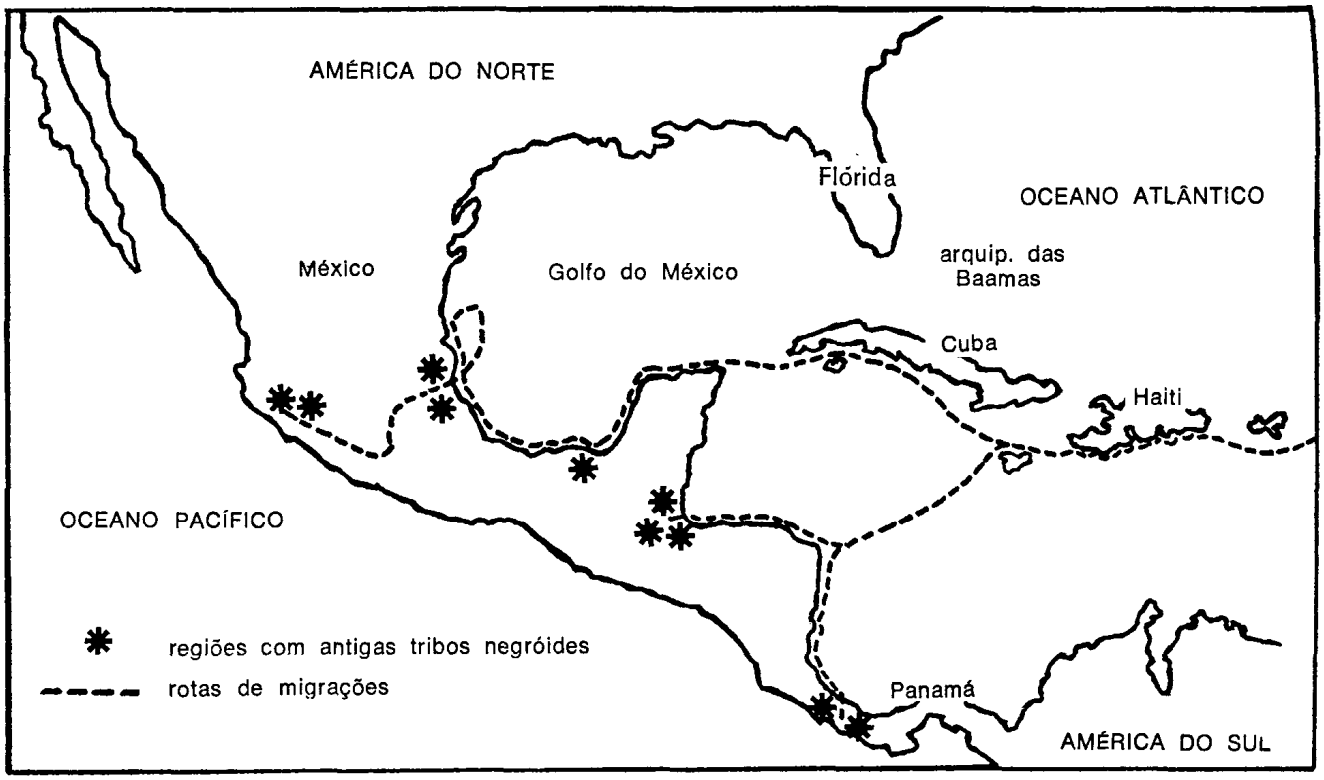
De modo que vão transparecendo de maneira cada vez mais clara não somente os talentos náuticos dos antigos como também a existência de um *ir-e-vir permanente* nas grandes vias aquáticas do planeta, cujas diferentes seqüências se vão organizando até o desenrolar completo do filme das grandes pulsões civilizadoras da história. Os mapas que apresentamos a seguir visam a reconstituir com a maior clareza possível os momentos mais importantes desse duplo movimento de onda de choque e de refluxo de maré.

A vaga de retorno. Navegações pré-colombianas em direção à América. (De um modo geral, os périplos cuja realidade já não padece dúvida.) Os números entre parênteses indicam a ordem de antigüidade.

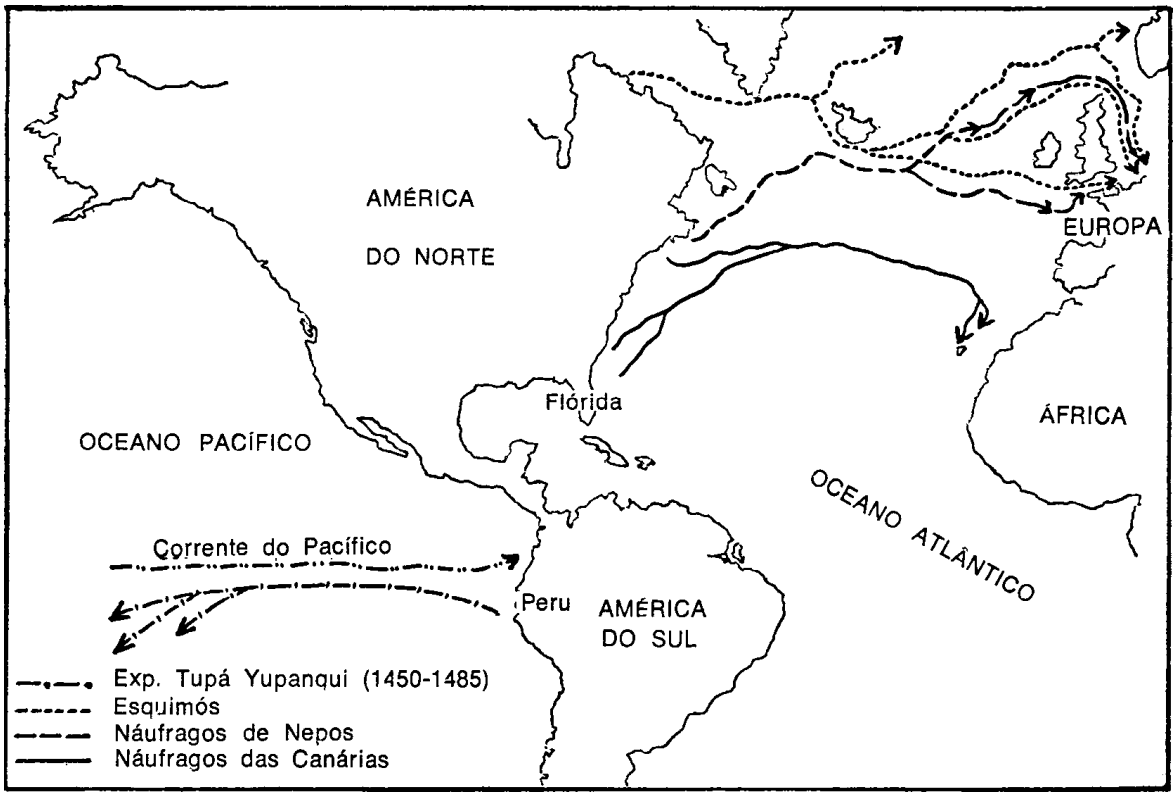




O Homem e o Paraíso

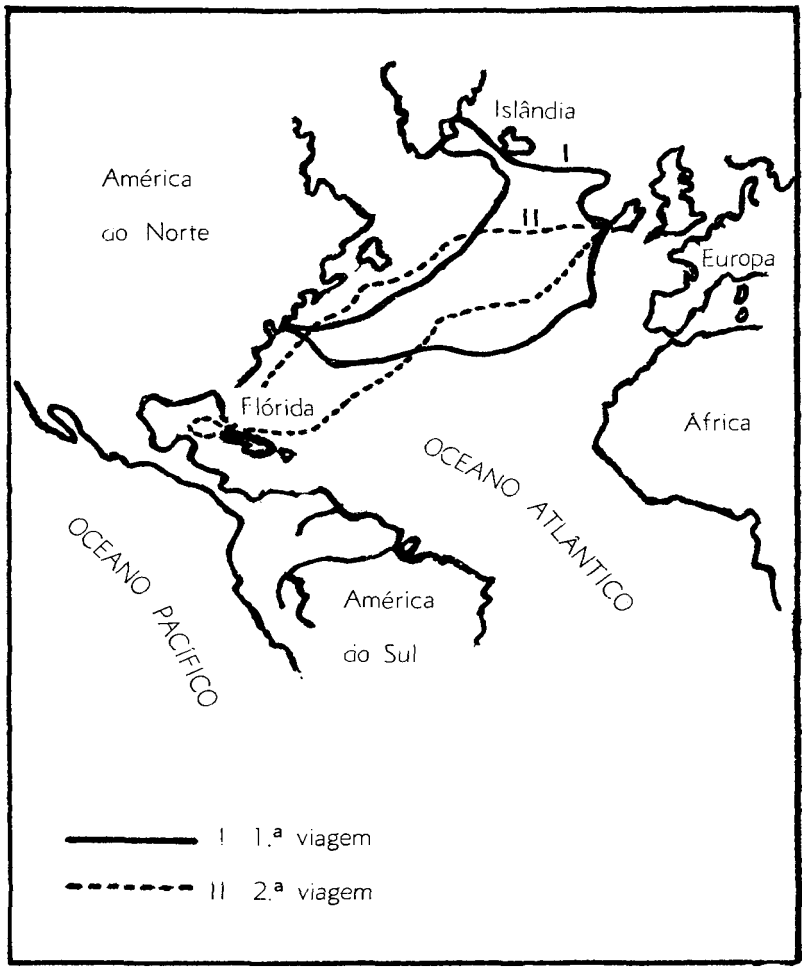


Os negros na América pré-colombiana

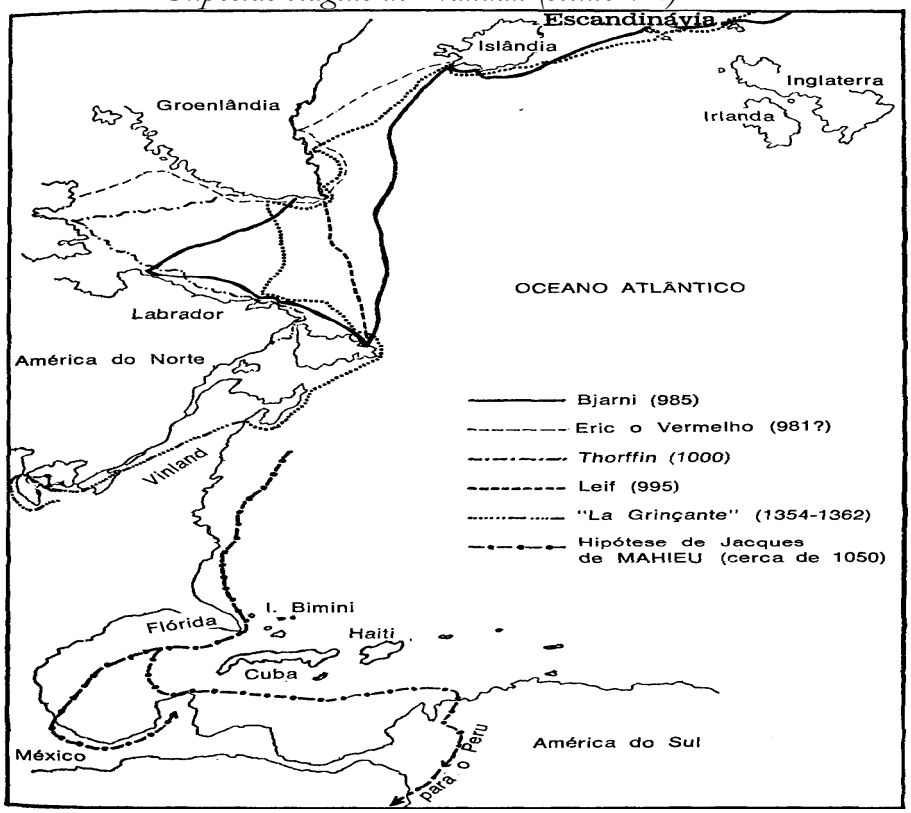


Navegadores da prova às avessas (de — 62 a 1500)

Os vermelhos na América. Hipótese de Ch. M. Boland



Supostas viagens de Brandan (século VI)



Os Vikings na América

A REALIDADE VEM DO SONHO

Isto tudo é certo. Deus, Nosso Senhor, deu-me a vitória, assim como a todos aqueles que seguem os seus caminhos, neste empreendimento que parecia impossível. Embora outros tenham falado nessas terras, faziam-no sempre hipoteticamente, sem jamais a terem visto; se bem que a maioria dos que ouviam falar nesta questão tinham-na na conta de fábula.

CRISTÓVÃO COLOMBO *Carta a Luís de Santangel,* de 14 de fevereiro de 1493.

Lendas e tradições, narrativas ou testemunhos diretos, era tudo em vão. A América continuava a não existir na consciência científica dos homens. Muito embora essa ausência impedisse a realização da unidade geográfica do mundo, o pensamento europeu continuava a ser governado por uma falsa unidade de princípio que os levava a só ver em regiões por eles entretanto exploradas, como a Vinland viking, um prolongamento de seu próprio mundo em direção noroeste, e não um continente isolado, radicalmente diferente.

A separação só se tornou concebível depois da integração oficial da América ao universo conhecido e graças, particularmente, às observações de Vespucci. Contudo, para transformar um conhecimento teórico em conhecimento prático, para fazer surgir a realidade do sonho que a mantinha prisioneira há milênios, era preciso que um homem vivesse aquele sonho de olhos bem abertos e o fizesse entrar na realidade dos outros. Eleito pela história e a ela sabendo se impor, Cristóvão Colombo seria esse homem.

COLOMBO, O 23º. GRANDE PROFETA DE ISRAEL

"Não me vali nem da razão, nem de cálculos, nem de mapas-múndi. Realizou-se simplesmente o que dizia Isaías".

CRISTÓVÃO COLOMBO *Carta aos reis da Espanha*

Colombo (Cristóvão), navegante genovês (1451-1506); chegou à América a 12 de outubro de 1492.

Larousse de goche Paris, 1954.

O CARTÃO DE IDENTIDADE DE UM DESCONHECIDO

Navegador se não medíocre, pelo menos discutido, o homem que a 12 de outubro de 1492 chegou, não à América e sim a uma ilha do Atlântico situada a mais de 500 quilômetros do continente, ainda não esgotou as surpresas que reserva para quem quer que resolva penetrar no labirinto incrível de sua biografia.

Provavelmente, pode-se lhe dar crédito quando escreve: "Achei o Senhor muito propício a meu intento e, para isto concedeu-me ele espírito e inteligência. Fez de mim um homem muito instruído em astrologia. Deu-me conhecimentos suficientes tanto em geometria como em aritmética, assim como habilidade na alma e nas mãos, para desenhar esta esfera e sobre ela as cidades, rios e montanhas, ilhas e portos, tudo em seu verdadeiro lugar. Durante esse tempo, li e apliquei-me ao estudo de toda espécie de escritos dos cosmógrafos, histórias, crônicas, trabalhos de filosofia e outras artes..." Não há aí nada que nos possa esclarecer de verdade. Temos por isto de procurar elaborar um "cartão de identidade" desse personagem enigmático.

Oriundo de família humilde, o descobridor da América tornou-se nobre por mercê dos "reis católicos" Fernando de Aragão e Isabel de Castela, que lhe deram o nome com

que entrou na história. No relato da "descoberta" por ele enviado aos soberanos, o almirante esclarece: "Neste mesmo mês de janeiro, ordenaram-me Vossas Altezas que tomasse o caminho das Índias com uma frota suficiente; e para tanto concederam-me grandes favores, tornando-me nobre e com isto autorizaram-me a me fazer tratar por Don". Don *Cristobal Colon.* Ora, em Gênova nunca houve nenhum *Colón.* O homem que *nasceu* em Gênova — e seus admiradores cruzariam espadas para sustentá-lo — chamava-se Colombo, *Christoforo Colombo.* Além disso autores da época como Gonzalo Fernandez de Oviedo y Valdés ou o português Barros chamam-no exclusivamente *Colom.* Deste último nome, o grande biógrafo moderno de Colombo, Salvador de Madariaga, cita a forma italianizada *Colomo.* Estamos portanto diante de quatro nomes para um único homem: Colón, Colombo, Colom, Colomo.

Se nos voltarmos agora para seu biógrafo mais autorizado, seu filho don Ferdinando Colombo, ficaremos sabendo apenas que: "Para adaptá-lo à pátria onde ia viver e tomar novo estado, ele poliu o seu nome à maneira do antigo e se fez chamar Colón; o que me leva a crer que, assim como quase tudo que ele fazia era cercado de mistério, também com relação à sua mudança de nome e de prenome deve ter havido com certeza algum mistério." De modo que não podemos deixar de registrar o nome que usava ao morrer: Don Cristobal Colon.

Tendo chegado a esta altura, surge entretanto uma outra questão. Tratando-se de um nome adotado, será conveniente, com efeito, perguntar se ele tem um significado e qual seria. Ora, o cronista da época, Bartolomé de Las Casas, escreve a esse respeito que "para cumprir o desígnio divino, o Almirante usava um nome que bastava para indicar a sua missão". De fato: *Christoforo* = *Christo Foros,* "aquele que carrega o Cristo", por conseguinte, o introdutor do cristianismo em novas terras e *Colón* = o colonizador. Colombo assinava-se aliás, em latim, *Christum ferens.* Observe-se, de passagem, que Colombo fabricou esse nome para si mesmo *antes de partir, antes mesmo de tomar contato com os soberanos espanhóis,* revelando com isto uma fé inabalável em si mesmo e na sua missão. A data do seu nascimento é igualmente enigmática. André Bernaldez, amigo de Colombo, capelão da expedição e, mais tarde, seu cronista, a quem o almirante confiaria seu diário de bordo, dá preferência à mais antiga das *dezesseis* datas possíveis quando escreve: "O dito almirante Don Cristobal Colón, de maravilhosa e nobre memória, nascido na província de Milão, estando em Valladolid em 1506, no mês de maio, morreu *senectude bonna,* descobridor das Índias, com a idade de setenta anos aproximadamente." Subtraindo, temos: 1506 — 70 = 1436.

Das declarações do próprio Colombo em seu diário de bordo, em 1492, e depois numa carta de 1501, depreende-se que sua primeira navegação data de 1461. Mas em outra carta escrita a Fernando e Isabel e enviada da Jamaica a 7 de julho de 1503, ele afirma que acabara de completar vinte e oito anos quando entrou para seu serviço, em 1483. Teria assim nascido em 1455. Mas como as suas primeiras atividades ocorreram aos quatorze anos, temos também: 1461 — 14 = 1447. Data que tornaremos a encontrar se nos lembrarmos das palavras do almirante segundo as quais em 1483 ele já teria vinte e três anos de navegação, tendo sempre começado aos quatorze anos. Com efeito, 1484 — 23 = 1461 e 1461 — 14 = 1447. Contudo, outros extratos de sua correspondência demonstram que ele tinha exatamente trinta anos quando chegou à Espanha. De modo que, 1483 — 30 = 1453. Outros cálculos forneceram igualmente a data de 1451, que foi a adotada pela maioria de seus biógrafos.

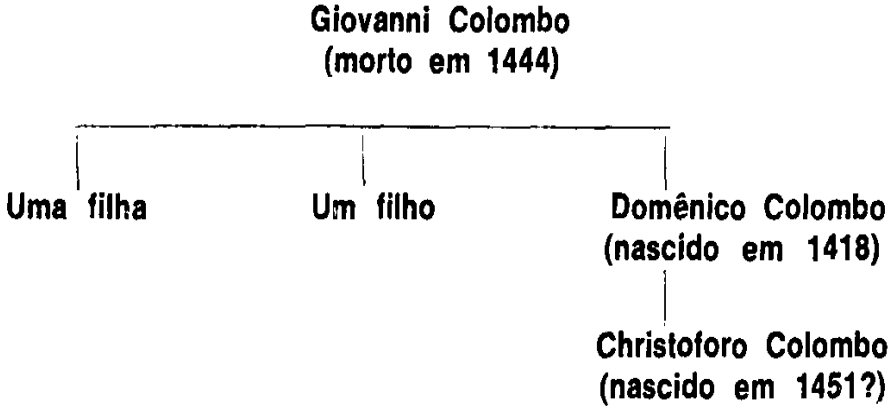
Tamanha confusão nos leva a perguntar se, tal como o nome, a data de seu nascimento não teria sido escolhida com algum objetivo demonstrativo ou mágico. O que

teria sentido particularmente no caso da data mais geralmente aceita, entre 26 de agosto e 31 de outubro de 1451 — e muito provavelmente por volta do fim de setembro de 1451. O almirante teria então nascido sob o signo de Libra que era, naquele tempo, interpretado da seguinte maneira: "Aquele que nasce de meados de setembro até meados de outubro será muito poderoso. Encontrará valor e honra ao serviço dos capitães. Caminhará por muitos lugares desconhecidos e ganhará em terra estrangeira..." De modo que Colombo teria tido a vantagem de ser designado pelo próprio céu para desempenhar aquela missão. Além disso, a data de nascimento do navegador estaria assim em posição de equilíbrio — exatamente no meio — entre as de seus empregadores Isabel (22 de abril de 1451) e Fernando (2 de março de 1452).

Temos ainda de determinar o lugar do nascimento e a nacionalidade do almirante. Escreve Oviedo: "Segundo me informaram pessoas de sua terra, era (ele) originário da província da Ligúria, na Itália, onde ficam a cidade e a senhoria de Gênova; afirmam uns que ele é de Savona, dizem outros que é de uma pequena aldeia chamada Nervi, que fica do lado do nascente, no litoral marítimo, a duas léguas da costa de Gênova, considerando-se porém mais certo que ele viera de um lugar chamado *Cugureo*..." Nas cartas de Pierre Martyr, publicadas na Espanha pouco depois da descoberta, fala-se em Cristoforo, genovês..." e Las Casas declara não estar muito seguro quanto ao lugar em que nasceu o almirante... *Quanto ao próprio Colombo, ele jamais escreveu alguma coisa de seu próprio punho que possa levar a admitir que fosse originário de Gênova.* Don Ferdinando Colombo, seu filho, é extremamente obscuro quanto a este ponto. "Há pessoas, escreve ele, que de certa maneira pretendem obscurecer sua fama; declaram assim que ele é de Nervi, outros dizem que de Cugureo; outros, de Bugiasco, vilarejos costeiros das proximidades de Gênova; outros, desejosos de exaltá-lo ainda mais, dizem que era de Savona; e outros, genovês; e outros, ainda menos temerosos da inexatidão, querem que ele tenha nascido em Plasência, onde existem pessoas muito honradas de sua família e túmulos com armas e epitáfios dos Colombo..."

Seis nomes em cinco linhas, depois de pesquisas *in loco,* e nenhum pelo qual se possa optar, nem em Gênova nem na região, tornam mais do que improvável que se venha hoje a descobrir a verdadeira pátria de um homem cujo próprio filho ignorava onde ele tinha nascido.

A genealogia genovesa do almirante apresenta-se, entretanto, à primeira vista, com muita clareza.



Giovanni Colombo era originário da aldeia de Moconesi, no vale de Fontavabuana e viveu em Quinto, arrabalde de Gênova. Domênico Colombo, a princípio aprendiz e depois mestre tecelão foi mais tarde guarda da torre da porta Deil'Olivella, em Gênova. Se Colombo não é genovês, depreende-se que os documentos relativos à sua família são apócrifos — o que não é impossível — ou que o Colombo nascido em Gênova não tinha

relação alguma com o que descobriu a América.

Existem inclusive algumas hipóteses relativas ao nascimento do almirante, decididamente antigenovesas. De acordo com o Lorenzo Bradi, ele teria sido corso. Houve até quem visse nele o filho ilegítimo do almirante corsário francês, Caseneuve-Coullon, ou mesmo o próprio almirante. Finalmente, o exame de seus papéis demonstrou que ele escrevia muito mal o italiano, e redigia suas notas as mais das vezes em latim à maneira de alguém que pensasse em castelhano, o que levou a lhe atribuírem uma origem espanhola. Na verdade, o que se pode afirmar é que a hipótese admite um número de contradições superior à sua capacidade. Estamos com efeito, diante de um italiano que, como demonstrou Salvador de Madariaga, lê italiano mas praticamente não o escreve, que sabe espanhol muito antes de chegar à Espanha, e cujo latim, aprendido antes de sua permanência em Portugal, é o de um espanhol autodidata.

Será preciso imaginar um Colombo italiano cuja língua materna seria o espanhol, um Colombo espanhol nascido na Itália? Ou estaríamos lidando com *dois* Colombo ou com um homem que se cerca de mistério por ter necessidade de ocultar *sua origem judaica?* M. Gaya y Delrue, que propôs com estardalhaço a primeira dessas hipóteses faz notar que "todos os biógrafos de Colombo observaram que o almirante, a partir de 1485 e de maneira ainda mais precisa depois de 1492, dá a impressão de *não conhecer muito bem o seu próprio passado* sobre o qual ele conta uma espécie de fábula muito mal decorada". Isto poderia sugerir, com efeito, a hipótese de uma origem genovesa assumida por alguém que não era de modo algum italiano. Ficariam assim explicadas a sua ignorância da própria "língua materna" manifestada pelo almirante, assim como as grosseiras contradições entre as diferentes reminiscências por ele evocadas sem se preocupar absolutamente com a coerência.

O próprio Colombo escreveu em carta dirigida à ama do príncipe Don Juan de Castela: "Eu não fui o primeiro almirante de minha família".

Para seu amigo Bernaldez, Colombo era dotado da mais viva imaginação. Menos complacente, o português Ruy de Pina o descreve como um indivíduo que "ia sempre além dos limites da realidade no relato de seus próprios negócios".

A articulação entre os dois Colombo nos poderia ser fornecida pela história de um naufrágio. Ainda muito jovem, aquele que iria descobrir a América toma parte numa escaramuça naval. Promovido a almirante, ele a relata nos seguintes termos aos soberanos espanhóis: "Certo dia o rei René, que Deus agora chamou para seu lado, me enviara à Tunis para me apoderar da galeota *Feráinanãine;* ora, ao nos aproximarmos da ilha de Saint-Pierre, na Sardenha, fiquei sabendo que havia duas naus e uma carraca com a galeota. A tripulação então se agitou e decidiu não continuar a viagem. Vendo que eu não poderia modificar a disposição de meus homens, concordei com seu pedido e, mudando a atração da agulha, (isto é, alterando a indicação da bússola), nós nos fizemos à vela ao cair da noite e no dia seguinte ao amanhecer estávamos perto do cabo de Cartagena..." A história é extremamente ilustrativa, mostrando-nos um Colombo astuto, corajoso, bem marinheiro, e que, alguns anos depois, sob as ordens de Caseneuve-Coullon, irá bater-se *contra Gênova.* Arrosta então, perto do cabo Saint-Vicent uma tempestade da qual ele é *ou não* um dos raros sobreviventes. Foi então que o falso Colombo, que estaria no mesmo navio, teria substituído o verdadeiro — o genovês — de quem seria confidente, apossando-se de "seus papéis enquanto o verdadeiro Colombo morria ou desaparecia de uma maneira qualquer. Nesse caso, o homem que realmente se chamava Cristóvão Colombo teria morrido no dia 16 de abril de 1476, dezesseis anos antes da descoberta da América! Quanto ao almirante, tratar-se-ia de um impostor cujas origens permanecerão sempre desconhecidas. Cinco, pelo menos, das

dezenas de historiadores que escreveram sobre Colombo nestes últimos cinqüenta anos consideraram esta explicação para a dupla personalidade de Colombo.

A outra hipótese — tida por Salvador de Madariaga como muito mais séria e que lhe foi apresentada pela primeira vez pelo historiador espanhol Don Vicente Paredes — é a da origem judaica do almirante. De acordo com essa interpretação, teria ele nascido da ilustre família de *conversos* (judeus convertidos) dos Santa Maria, a que se referiria o nome de sua futura nau-capitânea. Para Garcia de La Roega, Colombo seria mesmo um judeu da Galiza pertencente à família de "conversos" do Colon que abandonara a Espanha por volta de 1444 e cujo patriarca se chamava Domingo — como o italiano Domênico Colombo, — sendo os dois filhos Cristobal e Bartolomé Colombo... Chegou-se mesmo a afirmar que a família *Colón* teria deixado a Espanha muito antes, em 1391. A este respeito, observa Madariaga: Um Colón judeu resolve o problema. Observe-se a sua extrema mobilidade, assim como a de seu irmão Bartolomé. Este fato, em si, constitui uma simples indicação. Naquela época, a Espanha e Portugal estavam cheios de genoveses que continuavam genoveses. Colón foi português em Portugal e castelhano em Castela. Bartolomé, seu irmão, demonstrará a mesma capacidade de adaptação"

Alguns escritos do almirante, certas notas à margem de leituras tornam entretanto as coisas um pouco mais claras. O que há de mais importante é o *Mayorazgo* (Majorato) de 1498, em certo trecho do qual Colombo dá explicações sobre a sua assinatura: "Don Diego, meu filho, escreve ele, ou quem quer que venha a herdar este majorato, depois de o herdar e de obter a sua posse, há de assinar com a assinatura que utilizo agora e que consiste num X, tendo um S por cima e um M, com um A romano por cima e ainda em cima um S, e depois um Y com um S por cima com seus traços e vírgulas como faço agora... E só assinará *o almirante,* ainda que o rei lhe conceda, ou que ele faça jus a outros títulos!"

Recentemente, o historiador argentino R. Pineda-Yanez julgou ter encontrado uma explicação para a origem genovesa atribuída ao almirante numa observação de ordem lingüística. Colombo teria sido um judeu convertido *(yinoves* em idioma da Galiza), filho de um marinheiro galego. Ora, "ginoves" se aproxima bastante da palavra espanhola, que designa os naturais de Gênova, genovês.

Os historiadores cristãos do almirante retranscreveram de maneira extremamente incorreta a posição dessas letras e acrescentaram alguns pontos. O objetivo dessa falsificação era estabelecer que as abreviações significavam:

. S Senor

. S. A. S

. Su Alta Senora

. X.M.Y. Excelente, Magnífico e Ylustre.

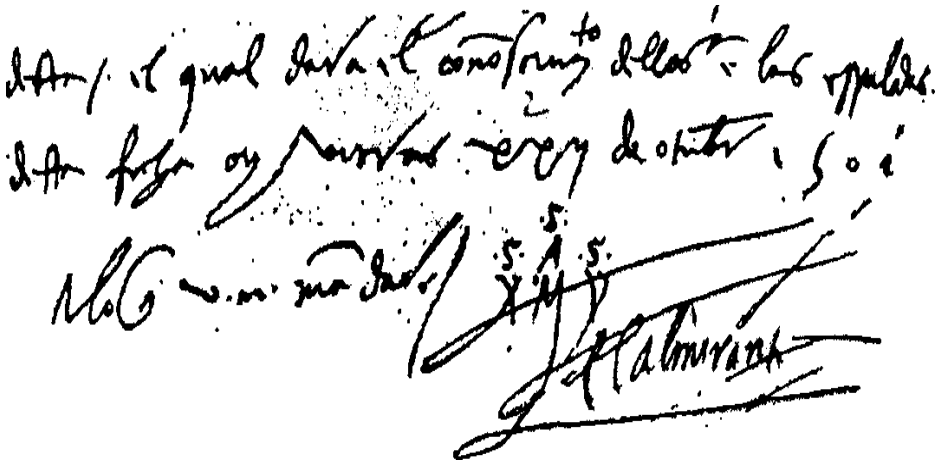
O alinhamento que acabamos de reproduzir era o dos títulos honoríficos nos documentos da época e não explica de maneira alguma nem a figuração *triangular* que se encontra no *Maycrazgo,* nem a seu texto (um M encimado de um A romano e também em cima um S para a linha vertical do meio).

Na realidade, não se admite nenhuma dúvida. Na disposição que lhes era conferida pelo almirante, essas letras reproduziam a *Estrela de Davi* e constituem, quanto ao sentido e tal como demonstrou Maurice David, um *Kaddish,* inscrição benfazeja que o desconhecido chamado Colombo talvez utilizasse para aplacar seus remorsos de "converso". O professor de história judaica, J. R. Marcus propõe o seguinte texto para esse Kaddish:

SHADAI - SHADAI - ADONAI - SHADAI - YAHWH - MALE – CHESED, o qual constitui uma invocação guerreira ao Deus santo e o único, o Deus dos exércitos do

Antigo Testamento.

Assim como em seus cálculos sobre a idade do mundo, Colombo confiava exclusivamente na velha tradição judaica, ele jamais deixava de traçar em cada uma das páginas mensagens que enviava a seu filho, e *sempre no mesmo lugar,* um monograma formado pelo entrelaçamento das letras hebraicas *Beth* e *Hai* que é pura e simplesmente o *Borush Hashen,* antiga fórmula de saudação e bênção judaica. Observe-se que o almirante só a empregava em cartas de caráter confidencial.



Antes de concluir, mais um pormenor, descoberto pelo doutor Cecil Roth. A frota de Colombo levantou ferros no dia 3 de agosto de 1492, antes do amanhecer. Ora, no calendário hebraico, essa data corresponde à da noite de *9 ab* — dia de luto e jejum, aniversário da tomada de Jerusalém pelo imperador Tito. E se a frota não partiu no dia 2 de agosto, quando já estava tudo pronto, foi sem dúvida porque quem trabalha no dia *9 ab* não tem direito à bênção, não podendo, portanto, contar com nenhum sucesso. E dessa bênção tinha grande necessidade o almirante que, numa carta aos reis da Espanha, por um estranho lapso, fizera coincidir o consentimento dado à sua viagem e a expulsão dos judeus da Espanha.

Pretendeu-se, muitas vezes, ver no conhecimento profundo que tinha Colombo das Escrituras e sobretudo dos textos hebreus apócrifos, assim como em seu grande interesse pela Cabala, os indícios de um cristianismo ardente que o levaria a ingressar na ordem dos franciscanos depois de sua volta a Cadiz. Mas isto representa apenas uma parte dos conhecimentos de Colombo que também provinham de fontes tipicamente judaicas e não exclusivamente religiosas, como demonstra a sua familiarização com a *História dos Judeus* de Flavius Josephus, a que ele faz referências até em suas cartas aos soberanos.

Terminando, lembremos a jactância com que o almirante está constantemente a chamar a atenção para o fato de que — a exemplo de Davi que serviu ao mesmo Deus — saindo da mais humilde das situações sociais, ele adquiriu títulos que somente os reis podem outorgar, e teremos de convir que ele difere singularmente da imagem apresentada pelas notas biográficas habituais.

AS VIAGENS

Costuma-se afirmar que Colombo realizou quatro viagens transatlânticas, que se sucederam de 1492 a 1504. Também isto é inexato. Na realidade, foram *cinco* as viagens empreendidas pelo almirante, e a que se costuma esquecer foi justamente a primeira. Com efeito, antes de navegar até as Lucaias em 1492, Colombo tinha ido quase que até a Groenlândia, seguindo a trilha dos irmãos Zeno.

É aliás possível que a escolha pelo almirante do hábito dos discípulos de São Francisco tenha correspondido ao pagamento de uma dívida de gratidão. Desta maneira teria Colombo agradecido à ordem que lhe confiara muito tempo antes de sua partida, na época em que ele estava reunindo a sua documentação, os *mapas marítimos* onde aparecia, o traçado do "caminho perdido" que levava ao Novo Mundo. Devemos esta observação a C. Bessonnet-Favre que, em seu livro *Jeanne d'Arc, tertiaire de Saint-François* (Paris, 1895), conta que, "em seus arquivos, os franciscanos haviam encontrado os mapas náuticos que alguns anos mais tarde foram confiados a Colombo".

A história oficial limita-se a apontar que, em 1476, Colombo saíra de Lisboa para Bristol, na Inglaterra, porto ligado por rotas regulares a Gallway, porto irlandês. Por sua vez, os pescadores de Gallway iam freqüentemente até a Islândia. Don Ferdinando Colombo e Las Casas mencionam a seguinte afirmação do almirante: "Em fevereiro de 1477, eu naveguei 100 léguas adiante da ilha de Thulé. A parte meridional dessa ilha se encontra a 73º de latitude N. e não a 63º como afirmam alguns. Essa ilha também não está situada no meridiano que lhe foi atribuído por Ptolomeu e que encerra o nosso continente e sim bem mais ao Sul. Para essa ilha, que é do tamanho da Inglaterra, dirigem-se habitualmente os mercadores ingleses, sobretudo os de Bristol. *Quando eu ali me encontrava, o mar não estava gelado.*

Na certa, as coisas teriam ficado por aí se, em 1961, A. Bernardini-Sjoestedt não tivesse resolvido dedicar uma atenção maior que a até então concedida ao exemplário de Colombo da *Historia rerum ubique gestarum* de Piccolomini (o papa Pio II), publicada em Veneza em 1477. Ali encontrou, com efeito, à margem de uma nota referente aos chineses *(Seres,* em latim) e escrito pelo próprio Colombo: *Nota et de Seres multa nobis spectantibus*; cuja tradução e decodificação deviam dar: *Vimos muitas coisas entre os chineses*

P ↑ 7 φ ÷ 78 = 849 γ 8

P = posição
↑ = longitude
÷ = latitude[14].

De modo que o lugar onde Colombo "viu muitas coisas entre os chineses" situa-se a 7º de longitude Oeste da ilha Hiero, no arquipélago das Canárias, considerada como meridiano zero, e a 78º de latitude, o que corresponde efetivamente a 849 y 8 ou 849,8 gnomons. [O gnomon é uma espécie de grande estilete de que se valiam os astrônomos para avaliar a altura do sol, servindo também para calcular a latitude.] Quanto aos "chineses", tratava-se simplesmente de esquimós.

Foi esta a primeira viagem de Colombo, e um de seus segredos. É até possível que tenha sido o encontro com os esquimós que o tenha confirmado em sua disposição a chegar à China navegando quase que em linha reta da Espanha para Oeste. A simples viagem de ida dessa expedição comportava nada mais nada menos que 6.500 quilômetros (sendo que mais de 3.800 de Bristol até a Groenlândia), vale dizer mais que a viagem de descoberta, e em águas muito menos seguras.

Para conhecer o *marinheiro* que foi Colombo, o melhor é ainda dar-lhe a palavra, a ele mesmo e a alguns de seus contemporâneos. Em carta dirigida aos soberanos em 1501, ele escreve: "Li todos os livros de cosmografia, história, filosofia, e outras ciências, para que Nosso Senhor abra minha inteligência com mão tangível de modo que eu possa navegar daqui até as Índias e ao executá-lo apliquei toda a minha vontade..." E Miguel de Cuneo, companheiro da segunda viagem: "Desde que Gênova é Gênova, jamais nasceu homem tão

magnânimo e douto na arte de navegar quanto o senhor Almirante. Quando navegava, bastava-lhe ver uma nuvem ou estrela noturna para indicar a rota que devíamos seguir; quando havia mau tempo, ele próprio comandava e segurava pessoalmente o leme". Não é esta entretanto a opinião de um de seus pilotos, Martin Alonso Pinzon, para quem Colombo não passou de um marinheiro insignificante e cartógrafo bastante medíocre. E é indiscutível que se mostra com freqüência um esboço autografado pelo almirante, representando a 15º costa setentrional do Haiti, desenhada de maneira muito pouco rigorosa, mesmo para a época.

Samuel Eliott Morisson está entretanto convencido do "alto" saber do almirante em questões de navegação astronômica. Para tanto, ele se baseia no Diário de bordo de Colombo, no qual este não parece ter sabido determinar com exatidão uma simples latitude valendo-se, como se costumava fazer, da observação meridional do sol, que os árabes praticavam há séculos. Durante as suas duas últimas viagens, Colombo realmente procedeu a muitas observações polares corretas; não acontecera porém o mesmo durante a viagem de descoberta. Finalmente, diversos autores como Pereira da Silva, Lawrence Wroth, Alberto Magnani, Chrichton Mitchell, S. de Ispizua, A. F. da Costa, E. D. Alberts etc. observam a mesma ausência de conhecimentos marítimos em Colombo. Todavia, essa carência diz respeito sobretudo ao sentido prático da navegação.

Nenhuma dessas críticas era de molde a preocupar o almirante. Não tinha ele descoberto a América navegando "à sua maneira"? E compreende-se então que, para Colombo, a inspiração viesse menos de cálculos ou, por exemplo, do mapa desenhado em 1474 por Toscanelli e de que ele tomara conhecimento pelo menos desde 1480, que da Bíblia. E mais particularmente do livro apócrifo do profeta hebreu Esdras que ele conhecia quase de cor, e que foi o verdadeiro guia de suas navegações.

Esdras tinha escrito:

41. *No segundo dia, criastes o firmamento e lhe ordenastes que separasse as águas das águas; de sorte que uma parte se elevasse acima do firmamento e que a outra parte se colocasse abaixo.*

42. *No terceiro dia, ordenastes que as águas se reunissem na sétima e deixastes a seco as outras seis partes, e destinastes algumas delas a serem cultivadas por vossas próprias mãos.*

E Colombo, que acreditava cegamente neste texto, baseara todos os seus raciocínios na idéia de que estando o sétimo de água igualmente distribuído entre as duas metades do globo, a distância que separava a Espanha da Índia constituía um sétimo da circunsferência da terra, isto é, 368/7, sendo que um grau mede 50 milhas. O que dava:

51 X 50 = 2.550 milhas ou 6.375 léguas.

Ora, por incrível coincidência, e a partir de um cálculo errado, Colombo chegou a determinar exatamente uma distância real. Acrescente-se que ele cometera até um segundo erro calculando em milhas italianas, inferiores às milhas árabes de Toscanelli, o que fizera o comprimento do grau passar de 56,66 para 55 milhas na altura das Canárias. "O fim da Espanha e o começo da Índia não ficam distanciados demais" escrevia ele, atendo-se à distância assim determinada. E de fato, ele iria encontrar ilhas *exatamente* onde imaginara que encontraria as Índias.

Os membros da comissão real criada para examinar a proposta de Colombo lhe haviam imposto alguns prazos, justamente em virtude do caráter pouco científico de sua demonstração. E temos de realmente convir que, misturando de maneira tão ininteligível quão apaixonada Toscanelli e Esdras, Marco Polo e Isaías, ele podia passar perfeitamente por um iluminado. No entanto, descobrindo o Novo Mundo exclusivamente com a ajuda de Esdras, Colombo iria provar o erro dos sábios. Quanto aos seus próprios erros, ele não

lhes atribuía grande importância, e escrevia aos soberanos espanhóis. "Gostaria de vê-los, naquela viagem. Creio que os espera uma outra viagem exigindo conhecimentos diferentes. *Não existe outra, para os que participam de nossa fé".* Como deixar de ver numa declaração desta natureza a força indomável daquele que sabe que sabe, a verdadeira força dos profetas?

"AQUELE QUE CARREGA O CRISTO" ENTRE JAKIN E BOAZ

Pensa-se geralmente na descoberta da América como numa descoberta espanhola. Mais uma vez, isto é uma simplificação excessiva da verdade. Para nos convencermos, temos apenas de considerar a lista das três tripulações e o documento oficial relativo à subscrição indispensável ao armamento da frota. Formadas com muita dificuldade, as tripulações eram profundamente heterogêneas. Compreendiam bascos, andaluzes, alguns "conversos" e certo número de estrangeiros; fidalgos arruinados e condenados à morte com penas supensas com a condição de que eles se engajassem sob as ordens do almirante. Ao todo, oitenta e sete homens, sendo que trinta e nove no *Santa Maria,* vinte e seis no *Pinta* e vinte e dois no *Nina.* Tudo leva a crer que nem mesmo este número tenha sido escolhido por acaso, considerando-se o apego do almirante pela Cabala e pela navegação astronômica. Finalmente, Colombo levava um intérprete, também judeu "converso", Luís de Torres, que falava hebreu, caldeu e árabe.

A nau capitânea era a antiga *Gallega* do capitão Juan de Cosa, que recebera um novo nome. O capitão permanecera a bordo, na qualidade de oficial e Colombo se responsabilizou pela devolução do navio. Ignora-se o primeiro nome do *Pinta,* cujo comandante era Martin Alonzo Pinzon. O *Nina,* o menor dos três navios, sob o nome de *Santa Clara,* pertencera aos irmãos Nino, de Paios, vindo daí o seu novo nome. Um de seus ex-proprietários, Juan Nino, participou aliás da expedição em sua própria caravela, como imediato de Vicente Yanez Pinzón. Por esses pormenores pode-se avaliar até que ponto essa frota fazia efetivamente jus ao seu cognome de "Frota Aventureira".

O financiamento da expedição também suscitou problemas delicados e exigiu uma grande soma de esforços individuais, sendo que alguns dos mais proveitosos foram indiscutivelmente os de Pinzon. Os gastos foram finalmente divididos entre a coroa espanhola e a cidade de Gênova. Mas, neste como em outros pontos, as coisas são menos simples do que parecem. De certa forma, teria sido bom demais que soberanos servidos por um "genovês" se associassem à pátria do mesmo, para pagar os dois milhões de maravedis indispensáveis ao aparelhamento das três caravelas.

Na verdade, a parte que caberia à cidade de Gênova havia sido subscrita por banqueiros "conversos" italianos, estabelecidos na Espanha. O que proporcionaria ao almirante uma oportunidade para escrever, no dia 2 de abril de 1502: "Mui nobres senhores, embora meu corpo aqui se encontre, meu coração permanece continuamente lá." "Lá", isto é, em Gênova. A outra metade, a "da coroa", foi adiantada pelo banqueiro Luís de Santangel, "converso" de pouco tempo, oriundo de uma família judaica da Espanha e que ocupava o cargo de secretário do rei de Aragão. E, o que é espantoso, esse benfeitor concedeu aos soberanos juros excepcionalmente baixos de 1,5%. Será mister ver aí uma coincidência, ou o fruto de uma conivência mais profunda entre "conversos"?

Lendas das mais romanescas circularam naturalmente nos bastidores da expedição. Uma delas chegava a afirmar que a rainha havia empenhado as suas jóias para levantar o dinheiro necessário para equipar as embarcações. Na realidade, a coroa espanhola fez um excelente negócio. O pouco dinheiro que aplicou na expedição lhe valeu a um só tempo o

ingresso em seu século de ouro e transformou a Espanha em grande país civilizador, a despeito de todas as restrições que possam ser feitas aos métodos utilizados.

Quando, depois de 1515, os espanhóis avaliaram a extensão desse benefício, eles passaram a celebrar a descoberta do Novo Mundo de diversas maneiras. Assim, em 1520, ofereceram a seu jovem e poderoso soberano, o imperador Carlos V, um escudo representando essa descoberta numa alegoria cujo personagem era o próprio Hércules sustentando as suas duas colunas. Com toda a certeza, Colombo teria sorrido ao ver esse escudo feito de ouro americano, pois sabia que, segundo a tradição, aquelas duas colunas são o *Jakin e o Boaz do Templo,* desse Templo que, para ele Colombo, continuava à espera de que o libertassem, o reconstruíssem. De resto, quem deveria ter sido representado pelo artista não era Hércules e sim Colombo a substituir as duas colunas.

Essa declaração "genovesa" do almirante é ao mesmo tempo por demais tardia e excessivamente circunstancial para que possa servir como prova da origem italiana de quem a assina. Da mesma forma, o ato redigido em Sevilha a 22 de fevereiro de 1498 e que inclui as palavras "tendo nascido em Gênova", é geralmente considerado apócrifo.

SHADAI, SHADAI, ADONAI

Costuma-se atribuir a Colombo duas descobertas: a do Novo Mundo (na realidade, de ilhas situadas a uma distância relativamente grande do continente), e a do fenômeno da declinação magnética. Essa última descoberta teve uma grande importância científica. Observar que a bússola que geralmente indica uma direção ligeiramente a leste do pólo, aponta o oeste ao mudar a direção do eixo do navio, representava uma observação extraordinária. Explicá-la era uma audácia. Para aplacar as preocupações de seus homens, Colombo teve de recorrer à sua genialidade. Explicou-lhes que a responsabilidade toda cabia à estrela polar, que era ela que se movia e não a bússola. O essencial é que, de seu lado, ele vira muito bem que a agulha imantada se volta para o pólo magnético e não para o pólo geográfico. Historiadores e geógrafos maravilharam-se durante muito tempo com a nota do diário de bordo do dia 30 de setembro de 1492, onde relatava essa descoberta. Com isto, esqueciam simplesmente que os portugueses já conheciam esse fenômeno e até dispunham de um pequeno instrumento que servia para fazer a correção.

É preciso, mais uma vez, procurar alhures a verdadeira descoberta de Colombo. O que ele descobriu, e esse mérito foi todo seu, foi o *caminho de volta* que, somado ao itinerário das Canárias às Lucaias, representa *a chave da navegação atlântica.* A este respeito, diria Gonzalo Diaz: "Sem o almirante, as Índias não teriam sido descobertas. Foi ele quem encontrou o caminho de volta pelo Norte. "Fazendo notar que Colombo realizara em algumas semanas e de uma só vez aquilo que os espanhóis levariam quarenta e cinco anos (que decorreriam entre a viagem de Magalhães e a de Urdanea) a fazer com relação ao Pacífico, escreveu M. Nunn: "Na verdade, Colombo não fez uma descoberta e sim três. A descoberta das duas rotas oceânicas passou entretanto despercebida por ter sido eclipsada pela descoberta da terra."

Destinado a grandes empreendimetos, o almirante soube escolher um deus capaz de guiar seus passos em direção a uma glória eterna. Esse deus, era preciso que ele fosse não somente santo e único: tinha de ser também poderoso. Foi o Deus dos Exércitos.

O TEMPLO E O PARAÍSO

Uma biografia tão "adulterada", com tantos pormenores essenciais mal conhecidos explica por que motivo os verdadeiros objetivos de Colombo em sua viagem deixaram de ser registrados de maneira mais completa pela história. Pode-se entretanto descobrir esses objetivos nas *Capitulações* de 17 de abril de 1492, onde são estipuladas as condições do empreendimento.

Conhecido com o nome de *Capitulações de Santa Fé,* esse documento traz duas assinaturas: a de Colombo (aqui *Colón)* e a de Coloma, o alto funcionário da coroa que, em março do mesmo ano, referendara o ato que expulsava os judeus da Espanha. Verdadeiro auto em que ficavam especificados os direitos e deveres de ambas as partes, marcado no fim de cada parágrafo pela fórmula "assim apraz à suas altezas" o texto se refere de fato a "ilhas e continentes a serem descobertos", mas talvez não se tenha salientado suficientemente que *em momento algum se faz a menor referência às Índias.* Por outro lado, como observa Salvador de Madariaga, nele se fala em recompensas devidas ao almirante "pelo que descobriu em mares oceanos e pela viagem que está agora empreendendo..."

Impõe-se portanto uma pergunta: o que teria descoberto o almirante *antes* de partir? Sem dúvida, ele repetia em toda parte — e antes de tudo, para os oficiais espanhóis a fim de melhor convencê-los — que navegando continuamente em direção ao Oeste, ele chegaria forçosamente às Índias mas, como vimos, o seu "contrato" não faz a menor alusão a isto. Temos portanto de nos convencer de que o objetivo visado era menos a Índia fabulosa, constantemente presente nos sonhos da época, que o próprio *paraíso terrestre,* a terra dos bem-aventurados a que sempre se referiam as velhas lendas.

Prove-o! Hão de dizer-nos. Vamos ouvir antes de tudo o almirante e acompanhá-lo na gênese de sua inspiração visto como as suas relações com o paraíso precederam a viagem de 1492 e lhe deviam sobreviver. Os primeiros indícios que encontramos são as suas anotações à margem da *Ymago Munãi* do cardeal d'Ailly (Petrus Alliacus), incunábulo impresso em Louvain entre 1480 e 1483. Ao lado do trecho em que d'Ailly descreve aquilo que devia ser a terra ideal, especificando que "é provável que o paraíso terrestre fosse uma região deste tipo e o mesmo deve acontecer com o sítio a que os autores dão o nome de ilhas Afortunadas" podemos ler escrito pelo próprio punho do almirante: "O paraíso terrestre é certamente o lugar a que os antigos davam o nome de ilhas Afortunadas". E, mais adiante, quando o cardeal prova a impossibilidade de uma identificação entre essas ilhas e o Éden, Colombo anota a contragosto: "Erro dos gentios que afirmavam serem as ilhas Afortunadas o paraíso em virtude de sua fertilidade." Ainda noutra altura, a propósito de um comentário de d'Ailly sobre os quatro rios do paraíso mencionados na Bíblia, Colombo escreveu: "Uma fonte do Paraíso". Era um ponto de partida para *a sua* fonte da Juventude. Mais adiante, porém, quando d'Ailly se refere às nascentes do Eufrates que segundo constava saía do paraíso, Colombo se cala. Não faz mais nenhuma anotação.

De modo que Salvador de Madariaga pode fazer notar com muita justeza: "O silêncio de Colombo quanto a este ponto de crucial divergência entre os fatos e a fé pode ser interpretado como um estremecimento do seu sentido crítico". Porém, a explicação mais provável para a reação de Colombo talvez se explique pelo fato de d'Ailly ter colocado o paraíso na Ásia quando ele, Colombo, *sabia* que ele ficava do outro lado do mundo, a Oeste. Se não, como explicar que, à margem de outra passagem referente a regiões situadas para além do Capricórnio, ele tivesse escrito: "Para lá do Trópico de Capricórnio ficam as mais belas paragens pois é lá que se encontram a parte mais nobre e mais alta do mundo, a saber o Paraíso Terrestre." Na visão de Colombo, esse paraíso insular iria ressurgir para confirmar a profecia de Sêneca, em *Medéia,* segundo a qual, "tempo virá, em séculos futuros, em que o

mar há de derrubar as correntes que fecham suas passagens; uma vasta terra se há de desenvolver à nossa frente; o mar deixará ver novos mundos e, dos países conhecidos, o último não há de ser Thulé". Estabeleceu-se sempre uma aproximação entre a "vasta terra" de Sêneca e a Atlântida. Para Colombo, que saía à procura de ilhas de antemão conhecidas, algumas das quais submersas, essa profecia tinha um significado muito mais preciso. As ilhas que ele fez representar em seu brasão antes de as descobrir era *a sua Atlântida pessoal.*

Foi então que entrou em cena a viagem. O conhecimento nessa ocasião demonstrado pelo almirante com relação às ilhas que costeou nas águas das Caraíbas não pode surpreender a quem o imagina tomado mais pela sua paixão que pela necessidade de fazer descobertas mais prosaicas em benefício de seus soberanos. Aliás, ele próprio o confessa, quando mais tarde lhes escreve: "Digo ainda, sinceramente, que mais diligenciei em servir vossas Altezas que em ganhar o *paraíso..."* É pouco provável que se deva ver nisso um simples jogo de palavras. A sisudez habitual de Colombo ao se referir ao paraíso terrestre exclui até, e por completo, essa possibilidade.

A viagem e suas descobertas não iriam encerrar a sua busca, como demonstra a carta enviada aos soberanos, da Jamaica: "E o mundo é pequeno, seis de suas partes são secas e somente a sétima está coberta de água; a experiência o provou, e eu o escrevi em outras cartas apoiando-me nas Santas Escrituras, ao tempo em que escrevi o *Paraíso terrestre,* com a aprovação da Santa Bíblia. Acrescentemos que, na verdade, Colombo sempre se preocupara muito mais com o seu sonho do que com uma realidade que ele próprio havia tão cuidadosamente disfarçado pois, acobertado pela Ásia e pelas miríficas terras de Catai e de Cipango, ele jamais navegou a não ser para ilhas cuja posição ele já conhecia de antemão.

É verdade que nada disto nos conta para onde levaria o famoso caminho do paraíso. Existe entretanto um elemento para nossa resposta. Aparentemente, uma aberração; esta parece entretanto óbvia segundo a lógica peculiar a Colombo. Para ele, o caminho do paraíso leva naturalmente... ao Templo de Jerusalém. Imbuído de textos bíblicos, embora pretendesse chegar ao paraíso terrestre, o almirante também queria, e muito mais do que se acredita, encontrar ouro. E com esse ouro... Mas será melhor ouvi-lo: "Sereníssimos, altos e poderosos príncipes, rei e rainha, nossos soberanos. De Cadiz fui à Canária em quatro dias e de lá fui às Índias. Minha intenção era apressar a viagem, estando as naus em boas condições... é da ilha de São Domingos que escrevo o seguinte..."

Essas preocupações hão de persistir por ocasião da segunda viagem. Quando abordou uma das ilhas Virgens, por ele batizada de "arquipélago das 11.000 Virgens", em honra de Santa Ursula, o almirante iria declarar aos seus companheiros: "Eis o lugar de onde veio um dos três Reis Magos" (segundo Cuneo). Tratava-se menos de uma alusão à Índia propriamente dita, como se acreditou, que a uma terra fabulosa cujo solo ele julgava estar finalmente pisando. Desta vez, como de costume Colombo estava vivendo o seu sonho.

"Quando descobri as Índias, deixei bem definido que elas constituíam a possessão mais rica e mais grandiosa do mundo. Falei em ouro, pérolas, pedras preciosas, especiarias, comércio e feiras, e como estas coisas não apareceram num estalar de dedos, aviltaram-me.

"Esta lição impede-me de dizer mais do que ouvi dos lábios dos indígenas. Há somente uma coisa de que me atreverei a falar já que são muitas as testemunhas: é que na chamada terra de Veragua vi mais sinais de ouro nos dois primeiros dias que na Espanha em quatro anos...

"Vossas Altezas são tão Senhor e Dama dessa terra quanto de Xerez ou de Toledo; quando chegarem as naus, estarão em casa. De lá trarão ouro...

"Salomão recebeu de uma só vez seiscentos e sessenta e seis quintais de ouro, além do que os mercadores e marinheiros lhe traziam e do que lhe era pago na Arábia.

"Com esse ouro, fabricou trezentos escudos e a cena que deveria ser erigida acima deles, ele a fez também de ouro e ornada de pedras preciosas, e fez muitos outros objetos de ouro, e muitos vasos, e muito grandes e ricos de pedras preciosas." Em sua crônica *De Antiquitatibus,* Josephus conta tudo isto. Também o lemos nos paralipômenos e no *Livro dos Reis*.

"Diz Josephus que esse ouro tinha sido encontrado em Áurea; se assim foi, afirmo que essas minas de Áurea são as mesmas de Veragua que, como eu já disse, se estendem mais de vinte dias para Oeste e estão à mesma distância do pólo e do equador.

"Davi, em seu testamento, deixou a Salomão mil quintais de ouro das Índias, como contribuição para a construção do templo e, segundo Josephus, esse ouro vinha daquelas terras..."

O almirante atordoa-se visivelmente com as precisões que ele próprio oferece quanto à quantidade e à qualidade do ouro daquelas regiões, mas acima de tudo, o que ele ali formula indiretamente é o verdadeiro objetivo de sua aventura, deixando transparecer alguma coisa quando acrescenta:

"Jerusalém e o monte Sião devem ser reconstruídos por mãos cristãs tal como Deus anunciou pela boca do profeta no décimo quarto salmo.

"O abade Joaquim afirma que tal pessoa virá da Espanha. São Jerônimo indicava à santa mulher o caminho para lá. Há muito tempo, o imperador de Catai enviou seus sábios para instruí-lo na lei de Cristo.

"Quem se há de oferecer para semelhante tarefa? Se Nosso Senhor me levar de volta à Espanha, *prometo levá-lo até lá são e salvo...*"

Por conseguinte, além da busca do paraíso terrestre, tratava-se de fato de ir buscar o ouro que permitiria a reconstrução do templo de Jerusalém. Com isto, que representava o verdadeiro objetivo de Colombo, fica assim explicado por que tanto tempo após a sua primeira viagem ele procurava incessantemente informar-se tudo que dizia respeito a Jerusalém. Assim devia ele freqüentar a Cartuxa de Las Cuevas, nas vizinhanças de Sevilha, onde travou amizade com o padre Gaspar Gorricio que se tornou seu conselheiro espiritual e dedicou-se a esmiuçar a Bíblia e seus comentários para colher todas as alusões à "recuperação da cidade santa de Sião" e à "conversão das ilhas das Índias". Contudo, ao que parece, o Templo que constituía a obsessão de Colombo não era o templo cristão. O codicilo de seu testamento, conjunto de sete letras que transmitia a seu filho para conservá-lo para sempre como sua única assinatura autêntica era, como já dissemos, um *Kaddish* cuja abreviação simbolizava a *estrela de Davi.* Isto seria suficiente para provar que, quer queiram quer não, o "Genovês" de origem judaica, Cristóvão Colombo, antes de morrer voltara em espírito, se não à sua fé primitiva, pelo menos à de alguns de seus antepassados.

Para deixar finalmente de lado esse aspecto pouco conhecido da vida do almirante, vamos dar mais uma vez a palavra ao seu melhor biógrafo moderno, Salvador de Madariaga:

"Assim retornava o velho marinheiro à sua fé primitiva ao sentir a morte aproximar-se. Seus sonhos realizados e desvendada a vaidade dos mesmos, os esforços neutralizados quebravam-se como vagalhões contra a muralha inexpugnável do Estado Real espanhol. A libertação de Jerusalém, a abrir os braços em seu eterno apelo, continuava a esperar que outro a ela se viesse consagrar. O que poderia fazer um velho almirante que teria armado dez mil cavaleiros e cem mil soldados a pé para libertar a Cidade Santa, se o ouro a que ele teria dado tão nobre emprego estava sendo esbanjado?"

De modo que é mister considerar dois elementos distintos: de um lado, a descoberta da América; e do outro, o homem Cristóvão Colombo. Um novo mundo, um continente duplo oferecido ao conhecimento da humanidade; mas também ao saque dos europeus. Talvez haja algum simbolismo na circunstância de que a expedição que encerra o refluxo da maré, tenha sido levada a cabo por um homem cuja origem, lugar e data de nascimento, idade, laços familiares, aprendizagem profissional e até mesmo toda a juventude permaneçam para sempre sujeitos a controvérsias. E como se, para melhor adequar o homem à sua descoberta e a descoberta ao homem, o acaso e a necessidade houvessem trabalhado à rédeas soltas.

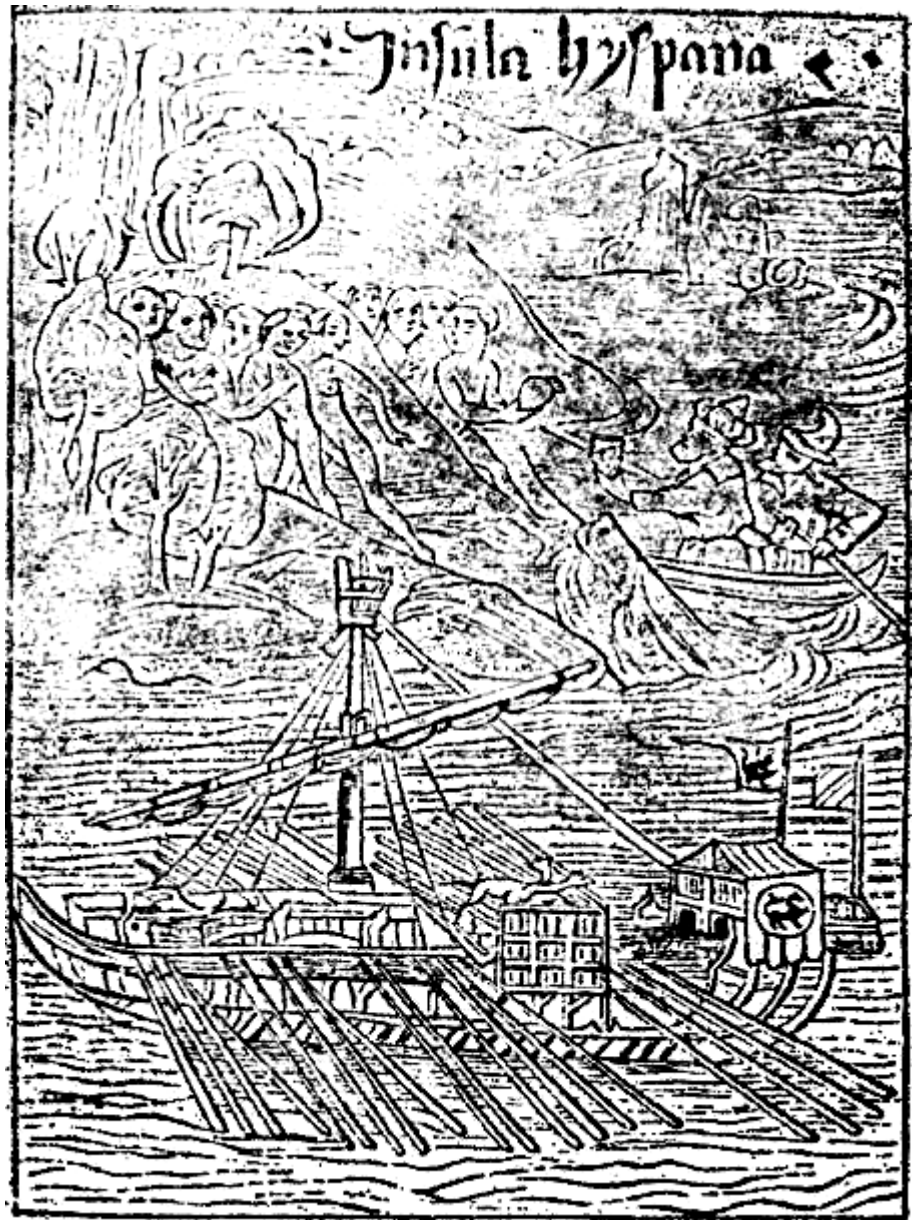
Será então preciso ver em Colombo uma espécie de profeta? O fato — muito pouco conhecido — é que ele redigiu um *Livro de Profecias* que, muito cautelosamente, não foi publicado. Nesse livro, ele se propunha a coligir tudo que, nas profecias, diz respeito à libertação de Jerusalém e à reconstrução do Templo. Seu objetivo, evidentemente, era demonstrar que isto teria de ser feito pelos espanhóis graças ao ouro trazido da América. Finalmente, Colombo predisse até mesmo o fim do mundo que ocorreria, segundo dizia, em 1666. Esse número (666, o do Apocalipse, somado a 1.000, o ano do grande medo) revela o seu domínio completo da magia dos números. Pormenor que, somado a outros, inclui definitivamente Colombo na linhagem dos profetas.

Foram escritas centenas de obras sobre Colombo e sua aventura, muito poucas sobre os seus senhores, os soberanos espanhóis. Contudo, a rainha, pelo menos, deve ter estado envolvida em tudo isto de uma maneira ou de outra, mesmo que fosse apenas por "expiação". Em todo caso, é o que faz imaginar o erro, talvez voluntário, cometido por Colombo quando, em carta a ela dirigida, estabelece uma relação entre a sua partida e a expulsão dos judeus da Espanha. Ao que parece, o almirante teria ficado profundamente decepcionado pelo fato de que, após a sua descoberta, os soberanos deixaram de prestigiá-lo tomando com ele o caminho de Jerusalém.

Um desenho da época — por vezes atribuído ao próprio Colombo — representa a *Santa Maria* sob forma de uma nau muçulmana do Mediterrâneo oriental. Os trajes dos personagens e, sobretudo, o que levavam na cabeça (turbantes, chapéus pontudos) são característicos dos judeus das regiões mediterrâneas da África e da Espanha nos séculos XV e XVI. É possível que, com isto, o desenhista tenha querido chamar a atenção para a origem do almirante.

1

[1] Este livro foi digitalizado e distribuído GRATUITAMENTE pela equipe Digital Source com a intenção de facilitar o acesso ao conhecimento a quem não pode pagar e também proporcionar aos Deficientes Visuais a oportunidade de conhecerem novas obras.
Se quiser outros títulos nos procure http://groups.google.com/group/Viciados_em_Livros, será um prazer recebê-lo em nosso grupo.



Descoberta de Hispaniola. Segundo carta de Colombo a Gabriel Sanchez, conservada na biblioteca de Milão.

CONCLUSÃO

"Quando avança suficientemente, quando investiga o real até em seus últimos redutos, quando não se limita a reunir documentos mas procura também compreendê-los, a ciência se aproxima da metafísica."

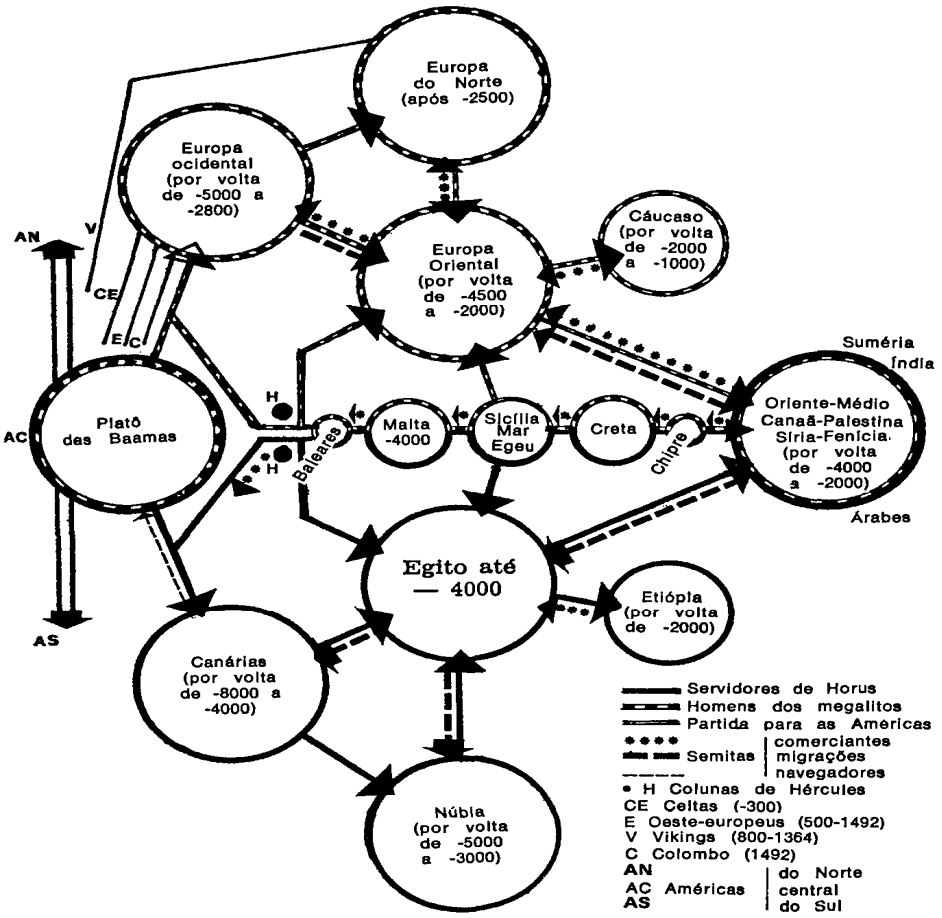
R. P. **LEROY** *Science et Synthèse*

Houve uma época, na história do homem, a que se pode dar o nome de era do berço, ou dos berços, imediatamente posterior ao desaparecimento do homem de Neanderthal. Um de seus focos, de onde saiu o ramo chamado de Cro-Magnon, está ligado de uma maneira qualquer ao oceano Atlântico. No terreno da hipótese, a fuga dos habitantes do platô submerso das Baamas é susceptível, a nosso ver, de preencher uma lacuna que até agora ficara sem explicação. Ela nos permitiu, pelo menos, desenrolar algumas seqüências de um filme que talvez se possa realizar na íntegra dentro de uns cinqüenta anos. Contudo, já nos é dado imaginar o seu comentário.

Naquele platô condenado a uma lenta destruição — ali, haveriam de dizer — foram os homens forçados a tomar a decisão de abandonar a terra que presenciara o nascimento de sua raça. Eles então embarcaram e navegaram seguindo as grandes correntes atlânticas. Atingiram em primeiro lugar a África, depois de longa etapa nas Canárias; depois, assim que o permitiram as condições climáticas, eles se dirigiram para o Oeste e o Norte da Europa. Mais "civilizados" que os autóctones, eles se comportaram a princípio como iniciadores e depois como missionários de uma determinada idéia. Eles é que viriam um dia a se transformar nos *Shemsu-Hor — os servidores de Hórus* — e em seguida em portadores da idéia megalítica, no mundo mediterrâneo e na Europa ocidental e setentrional. Naquela mesma época, e tendo também as Baamas como ponto de partida, migrações da mesma natureza chegaram às duas Américas. No velho mundo, encontrando talvez uma terceira vaga que saíra em direção leste, tendo visitado sucessivamente as ilhas sagradas do Mediterrâneo — desde as Baleares até Chipre — essas correntes civilizadoras terminaram o seu percurso no Oriente Médio mediterrâneo que, a partir de então, desempenhou as funções de um cadinho.

Alguns milênios depois, as populações semitas desse mesmo Oriente se espalharam por sua vez pelo mundo e isto para se dirigirem, à maneira de um verdadeiro refluxo de maré, para um Oeste que se tornara lendário. Presenciou-se então à segunda fase dessa imensa pulsação humana que pela primeira vez fazia bater o coração da história. Seus móveis foram diferentes. Civilizador sobretudo para os Shemsu-Hor, espírito "missionário" para os homens dos megalitos, econômico para os fenícios; porém o principal, o que determinava todos os demais, no trajeto da maré que refluía foi, sem dúvida alguma, a tentativa de encontrar um paraíso terrestre perdido, onde o cenário era de sonho e abundavam as fontes de juventude e os metais preciosos...

Resumo gráfico da grande pulsação. Hipóteses de trabalho e cronológicas



EPÍLOGO

Um dia, eu fora à casa de Einstein para ler com ele um estudo no qual se erguiam inúmeras objeções à sua teoria. De repente, ele interrompeu a discussão, apanhou um telegrama e o estendeu para mim dizendo: "Isto talvez lhe interesse! É um telegrama de Eddington..." Ao lhe comunicar minha alegria por ver que os resultados coincidiam com os seus cálculos, ele me garantiu, imperturbável: "Mas eu tinha certeza de que a teoria estava certa!" Perguntei-lhe então o que teria dito se sua predição não tivesse sido confirmada. E ele retrucou: "Bem, eu teria ficado aborrecido por causa de Deus; a teoria é certa"!

ILSE ROSENTHAL-SCHNEIDER *Science et Synthase*

Como dissemos de início, este livro se baseia numa hipótese; a da artificialidade das estruturas imersas de Bimini. Poderão objetar-nos, entretanto: E se essa hipótese desmoronasse, se se tratasse afinal de contas de um sítio natural, o que sobraria de todo o seu desenvolvimento ?

Correndo o risco de provocar uma surpresa, diríamos que as coisas não sofreriam uma alteração muito profunda. Em primeiro lugar porque defender uma hipótese constitui sempre um mero exercício de inteligência; e quando um exercício de inteligência consegue conferir uma nova vida à história e às velhas tradições, e seguir as trilhas de tantas viagens não há, seja lá como for, motivo para se lastimar que se trate apenas de um exercício. Por outro lado, estamos convencidos de que existe, em tudo que acabamos de demonstrar, uma boa parte de verdade. Bimini faz incidir sobre as nossas reconstituições todo o peso de sua realidade. Diante das descobertas e dos filmes produzidos pelos especialistas que se estão entregando a esse trabalho, temos quase que a certeza de que o tempo se encarregará de tudo esclarecer e completará a sua obra revelando a verdade.

FIM

http://groups.google.com/group/Viciados_em_Livros

http://groups.google.com/group/digitalsource